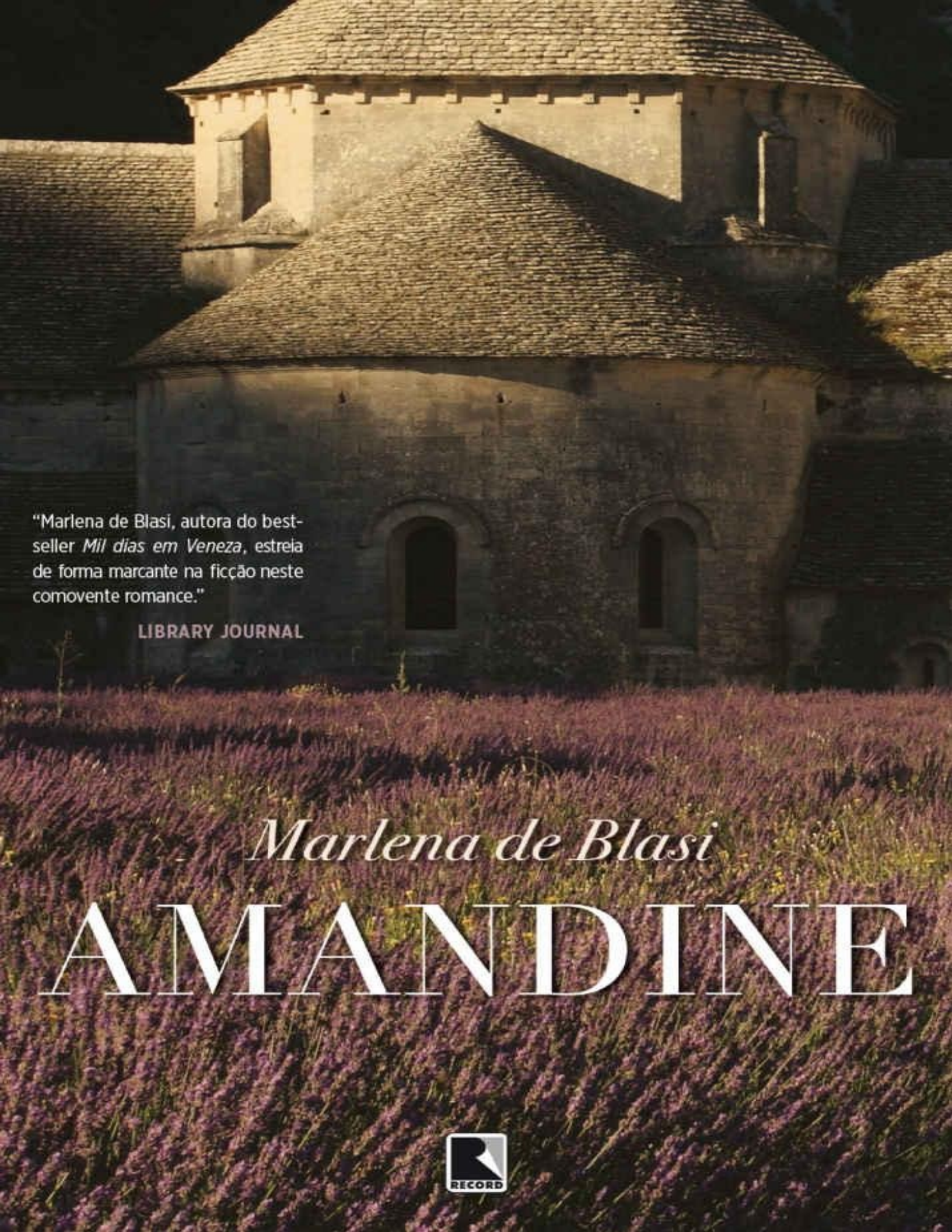

"Marlena de Blasi, autora do best-seller *Mil dias em Veneza*, estreia de forma marcante na ficção neste comovente romance."

LIBRARY JOURNAL

Marlena de Blasi

AMANDINE

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Marlena de Blasi

AMANDINE

Tradução de
PATRÍCIA CARDOSO

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B58a
Blasi, Marlena de, 1952-
Amandine [recurso eletrônico] / Marlena de Blasi ; tradução Patrícia Cardoso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2014.
recurso digital
Tradução de: Amandine
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-06813-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Cardoso, Patrícia. II. Título.
14-15251

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original:
Amandine

Copyright © 2010 by Marlena de Blasi

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06813-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Paula e Stuart Herman,
com amor, pelo passado, o agora e sempre

Para Giuseppina Sugaroni Pettinelli,
heroína autêntica, minha única

Sumário

PRÓLOGO

PARTE I
1931-39
Montpellier

PARTE II
Maio-junho de 1940
Cracóvia, Paris

PARTE III
Junho de 1940
Montpellier

PARTE IV
Junho de 1940-abril de 1941
Cruzando a França

PARTE V

Abril-julho de 1941
Cartas de Andzelika para Janusz

PARTE VI
Maio de 1941
O mesmo vilarejo na Borgonha

PARTE VII
Maio de 1941-novembro de 1945
Vale do Oise

PARTE VII
Novembro de 1945
Em um trem para Paris

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

Prólogo

Numa noite de outono de 1916, em uma das propriedades da nobre família Czartoryski, nos arredores de Cracóvia, o conde Antoni Czartoryski assassinou sua amante, uma jovem baronesa. Em seguida, apontou a pistola para si próprio. Ao morrer, Czartoryski deixou sua esposa, a condessa Valeska, e uma filha de 2 anos chamada Andzelika.

Catorze anos depois, a condessa Valeska hospedou em seu palácio em Cracóvia um sobrinho da família, que trazia consigo um amigo do internato em Varsóvia para que passassem parte das férias de verão. O amigo era um jovem barão chamado Piotr Droutskoy. Na época, nem a condessa Valeska nem seu sobrinho sabiam que era irmão da amante de Antoni Czartoryski. A filha da condessa, Andzelika, então com 16 anos, manteve um romance secreto com Droutskoy e, como consequência, engravidou.

Quando a identidade de Droutskoy foi descoberta, a condessa, tendo suportado o escárnio e a vergonha resultantes das traições de seu marido, jurou que não reconheceria como sua neta nenhuma criança com o sangue daquela — segundo ela — infame família. Andzelika, convencida de que se apaixonara perdidamente por Droutskoy, e de que ele correspondia,

recusou-se a interromper a gravidez. Não querendo contrariar o delicado estado psicológico de sua filha naquele momento, a condessa Valeska pôs-se, então, a formular planos para posteriormente enviar a criança em segredo para um outro lugar, de uma vez por todas.

Quando o bebê de Andzelika — uma menina nascida com um grave problema no coração — tinha 5 meses, a condessa levou-a até um convento católico romano de uma área rural próxima à cidade de Montpellier, no sudoeste da França. Com uma grande soma de dinheiro abrindo-lhe o caminho, ali ela deixou a criança para que fosse criada sob a proteção da cúria local. Desde o nascimento do bebê — e até mesmo algum tempo antes —, a condessa Valeska recorrera a extravagantes mecanismos para apagar os registros da existência da criança. Mesmo estando convencida da necessidade de sua missão, ela sofria ao cumpri-la.

PARTE I



1931–39

Montpellier

Capítulo 1

Velhos plátanos se debruçam galho a galho sobre a ampla avenida, e, sob os guarda-sóis das amareladas folhas de setembro, um grande e negro Packard desliza. Luzes pontilhadas, em tons cor-de-rosa e bronze, caem aqui e ali sobre três passageiros. Duas mulheres e um homem, fúnebres em seu silêncio. Uma delas traz nos braços um bebê. Um fiozinho de luz alcança o rosto da criança, fazendo de seus olhos gemas negras rajadas de azul. A luz não a perturba, não a faz fechar os olhos ou desviá-los; a criança mantém o olhar tranquilo e pensativo, dirigindo-o diretamente à mulher à sua frente, sentada no banco cinza acolchoado com a cabeça virada para a janela. Taciturno e indiferente, um chofer de uniforme negro dirige mais devagar do que deveria. O único som que se escuta é o *pft*, *pft*, *pft* dos pneus percorrendo o asfalto.

Ela bem que podia cobrir a criatura. Por que tirou sua touca? Por que desenrolou a manta quando estamos tão perto do convento? Devemos estar chegando. Será que devo perguntar novamente a Jean-Pierre quanto falta? E quanto falta? Meu pescoço dói por ter passado todas essas horas com a cabeça

*virada para não ter que ver a criatura. Já não posso deixar de notar o quanto cresceu. Nunca olhei direito para ela desde a noite em que nasceu. Onde eu estava com a cabeça naquele momento para pedir que a enfermeira a trouxesse até mim? Eu proibira Andzelika de vê-la, e, no entanto, eu mesma quis fazê-lo. Foi como ver Andzelika pela primeira vez. Estendi o braço para pegá-la assim como fizera para receber minha filha. Meus braços a desejavam como se ela fosse minha. Ela é minha. Devo pensar nela desse modo. Ela é minha, e fui eu que decidi não ficar com ela. Andzelika tem 17 anos. Uma menina imatura de 17 anos, que lamenta perder aquele rapaz e não se importa nada com a criança. Seu instinto maternal está amortecido, como se ela a tivesse gerado e carregado no ventre apenas por ele. Um presente duvidoso para aquele que fugiu tão depressa e para tão longe dela. Astuto. Como todos de sua laia. De todos os garotos e homens para quem Andzelika podia ter se entregado, por que ele? Que atração venenosa é essa que liga a família dele e a minha? Duas mortes não foram o suficiente para extingui-la? Se ao menos eu tivesse compreendido quem ele era naquela primeira noite... Intensos olhos negros, a mão branca e delicada mexendo naquela cabeleira brilhante. Um desprezo bolchevique lá no fundo de sua cortesia. Posso ouvir Stas dizendo, "*Ciotka *Valeska, tia Valeska, deixe-me apresentar meu amigo do colégio, Piotr Droutskoy." Sim, sim, seja bem-vindo. É claro, seja bem-vindo. Seu nome não significa nada, você não significa nada. Outro cavaleiro errante, não é? Ou um fidalgo de sangue azul e meios limitados? Sim, você completará nossa mesa agradavelmente por duas semanas. Eu deveria ter atirado nele bem ali no pátio, à luz fraca das* torchières. *Se eu tivesse percebido. Em vez disso, eu o acolhi. O amiguinho de Stas. Sim, sim, por favor, fique. Adam foi logo levar as coisas deles para o terceiro andar. E então ele possuiu Andzelika. O irmão da adorada libertina de Antoni possuiu minha filha. O irmão da encantadora baronesa Urszula. Urszula. Seus largos*

quadris ticianescos enroscados em meu marido mesmo na morte. Quantas noites teriam eles dormido assim? As expedições de caça de Antoni, seus negócios em Praga, em Viena. Visitas às fazendas, às vilas. Sempre com ela. Sempre com Urszula. Dois disparos de uma pistola para que os dois pudessem dormir daquele jeito para sempre. Será que nunca me verei livre da visão dela, dos dois?

Toussaint estava de pé atrás de mim enquanto eu olhava da porta aquela manhã, suas mãos como ferro sobre meus ombros. O que foi que ele sussurrou então? "Até Rudolf e sua baronesa tiveram a decência de se cobrir." Toussaint então se colocou na minha frente, abaixou-se para pegar o kontusz *de Antoni, que tinha sido atirado às lajotas de mármore do chão. Como ele adorava aquele casaco, o símbolo de sua comiseração pelos camponeses. Deixava abertas as mangas, erguia-as até bem acima das da camisa ou do casaco de couro e lá ia ele, a brisa inflando a longa peça de roupa. Toussaint os cobriu com o casaco, a mortalha certa para um bom* szlachta *e sua amada. Ainda me lembro de quando era eu a sua amada.*

Fui eu quem começou a traição? Não fosse pelo que fiz, você teria se mantido fiel a mim, Antoni? Cornear o glorioso conde Czartoryski, e logo depois de nosso casamento — eu fui escandalosa, arrogante. De nós dois, fui a primeira a trair. No entanto, você foi mais esperto que eu, montando a armadilha. Chegou a incluir o francês na sua folha de pagamentos durante algum tempo, não? Instruiu-o sobre como se aproximar, orquestrou nossos encontros, comprava os presentes que ele me dava. Sim, escandalosa e arrogante, uma perfeita trouxa eu fui. Tendo eu caído antes, você agora estava livre para viver um casamento transformado em nobre vendeta, sem que sua maculada e rica esposa pudesse abrir a boca em protesto. Quem o culparia? Esperto como você era, fácil como eu era, a verdade é que nosso comportamento não era nada menos que o clássico em nosso meio, em que a

noção de fidelidade é, há muito, um irreal disfarce, um scherzo *tocado em privado e, ao menos com a mesma frequência, em público. Nem melhores nem piores que os outros, teríamos continuado a viver daquele modo, envelhecido daquele modo e transmitido nosso atormentado legado a Andzelika como se fosse um poema. É assim que teríamos ficado. Mas você se apaixonou, Antoni.*

Andzelika tinha 2 anos quando você assassinou sua prostituta, depois enfiou a pistola na própria boca, sua linda boca, e puxou o gatilho. Você pensou em Andzelika, levou-a em consideração? Sua família sim, a sua e a minha, assim como os amigos e familiares dos pontos mais longínquos das nossas linhagens. Achei estranho como houve pouco luto por você, como o pesar de todos era por nós, por mim e Andzelika. "Pobres anjos", chamavam-nos. "Cuidaremos de vocês, estaremos por perto, protegeremos vocês." Conforto. E desse consolo veio a resolução. Uma dupla resolução. Primeiro, eu protegeria nossa filha, minha filha. Sim, eu a criaria em meio ao luxo, mas não a perderia para a libertinagem de nossa classe. Segundo, eu me tornaria uma mulher melhor do que jamais teria sido caso você tivesse vivido. E isso eu fiz, Antoni. De fato sou mais admirável sem você. Mas, em minha terna diligência com Andzelika, em minha — podemos chamar de vigilância? — para com ela, eu falhei. Quando, apenas poucos dias após a chegada dele, ela me contou — naquela mesma voz meio sussurrada e estridente com a qual ela articulou as primeiras palavras, você se lembra de como ríamos ao ouvir uma voz desse tipo saindo daquela menina pequena como uma flor? — que se apaixonara por Droutskoy, eu olhei dentro das sóbrias e lacrimosas ameixas negras que são seus olhos e sorri, dizendo a ela, como se seus sentimentos fossem uma doença, que aquilo ia passar. Ela não se lembrava do "amor" que sentira pelo professor de violino, e depois pelo encantador garoto loiro que trabalhara em nossa cozinha durante o verão anterior? Fui insensível à eloquência da viva e delicada beleza de seus 16 anos, ao seu poder de instigar

e deleitar um garoto prestes a tornar-se homem. Sim, e insensível também à violência, à maravilha da paixão. Primeira paixão. Dela, dele. Abracei Andzelika, Antoni, beijei sua testa e lhe prometi uma semana ou duas em Baden-Baden, ou ela preferiria Merano? Sim, Merano, e depois alguns dias em Veneza, que tal isso para a adorada menina da mamãe? Boa noite, minha querida. Boa noite, matka, *mãe. Ele achou o caminho para a cama dela, ou ela para a dele. Por todas aquelas semanas, ou apenas uma vez? Nunca perguntei. Um dia, de manhã, ele tinha ido embora. Nem Stas sabia para onde fora.*

Toussaint encontrou-o sem muita dificuldade, suas perguntas iluminando a origem do rapaz. Origem medonha. Será que ele sabia? O garoto sabia quem éramos? Será que tinha sido enviado pela família para vingar a mundana meretriz que era sua irmã? Schadenfreude. *Será que foi isso que o trouxe até nós?*

Agora está quase acabado. O garoto se foi, Toussaint cuidou disso. E agora que a criatura não deve demorar a desaparecer, Andzelika poderá continuar com sua vida. Andzelika e eu seguiremos em frente, incólumes. Como se nada houvesse ocorrido. Como se os dois não houvessem nunca aparecido, nem o rapaz nem a criatura. Sem rastros. Nenhum rastro desse maldito Droutskoy. Andzelika não saberá de nada, absolutamente nada do que eu fiz, do que farei hoje. Do seu lugar aí no inferno, você entende por quê?

Ainda sem olhar para a criança, a mulher, exausta de seu devaneio, abandona seus estreitos ombros no banco, a cabeça jogada para trás. Em súplica? Ela fecha os olhos, que se mexem por baixo das quase transparentes pálpebras como se ela estivesse sonhando. Ela sente o olhar da criança.

Perdoe-me, Andzelika, pelo que fiz, pelo que vou fazer hoje. Como você tem sido indiferente a qualquer coisa que não sejam notícias sobre o rapaz. Pensei

que ela lutaria para ver a filha, para segurá-la nos braços, e, no entanto, ela se mantém imersa em sua fantasia aparvalhada. Ela o espera. Nestes cinco meses desde o parto, ela não fez mais que perguntas frívolas sobre a criança. Uma vez indagou (como se ele estivesse para chegar no trem noturno de Varsóvia e nós duas tivéssemos o hábito feliz de falar sobre ele e sobre o bebê): "A senhora acha que Piotr ficará satisfeito com ela, mamãe?" Baixei o olhar para acariciar a massa de peônias vinho que eu carregava no cesto.

Andzelika confia a mim o cuidado da criança. Quando saímos de Cracóvia, há quase duas semanas, eu disse a ela que iria levar a bebê embora do hospital onde nascera e onde tinha desde então permanecido — muito fraca para ser transferida, aleguei — para colocá-la em uma clínica na Suíça. Para salvá-la. Fazer uma cirurgia para consertar seu coração imperfeito. A parte do coração da criança é verdade. Mas é verdade também que decidi não fazer a cirurgia. Não salvá-la. Prefiro salvar minha filha. De qualquer modo, os médicos dizem que é improvável que ela viva mais que um ano, mesmo que fosse submetida à intervenção. Que assim seja. E seja feita a vontade de Deus. Nenhum orfanato credenciado a aceitou. Apesar de todas as generosas ofertas de Toussaint para conseguir o descarte da criança por canais de adoção privados e de boa reputação, não houve quem a quisesse. E em mãos inescrupulosas eu nunca a deixaria. Posso escondê-la, negá-la, deixá-la à vontade das Parcas, mas nunca aos homens vis.

A mulher abruptamente abre os olhos, ergue a cabeça em um movimento brusco.

Ah, deixe-me olhar para você, deixe-me ousar olhar para você. Como é linda! Meus dedos longos. Os dedos longos de Andzelika. Os olhos dela. Como você me encara. Ah, um sorriso? Isso é um sorriso para sua babcia*? Nem mesmo seu sorriso enfraquecerá minha decisão. Teríamos sido poupados desse íncubo se Andzelika tivesse aceitado a interrupção. Um procedimento rápido,*

discreto. Entretanto, tive que aquiescer. Tão frágil, Andzelika. Mas por que, por que despendi tantos esforços por essa coisinha defeituosa? As maquinações, os inúmeros cheques que assinei, as dúvidas a me estrangular, uma viagem por mar, dias suportando esse silêncio diabólico entre nós neste automóvel. Vou encará-la de volta, seu monstrinho lindo. Pronto, o que acha disto? Veja, não há rachaduras na minha armadura contra você. Nada de rachaduras. Uma rachadura pequena. Minúscula. Acha que me conhece? Você jamais me conhecerá.

Capítulo 2

O Convento de St. Hilaire, uma construção do século XIII, e seu anexo, o prestigioso internato para *les jeunes filles de la noblesse*, estão situados acima de uma pequena vila no sudoeste da França, a poucos quilômetros da cidade de Montpellier, junto ao rio Lez. Apesar de oficialmente o convento não oferecer asilo para órfãos ou crianças abandonadas, mais de uma vez foi encontrado em suas portas um bebê dentro de uma cesta ou uma caixa de frutas, com um bilhete quase ilegível pregado em sua manta e, escondidos ali, alguns francos envolvidos em jornal. As freiras, então, tomavam providências para acomodar a criança. Levava alguns dias, ou mesmo algumas semanas, e durante esse tempo o bebê mal interrompia os silenciosos passos das anacoréticas vidas de trabalho, prece e meditação das freiras. No entanto, esta tarde uma criança será entregue aos cuidados delas de modo bastante diferente.

O Packard passa pelos grandes portões de ferro e para debaixo do pórtico da entrada principal do convento. O chofer sai rapidamente para abrir a porta para uma robusta enfermeira uniformizada, que segura a

criança, as camadas brancas e cor-de-rosa das mantas se derramando ricamente sobre as dobras da capa azul-escura da mulher. Do automóvel sai então um homem alto e esbelto, alisando o peitoral de um longo casaco de colarinho de veludo, ajustando seu chapéu de feltro, passando as mãos enluvadas pelo fino bigode branco. Finalmente, outra mulher desce do carro. Esta talvez tenha 40 anos, sua beleza insigne ainda fresca exceto pelas sombras em torno de seus grandes e suaves olhos negros, olhos como os de um cervo, e pelo triste apertar dos lábios castamente pintados. Ela veste um curto casaco cinza de raposa sobre um terno de *faille* e um chapéu cloche até as sobrancelhas. É a condessa Valeska Czartoryska.

A condessa aceita o braço do chofer e eles seguem à frente dos outros. Abrem-se as portas sob o pórtico coberto de hera antes de os sinos serem tocados, e o grupo é então levado rapidamente para dentro por um padre corcunda e trôpego em uma batina manchada por abundantes e extravagantes jantares. O padre guia a enfermeira e sua carga diretamente da sala de recepção até uma porta dupla esmaltada, que ele fecha sem o menor ruído.

Uma velha freira aparece, as engomadas asas brancas de seu adereço de cabeça balançando conforme ela anda, o véu apertado em torno de seu rosto pressionando a carne flácida. Sem dizer nada, ela cumprimenta com um aceno de cabeça e leva a condessa — que ainda segura o braço do chofer — até o sóbrio desconforto da sala de visitas. O homem de chapéu os segue. A condessa e a velha freira sentam-se de frente uma para a outra. O homem, chapéu em uma das mãos, a outra acariciando energicamente seu bigode branco, senta-se um tanto distante delas. O chofer se retira. Não houve apresentações. Apesar de a condessa conhecer muito bem o status e o temperamento da velha freira, que se chama madre Paul, esta nada sabe sobre a condessa. Seu nome, seu título, sua nacionalidade —

nada.

A condessa começa a falar, e, enquanto o faz, o homem de chapéu traduz as palavras para o francês — suavemente, e com grande facilidade.

— Não tomarei muito de seu tempo, madre Paul. Acredito que a senhora entenda minha exigência. E também o quanto estou disposta a pagar para que essa exigência seja cumprida. Acredito que a cúria a tenha instruído.

— Eu entendo, madame. Entendo muito bem.

O homem traduz para a condessa, que, no entanto, mal espera que ele termine para voltar a falar. Como se ela não tivesse necessidade de tê-lo ali, como se aquela fosse uma tarefa propícia a qualquer tolo. Ainda assim, eles continuam com o jogo.

— Diga-me, então, o que é que a senhora entende?

Enquanto o homem faz a pergunta a madre Paul em francês, a velha freira puxa um lenço da ampla manga de seu hábito e o pressiona contra o lábio superior. Contra a testa. O idioma falado pela mulher é completamente ininteligível para a freira. Ela já imaginava que iria se encontrar com uma estrangeira, mas, por alguma razão, pensava que seria uma inglesa, uma alemã, uma belga. Essa língua parece russo ou algum outro idioma eslavo. Um tanto exótica. Decididamente, não europeia. Em qualquer língua, contudo, está claro que a mulher está no comando. No entanto é *ela*, madre Paul, quem dá as ordens nesta casa. Nesta escola. Por outro lado, a oferta que lhe está sendo feita é grande. Formidável. Ela não pode arriscar perder tal oferta lembrando a mulher de sua própria posição. Portanto, madre Paul apenas respira profundamente, estende as grandes e disformes mãos sobre o rude tecido marrom de suas vestes, fixa olhos pluviais sobre os suaves olhos negros da benfeitora. Ela está preparada.

— Deste dia em diante a senhora jamais verá essa criança ou dela ouvirá

falar. Mesmo que seja a senhora quem venha a perguntar, a insistir, legalmente ou não, em vê-la ou ser informada a seu respeito. Isso inclui todas as pessoas ligadas à senhora ou à sua família, ou que aleguem ter ligações com vocês ou ainda com a criança, bem como qualquer advogado contratado pela senhora ou por familiares, ou qualquer representante do Estado. Em suma, a criança deixará de existir no momento em que a senhora deixar esta sala. Ela receberá uma identidade legal que jamais será revelada à senhora ou a qualquer uma das partes interessadas já mencionadas. A única informação verdadeira que aparecerá em seu registro forjado é sua data de nascimento: 3 de maio de 1931. Nenhum, absolutamente nenhum registro original ou cópia de registros originais referentes à criança serão arquivados aqui. É claro, madame, não posso me responsabilizar pelos documentos já arquivados nos cartórios civis do lugar onde a criança nasceu. Presumo que haja no país de onde a senhora vem, seja ele qual for, leis similares às nossas quanto ao registro de nascimentos. Não posso responder por isso.

A condessa sabe que a velha freira tem a esperança de captar alguma dica, alguma informação que escape de seus visitantes sobre o lugar de onde eles vêm. Maldita velha curiosa.

— Tampouco eu *espero* que a senhora seja responsável por tais registros, madre Paul. Prossiga. O que tem a dizer sobre a criança em si?

— Já que nem eu nem qualquer outra pessoa aqui sabe a respeito das circunstâncias de seu nascimento, nem lugar nem ascendência, devo, necessariamente, informá-la de seu nascimento "forjado" e dos tristes eventos que a deixaram órfã. Não haverá prova física de sua história. Nenhuma fotografia ou carta que possa ser mais tarde rastreada ou cuja veracidade ela possa tentar verificar. Nada. A criança não terá passado, afora uma invenção, uma fábula.

— E quem contará essa *fábula*, madre Paul?

— Eu, é claro. Serei eu.

— E se a senhora vier a falecer antes que a criança seja capaz de compreender a história, a quem será confiada a tarefa de contá-la?

— Como solicitado, a tarefa será passada para a irmã Solange.

— Sim. A pequena Solange. E se eu mudar de ideia, madre? Se, daqui a algumas semanas ou meses ou mesmo anos, eu mudar de ideia e voltar para recuperar a criança, para levá-la de volta... a senhora entende, madre?... O que a senhora fará para impedir-me ou aos meus representantes?

— Farei o que faço, o que fazemos, caso alguém, qualquer pessoa, tente entrar neste lugar sem ser bem-vindo. Farei com que sejam impedidos. As autoridades serão chamadas. A polícia. Recorrerei aos invioláveis recursos de impedimento da cúria, madame. Isso posso garantir-lhe. A criança jamais será entregue à senhora. A ninguém. A partir do momento em que foi trazida para dentro destas portas, tornou-se nossa protegida legal e espiritual.

— Muito bem, madre.

O olhar da condessa se desvia da velha freira e vagueia pelo cômodo, como se só agora ela percebesse onde está. E o porquê. Ela vê o piso de terracota gasto, encerado até apresentar o mesmo marrom que o das vestes das religiosas; as frias paredes brancas; a lareira vazia. Está quieta faz tempo demais para o gosto da freira, cujo único desejo é de que os fundos prometidos sejam entregues e a mulher vá logo embora. Baixando um pouco o olhar, a freira examina a mulher magra em seu casaco de raposa, as pernas sedosas cruzadas logo acima dos joelhos, as pontas das ligas de suas meias cinza rendadas aparecendo por baixo da saia. *Sim, mulheres como ela não precisam se casar com Jesus*.

— E o que me garante, madre Paul, que o capital que trago em minha bolsa e que os subsequentes fundos irrastreáveis que serão transferidos para os cofres da cúria — pergunta ela, com um movimento de cabeça para trás — duas vezes por ano até que... *até que não seja mais depositado*... bem, o que me garante que a criança terá os cuidados, a educação, a criação e o *tratamento* que especifiquei?

— A senhora tem minha palavra. Assim como os recursos enviados à cúria foram utilizados na reforma dos aposentos que a criança e sua ama ocuparão aqui no convento e assim como a mobília foi adquirida nas lojas e antiquários de Montpellier, de acordo com os desejos da senhora, também os fundos "subsequentes" serão utilizados do modo como desejar. Repito, *a senhora tem minha palavra*.

A condessa de suaves olhos negros sorri pela primeira vez.

— A senhora vai me desculpar, madre Paul, mas, por mais rígida que eu julgue a sua palavra, também estabeleci um, digamos, um mecanismo *à prova de falhas*. Aqui dentro destes muros, madre. Uma pessoa que sabe o que observar, que critérios usar ao julgar o cumprimento da sua *palavra*. Essa pessoa sabe o que *executar*, caso a execução venha a ser necessária. Nem mesmo a senhora, na verdade, muito menos a senhora, saberá quem é essa pessoa. Tornei-me um tanto especialista em espionagem nestes últimos meses, uma negociante no discreto mercado de comprar e vender confidências. Duplas confidências. Sim, cuidei minuciosamente do bem-estar da criança, madre. Ao menos metade do sangue dela é bom. Metade de seu sangue vem de mim e dos meus, madre.

Capítulo 3

Depois de a senhora partir e madre Paul guardar o grosso pacote branco, selado, no cofre de parede de seu escritório, onde ficará até que o emissário do bispo venha recolhê-lo, a freira sobe os degraus de pedra espiralados que levam aos alojamentos do convento. Às celas fechadas por espessas portas de carvalho, que pontilham ambos os lados do corredor escuro. Embora sempre silenciosas e geralmente vazias a esta hora do dia, exceto pelas freiras responsáveis pela limpeza a transitar por ali com suas cestas cheias de trapos, escovas, latas de cera com cheiro sulfuroso e garrafas marrom-escuras de óleo de limão, hoje risos alegres escapam por sob a última porta do corredor.

Graças à senhora de gentis olhos negros, foram trazidos artesãos locais para que polissem os extensos ladrilhos cinza do que costumava ser o depósito do convento, para que trocassem os painéis de vidro das compridas janelas e raspassem camada após camada do *papier peint* — tudo isso, os últimos vestígios da época em que o claustro era a vila palaciana de uma bem-nascida família espanhola de Biarritz.

Madre Paul empurra energicamente a porta, espera na soleira até que se abra por completo, categoricamente bate palmas para chamar a atenção de um grupo de freiras estridentes que está aglomerado em um canto do cômodo. A diversão segue inalterada apesar de seu comando, ao que Paul bate palmas novamente, gritando "*silêncio*", e, desta vez, o grupo se divide, as freiras abrem espaço para a superiora, abanando as mãos num gesto convidativo.

Rechonchuda e fulva como uma maçã-reineta, uma bem-aparentada jovem está sentada no meio delas em um áspero e escuro vestido de camponesa, botas curtas de couro e grossas meias pretas, e por baixo de um lenço negro amarrado — talvez caprichosamente demais para o gosto de Paul —, logo acima da testa, caem definidos cachos loiros. Uma ex-postulante beneditina que chegou ao convento há alguns meses, tendo deixado seu vilarejo *champenoise*, ela se chama Solange. Em seus braços ela segura a criança, a cabeça curvada em um gesto de adoração. Atrás de Solange encontra-se uma jovem corpulenta de rosto rosado cheirando a goma de passar e sabão, com um longo avental branco sobre um vestido preto já muitas vezes remendado. Ela será a *nourrice*, a ama de leite, da menina.

Toda a mobília e os utensílios foram cuidadosamente arrumados por Solange no piso recém-encerado, sobre uma bela coleção de tapetes turcos em suntuosos tons de vermelho e amarelo. Há um berço branco de ferro, ornamentado finamente como renda e provido de lençóis e colchas bordadas à mão; ao lado, uma banheirinha com um cortinado de chita branca, um trocador, uma minúscula e antiga cadeira de balanço com uma almofada de veludo branco, um largo divã estofado em pelúcia coberto de almofadas amarelas, um armário cheio de roupas para um bebê do sexo feminino, uma alta cômoda vitoriana em dourado e branco, uma pequena

estante de livros — ainda vazia, as caixas com obras infantis e clássicas empilhadas junto ao móvel — e uma escrivaninha preta laqueada, com puxadores de cristal nas gavetas. Há uma pequena cadeira com um interruptor que, quando acionado, a faz balançar levemente ao som de "Clair de lune". Um majestoso carrinho de couro azul com acabamentos cromados repousa embaixo da janela. Chamas amarelas oscilam em uma lareira de mármore negro. Todos esses elementos compõem um berçário para a criança, que será também um quarto para Solange. Um recanto no cômodo é onde a *nourrice* dormirá ocasionalmente.

Paul, que se mantém afastada, grita:

— Pensei que vocês tivessem entendido, vocês e todas as outras irmãs, que, apesar de eu ter consentido, respeitosamente consentido ao pedido da cúria para que esta enjeitada, esta criança, esta criança e sua ama aqui se refugiem, não consenti que vocês fizessem parte disso. Essas duas não são visitantes ou convidadas, e sim um par de desalojadas sob nossa custódia beneficente, para as quais será oferecida uma forma de patronato que somente eu irei determinar. Elas permanecerão *confinadas* o máximo possível, aqui, nestes aposentos, a Gomorra desta ninfeta. Nossas irmãs irão alimentá-las, lavar suas roupas e limpar estes cômodos. Elas não são bem-vindas, salvo em caso de convite meu, a transitar fora destas dependências, exceto pelo jardim, e, mesmo assim, em horas determinadas. Esta casa e vocês, que aqui têm o privilégio de viver, trabalhar e rezar, devem se manter espiritualmente imaculadas dessa *contaminação*. Irmã Solange, e somente a irmã Solange, se aproximará da criança. Transmitam estas orientações a suas irmãs, como eu mesma voltarei a fazer. Podem ir agora.

As palavras de Paul são tiros de rifle à queima-roupa. Como um bando de pássaros feridos, as freiras se dispersam. Solange irrompeu em lágrimas,

o que agora faz a criança chorar também. Afastando-a de Paul, ela abafa no peito os intensos soluços do bebê.

Paul vagueia pelo quarto, balança a cadeira para a frente e para trás, nota o interruptor e o liga, fica parada olhando, ouvindo o agradável tilintar de Debussy. Ela vai até o armário, afaga a bainha de um pequenino vestido cor-de-rosa.

— Tudo isso enquanto as crianças nas aldeias dormem em catres amaciados com palha de milho e calçam sapatos de madeira.

Solange aninha o bebê, que está sereno novamente.

— Mas tomam o leite de suas mães, madre. Não a inveje. Ela está pagando por tudo, no fim das contas. Isso deve acalmar o desconforto de botinhas de cetim e um vestidinho cor-de-rosa.

— Já que você mencionou o leite materno, por que a *nourrice* deve ficar aqui? Certamente o leite pode ser retirado dela e trazido até nós todos os dias para que você possa *ministrá-lo*. Por que...

— Ainda não é certo que o bebê necessitará da *nourrice*, madre. Jean-Baptiste já acertou as coisas com ela para o caso de precisarmos chamá-la. Ele acredita que nosso próprio leite de cabra fresco será suficiente para nutrir a menina. Além de um suplemento alimentar que eu prepararei, de acordo com as instruções dele. Papinha de vegetais e cereais e...

— Não precisa dividir comigo seus planos gastronômicos para a criança. Eu mesma falarei com Jean-Baptiste, vou aconselhá-lo a limitar a invasão de estranhos ao mínimo possível.

Paul ainda não olhou para a criança, mas agora se aproxima dela, que permanece nos braços de Solange. A certa distância, Paul para. Estendendo o pescoço para vê-la melhor, a superiora fica parada durante um bom tempo.

— Já tinha visto uma criatura assim tão pequena, madre? Chegue mais

perto. Ela é bastante curiosa, olha para tudo, todos, e *quase* nunca chora.

— Você a está segurando não deve fazer nem uma hora. Como sabe se ela chora ou não?

— Desde os meus 8 anos que cuido dos bebês de minha família, madre, aprendi cedo a entender suas personalidades, suas necessidades. O que os deixa serenos, o que lhes dá medo. Acho que seria bom para ela olhar para a senhora, acostumar-se à sua presença, não acha? E a senhora, à dela.

— Não ouviu o que eu disse às outras? Ela é sua obrigação, a encarnação viva do seu dever. Não terei nenhuma relação com ela, nem permitirei que essa coisa pálida perturbe as fundações de tudo que trabalhei para construir aqui.

— Madre, será impossível, e *seria* injusto, esta pequena alma passar sua infância exilada nestes aposentos. Por mais encantadores que sejam. Será necessário mais do que a atenção que eu posso dar a ela. Ela precisa ouvir outras vozes, ver outros rostos, ser segurada e acariciada pelos outros membros de sua família. Madre, nós *somos* sua família agora.

— Ela não é, eu repito, não é parte *desta* família, não mais do que você é. O fato de seus próprios familiares a terem abandonado não é motivo para que eu a queira. Terei que acolhê-la, e, sim, serei paga para tanto, mas desejar sua presença... isso ninguém pode me pedir.

— Por que não encara a presença dela aqui como um interlúdio, um interlúdio abençoado? A senhora sabe que, quando completar 5 anos, ela irá para o internato, vindo aqui somente como as outras alunas, para jantar e realizar as tarefas domésticas.

— Você sabe sobre a... a *fragilidade* dela. Não imagino que chegue aos 5 anos.

— Não diga isso, madre, a senhora não deve jamais repetir isso. Cuidarei dela o melhor que eu puder, e Jean-Baptiste virá vê-la toda

semana. Venha abençoá-la, madre. Venha rezar por ela, dar-lhe as boas-vindas a seu lar.

— Não. Não lhe darei as boas-vindas. Vou tolerar esta criança. E você. E, se necessário for, aquela vaca desdentada que a amamentará. Nada mais que isso.

— Eu mesma pedirei uma audiência com a cúria, para informá-los... me perdoe, madre... da sua falta de caridade. Pedirei que encontrem outro convento para nós. Pedirei...

Solange dá as costas para Paul, ergue o bebê adormecido de seus braços para apoiá-lo no ombro, e começa a balançá-lo e sacudi-lo de leve, involuntariamente. Como se pensasse que o bebê tivesse entendido o que a superiora disse. Como se quisesse confortá-la.

— Você não fará nada disso. E, mesmo que fizesse, não seria ouvida.

— Madre, talvez a senhora esteja esquecendo, mas sou uma irmã leiga aqui. As regras que guiam minha vida não são as mesmas que as das outras. Pretendo seguir, à letra, o que me cabe. No entanto, afora minha fidelidade a essas regras, sou livre. Posso lhe garantir que se, e quando, eu me convencer de que é cruel o tratamento que a senhora reserva à criança, ou a mim, não me calarei. Nem eu nem Amandine seremos suas prisioneiras, madre.

— Amandine?

— Sim, eu lhe dei um nome.

O único barulho é o do bebê sugando a pele de Solange, no ponto em que o pescoço encontra o ombro.

Sem levantar a cabeça, que ela apoia nas costas da criança, Solange pergunta:

— Por que a teme, madre? O que faz uma mulher de Deus, uma noiva de Jesus, temer um bebê?

— Por que você confunde uma simples falta de interesse com medo?

— Não pode ser outra coisa que não medo, madre. Medo sob uma máscara de raiva. Um mecanismo muito comum. Meu pai me dizia uma coisa, quando víamos um *sanglier* ou um cão selvagem na floresta: "Ele rosna e mostra os dentes porque tem medo de você." Não é verdade que hoje a senhora está rosnando e mostrando os dentes por sentir-se ameaçada por esse bebê?

Solange coloca a adormecida Amandine no berço, envolve-se completamente na ação de cobri-la e acariciá-la, curvando-se para tocar com os lábios a testa do bebê, e durante todo esse tempo, a madre a observa. Com as mãos trêmulas, a freira ajusta seu cíngulo; mais uma vez ela tira o lenço do interior da manga de seu hábito, mais uma vez pressiona-o contra o lábio superior. Ela se prepara para a batalha. Solange então se levanta e se volta para encará-la. Ambas preparando-se para defender-se dos golpes uma da outra. Ambas sabem que o confronto começou.

— Desde a minha chegada aqui, há três meses, achei a senhora fria, inacessível e amarga comigo, mas tinha certeza de que, quando o bebê chegasse, uma vez que a visse, a segurasse, a senhora iria... iria *amolecer*. Acreditei que, se não por outro motivo, essa afeição instintiva a abrandaria. E se não isso, sua vocação, seus votos, seu amor cristão, com certeza tudo isso iria prevalecer. Nunca conheci alguém como a senhora, madre. Nunca conheci alguém que não conseguisse olhar diretamente para o rosto de um bebê.

— Você não sabe nada sobre mim, sobre minha vida e meu trabalho. Você mesma não passa de uma criança. Uma criança atrevida. Eu esperava que fosse mais dócil.

— Acredito que uma das razões para ter sido eu a vir para cá seja o fato

de *não* ser dócil, madre.

Capítulo 4

Não basta eu ter que acolher a filha ou neta bastarda, ou o que quer que seja, daquela demimondaine *envelhecida? Não bastasse isso, o bispo, Sua Eminência Fabrice, me pede para estender minha tolerância a uma ex-postulante, recém-caída em desgraça. Por que não poderia ser eu a única responsável pela formação da criança? Será ela filha dele? Creio que não. Se ele tivesse gerado essa coisa, teria providenciado para que ela fosse mandada para alguma estância mais longínqua. Então quem serão os pais? Quem será essa criança? A ostentação de seus objetos, a cerimônia de sua chegada, a luta de espadas para determinar como ela será cuidada, tudo isso é burlesco. E quem é a granjeirinha? Talvez seja ela que pertença a ele. Sua filha. Sua amante. Eu fui sua amante.*

Como você me tomou sem nenhum esforço, caro Fabrice. Um doce que se pega de uma bandeja estendida. Ou fui eu quem o tomou? Vendeta suprema contra meu pai, que disse: "Não se preocupe em levar muita coisa, um vestido para a noite, outro para caminhadas na praia e só." Mas nada de chalé na praia, apenas o fedor de leite queimado permeando os tristes corredores. As

boas irmãs carmelitas. "Faço isso por você, querida", ele diria.

Sim, eu era a querida dele, a querida e adorada de meu pai, garota das mais comuns salvo por meu belo cabelo. Uma fabulosa massa de cabelo se avolumando como creme, ondas quase brancas de tão loiras presas entre as pedras dos grampos de marcassita da maman*, da minha mãe. Talvez fosse suficiente o meu cabelo,* papa*, talvez tivesse bastado para Jean-Jacques, talvez para ele ou para aquele que veio de Bézieres com a madeira, o que me encarava enquanto tomava bagaceira. "*Bonsoir*, mademoiselle Annick.* Bonsoir.*" Talvez meu cabelo tivesse bastado. E para você,* papa*, eu não era o bastante?*

Às 12h45 — nem mais cedo, nem mais tarde — colhi da terra úmida e negra os rabanetes com as folhas mais verdes. Dez belezinhas no meu avental dobrado. Na cozinha, sacudi a terra na pia, enxaguei-os na água fria da torneira, sequei-os no pano de prato branco e azul, coloquei-os, um por um — ainda com raízes e talos —, na boleira decorada com as flores cor de ferrugem. Três tantinhos de manteiga ao lado, o salière *no meio. Do ajudante do padeiro, de sua cesta comprida e estreita amarrada na bicicleta, escolhi* un baton bien cuit*, levei-o aos lábios para morder pedacinhos da casca e abri a mão, que continha os dois* sous *para ele.* Bonjour.

"Annick, Annick. Pour vous*", gritou o rapaz no momento em que eu já estava correndo para dentro de casa.*

*Segurando a bicicleta com as pernas abertas, os pés firmes na rua, ele puxou dois croissants bem clarinhos dos bolsos do avental, segurando-os com as mãos bem fechadas como se segura um faisão pelos pés. Eu me virei, aceitei o presente. "*Merci, Émile. À demain.*" Para Émile, também, meu cabelo teria bastado. Mas voltemos ao seu almoço. Amarrei um guardanapo azul-claro na parte central do* baton*, coloquei-o sobre o seu garfo. Cinco minutos antes de chamá-lo, não mais do que cinco, tirei o vinho do barril. Uma garrafa grande*

*e bojuda, o líquido fresco, claro, cheirando a maçãs e tomilho. "*Papa, papa. Déjeuner, papa." *Eu era comum e você era pobre,* papa, *pobre demais para comprar um marido para mim, para o dote, mas meu cabelo talvez fosse o suficiente.*

"Estamos perto do mar, papa? *Acho que consigo ver,* papa. *É aquilo, aquilo além das colinas é o mar? É sim, é sim. Ah, agora sinto o cheiro do mar na brisa,* papa." *Você então puxou as rédeas, virou a carroça para uma estrada menor. Nem sequer uma estrada. Para longe do mar. "Mas* papa, *aonde o senhor está indo?" Como um chicote, sua mão. A primeira vez que você a ergueu para mim. "Estou fazendo isso por você."*

"Mas eles tomarão de mim meu cabelo, papa? *Diga a eles para não tirarem meu cabelo."*

Um riso malicioso quando deveríamos estar dormindo. "Quer se juntar a nós, Annick?" Minhas colegas noviças riam com desdém de mim, mesmo enquanto embrulhavam aquele pesado manto de templário cheirando a suor ao redor de minhas saias e dobravam o capuz pontudo para cobrir meu rosto. Rindo sob seus véus, diziam, "Você não vai ser noviça por muito tempo, Annick." Uma badalada do sino, meu coração com um leve bater de asas sobre a água calma, cabeça baixa, mãos unidas, afetadamente eu seguia o velho monge através da escuridão de cetim negro até a sua, Fabrice, até a sua capela particular. Quantos anos tínhamos naquela época, Vossa Excelência? Você, o jovem e brilhante monsenhor; eu, apenas um mês ou dois de véu — quantos anos tínhamos? O quão pecadores éramos, nossa perversidade temperando a luxúria? "Faço isso pelo senhor, meu querido papa*", sussurrei. Mãe de Deus, rogai por nós.*

E então, quando eu não mais conseguia absolver minha própria impudência e tentei abandoná-lo, você me adulou. Você e, depois, a abadessa. "Todos temos nossas infelicidades particulares, querida. Enganar e trair são

direitos de sangue herdados de nossos ancestrais pagãos. Você deve se lembrar das escapadas dos deuses. E quanto a nós, as noivas de Jesus, apesar de Ele aliviar nossas almas, nossa carne Ele deixa desejosa. Além disso, a pressão da virgindade é distrativa. Melhor abdicar dela. Melhor ainda entregá-la a Fabrice. Ele ainda será bispo. Escreva o que eu digo."

Depois, com meu desejo por você finalmente esgotado, fui lhe comunicar. "Nunca mais", falei, e como você riu, secando as lágrimas com a sobrepeliz, dizendo: "Os meninos é que são minha verdadeira alegria. Sendo as mulheres um divertimento menor, eu a possuí por você ser tão solene a esse respeito. Foi por você, minha querida."

Mesmo sendo objeto do seu escárnio, permaneci devota. Por todos os anos desde aquele momento, atendi a todos os seus pedidos. A todos os pedidos de Vossa Eminência, toda e qualquer coisa que meu velho e rabugento bon viveur *solicitasse. Meu Dédalo. Como é incrível que seu grande nariz bulboso tenha assumido o mesmo tom violeta de suas vestes, Excelência. Como você se saiu bem. A escola, a comunidade, tudo trabalho meu feito para sua glória. Minha recompensa? Uma missão de cinco anos para salvaguardar uma bastardinha defeituosa.*

— Ah, Philippe, você me assustou. Já vou descer. O que está fazendo aqui?

Paul procura seu lenço. Philippe, *père* Philippe, é o velho sacerdote que abriu a porta para a condessa e sua comitiva.

— Vim procurá-la. Estou aqui já faz um tempo, mas você estava tão distante, seus pensamentos tão distantes, que permaneci em silêncio, esperei... — diz Philippe a ela.

Paul aponta com a cabeça para os aposentos da criança, diz:

— Serão necessários alguns ajustes. Estava pensando em tudo que está prestes a mudar agora.

— Mudar para melhor, imagino. Talvez mais para mim e para você do que para o restante. Venha caminhar comigo no jardim, Paul.

— Agora não posso. Tenho que telefonar para o bispo e...

— Ele pode esperar. Não sei por que, não consigo entender por que isso a perturbou tanto. Você está pálida como a morte, Paul. Do mesmo jeito que ficava quando alguma postulante atraía o olhar de Fabrice. É isso? Está com inveja do bebê?

— Primeiro medo, agora inveja. Do que mais serei acusada hoje? Que velho tolo você é, Philippe. É só que ter uma criança e sua ama residindo no convento não é algo *apropriado*, nem um pouco *adequado*...

— Você está *mesmo* com inveja. E se sou um velho tolo, você é uma tola apenas três anos mais jovem. Quanto de nossas vidas passamos juntos? Você, Fabrice e eu, os últimos sobreviventes...

— Sim, mas ele sobrevive muito melhor do que eu e você, Philippe. Ele prospera, enquanto nós definhamos; ainda trememos ante sua voz e acatamos suas ordens.

— Foi como as coisas se arranjaram. Poderia muito bem ter sido eu em seu lugar, promovido e exaltado. Eu era o acadêmico, afinal, e, no entanto, ele foi favorecido por sua *afabilidade*. Que importa isso agora que estamos tão perto do fim? Sou grato a ele por ter me enviado para cá, para você. Para você e as irmãs, para terminar minha vida neste lugar, neste lugar bastante agradável. Ele poderia ter me enviado para um retiro decrépito, destinado a clérigos maltrapilhos e perdoáveis, em vez disto aqui. Ah, eu digo a você, Paul, que, ao modo dele, Fabrice fez bem a nós dois. A seu modo, sempre fez bem aos dois. E o que você não vê agora é que, ao aceitar seja lá qual foi a proposta que lhe foi feita para assumir os cuidados dessa criança... o que você não vê é que, com isso, ele nos dá uma última chance.

— Que tipo de última chance?

— De sermos *típicos*, creio que seja essa a palavra. De sermos *normais*. Acho que nossa vocação...

— *Sua* vocação, talvez. Ainda estou para ouvir o chamado de Deus, Philippe.

— Era isso que eu queria dizer. Mesmo *com* um chamado, a vida celibatária não é típica nem normal, e, no entanto, *nós somos* típicos e normais. Muitos de nós, a maior parte dos beneditinos, jesuítas e vestais. Seja qual for a designação, o celibato cria uma monstruosa aberração, uma batalha religiosa contra a carne e, ainda mais, contra o coração. Creio que somos destinados a amar alguém, não só a Deus. Perdoe minha blasfêmia. De certo modo, creio que somos destinados a amar alguém mais que a Deus. Ao negar isso, ao negar a angústia de um amor pessoal, o desejo, o propósito próximo e singular que esse amor dá à vida, nós, religiosos, nos tornamos todos, de alguma forma, *desviados*. Na melhor das hipóteses, envelhecemos desajeitadamente, nadando contra a corrente até o último momento. Chamando a isso devoção.

— Eu tive um amor *pessoal*, e isso não me poupou de angústia alguma, Philippe.

— O que você esperava? Que ele largasse a velha Santa Igreja e fosse viver com você? Isso nunca foi uma opção, Paul. Você, e todas as outras que vieram antes e depois, foram o alívio da pena. Suspensões temporárias do eterno ressoar de uma mesma nota. Essa desejada e amada nota que se repete tediosamente; você foi uma titilante variação no ritmo, uma intensa corrente de ar fresco. Você e as outras foram a forma de resistência dela. Uma das formas.

— O que você pretende com todo esse discurso, Philippe? Quer me consolar ou me atormentar? Não estou sabendo identificar.

— Estou tentando aconselhá-la a deixar de lado o seu rancor. Especialmente quando esse rancor se dirige a uma criança de 5 meses. Paul, olhe para mim. Vê como estou acabado? Sou seu espelho. Por que não aproveitamos essa oportunidade singular, certamente a última, de viver, como os outros? Sim, sejamos, você e eu, *grand-mère* e *grand-père* para essa menina. Enquanto podemos. Finjamos. Deus sabe como nos tornamos mestres na arte de enganar. Você mais do que eu, Paul. Finjamos. Quem sabe a fraude não dá uma guinada e se torna verdade? Não seria o milagre do nosso... do nosso *inverno*? Que cheguemos a de fato *sentir* algo espontaneamente e não por costume? Nada mudaria muito. Você continua a cumprir com seus deveres e eu com os meus, mas no meio disso nós podemos, Deus nos ajude, nós podemos tentar amá-la.

Capítulo 5

A uma velocidade maior do que dirigiu na ida até o Convento de St. Hilaire, o chofer se afasta pela mesma avenida ladeada por limoeiros. Seus passageiros — a condessa Czartoryska, a ama e o homem de bigode fino e branco — compondo um grupo não muito menos emudecido do que uma hora atrás. Antes de entregarem a carga. Antes de despacharem a criança. O bebê se foi. No entanto, seu olhar — o sereno olhar preto-azulado de um cordeiro que consente no sacrifício —, o poder desse olhar flutua sobre o pomposo interior cinza do Packard. Os braços da ama pendem soltos, desajeitadamente, sobre seu colo, ou pelo menos assim parece para a condessa, que olha então para o homem de bigode fino e branco, este Toussaint que inventou um tique no maxilar, o chapéu repousando agora bem alto na testa, os olhos fechados — avaliando: qual parte vai lhe caber? *Como cúmplices se tornam odiosos* depois *de concluído o ato*, pensa a condessa. *E o que é esta dor, este peso em meus braços? Será como a dor fantasma de um membro amputado? Será a menina, o que sinto? Rezo para que aquele velho padre imundo jamais a segure, muito menos aquela cadela*

suada que se passa por freira. Oh, Deus, o que foi que eu fiz? Para refrear a dor, a condessa cruza os braços, cada mão segurando a longa e macia pele das mangas do casaco. Ela fecha os olhos com força, mas ainda assim a dor e o olhar de cordeiro persistem.

Está feito. Ela se foi. Quanto falta até chegarmos à estação? À privacidade de minha cabine. Por favor, que não cheguemos atrasados para aquele trem. Preciso ficar só. Preciso pensar. Essa parte está completa, e agora devo me concentrar em Andzelika. Em como apresentar o ocorrido a ela. Tenho que ser muito cuidadosa, pesar e estudar cada palavra antes de dizê-la, montar um disfarce para cada parte da mentira. Devo ser muito direta. Vou abraçá-la, contar a ela sem delongas. O bebê morreu. Antes que pudéssemos tentar uma cirurgia, ela morreu de falência cardíaca, tal como os médicos responsáveis pelo parto previram que aconteceria. Previram que poderia acontecer, *mas Andzelika não precisa saber das chances relativamente favoráveis que eles deram à criança. Ressaltarei que os médicos da Suíça deram poucas esperanças de salvá-la, garantindo que, caso a cirurgia a mantivesse viva, seria, na melhor das hipóteses, uma vida extremamente debilitada. Descreverei tudo que a criança teria sofrido. Direi que todos concordaram em que "foi melhor assim". Quando ela perguntar, se perguntar, por que não providenciei para que a criança fosse trazida de volta à Polônia, para ser enterrada no mausoléu da família, explicarei que o nascimento e o falecimento da criança devem ser mantidos apenas entre nós. Ela entenderá isso. Prometerei levá-la à Suíça um dia para que ela possa visitar o lugar onde o bebê está enterrado. Contarei a ela como foi o funeral, as palavras do padre: "Pequenos que falecem são anjos chamados de volta ao Senhor para que não sejam maculados por seu tempo na Terra." Sim, direi que foi isso o que o padre falou. Li essa frase em algum lugar, acho que era assim. Com o tempo, vou convencê-la de que ir à Suíça com esse propósito não adiantaria nada. Ela*

já terá seguido em frente com sua vida até lá. Terá deixado tudo isso — a criança, o rapaz — de lado. Cuidarei para que isso aconteça assim como cuidei de todo o resto. A certidão de óbito, onde a coloquei? Talvez ainda esteja com Toussaint. Vou pedir a ele que me dê o documento quando estivermos no trem. Ah, como me sinto cansada. Será que pensei em tudo? Velho amigo Józef, como eu gostaria que estivesse aqui para me aconselhar. Para me ajudar a terminar o serviço.

Józef, meu confessor, meu amigo, que Deus guarde sua magnífica alma. É estranho que você tenha morrido — quanto tempo faz? — apenas alguns dias depois daquele último encontro. Sim, como se seu grande coração já não pudesse guardar nem mais um segredo, como se me aconselhar sobre o destino da criança fosse seu último ato de benevolência. Você pode me ver, Józef? Pode me ouvir? Certamente que um bispo da Santa Igreja pode ver e ouvir de seu local de descanso nos céus. Fiz a coisa certa, não fiz, Józef?

Ela estará segura. Duplamente segura. Sua Solange. A velha abadessa com seu chapéu em forma de cone alado branco. E se qualquer uma das duas lhe faltar, há o seu amigo bispo, Fabrice. Sim, Sua Eminência Fabrice. Sim, está feito. Ela se foi. Depositei o adorável monstrinho em todas aquelas cuidadosas mãos. Mãos gananciosas. Oh, Józef, você pode me ouvir? Naquele último dia, no nosso último encontro, você se exasperou comigo, quase amargurado. Como foi que começou?

— Deixe-a comigo. Comigo e com as ursulinas. Eu a batizarei. Elas lhe darão de comer, lhe darão conforto, e só isso; a deixarão em paz. Abençoarei sua alma, e, caso Deus decida chamá-la, a ajudarei a morrer em santa paz. Ah, Valeska, será melhor assim. Acredite que se todas as suas maquinações com Toussaint para encontrar o destino "certo" para a criança não deram certo é porque não eram o desejo do Senhor. Minha cara Valeska, o que sugiro não está nem perto de assassinato, e sim de salvação. Essa criança é tanto

renegada quanto mortalmente doente. Que esperanças ela tem? Deixe-a. Deixe-a ir.

— Não posso. Não vou fazer isso. É verdade que ela é indesejada, que não a quero. Mas também é verdade que a amo. Sim, eu a amo, Józef. Quero que ela tenha mais uma chance. Todas as chances. Que cuidem dela como eu cuidaria se isso fosse possível.

— Você não a quer, e, no entanto, busca para ela uma vida bem-aventurada, alguém de boa-fé para amamentá-la, para amá-la como você amaria. Se isso fosse possível. Ah, cara Valeska, seu amor toma um estranho caminho. Você não foi poupada de sofrimento no passado, e temo que agora, com sua determinação tipicamente margrave, busque uma ocasião para mais sofrimento. Talvez o maior até agora.

— Que sofrimento pode ser comparado àquele que Antoni me legou?

— O de rejeitar uma criança sua.

— Lembre-se de que ela não é minha filha.

— Tanto maior o peso da cruz. Você está tirando a filha de Andzelika.

— E, fazendo isso, estou salvando Andzelika. Afastando essa criança, apagando-a, *salvarei Andzelika de uma vida de degradação e vergonha. Não pretendo ouvir toda Cracóvia dizendo "Vê-se que, afinal, ela é bem filha do pai". Andzelika não carregará uma letra escarlate, Józef. Não a deixarei ser sacrificada por sua bastarda, concebida com o irmão da prostituta do pai dela. Isso eu não farei. Filha de um assassino suicida, Andzelika conviveu, desde os 2 anos, com o legado de seu nobre progenitor, manteve sua firme dignidade infantil em meio aos sussurros e às zombarias de todos aqueles que não eram da nossa família. E de muitos dos nossos, quando ficou mais velha. Que suculento e gotejante pedaço de carne representariam Andzelika e sua filha. Quero o bebê longe. Muito, muito longe daqui, Józef. A criança será cuidadosamente instalada e, depois, estará irrevogavelmente perdida para nós.*

Por quanto tempo permanecemos calados depois disso? O som das botas do núncio, de um lado a outro do corredor, durante os breves intervalos em que seu ouvido de rapina não estava colado à porta.

— Há uma família na França. Na região de Champanhe. Isso é longe o suficiente para você, minha cara? Longe o bastante de Cracóvia, não? É a família do marido de minha irmã. O marido de Janka.

— Fale-me sobre eles, Józef.

— Ela casou-se tardiamente; Janka demorou em encontrar seu amor.

"Laurent Bresson. Conheceram-se em Praga, onde ela vivia, mal se alimentando, a duras penas aquecendo-se para poder estudar violino, praticar sua música, viver, andar e estar no único lugar da face da Terra onde, ela dizia, estava destinada a viver. Sim, em Praga. Laurent era de Champanhe, foi a Praga em uma peregrinação com sua igreja. Passaria apenas alguns dias. Conheceram-se na ponte Carlos. É claro, tinha que ser na ponte. E, claro, tinha que ser inverno. Anoitecia, e, vestindo o casaco de pele de castor de sua mãe, Janka tocava Prokofiev. As pessoas que iam do trabalho para casa a rodeavam, depositavam galhos de pinheiro e outros feixes de gravetos a seus pés. Janka poderia acender um fogo aquela noite. Deixaram pequenas tortas de cereja e bolos de semente de papoula, pão preto, um pedaço de um bom repolho branco, uma porção do que quer que estivessem levando para o jantar. Alguns tinham até uma moeda para colocar sobre o veludo roxo do estojo aberto de seu violino. Laurent estava em meio à multidão. Ele tirou uma cruz de ouro que trazia ao pescoço, colocou-a no estojo. Quando finalmente terminou de tocar tudo que sabia de Prokofiev e depois de Stravinsky, ela pousou o arco e apertou as mãos de todo o seu público. Laurent aproximou-se dela e tomou sua mão para beijá-la. 'Meu nome é Laurent Bresson, sou de Champanhe. Estou apaixonado por você. Quer casar comigo?'

"Depois de encará-lo por um bom tempo, Janka fez uma mesura para o

público a fim de finalizar sua apresentação. Então ela pendurou no ombro o estojo do violino, tomou o braço de Laurent e disse: 'Primeiro você vai me levar para jantar.'

"Acredito que ele de fato a tenha levado para jantar aquela noite, já que logo depois eles se casaram. Viviam na fazenda em Champanhe, com sabe-se quantos mais, numa família que já era épica. Tiveram cinco filhas. Ano após ano Janka e eu mantivemos contato frequente por meio de correspondência, suas cartas me ajudando a sentir o lugar que ela sempre guardou para mim em sua vida francesa. Claro que eu ia a Avise, sua pequena cidade, sempre que podia, não deixando se passar mais de um ou dois anos entre uma visita e outra. Quando fiquei doente da primeira vez, Janka — com uma filha de 3 meses aninhada em uma bolsa de tecido vermelho a tiracolo, tal como ela costumava carregar seu violino — voltou a Cracóvia, instalou-se com o bebê em um quarto de empregada no presbitério e cuidou de mim dia e noite. Quando recuperei minhas forças, ela insistiu em que voltasse com ela e a pequena Magda para a França, passasse lá o verão, para uma completa recuperação. Convenceu-me facilmente. Fiquei por quase um ano. Batizei Magda, realizei um ou dois casamentos, segundo me lembro. Aprendi sobre a plantação de uvas e a produção de vinho e sobre como é bom trabalhar muito, comer bem e dormir o sono de uma criança. Mais de uma vez eu certamente pensei em tornar permanente aquele refúgio.

"É uma boa história, não acha, Valeska? Mesmo com os protagonistas pouco complicados. Sem muitas intrigas, sem uma grande herança para fazer os personagens rangerem os dentes. Sem um único assassinato de que eu possa me lembrar. E, se houve traições, jamais cheguei a sabê-lo, salvo quanto à caça de coelhos selvagens ou quanto aos direitos de uso sobre um certo bosque de castanheiros. Ou pelo menos assim acreditava eu naquela época. Em todo caso, minha cara, conto tudo isso a propósito da filha de Magda. A Solange de

Magda. Com 17 anos recém-completados, ela voltou para casa faz algumas semanas, depois de um ano como noviça e outro como postulante em Beaune. Diz que não nasceu para ser freira, que preferiria viver e trabalhar na fazenda com a família. Janka agora é a velha matriarca do clã, e ela carinhosamente aceitaria receber sua criança e cuidar dela. Com a ajuda da filha e da neta. A ajuda de Magda e Solange. Elas a criariam como se fosse de seu sangue.

— O que você lhes diria? Elas a acolheriam mesmo sem saber nada sobre a criança?

— Bastaria que soubessem que ela não tem lar.

— Será que eu esqueci que pessoas como essas existem, Józef, ou será que eu nunca soube que existiam? — De uma cigarreira de prata dentro de sua bolsa, Valeska tira um cigarro, e, talvez como um homem faria, segura-o entre o polegar e o indicador. O bispo puxa um comprido fósforo de uma caixa em cima da mesa, risca-o uma vez na parte grossa de um cinzeiro de mármore e acende o cigarro de Valeska sem se erguer de sua cadeira. Ela não agradece, apenas diz: — Mesmo que sua oferta seja generosa, eu quero mais, Józef. Quero que a criança seja educada.

— As crianças são muito bem-educadas na França rural, minha cara.

— Não, não. Não pretendo que ela seja escolarizada em casa ou num liceu público. Quero uma educação conventual, as delicadezas, as vantagens de um internato católico, como a que eu tive, como a que Andzelika teve.

— Valeska, Valeska, escute o que está dizendo. Você vai escolher até mesmo o tecido dos vestidos dela? Vai querer ditar, de seu esconderijo atrás das cortinas, como ela deve arrumar o cabelo? Ela tem uma doença congênita, uma doença mortal, e, no entanto, você a imagina lendo Virgílio. Ou fique com ela ou renuncie a ela. Não dá para fazer os dois. Nem mesmo você pode fazer os dois.

— Shhh, Józef. Por que você sempre fala como um sacerdote? Como um

dos bons. E que tal Montpellier?

— O que tem Montpellier? Está louca se está pensando em mandá-la para o mesmo lugar onde Andzelika estudou.

— Por quê? O meu nome ou o de Andzelika nunca serão mencionados. Com os seus contatos com a cúria daqui, você pode pedir um favor. Um favor que será pago. Seu desejo é colocar a criança sob os cuidados das boas carmelitas de lá. Você dirá que a identidade e a origem dela devem permanecer em sigilo e que, em troca de uma doação, a criança e sua ama devem ser abrigadas no convento, sob a bênção da cúria. Algo assim. Você poderia fazer isso facilmente, Józef. Sei que poderia.

— E quem seria a ama da criança?

— Ora, a sua Solange, é claro. Não vê? Se o que me disse é verdade, Solange seria devotada à criança, e se essa devoção se cumprisse dentro do mesmo convento onde a própria Andzelika foi tão feliz por seis anos... Foram seis? Sim, desde os 6 anos até os 12, e como ela chorou quando insisti para que fosse transferida para as carmelitas em Cracóvia. Um ato egoísta de minha parte, pois sentia muito sua falta. Só a havia mandado para longe porque acreditava que, se ela se mantivesse afastada de nossa "sociedade", se ela se mantivesse distante das pessoas que sabiam sobre as nossas "desventuras", então poderíamos, eu e ela, tentar recuperar sua infância. Imaculada, sem o peso daquele fardo. Sim, com Solange como sua ama e a cúria como sua protetora, é assim que abdicarei da criança.

— Você realmente acredita que ninguém, entre as boas carmelitas de Montpellier, se lembrará de você? Ou vai simplesmente mandar a menina por um mensageiro?

— A abadessa, no tempo de Andzelika, era uma virago chamada Paul. Você a conhece?

— Não pessoalmente. Já ouvi falar. Sei que ela tem sido defensora e lacaia

do bispo desde a ordenação dele. E antes disso, posso adivinhar o que era. Toda uma vida em colaboração, digamos.

— Então você conhece pessoalmente esse bispo de Montpellier?

— Mais do que isso. Fabrice é seu nome. Nossos caminhos eclesiásticos têm se cruzado desde que éramos muito jovens. Sempre nutrimos uma admiração mútua. Mas essa Paul, essa abadessa carmelita, você certamente a conheceu na época em que Andzelika lá esteve.

— Na verdade, não. Não visitei Andzelika sequer uma vez no convento. Era a época do meu "luto". Viajava muito pouco. Era minha irmã e seu marido, Yolanda e Casimir, que cumpriam as funções paternas no que concernia à escola. Eles acompanharam a pequena Andzelika até lá, traziam-na duas vezes por ano para me visitar, foram buscá-la quando eu não mais suportava sua ausência. Sim, é a essa Paul que levarei a criança. E se Solange, a sua Solange, puder ser instalada lá para cuidar da menina até que ela tenha idade de ir para a escola, talvez ainda assumindo o papel de guardiã depois disso... até que ela cresça, se case ou...

— Arrancar uma jovem camponesa francesa, que acabou de fugir da vida conventual, e pedir que ela entre em uma nova ordem... que está a, o quê? a mil quilômetros de seu lar?... para que ela se devote às responsabilidades que você lhe impor...

— Como uma irmã leiga, Józef, como uma irmã leiga. Com os direitos e liberdades de uma irmã leiga. Eu a recompensaria. E ajudaria sua família também.

— Como essa marca margravina é profunda em você, Valeska. Minha intenção, ao contar a história de Janka e Laurent, da família deles, era demonstrar como eles são diferentes. Eles não podem ser comprados.

— Todos sabem que todo mundo tem um preço. Requer astúcia adivinhar o preço, e uma astúcia ainda maior oferecê-lo de forma que a pessoa possa

manter-se de cabeça erguida. As carmelitas devem ser ainda mais maleáveis que a sua Janka e família. Abrirei meu caminho até a cúria pavimentando-o com cheques. Sim, tenho certeza de que você, de que eu poderia instalar a criança em Montpellier.

Capítulo 6

Quem poderia não amar você? Quem quer que você seja. Talvez eu já a amasse mesmo antes de hoje, talvez a tenha amado desde aquele momento, aquele primeiro momento em que grand-mère *me contou sobre uma criança que não tinha lar. Mesmo cercada por todos da minha família, eu era uma criança sem lar. Comecei a pensar em você, em como você seria, como me sentiria ao segurá-la em meus braços. Quem é você, de onde vem? E o que lhe direi quando você começar a me perguntar essas mesmas coisas? Contarei o que Paul me informou, que você foi abandonada ainda recém-nascida, uma recém-nascida não identificada, às portas do convento, sua data de nascimento estimada, sua filiação desconhecida. Que você foi então registrada sob a tutela da cúria. Tudo verdade, é claro. Até onde sei.*

Mulheres são muitas vezes abandonadas com o filho no ventre. Será que foi assim com sua mãe? E se tiver sido? Que seja. Você lhe pertencia. Por que ela a abandonou, Amandine? Ela era pobre? Estava doente? Deveria ser ela a segurá-la agora e não eu. Doce criança, lamento por você que eu não seja ela. E se não sou ela, então por que sou eu a segurá-la? Por que fui chamada até

aqui? Ainda não sei. A mulher com os olhos de cervo, a mulher que visitou nossa fazenda no fim da última primavera? Era ela? É sua mãe? Apesar de grand-mère *ter dito que não era, ainda me pergunto.*

Aquela tarde. Como gostaria de me lembrar melhor daquele momento. Dela. Todos estavam na escola ou nos campos; não havia ninguém em casa quando ela apareceu, exceto por grand-mère, *por mim e pelos pequeninos, que cochilavam no sótão.* Grand-mère *mandou que eu permanecesse na cozinha. A todo custo, eu deveria permanecer lá. "Faça chá, mas não o traga até que eu bata à porta da cozinha. Não venha à sala", alertou-me ela.*

O vento fazia tremer a vidraça da janela junto à qual eu estava, e com a manga de meu suéter eu limpava a umidade que se condensava em um dos pequenos painéis de vidro. Um raio cruzou o entediante céu amarelado e então eu a vi, subindo a estrada graciosamente, em um casaco masculino e lindos sapatos, sapatos de bico fino com tiras duplas e salto alto. Tentei ver seu rosto, mas ela mantinha a cabeça baixa, o lenço puxado de tal forma que apenas sua boca aparecia. Lábios vermelhos. Sapatos de bico fino. Conversavam em polonês, ela e grand-mère. Grand-mère *Janka falava em polonês com a senhora, nem sequer uma palavra de francês eu escutei de trás da porta da cozinha, com a bandeja de chá nas mãos. De repente, as duas ficaram tão quietas que pensei que a senhora houvesse partido, e então, pousando a bandeja, deslizei a lingueta da tranca da porta da cozinha vagarosamente e abri uma fresta. Lá estavam elas, a senhora no casaco de homem e com sapatos de bico fino e* grand-mère, *com seu xale e suas pérolas.* Grand-mère *se virou em minha direção, sorriu.*

— Solange, traga o chá, por favor.

Coloquei a bandeja sobre a grande cômoda de carvalho, mantendo-me de costas para elas.

— Devo servir o chá, grand-mère?

— Sim, querida.

— A madame gostaria do seu com açúcar? — perguntei, ainda sem me virar.

— Não, obrigada. Sem açúcar. Mas com um pingo de leite, por favor.

Sua voz débil como a de uma criança, seu francês perfeito. Tentando não olhar, mas querendo vê-la, entreguei-lhe o chá, e, quando ela o recebeu, segurou-o em uma das mãos e, com a outra, tirou o lenço da cabeça.

— Obrigada, Solange. Deixe-me vê-la, querida. Ouvi falar maravilhas a seu respeito.

Ela estendeu a mão livre para mim, palma para cima, e, quando a apertei, ela fechou os dedos em torno dos meus; depois fez menção de soltá-los, gesto do qual pareceu se arrepender, e então os segurou um pouco mais.

— Fico feliz em conhecê-la.

Admirada com seu rosto, de uma beleza estonteante, olhos como os de um cervo, negros e cheios de lágrimas, eu não disse nada, apenas assenti com a cabeça. Fui eu que puxei a mão primeiro. Eu que soltei sua mão da minha. Fui servir o chá a grand-mère *e, quando virei para levá-lo à senhora, vi que ela se fora. Um pacote pequeno, rudemente embrulhado, amarrado com barbante de açougueiro, estava sobre o braço da cadeira que ela ocupara.*

— Aonde ela foi? Quem era ela?

— Uma amiga da família, querida.

Apanhei o pacote, corri até a porta, escancarei-a.

— Madame, madame, seu...

Já a meio caminho da estrada, ela não se virou. Um vento sussurrante fazia tremularem as folhas dos castanheiros, lançando a porta contra as pedras. Ela não se virou, a senhora dos olhos de cervo.

— O que ela veio fazer aqui, grand-mère*?*

— Ela veio porque precisa de ajuda. Nossa ajuda. Sua e minha.

— Minha? Sua e minha?

— Ela propôs uma espécie de trabalho para você, querida. Pediu que você assumisse os cuidados de um bebê. Uma menina, com menos de 1 mês de vida, uma órfã. Propôs que...

— Que essa criança venha viver conosco?

— Não. Nada disso. Ela gostaria que você tomasse conta do bebê em outro lugar. Em um convento. Que você vivesse, como externa, num convento carmelita do sul, perto de Montpellier. Você e o bebê viveriam juntos dentro dessa comunidade carmelita.

— Por quanto tempo? Quando? Não entendo por quê.

— Solange, muitas coisas você não vai entender caso aceite este serviço, esta nova fase em sua vida. Não sei dizer quanto tempo isso duraria. Vou lhe dizer o que sei. Quase tudo que sei. Você vai avaliar a proposta, e decidirá se a aceita ou a recusa. Venha, sente-se aqui comigo.

Ajoelhei-me diante de sua cadeira, tomei suas mãos nas minhas, beijei seus dedos, puxei delicadamente seu rosto para que olhasse para mim. O mesmo azul da asa de uma libélula, os olhos de grand-mère, *um azul derretendo-se em verde, verde margeado de negro, aqueles olhos. Os olhos de Janka. Ela curvou minha cabeça até seu avental e repousou o queixo em meu cabelo, acariciando-o seguidamente com os lábios. Seu modo de falar comigo. Ficamos assim por um bom tempo. Já nos despedindo.*

— A mulher que esteve aqui, digamos que ela é ligada à Igreja em outro país. Ela tem um interesse particular nessa criança órfã, e deseja estar segura de que alguém cuidará dela devotadamente. Por que quis colocá-la nesse convento do sul, ela não revelou. Sobre a razão de ter escolhido você para ser a guardiã e ama da criança, ela disse apenas que ouviu falar de você por meio de um membro da nossa família.

— Alguém na Polônia?

— *Sim.*

— *Quem foi?*

Com seus olhos, grand-mère *disse que não poderia me contar isso. Prosseguiu:*

— *Ela soube do período que você passou no convento em Beaune. Soube que você voltou há pouco para casa. Acredito que foi mais por instinto do que por razão que ela se convenceu do seu valor, e o instinto é o instrumento mais confiável, mais corajoso, creio, quando o assunto é de suma importância. Passamos a confiar menos na razão à medida que envelhecemos, Solange, você aprenderá isso. Haverá tempo para descobrir o quão imprestável pode ser a razão. Pois bem, ela veio até aqui para falar comigo sobre você. Para vê-la, mesmo que fosse por apenas um momento. Acho que foi o suficiente para ela. Ela deixou este pacote como uma espécie de voto de confiança. Um primeiro passo. Para que você guarde e dê à criança quando ela for mais velha. Quando tiver 13 anos, acho que foi o que ela disse. Sim, quando ela tiver 13 anos.*

— *Treze? E ela tem só... a senhora disse que ela tem 1 mês de vida? Está me dizendo que a criança vai ser... que ela deverá permanecer sob os meus cuidados? Para sempre?*

— *Sim. Acho que, enquanto a criança viver, até que ela cresça, viverá sob sua tutela.*

— *Serei como uma mãe para ela?*

— *Como uma mãe.*

— *Mas por que em um convento? Não posso tomar conta dela aqui, com você e* maman *e Chloe e Blanchette? Seria melhor assim. Acabo de deixar um claustro,* grand-mère, *e sei que esse tipo de vida não...*

— *Não será uma vida de freira a que você vai viver. Certamente não a de uma enclausurada. Você e a criança ficarão sob a proteção do convento. Seu*

trabalho será cuidar da menina, criá-la na atmosfera de uma casa religiosa, mas você terá os direitos de uma irmã leiga.

— Nunca ouvi falar de um arranjo desses, e eu...

— Eu sei. Também nunca ouvi falar de algo assim. Uma situação muito singular. Além do alojamento e da alimentação, que serão providenciados pelo convento, você receberá um salário para os gastos adicionais que tiver consigo própria e com a criança. Todos os detalhes foram pensados, Solange, mas nem todos podem ser explicados, ainda mais o suficiente para satisfazer seu rigor. Agora é você quem deve aplicar mais o instinto do que a razão. É sua vez. Não importa o que decida, você vai sofrer. É como as coisas são. Mas agora, neste momento, você está se equilibrando entre duas vidas, e temo que não vá viver nenhuma delas. Diz que não nasceu para a vida de convento, e, no entanto, sinto que tampouco para este mundo. Essa... podemos chamar isso de uma chance rara? Sim. Essa chance rara de ser chamada a Montpellier como irmã leiga, como ama dessa criança, talvez sirva para amenizar sua discordância, se não para protelar o sofrimento. Talvez assim você consiga combinar as duas vidas, sem ter que escolher uma das duas. Talvez isso também apazigue sua culpa, por mais contida que esteja, por ter deixado o convento, ao mesmo tempo oferecendo a si própria certa dose de aventura. Novamente, mesmo que seja uma dose contida. Você viveria apenas o que a atrai na vida religiosa, mas sem abandonar sua liberdade. Era isso, eu sei. A asfixia dos votos definitivos, a promessa inextinguível. Era isso o que você não podia fazer. Era demais para uma menina-moça, não era?

"Além disso, há o destino, Solange. Mais cedo ou mais tarde, fazer as pazes com as Parcas e ser menos só. O que sei mais do que você, o pouco mais que sei, não contarei. Se sua curiosidade é maior do que sua compaixão, essa oferta não é para você. Se precisa saber mais além do fato de que essa criança lhe será confiada, recuse, Solange, envie suas desculpas e volte a colher uvas e

a mexer sopa. E a driblar os ocasionais surtos de lascívia de seu pai. Não é uma vida assim tão ruim por aqui, afinal, ou é?

~

Acostumada com o jeito vago de sua mãe, porém confiando nela implicitamente, maman *falou pouco sobre tudo aquilo. Se Janka sugeria que eu fosse para Montpellier, então seria bom para mim. Foi isso que* maman *me disse enquanto aparávamos, curvadas, as videiras e, sentadas, amarrávamos com cânhamo os feixes.*

— Mas maman*, eu acabei de voltar para casa. Dois anos longe de mim não foram o bastante para a senhora? Não foram punição suficiente?*

Ela não me respondeu. Olhou para mim como se fosse falar, mas então tocou a boca com a mão — como se a fechasse? — e continuou com seu trabalho. Todo esse silêncio. O convento, a fazenda: quase nenhuma diferença além dos sinos. Todos com os lábios selados, mesmo quando falam; especialmente quando falam. Ninguém pode jamais conhecer o outro. Observei maman*, sentei sobre meus calcanhares e fiquei observando-a envolver repetidamente os galhos com os fios de cânhamo, amarrando um nó e cortando a fibra com uma faquinha curva enferrujada, acumulando feixes em seu avental.*

— Vamos para a cozinha, Solange. La joute *para o jantar. Do porão vamos precisar de um repolho, algumas batatas, linguiças, dois grossos pedaços de presunto. Os frangos estão escorrendo na pia do curral. Aqui, pegue um cesto.*

*"*Maman*, devagar,* maman*, olhe para mim", eu queria dizer-lhe, mas não disse. Apenas peguei o cesto sem sequer olhá-la. Ela sabia o que* grand-mère *sabia. Sobre o sofrimento. Será que ela também queria me salvar daquilo e*

por isso, em sua impotência, se sentia embaraçada? Envergonhada? Ela se afastou de mim para que eu a amasse menos. Terá sido isso? Seria um aviso?

— Não me ame tanto, Solange. Mal valho esse amor, mal posso suportar essa sua devoção cega. Que agora está pior do que antes de você ter partido. Sou apenas uma mulher, talvez ainda nem isso seja. Dei à luz três filhas, e ainda estou tentando achar meu caminho. Como posso ajudá-la, se eu mesma sei tão pouco? Não me ame tanto.

Foi isso que maman *me disse em seu acanhamento? Revestiu-se de aço para que mais uma vez pudesse se afastar de mim, e eu dela? Perdoei a senhora,* maman*, por me mandar embora. Por escolher a ele. Mas eu voltara para casa. Estava tudo bem. Ele não se aproximaria de mim,* maman*, e, se o fizesse, eu não teria medo dele. Não teria permitido que me tocasse,* maman.

Mães e filhas. Ciúmes, inveja. Como pode uma mãe sentir ciúmes e inveja da própria filha? O modo como maman *me defendeu aquele dia, bem antes, foi rápido, singular. A noite em que ela seguiu* papa. *Observou-o de costas, posicionada atrás de minha porta. Apenas por uma fresta ela o viu sentar-se em uma cadeira próxima à minha cama. Viu-o ajoelhar-se e, então, curvar a cabeça. Sua boca. Viu como ele deslizava mãos ávidas espalmadas sobre meu corpo. Suas mãos sob a fina colcha azul. Ela o observava, e eu a observava. Enfim, ela escancarou a porta, ficou parada, as mãos agarrando o rosto, sem falar, sem gritar. Parada, como que para se certificar do que vira. Puxando-o pelo cabelo, ela o arrastou para fora. Eu assisti enquanto ela o chutava, empurrava-o pelo estreito e escuro corredor com os pés. Sem que ele oferecesse resistência, ela o chutou no rosto, na virilha, a cada centímetro que avançava pelo chão de pedra. Deixou-o, largado como uma trouxa de roupas, fora do quarto dos dois. Eu o ouvia chorar.*

Mas depois disso, era "Solange, esse vestido já está pequeno em você, pode ser passado para Chloe. Solange, cubra o cabelo à mesa. Solange, isso no seu

rosto é carmim?" Não era a ele, e sim a mim que a senhora vigiava. Não foi a mim, e sim a ele que a senhora escolheu. A senhora o escolheu. Começou a olhá-lo, maman, *como se nenhuma de nós estivesse lá. E quando ambos pensavam que nenhuma de nós* estivesse *lá, você o deixava virá-la contra a parede, puxá-la de costas, enterrar o rosto em sua nuca, separar suas nádegas, pressioná-las com o corpo dele para fazer uma fenda em sua saia com aquela parte dele. Quando vi isso, lembrei-me das suas mãos em uma outra ocasião. Uma vez que eu o vi colhendo um melão no pomar. Ele estava lá na terra apertando-o, amaciando-o, girando-o, abrindo-o, tirando as sementes com os dedos, chupando e mastigando — o suco escorrendo por sua boca, seu queixo —, arremessando para longe o que sobrara. Sabendo que eu o observava, acocorada ali perto, capinando as batatas, ele se virou arreganhando os dentes. "Estava sedento", disse ele. Aquela performance fora dirigida exclusivamente a mim. Eu o odiava, e odiava a senhora ainda mais. Eu a odiava quase tanto quanto a amava. Eu a amo,* maman. *Tentei deixar de amá-la. Às vezes sinto como se fosse mais velha que a senhora. Como se fosse eu a mãe. Aquela que entende. Entendo o que a senhora pensou, que teve a esperança de poder ficar com ele se ao menos eu estivesse longe. Longe de vista. Não foi assim? "Solange,* papa *e eu andamos conversando. Sobre sua vida espiritual, sabe. Sobre seu futuro." E então eu fui. Mas voltei. A senhora queria realmente que eu fosse embora novamente? Continuou a escolhê-lo? E mandará Chloe para longe também? E Blanchette? É assim que vai segurá-lo consigo,* maman*? Não entende que ele já se foi?*

Capítulo 7

Botaréus, arcos e pilares — uma igreja medieval adaptada à Renascença, este é o convento carmelita de St. Hilaire. Antes um celeiro, depois uma fortaleza; passou um ou dois séculos negligenciado, até que seus fragmentos foram reestruturados e formaram uma grande vila ao estilo italiano. Nos últimos quarenta anos, desde sua transformação em casa religiosa, o complexo sempre pareceu aos aldeões algo grotesco, uma ruptura na paz. Vinte e sete noivas de Jesus e sua abadessa rezam, meditam e trabalham no convento propriamente dito, enquanto outras sete cultivam a educação, tanto em termos espirituais quanto seculares, de trinta e seis meninas — entre os 5 e os 17 anos — na escola-dormitório do convento. Aposentado da posição que ocupava em uma paróquia próxima e vivendo sozinho em uma ala remota do convento, o padre jesuíta Philippe celebra a missa diante da congregação feminina todas as manhãs às cinco horas, interpreta e esclarece a doutrina para as irmãs professoras, leciona moralidade às turmas mais avançadas, é confessor, absolvedor de pecados e lendário *vigneron* da propriedade.

~

O inabalável progresso dos dias no convento se inicia quando a irmã Sabine de Toulouse — os olhos avermelhados de sono, os pés descalços e ainda ajustando as saias e os véus sobre sua forma baixa e vacilante — surge no corredor negro como piche das celas das irmãs, às 4h30. Mais parecendo uma dançarina espanhola fantasiada de freira, Sabine lança o braço direito acima da cabeça, rasga a escuridão com os estalos ferozes de castanholas de madeira e, com uma sonora voz masculina, grita:

— *Ave-Maria*. Levantem-se e venerem nossa Mãe e seu Filho.

Na encosta norte do platô situa-se uma aldeia de casas de pedra com telhados vermelhos, altas e estreitas, e erguidas na forma de ferraduras. Aqui vivem os *métayeres*, os meeiros e suas famílias, que trabalham nas vinícolas, nos campos contíguos — tudo terras do convento. Próximo às casas há celeiros para produção de laticínios, estoques de feno, silos, galpões para se fazer vinho, uma destilaria, um salão de reuniões, uma lavanderia, uma cozinha comunal. Uma capela de pedra em tom ocre e um cemitério ligam-se a um pequeno pedaço de terra um pouco mais além, enquanto, no fundo do vale, vê-se um vilarejo maior, junto ao Lez. Suas águas velozes lambem as estreitas margens marrom-avermelhadas do rio, onde velhos pescam e crianças saúdam flotilhas de barcos com folhas no lugar de velas. Aqui há lojas, escritórios, casas e a pequena Igreja de Santa Odila, com sua fachada de mármore vermelho. Um parque público com um carrossel.

Como se a relação entre as carmelitas e Deus fosse assunto particular, os aldeões e os *métayeres* da aldeia raramente são abençoados com a benevolência das santas irmãs que vivem no alto do platô. Seria possível dizer, nesse caso, que a benevolência, em vez de partir de cima para baixo,

é carregada até o alto, empurrada e puxada em vagões e no lombo de mulas pelas estradas de giz branco desde lá de baixo. Caçadores deixam ali pássaros — ainda quentes, as cabeças retorcidas, amontoados dentro de uma bolsa de lona marrom —, coxas de veado e javali, enquanto outros ofertam pequenos peixes de rio ainda respirando, cogumelos e folhagens recém-colhidas, castanhas caídas das árvores, um balde de lata cheio de frutas silvestres. São presentes dos agricultores, muitas vezes pobres, e não estão incluídos na "metade" que cabe ao convento de tudo que é produzido nas fazendas: sacas de juta cheias de farinha e cereais, colocadas reverentemente como relíquias sagradas nas despensas; o leite de cada manhã, obtido de um pequeno rebanho; garrafas de creme de leite; queijos frescos, o soro ainda pingando dos invólucros de tecido; manteiga branca em formas de toras de meio quilo cada; barris de vinho, rolados com cuidado pela prancha de madeira encurvada e salpicada de pingos de tinta, até a escuridão úmida do *chai*. Para complementar a mesa monástica, há também as hortas e árvores frutíferas de dentro do convento, as cabras, ovelhas, galinhas e gansos, e uma gaiola de coelhos. Ainda assim, por algum estranho acaso da natureza, nunca houve — até onde a memória alcança — um instante de suficiência que permitisse às freiras mandar, digamos, uma dúzia de peras ou ameixas no caminho inverso: descendo pela estrada de giz até os aldeões. Um sinal. Há quem diga que a virtude da caridade ainda está por ocupar o alto do platô. Há que se lembrar, entretanto, que para ficar no saguão do convento, ao lado de madre Paul e sua irmandade, na tarde do Dia de Reis, tomando um aguado e tépido chocolate em xícaras amarelas e verdes de faiança, todos estão convidados, aldeões e *métayeres*. Mas já que o preço da entrada para o divertimento é um pequeno envelope branco com o valor do dízimo anual para as missões carmelitas, os que ficam de fora são bem mais numerosos do que aqueles

que participam, tendo em vista que suas próprias missões já apresentam urgência suficiente. Mesmo assim, como os *métayeres*, muitos dos moradores e das irmãs têm em comum o fato de dedicarem suas vidas ao trabalho e à oração, é de se presumir a afinidade entre eles. Todavia, é a *necessidade* que os separa. Quando a pilha de lenha das freiras diminui, elas comunicam aos *métayeres* que devem lhes levar mais. Como fazem também com o vinho. Encomendam carne, lã e botas elegantes e resistentes nas lojas, enquanto os *métayeres* e os aldeões menos prósperos remendam, contam, guardam e economizam. Vivem em privação suas vidas de trabalho e oração. Assim, o convento continua distante da aldeia, cada lugar observando sua própria lei espiritual e seus preceitos culturais, seus rituais marcados hora a hora, dia e ano.

~

Solange vai da despensa até a horta, a fim de colher os vegetais e ervas necessários para o dia, carregando no braço uma cesta funda e oval. Dentro da cesta, sobre uma macia manta de lã azul, Amandine dorme. A jovem caminha rapidamente ao sair da despensa, onde foi buscar a cesta — buscar o bebê — com a irmã Josephine. Josephine, que hoje mais cedo levou Amandine consigo em seu percurso de cela em cela para conferir a roupa de cama da semana, foi à despensa esperar por Solange. Agora, enquanto Solange está na horta, debruçada sobre as cebolas novas e pegando ervilhas com suas mãos ágeis, a irmã Marie-Albert, a mais jovem e menor das freiras, sai da lavanderia carregando uma cesta vazia. Marie-Albert vai até Solange, olha furtivamente em volta, troca a cesta em que está o bebê pela sua, ajeita-a à altura da cintura e — com seu corpo de boneca inclinado pelo peso — dirige-se de volta à lavanderia, cantando uma canção de ninar.

Ajeitando-se para colher batatas, Solange ri para si própria. *Como as irmãs amam a criança, como brigam para ver quem vai segurá-la, quem vai alimentá-la. Eu preferiria dividi-la menos, embora saiba que, ao cumprir as tantas tarefas que o tempo livre me permite assumir, estou menos sujeita ao desdém da madre Paul. Além disso, cada uma delas ajuda Amandine de diferentes formas.*

Solange observa a terra a sua volta, o ar perfumado pelo cheiro dos últimos figos colocados ao sol para desidratar, deixando escorrer o sumo viscoso que enlouquece as abelhas. Mais além do jardim, as frutas agora estão pesadas nas videiras. Por toda parte, as videiras. *Lá em casa as uvas devem estar menos maduras,* pensa ela, *deve faltar ainda um mês para a vendagem.* Père *Philippe gosta de ver que sei tanto sobre o cultivo de uvas, sobre a fabricação de vinho, e por isso me ensina sobre essas castas sulistas: Syrah, Mourvèdre, Grenache, Cinsault, Carignan. Não as uvas de minha Champanhe. Estranho como o que cresce em um dado lugar da terra reflete as pessoas desse lugar. Aqui, as videiras crescem altas e magras, altas e magras como as pessoas. As de Champanhe crescem mais próximas ao chão, grossas, suculentas, rechonchudas. Como os próprios champanheses: rechonchudos e rosados. Placas de xisto empilhadas desordenadamente como muros pelo jardim, repolhos esparramados e feijões em treliças formando canteiros ornamentados em linhas retas, pés de lavanda cercando as ervas, um pedaço de terra com abóboras gordas e um campo de feno recém-ceifado. Girassóis. E, então, as videiras. Sobreiros em fila, suas folhas, de um mármore um tanto avermelhado, debruçam-se sobre o côncavo leito do rio, estreito como um caminho de cabras. Como cheira bem essa terra do sul; cheira a milho e ovelhas e argila. Uma melancolia mais antiga, lavada pelo sol. Esta parte do sul. Gosto daqui. Os dias passam sem que eu pense em minha casa, sem que eu pense neles. Incluo seus nomes em minhas orações como se fizessem parte de*

meu passado e não mais estivessem ali, a meros dois dias de viagem de trem. Não sinto falta deles. Ou é só dela que não sinto falta? Maman. *Ou será que sinto falta dela até demais?*

Philippe, que estava trabalhando num canto distante da horta, aproxima-se dela, empurra para trás o velho chapéu de palha e limpa as mãos no avental, deixando que as manchas de lama se misturem aos pingos de vinho e às nódoas de molhos. Ele a cumprimenta com um aceno de cabeça. Sorri.

— *Bonjour,* Solange.

— *Bonjour, père* Philippe.

De seu posto à janela da capela, madre Paul observa esse cumprimento cheio de cumplicidade, assim como viu a última troca de cestas. Agarrando as contas do rosário que pende de seu cinto, ela medita.

Até Philippe se juntou a elas. A esse jogo infantil. Uma corrida de revezamento, o bastão é a criança. Elas sabem que eu sei. Tanto esprit de corps*, todas elas, sem exceção, e nenhuma palavra ou ameaça é capaz de fazê-las parar com essa brincadeira de casinha, carregando-a por aí, posse preciosa, murmurando, arrulhando. Parecem galinhas lunáticas. E Philippe mal consegue conter a alegria com a tática delas.* Imbécile ancien. *Foi o querido Fabrice, bastou uma única visita de Sua Eminência, de minha própria Eminência, para toda e qualquer regra virar pó.*

— Ah, deixe-me vê-la. Deixe-me ver nossa bebezinha — disse ele.

Como se carregando seu buquê de rosas ao vencer um concurso de beleza, Solange desceu vagarosamente as escadas, levando-a até ele. Em vez de só olhar para a criança, ele a tomou nos braços — um velho e corado tio —, andou com ela por todo o salão, de um lado a outro, pressionou-a contra o peito, declarou-a "Jolie. Jolie agneau de Dieu".*

Ele pediu que todas da casa se reunissem e, ainda a segurá-la, que se

ajoelhassem para poder abençoá-las, abençoar a ela.

— Lembrem-se, minhas caras: trabalho, oração e meditação. E, agora, um ministério dividido com esta criança sem mãe. Será um favor que prestam diretamente a mim cada vez que mostrarem a ela seu amor. Mantenham-na entre vocês, mesmo no réfectoire, *na capela, durante o trabalho vespertino. Com* père *Philippe e madre Paul como seus exemplos, tratem-na como uma dádiva rara e ensinem a ela os caminhos de nossa vida sagrada.*

Uma dádiva rara, ah, sim, *pensei naquele momento. Bem rara. Imagino quanto dinheiro que essa coisinha representa. O suficiente para comprar mais terra? Mais um* château, *um castelo que ele possa decorar de acordo com seu gosto rebuscado, no mínimo para isso. Para manter os caminhos de nossa vida sagrada.*

*Eu as ouvi então, todas de olhos baixos, ouvi o coletivo "*Mais oui, Votre Eminence*"**, enquanto ele se afastava, gingando. Querido Fabrice.*

Agora, depois de tantos meses, eles ainda jogam seu jogo, ainda fingem que a criança fica nos aposentos — embalada, alimentada e isolada, como eu instruí — enquanto Solange faz seu trabalho. A criança nunca ficou mais do que três segundos sem que aparecesse uma ou outra. Elas mantêm a farsa para não me humilhar. Deixe estar, Annick, *digo a mim mesma.* Dê ouvidos a Philippe, *digo.* Tente dar ouvidos a Philippe. Você está velha demais, Annick que se tornou irmã Paul, madre Paul, cansada demais de enredos muito mais complicados que esse.

Nota:

**Jolie. Jolie agneau de Dieu.*: "Belo. Belo cordeiro de Deus", em francês no original.

***Mais oui, Votre Eminence*: "Pois não, Vossa Eminência", em francês no original.

Capítulo 8

Uma boneca de porcelana imperfeita. Ela não é bela; entretanto, todas as partes erradas formam um conjunto esplêndido. Outra forma de encanto, duradoura, creio, para além do tipo perfeito. Gavinhas azul-claras aparecem sob a pele diáfana de sua pequena e pontudinha face, e grossos cachos negros em formato de coque fazem parte da moldura para seus olhos tão solenes. Grandes, negros e solenes olhos, ela os fecha, cambaleia ou senta-se ou se deita, de braços abertos, e espera para ser abraçada pelas irmãs, por Philippe. Quando madre Paul está por perto, Amandine corre até ela, tenta abraçar seus tornozelos, fascinada pelo seu adereço de cabeça, creio, e levanta os braços para a velha freira, pedindo por ela silenciosamente, mas Paul, mal interrompendo seus passos, consente apenas em um "Bonjour, Amandine". *Amandine baixa os braços, ergue os olhos para ela, inclina a cabeça, acena, quase acena com a cabeça, só o suficiente para dizer*: "Entendo. Sei." *De alguma forma ela sabe.*

Ah, como você cresce, pequena. Cento e vinte gramas só este mês, quase 1 ano de vida e rechonchuda como uma pomba. Uma pomba pequena, talvez.

Jean-Baptiste, meu querido Jean-Baptiste, tão devotado a você. Toda sexta-feira às 10 horas ele ausculta seu coração, cutuca seu peito com os dedos, avalia a cor da sua pele sob a lâmpada, leva você até a janela para ver melhor a tonalidade, apalpa a carne de suas pernas à procura de inchaços, a elevação pulsante de seu abdômen. Olha dentro de seus olhos com sua luz. Ele então a segura, diz-lhe como é linda e a passa para mim, sempre repetindo suas instruções, para que eu feche sua camisa de baixo e vista suas compridas meias de tricô cor-de-rosa.

— Mantenha-a aquecida. Mantenha-a longe de qualquer um que esteja doente. Mesmo que seja só um resfriado, afaste-a. Alimente-a quando estiver com fome, com a frequência que ela desejar, mas nunca a force a comer ou beber. Ar fresco duas horas por dia, três se possível. A qualquer sinal de que sua respiração esteja difícil, mande me chamar imediatamente. A madre sabe como e onde me encontrar.

— E a cirurgia? Quando será?

— Não sei ainda, Solange. Em breve vamos levá-la para ser vista novamente por Lucien Nitchmann. Ele atenderá os pacientes de Montpellier no próximo mês. Saberemos mais nessa época.

Nossas conversas são sempre as mesmas. Mas posso ver que ele fica menos preocupado quando a vê, a examina. Os músculos de seu maxilar não se projetam tanto. Enquanto visto Amandine, observo a forma que tomam os rabiscos de sua tinta marrom pela folha do registro médico dela. Aparente compensação da insuficiência cardíaca congênita; defeito no átrio septal se fechando; aumento de peso dentro dos limites do baixo-normal.

Repito as palavras por vezes e mais vezes enquanto volto para nossos aposentos, e Amandine dá risadinhas, pensando que é uma nova música que estou cantando para ela. Coloco-a em seu berço, sento-me à escrivaninha e anoto as palavras o máximo que consigo me lembrar, o melhor que consigo

escrevê-las. Quando for à aldeia, vou passar na bibliothèque communale, *vou folhear ansiosamente as enciclopédias médicas. Quantas vezes já fiz isso? Sempre juro que será a última, já que a única coisa que consigo com isso é aumentar meu medo e não minha compreensão. É melhor olhar nos olhos de Jean-Baptiste do que encarar as letras ameaçadoras dos livros. Melhor ainda é olhar nos olhos de Amandine. Sim, em seus olhos, querida. Feliz aniversário, minha doce criança. Feliz primeiro aniversário, Amandine.*

~

A maior parte das irmãs agora passa sua recreação vespertina no que passou a ser conhecido como a sala de visitas de Philippe, e eu gosto disso. Mesmo durante o verão, ele mantém a lareira acesa. Depois das orações da tarde e do jantar, depois que as meninas do convento e as irmãs professoras voltam aos seus dormitórios, começa o que aparenta ser quase uma agitação entre o restante de nós — como uma família cujas visitas finalmente foram embora — para chegar à próxima parte da noite. Algumas vão pegar um livro; outras, suas bolsas de trabalho; e se arrumam no cômodo, todo iluminado por velas. Philippe já está instalado em sua cadeira de veludo negro e espaldar alto quando chego, trazendo Amandine. Estendendo os braços ou agitando as mãos no ar como se estivesse abanando fogo, de tão ansiosa que está para ir com ele, ela prende a respiração até estar em seus braços. Madre Paul, também ela, aproxima-se do fogo. Não no espírito de uma família que se reúne para aliviar as feridas do dia, mas para estragar nossa felicidade. No entanto, é cada vez menor o triunfo de Paul enquanto Philippe a faz rir alto e você balança os braços e pernas quando ele a levanta, de barriga para baixo: um carneirinho se contorcendo sobre o ombro dele. Ele dança com você pela sala. Então, faces coladas, ele a acaricia com o nariz — sua pele macia contra a aspereza da

dele —, e você, adorando o carinho, aperta o rosto junto ao dele e fica quieta, de olhos fechados, como se fosse consertá-lo com sua imobilidade. Ele tira algumas cerejas do bolso do avental, mergulha uma no copinho de Armagnac que o espera na mesa ao lado de sua cadeira e, pelo cabo, leva a fruta, pingando, à sua boca, apenas a tocando. Você lambe os lábios umedecidos pela cereja; esperta, lambe-os de novo. Philippe diz que sua boca é "igual a uma cerejinha". Você agita os braços de novo como se pedisse por mais uma gota da deliciosa coisa amarelo-âmbar, e ele repete o gesto. As irmãs dão risadinhas, instigam-na a lamber mais uma vez a cereja, ignorando o pigarrear de Paul, um esforço em vão de arruinar a brincadeira.

E quando Philippe a pousa no tapetinho azul ao lado de sua cadeira, senta e abre seu livro, você se satisfaz em ficar deitada de bruços olhando para ele, suas omoplatas despontando por sob o tecido branco de sua camisola. Ele lê e você se acalma, sobre seu pequeno mar azul, quieta, salvo algum murmúrio ou risinho ou o som intermitente de você, para aliviar as gengivas doloridas, chupando o metal frio do crucifixo que pende do cinto dele.

~

Eu estava certa sobre você, Amandine. Naquele primeiro dia em que a peguei nos braços, eu disse à madre Paul que você quase nunca choraria. Você raramente fica brava ou contrariada. O que, no entanto, me deixa temerosa. Mesmo quando tropeça no jardim ou quando Baptiste fura seu braço para tirar sangue todo mês, você contém os soluços. Fechando com força os olhos, as lágrimas correndo, a boca aberta para gritar, você não faz barulho algum. Chore, Amandine, grite, eu lhe imploro; coloque tudo para fora. Eu a sacudo em meus braços, como se o movimento rude fosse arrancar o som engasgado aí dentro, mas não. Esse grito sem voz me aterroriza. Sua aflição não é como a de

uma criança que pede ajuda, mas daquela que sabe que está só. Você não está só. Está me ouvindo, criança? Você não está só. Estou aqui com você, sempre estarei aqui com você.

~

Nas horas em que Solange e Amandine se resguardam em seus quartos, elas ficam serenas juntas, uma jovem mãe com a filha a crescer. Solange canta para Amandine enquanto a banha; prepara ao fogão pequenas refeições para ela, como suplemento para os bons pudins, cereais e papinhas que as irmãs da cozinha fazem. Ela tenta a criança com uma fina fatia de presunto rosado, colocado para fritar numa pequena frigideira junto com um ovo. Algumas vezes com figos, torrados sobre as brasas até ficarem macios e quentes, depois salpicados com açúcar mascavo e banhados em creme, e, às vezes, muitas vezes, com maçãs cozidas em uma panela de cobre com uma raspa de manteiga branca. Ela coloca um tablete de um denso chocolate ao leite perto do fogo, para amolecer, e o dá a Amandine em uma colherzinha de prata. Quando Solange se senta com Amandine no colo para ler para ela, a criança fecha o livro e coloca a mão perto da boca de Solange, avisando que prefere as histórias que ela inventa.

No segundo aniversário da menina, Philippe lhe dá de presente um rosário em miniatura, feito de pérolas bem pequeninas. Certa noite, tendo a corrente de contas em suas mãos de bebê, ela se agacha ou tenta se ajoelhar com Solange, observando-a com seriedade, imitando o movimento dos dedos de Solange, ecoando os repetitivos sons de devoção.

Apesar de caminhar graciosamente e com perfeito equilíbrio, Amandine prefere imitar o modo brusco de andar de Philippe, acompanhando o movimento com sons alarmantemente parecidos com os

dele, ruídos sôfregos por falta de fôlego. Tão perfeita ela é em sua imitação que Solange, da primeira vez que viu, mandou buscar Baptiste.

Amandine chama as irmãs por seus nomes, dirige-se a Paul como madre e a Philippe como *père*, da mesma forma que os outros fazem, e, apesar de sua gagueira e ceceio parecerem, a todos os outros, normais para uma criança, Paul os proclama sinais do diabo. Philippe diz a ela:

— Todos, neste lar, já entenderam que a presença da criança é o seu fardo, Paul. Agora você fará com que a criança também o entenda? Em quem é mesmo que o diabo habita, então?

Capítulo 9

— *Amandine, doucement, doucement*. Segure minha mão, não corra. Você não pode correr. Amandine, pare já e olhe para mim. Você sabe que não pode correr. E eu não posso pegá-la agora, não está vendo esse monte de coisas no meu outro braço? Segure minha mão, ande devagar. O padre vai esperá-la. Está bem, pode ir sozinha agora.

Philippe estende os braços quando a menina de 2 anos — voluntariosa contra as regras — corre para ele a uma velocidade surpreendente, guinchando seu nome. Inclinando-se para pegá-la, ele a segura contra si, levanta-se e sai balançando-a a seu modo desajeitado. Querido Philippe. Seu grande nariz gaulês, resplandecente característica de um abade de Languedoc, sua batina adejando, o comprido cachecol preto enrolado no pescoço mesmo no verão, a ponta caindo por sua corcunda — como parece impetuoso serpeando o jardim com um ar cerimonioso, por entre as videiras, cabeça baixa, rondando sob o sol do sul como se em uma empreitada crucial. E como veio tarde sua musa. Sibilante, lívida e idolatrada.

Pela grama alta e ressecada, os três caminham rumo à beira do riacho, até uma macia e terrosa elevação que se vê sob uma nogueira. Solange improvisa um leito para Amandine com uma colcha e pega uma almofada para Philippe. Dispensando a colcha, Amandine sobe nos braços de Philippe, ali é que é seu lugar. Solange abre três pequenos embrulhos de papel — grossas fatias de pão preto besuntadas com manteiga e geleia de maçã. Como faz todas as tardes, Philippe cai no sono enquanto conta uma história para Amandine, e ela continua a mastigar silenciosamente o finalzinho do pão. Até que também fecha os olhos e força um ronco como o de Philippe. A grama se agita como saias marrons balançando ao vento, e, ao lado, ambos estão deitados. Solange cobre a dupla adormecida e volta para o convento. Virá acordá-los antes da oração de Vésperas.

~

Quando ela está com 3 anos, as tarefas que Solange divide com as irmãs para cuidar de Amandine formaram seus próprios ritos e rituais. Há um lugar preparado para a criança em todos os cantos do convento, de tal modo que, por exemplo, quando ela está sob o cuidado das irmãs da cozinha, é colocada ao lado da mesa de trabalho, em um banco almofadado. Recebendo um pedacinho de massa de pão ou de torta, ela trabalha junto com as outras, abrindo, dando forma, tagarelando. É numa velha poltrona, colocada na lavanderia, que ela tira seu cochilo ao fim de cada manhã, enquanto Marie-Albert passa panos de prato listrados de amarelo ou pesadas anáguas de algodão por um espremedor de roupas e os joga em uma cesta. O som conforta Amandine, e, caso Marie-Albert interrompa seu trabalho por um momento, a criança se ergue, apressa-a a seguir com sua tarefa e se ajeita novamente. Às segundas e terças-feiras,

Marie-Albert lava os lençóis das camas estreitas das celas das irmãs e os pendura, esticados e alisados, nas cordas, com pregadores de madeira. Presas por roldanas, as cordas formam um quadrado, no meio do qual Amandine gosta de se sentar, dentro daquela casinha úmida e sem teto cujas paredes brancas se balançam ao vento, cheirando a alvejante. Marie-Albert, obedecendo à regra da casa de que todas as roupas de baixo devem ser penduradas fora da vista de qualquer passante em potencial, prega os sutiãs e as calçolas brancas das irmãs em outro varal, montado dentro da casinha de lençóis. E já que, aparentemente, muitas das irmãs mais jovens menstruam mais ou menos ao mesmo tempo, a cada mês há uma longa fila de calçolas flutuando sonhadoramente no varal. Amandine pergunta a Marie-Albert por que as próprias calçolas não são penduradas ali, e a partir de então, em vez de lavar e secar as peças da criança em seus aposentos, Solange começa a levá-las para a lavanderia. Quando Paul vê pela primeira vez as roupas de baixo das irmãs, junto com as suas próprias e as de Philippe — estas mais longas e maiores —, tremulando ao lado das pequeninas e rendadas de Amandine, ela alcança seu lenço e o leva à boca.

Amandine se delicia ao ar livre. Perambula por toda parte, tocando, cheirando e inspecionando, com Solange ou alguma outra irmã por perto mas não perto demais. Escrutina o ninho de uma andorinha, abatido pelo vento e caído nos canteiros de ervas, e frequentemente fofoca com os pássaros, parada sob algum galho onde eles se empoleiram, balançando suas cabeças e gorjeando. Ela lhes responde. E eles, a ela. Violetas crescem nos sulcos sob as videiras, e, uma a uma, ela as colhe — só as mais escuras servem. Alinhando os talos finos como gaze na palma de sua mãozinha trêmula, a menina leva as flores colhidas para Solange, para que ela as amarre com uma folha de grama da campina. Enrola uma, duas vezes, um laço de um lado só, e pronto. Com o nariz amarelado de tanto mergulhá-lo

entre flores silvestres, os cachos suados de seu cabelo entremeados por folhas, as bochechas vermelhas pelo esforço empreendido na colheita, ela está satisfeita. *Pour madre*, diz ela a Solange.

~

Nas manhãs de sábado, Solange leva a criança em seu aprumado carrinho pela íngreme estrada branca de giz até a vila, as lojas, o parque, a biblioteca. Em toda parte aonde vão, recebem afetuosos e curiosos cumprimentos. A órfã entregue ao St. Hilaire há alguns anos num Packard, aquele pequeno ser antecedido por uma quantidade de possessões dignas de uma corte real, sua pequena alma batizada pelo próprio bispo. Sim, esta Amandine, uma menininha tão radiante e corada, acompanhada dessa bela e jovem *champenoise* que olha por ela com tanto amor, causa um leve furor entre os aldeões.

— *Ah*, mademoiselle *Solange*. *Deixe-nos dar uma olhada na querida Amandine*. *Um macaron de pistache para seu* goûter*? Aqui, sim, pode pegar para o lanche, é seu*. *Que lindos olhos tem essa menininha*. *Sim, um metro de lã cor-de-rosa dará um belo casaquinho de primavera com capuz*. *Meias-calças de algodão, três pares*. *Uma caixa de sabonetes em formato de estrela, de Marselha, um frasco de óleo de amêndoas*. *Seu primeiro par de botas, consegue fechá-las? Isso mesmo, assim*. *E a senhorita*, mademoiselle *Solange, como nosso doce ar sulista lhe faz bem!* Au revoir. Au revoir.

Capítulo 10

Num certo final de manhã em abril, Baptiste realizara os exames mensais em Amandine. O consultor-especialista, Nitchmann, também participara, como fazia duas vezes ao ano. Quando terminaram, os dois médicos transferiram-na para os cuidados de Solange, para que limpasse a gelatina de petróleo do pequenino peito de Amandine, onde as ventosas dos fios do cardiógrafo haviam sido coladas, e para que a vestisse, liberando-a para brincar com o xilofone que Baptiste deixava guardado para ela na última gaveta de sua escrivaninha. Os doutores, então, saíram para caminhar no jardim.

Solange achou que eles estavam demorando demais lá fora, e imaginou — *como estavam sérios, como estavam silenciosos* — que devia ser grave o que haviam encontrado. Apesar de Baptiste ter sido sempre pouco conclusivo em seu prognóstico, frugal em sua esperança, Solange começara a acreditar que um milagre tornaria a cirurgia desnecessária. Amandine tocava o xilofone, Solange andava nervosamente de lá para cá, permitindo-se um relance de olhos em direção ao jardim toda vez que passava pela

janela. Finalmente, os dois voltaram. Sentaram-se um tanto rígidos, Baptiste à sua mesa, Nitchmann numa cadeira ao lado de Solange.

— Amandine, por favor, ponha isso de lado agora e venha se sentar comigo, conosco — disse Solange.

Silenciosamente, Amandine obedeceu.

Baptiste foi quem falou primeiro:

— Bem, minhas queridas. O Dr. Nitchmann e eu estávamos discutindo sobre seu presente de aniversário, Amandine, e gostaríamos de saber se você desejaria algo em especial. Afinal de contas, um quinto aniversário é um marco e tanto.

Enquanto Baptiste levava Amandine ao jardim, para que ela lhe mostrasse em qual árvore gostaria que fosse instalado seu novo balanço, Nitchmann sentou-se com Solange. Ele lhe disse:

— As imperfeições em seu coração permanecem. No entanto, o coração em si funciona *normalmente*. Dentro dos limites normais. Permita-me dizer de outro modo: o coração de Amandine *subjugou* seus defeitos congênitos. Superou-os. *Parece que o coração dela superou as imperfeições*. Não é que eu nunca tenha visto esse tipo de compensação, pois já vi. Mas admito que, antes, não esperava que Amandine viesse a ser um desses *fois insolites*, desses casos raros. E o que significa isso? Que você pode, lentamente, permitir que ela intensifique suas atividades. Mas mantenha-se alerta aos sinais de desgaste. Você os conhece muito bem. É claro que continuaremos a examiná-la com a mesma frequência, contudo, é hora de ela começar a viver mais como a criança saudável que aparenta ser.

~

Alguns dias depois, Solange e Amandine estão sentadas no parque,

observando as crianças brincarem. Habituada à prudência, Amandine se satisfaz em ser plateia, ficar sentada de pernas cruzadas na grama, aplaudindo alegremente o espetáculo. Solange pergunta-lhe:

— Querida, quer se juntar àquelas meninas na casinha?

— Eu? Mas eu não posso, você sabe.

— Não tem problema. Baptiste disse que não há problema. Desde que você não corra demais. Você sabe. Contanto que vá com calma, no início. Pode ir.

Amandine se levanta, alisa sua saia xadrez, ajeita uma de suas meias amarelas, que desceu, olha incerta para Solange.

— Você vai ficar aqui, bem aqui?

— Sim, aqui mesmo. Vá. Pode ir. Ficarei aqui esperando por você. Confie em mim.

Amandine concorda com a cabeça, vira-se, começa a andar, depois se vira de volta.

— Mas e se você *não* estiver aqui quando eu voltar?

— Eu estarei aqui.

— É isso que quer dizer *confiar*?

— Sim.

Ela vai de novo, depois volta mais uma vez.

— Existem pessoas que dizem que vão ficar, mas não ficam?

— Sim.

— E qual o nome disso?

— Quebra de confiança.

Amandine fica parada. Fecha os olhos por um instante.

— Dá pra consertar? Se foi quebrada, a confiança dá pra consertar?

— Depende do quanto foi quebrada. Agora vá. Está quase na hora de voltarmos para o convento.

Capítulo 11

— Madre, vim lhe pedir permissão para começar a levar Amandine para almoçar no réfectoire. Creio que ela se beneficiaria da convivência com as outras crianças.

Sentada à sua escrivaninha, as mãos cheias de papéis, madre Paul levanta os olhos de seu trabalho enquanto Solange fala. Ela para, considera o pedido em suas bases racionais.

— Como você imagina que uma criança de 5 anos pode se *beneficiar* da convivência com trinta e seis pestinhas mimadas? Esta casa já vive em função dela, não é suficiente? Vai fazer com que se sinta ainda mais valorizada por uma plateia maior que esta?

— Ela mesma se juntará a esse corpo de "pestinhas mimadas" ano que vem, e eu estava pensando que talvez fosse bom para ela ser apresentada, aos poucos, a essa nova etapa de sua vida. Até alguns meses atrás, ela esteve muito pouco exposta às outras crianças. Mas agora que ela... Quer dizer, desde que Baptiste permitiu que aumentássemos o ritmo de suas atividades, ela fez amiguinhas no parque e se tornou até bastante sociável.

Certamente ela iria gostar de dividir a mesa com outras meninas, e...

— Você ainda não compreendeu que não me diz respeito o que ela vai gostar ou não. Ela não é uma aluna da escola, portanto, não tem acesso ao refeitório. Simples assim. Pedido negado, irmã.

Estando o assunto encerrado, a madre volta a mexer em seus papéis. Pega a caneta. Solange permanece em silêncio, mas não faz menção de sair. Mais uma vez, Paul ergue o olhar para Solange, que parece concentrada em puxar um fio solto de seu avental. Em um tom menos ríspido, Paul acrescenta:

— Estou fazendo um favor a você ao recusar esse pedido. Amandine é... ela é *diferente*, e as meninas de meu convento vão perceber isso no primeiro momento em que estiverem com ela. Permita que ela se satisfaça com suas ocupações diletantes. As aulas de piano, os desenhos. Ela deveria até deixar de lado as aulas de elocução, essa tentativa inútil de controlar aquela marca do demônio, aquele defeito na fala. — Nesta última frase, ela retoma a imperiosidade.

— Madre, eu...

— Devo dizer que você fez bem em começar a treiná-la em tarefas mais domésticas, colocando-a por exemplo de manhã no banco da cozinha para sovar uma massa ou mexer um pudim. Virou parte do ritual diário, não? Dar comida aos gansos, aos coelhos, às cabras, passear pelo jardim à procura de seu adorado Philippe. Assim como vesti-la como uma *maquette*, naquela réplica blasfema de nossos hábitos, também parece agradá-la imensamente.

— Amandine pediu um "vestido como o de *père* Philippe", e a irmã Josephine fez um para ela com o que sobrou da barra do hábito de Marie-Albert. Não foi mal algum, madre.

— Não, mal algum. Apesar de sua indulgência, admito que ela

permanece até bastante reservada. Suspeito de que a criança está mais resignada ao próprio destino do que você, Solange.

— E qual seria o destino dela, madre?

— O de viver à parte.

— Não finjo, nem para mim, nem para Amandine, que ela é igual às outras crianças. Sua saúde, suas *circunstâncias*... Mas acho que algumas das meninas mais velhas podem apoiá-la, podem estar dispostas a ajudá-la nos seus primeiros dias na escola, no ano que vem. As de 5 ou 6 anos vão estar preocupadas demais com a própria adaptação, ou ignorarão Amandine ou a irritarão, como os pequenos fazem entre si, então achei que as mais velhas pudessem...

— Que presunção a sua, Solange, de pensar que pode antecipar e adiar a dor da criança. Admito que ela dificilmente estará preparada para começar na escola, mas isso é culpa sua. Por ser tão coruja com ela, você e os outros. E agora quer que as coleguinhas dela façam o mesmo?

— Madre, só estou pedindo que ela possa se sentar conosco. Ela tem idade suficiente agora, sabe se comportar à mesa, está começando a aprender os bons modos.

Paul se ocupa com a pilha de papéis, batendo-a na mesa para alinhar as beiradas, e outra vez e mais outra.

— Por que você se dá o trabalho de pedir permissão para isso? Para qualquer coisa, aliás? *Sua Eminência* já...

— Respeito, madre. Meu respeito pela senhora.

— Sim. Consideração por cortesia. Sua cortês consideração ante minha impassividade. Com a carta branca do bispo na mão, poderia ter escarnecido de mim.

— Posso me sentar, madre?

— Sim, sim, pode sentar-se.

— Houve momentos em que a senhora me tentou a ser rude, madre, e acredito que, sem *père* Philippe e as outras para me conter, eu teria discutido com a senhora, mas veja, nenhum de nós acredita que seu coração seja de pedra...

— Permiti que você apenas se sentasse, Solange. A cadeira não é um convite para um *tête-à-tête*, menos ainda para um diálogo sobre o material de que é feito meu coração. Nunca confunda minhas dissimulações ocasionais com um enfraquecimento de minha contrariedade à sua presença aqui. À sua e à dela. Se você deseja levar a criança ao refeitório, pode fazê-lo. Uma vez por semana.

— Obrigada, madre. Posso escolher as sextas-feiras?

— As sextas. Pode ir agora, Solange.

— Sabe o que Amandine pensa, madre? Ela pensa que *a senhora* é a mãe dela.

Madre Paul ergue os olhos de súbito, começa a dizer algo, mas Solange logo a interrompe:

— Sim, é verdade. Ontem, quando a levei ao parque, duas menininhas que nunca havíamos visto antes se aproximaram. Uma delas disse a Amandine: "Venha brincar com a gente. Pergunte a sua mãe se você pode vir andar no carrossel, perto do lago. Qual é o seu nome?"

"As meninas então olharam para mim, esperando uma resposta. E Amandine disse: 'Meu nome é Amandine, mas ela não é minha mãe. Ela é minha irmã. Minha mãe está em casa, com as outras. Minhas outras irmãs. Vou perguntar à minha mãe sobre o carrossel. Solange, podemos ir perguntar à madre se eu posso ir ao carrossel? O que é um carrossel, Solange?'

"As garotinhas começaram a rir e correram para suas próprias mães, que estavam sentadas, observando-as, em um banco ali perto. As crianças

apontavam para Amandine e sussurravam, e riam, e diziam a suas mães que aquela menina ali não sabia o que era um carrossel. Peguei-a no colo, mas ela lutou para se soltar e, vermelha de vergonha, saiu correndo. Fui atrás dela e peguei sua mão. Enquanto andávamos, expliquei a ela sobre o carrossel, sobre os cavalinhos que galopam em círculos numa viagem sem fim ao som de 'Elle descend de la montagne', e prometi que em breve a levaria para andar em um cavalinho branco com a sela prateada, como o da música. E então eu pedi a ela: 'Amandine, me fale sobre sua mãe.'

"'*Elle est fou*. Você é tão boba, Solange, de me perguntar sobre minha mãe, já que ela também é sua mãe. E de Marie-Albert e de Josephine. E de Marie-France e de Jacqueline e de Suzette. A madre é a mãe de todas as minhas irmãs, assim como *père* Philippe é nosso pai. Mas ande logo, para que possamos perguntar à madre sobre o carrossel. *Solange*, *Solange*, *vite*, *vite*. Quero muito andar num cavalinho branco.'

"Claro que eu não disse nada. A noção dela parece legítima, não? Todos vivemos na mesma casa, rezamos e trabalhamos juntos, todas chamamos a senhora de *madre*, todas chamamos Philippe de *père*. Fiquei chocada comigo mesma, quero dizer, por não ter pensado que ela chegaria a essa conclusão. Isso é..."

— Um absurdo que pode ser facilmente esclarecido. Ela é precoce. Está na hora, talvez até seja tarde, de você, ou todos nós, começar a, em conjunto, explicar a ela, cada um do seu próprio modo, que ela não tem pais. Que é órfã. Sim, devemos começar. Sugiro que você comece, e nós daremos continuidade ao processo. E agora, por favor, deixe-me a sós, Solange.

Solange não se levanta, não faz uma reverência; pelo contrário, se mantém sentada calmamente, olhando para a madre, que pega a caneta, começa a escrever, a mão inclinada volteando a página de forma segura e

rápida.

— Por favor, deixe-me a sós, Solange. — Agora é uma ordem.

Solange continua sentada.

— Madre, decidi contar a verdade a Amandine.

A caneta ainda na mão, Paul levanta a cabeça.

— Que verdade?

— Que ela tem uma mãe, mas... que sua mãe não pôde...

— E em que fantasia você se baseou, filha?

— Não acredito na história que a senhora me contou. Que seus pais morreram dias depois de ela ter nascido. Sem mais informações, explicações mais concretas, mais detalhes e provas, não posso acreditar nisso e, portanto, não posso pedir a Amandine que acredite. Não tentarei convencê-la daquilo de que eu mesma não estou convencida.

— E do que você *está* convencida?

— De que, para uma criança, não conhecer a mãe, mas esperar um dia conhecê-la, é muito mais fácil de digerir do que saber que a mãe morreu. Especialmente quando ninguém tem certeza de que ela realmente morreu. A senhora não tem certeza, tem, madre?

Madre Paul fica em silêncio.

— É isso que acredito ser melhor para Amandine, madre. Direi a ela que seus pais, ou ao menos sua mãe, direi que ela está viva. Direi que não sei quem são seus pais ou onde estão, nem exatamente por que a deixaram aqui conosco, com a senhora. Direi a ela que um dia sua mãe virá para levá-la de volta para casa.

— Você daria esperanças a essa criança? Crueldade é algo que eu não esperava de você. É melhor que diga que é você a mãe dela. Sempre pensei que, caso ela vivesse o bastante para perguntar sobre sua ascendência, que você deveria assumir a maternidade. Bastante natural, não acha? E mais

verdadeiro do que sua fantasia, já que a maternidade se baseia mais em fidelidade do que em sangue. Você, sem dúvida, tem sido fiel a ela, Solange.

— Eu considerei a ideia de dizer a ela que sou sua mãe. Admito. E se tivesse certeza de que sua mãe verdadeira nunca viria se apresentar para reivindicá-la, seria isso que eu faria. Mas, nessas condições, não seria justo nem com Amandine, nem com sua mãe.

— Condições? Não há condições. Amandine jamais conhecerá seus pais. Sua mãe. Vivos ou mortos, nem *eu* sei em que situação eles se encontram. O que *eu sei* é que Amandine não existe para eles.

Paul desvia o olhar. Consigo mesma, ela diz: *Em suma, a criança deixará de existir no momento em que a senhora deixar esta sala*. Ela se volta novamente para Solange.

— Sim, acho que foram essas as minhas palavras.

— Perdão, madre. Suas palavras?

— Esteja certa disto, Solange: de que a vida dessa criança começou no dia em que ela foi trazida até aqui. Abandonada aqui. Esteja certa disso e poupe a si mesma e à criança parte do sofrimento já reservado a ela. Admito a estranheza disso, mas é toda a verdade que conhecemos.

— A senhora pensou que ela fosse morrer, não foi, madre? A senhora e o bispo pensaram que seria por algumas semanas, alguns meses, e que então ela partiria. Foi aceita quase como um investimento em curto prazo, entendo isso.

— Entende, é?

— Creio que sim. Entendo o suficiente.

— E o que é que você propõe que seja feito, caso essa criança... caso ela...

— Cresça? É isso que está perguntando? Não é tão difícil de imaginar.

Uma vez que sua educação esteja completa, eu a ajudarei a encontrar seu caminho, seja o de continuar com uma formação superior, *se* isso parecer o melhor, seja o de fazer seus votos, caso ela se sinta inclinada a isso; eu a ajudarei a fazer um bom trabalho lá fora, no mundo. Eu a ajudaria, a guiaria o melhor que pudesse. Certamente, a senhora também ajudaria, madre.

— Ela não é minha obrigação.

— Não. Não é sua obrigação. Mas sua humilhação. É assim que a trata, madre, e, no entanto, veja, a senhora *sabe* como ela é atraída pela sua pessoa, como ela deseja sua afeição. E vem me falar de crueldade?

Com a cabeça inclinada em direção a seus papéis, os toques de sua caneta soando sepulcralmente, madre Paul não fala nada.

— Foi uma mulher que trouxe Amandine até aqui? Uma mulher estrangeira. Muito bela.

— Nada sei a respeito de uma *estrangeira*.

— Pode me contar, madre. Eu a conheci, sabe? Vi-a uma vez. Ela foi à nossa casa para falar com minha avó. Entreguei-lhe uma xícara de chá, e então ela abaixou o lenço e eu a vi. Os olhos de Amandine parecem os dela, não acha, madre?

Paul se levanta, seus punhos como martelos sobre a mesa. Ela grita:

— Como ousa? Invenções, invenções tolas, que só podem causar à criança mais dor do que a parcela que lhe foi destinada ao nascer. Como ousa? Obedeça às ordens que lhe foram dadas, Solange. Se decidir não obedecer, pode contar que Sua Eminência me apoiará em minha promessa, a promessa que lhe faço agora: você será humilhada e mandada embora.

— E eu faço duas promessas à senhora, madre. Sou eu quem decide o que vai ser dito a Amandine sobre sua vida. E caso seja mandada embora,

levarei a menina comigo.

Solange faz uma reverência, vira-se e dirige-se vagarosamente à porta. Por sobre o ombro, ela olha para Paul, acena com a cabeça como se dissesse C*onte com isso*. Suavemente, fecha a porta atrás de si.

Capítulo 12

— Amandine, ontem, quando lhe perguntei quem era sua mãe, você achou que eu estivesse brincando, não achou?

Folhas vermelhas descem flutuando até o chão, e Amandine corre por entre elas, tentando pegá-las enquanto caem. Faz uma pilha com as que capturou, tenta alcançar outra ao mesmo tempo que o vento espalha as que ela já reuniu; ela vai atrás das outras e as recupera. Solange está de pé a poucos metros dessa sessão de pulos e gritinhos.

— Amandine, a madre Paul não é sua mãe, não é mãe de nenhuma de nós. Nem minha nem de Josephine ou Marie-Albert ou Suzette ou... Ela é nossa mãe espiritual, a pessoa responsável pelo nosso bem-estar, de todas que vivem aqui no convento. Você entende isso?

Agarrando as folhas junto ao peito, Amandine se aproxima de Solange.

— Quer dizer que ela é um espírito? A madre é um fantasma?

— Não. Um fantasma não. Ela é bem real, e cuida de nós como uma mãe faria, mas ela não é nossa mãe *de verdade*.

As duas vão se sentar debaixo de uma árvore, em meio ao turbilhão

sussurrante das folhas vermelhas.

— Ela é nossa mãe de mentira?

— Não. É só que cada uma de nós tem uma mãe de *nascimento*. Nossa *própria* mãe. E Paul não é esse tipo de mãe de ninguém.

— De nenhuma de nós?

— Não.

— Você tem sua *própria* mãe?

— Sim. Tenho uma mãe. E um pai. Tenho também duas irmãs e uma avó, e tias e tios, e, da última vez que contei, dezoito primos.

— E cadê eles? Por que você não vive com eles?

— Eles moram em outra parte da França. No norte. E eu não vivo com eles porque escolhi viver com você.

— Mas por quê?

— Porque eu quis. E não é porque eu escolhi ficar aqui com você que eu não amo minha família. Eu amo a eles e a você. Você também é minha família.

— Mas eu não sou da sua "própria" família. Sou?

— Não.

— Eu tenho a minha *própria* mãe? Quem é ela? Quem é minha própria mãe?

— Não sei, querida. Não sei exatamente quem ela é, mas sei que ela a ama muito.

— Não sabe quem ela é? Tem certeza de que ninguém aqui é minha *própria* mãe?

— Ninguém aqui.

— Não deveríamos ir procurar por ela, então? Eu estou aqui há tanto tempo, será que ela já não está preocupada? Por eu não ter voltado para casa?

— Ela sabe que você está bem e segura aqui. Sabe que está comigo, e com Paul e Philippe e todas as outras. Ela sabe disso, então, não está preocupada.

— Ah. Mas eu não posso vê-la nem que seja um pouquinho? Quero ver minha *própria* mãe. Tenho certeza de que ela quer me ver, não acha?

— É claro que acho, mas agora isso é simplesmente impossível. Ela quer que você cresça e se torne uma garota forte e bonita, que aprenda suas lições, que seja boa e gentil, obediente a mim e às irmãs, que...

— Como você sabe que ela me ama?

— Sei disso porque... porque ela se preocupava tanto com você que...

— Ela contou a você? Contou que me amava?

— Do jeito dela, sim.

— De que jeito?

— Ela mandou uma senhora para me falar sobre você.

— É? E o que a senhora disse?

— Disse que havia um bebezinho precioso, e que sua mãe não podia cuidar dele, e que ela não queria que o bebê ficasse sozinho, por isso me pediu que cuidasse desse bebê. No lugar de sua mãe. Ela me pediu que eu desse a ele todo o amor do mundo no lugar de sua mãe. Como se fosse a mãe do bebezinho, em pessoa, que estivesse lhe dando seu amor. Entende?

— Não sei. Quem era essa senhora?

— Era uma mulher de olhos de cervo e de pele branca como a lua. E ela estava muito triste. Eu a vi só por um instante, menos que isso até.

— Por que ela estava triste?

— Acho que era porque ela sabia que sua mãe sentiria saudades de você. E que ela também sentiria.

— Então vamos procurar essa senhora. Ela deve saber onde está a minha *própria* mãe, e então podemos ficar todas juntas. Nós duas, essa

senhora, minha mãe e eu. E a sua própria mãe também, e podemos levar Philippe e a própria mãe dele, e Paul e todas as irmãs. E a própria mãe de todo mundo.

~

Será que eu deveria ter explicado de outro modo? Ou simplesmente não deveria ter explicado nada? Será que madre Paul tinha razão? Contar que sua mãe não podia cuidar dela era mais cruel do que dizer que sua mãe havia morrido? Teria sido melhor esperar até que ela fosse mais velha, mais capaz de...? Eu teria esperado, teria, com prazer, adiado essa conversa caso o incidente do parque não tivesse me colocado frente a frente com os equívocos que tomavam forma em sua mente. Eu não tive escolha. Não podia permitir que ela continuasse pensando que Paul era sua mãe. E Philippe, seu pai. Não teria sido mais cruel se eu não lhe dissesse nada, se apenas permitisse que ela continuasse a vagar em meio àquela nebbia, *àquele raciocínio infantil? No primeiro dia de escola, as outras crianças teriam acabado com suas ilusões sem piedade. Ela viria correndo até mim em busca de consolo. "É verdade? Por que não me disse? Então quem é minha mãe?" Tão bem ensinei minha menininha que ela chamaria minha omissão, meu silêncio, de quebra de confiança. E teria razão. Não, é melhor assim. Eu a confortarei, e ela se acostumará com a verdade. A verdade. Mas será que o que lhe disse é verdade, ou será que corrigi seus equívocos apenas colocando os meus no lugar? Uma ambiguidade trocada por uma abstração. Deus me ajude. Tento esquecer minha mãe enquanto ela começa a ansiar pela sua.*

~

— Sabe de uma coisa, *père* Philippe?

— Conte-me, querida.

— Quando eu era menor, quer dizer, na semana passada, eu achava que o senhor era meu pai. Não é bobo?

— Bobo, não.

— O senhor tem seu próprio pai?

— Já tive, mas há muito tempo que ele foi viver no céu. Você sabe, com Deus.

Um chuvisco leve cai sobre as pedras debaixo do beiral das janelas da lavanderia. Lá dentro, Amandine está sentada com Philippe na velha poltrona, em meio aos cheiros de sabão e vapor. Marie-Albert reza o rosário enquanto movimenta a manivela do espremedor de roupas.

— O senhor tem mãe, *père*?

— Sim. Sim, eu tenho. Tive. Ela também está no céu. Tive uma avó, também.

— Ela também está no céu?

— Sim.

— Como ela era? A sua avó.

— Fisicamente?

— Sim.

— Era alta, ou pelo menos parecia, já que eu não tinha nem 8 anos quando ela se foi. Sim, eu diria que ela era alta. Vivia cheirando a açúcar. Usava um vestido amarelo todo coberto de rosas vermelhas. E, aos domingos, usava um vestido marrom muito macio. E um chapéu marrom, acho. E ela gostava de me beijar, estava sempre me beijando. Um beijo de quatro beijinhos. Bem do jeito como Solange beija você.

— Bochecha direita, bochecha esquerda, bochecha direita, boca.

— Sim, desse jeito mesmo. — Ele faz uma pausa. — Olhe ali, vê como o rio fica com a chuva? Era assim o cabelo dela, quase azul, como uma fina

seda azul, e em ondas firmes, como a água do riacho.

— Eu queria ter cabelo azul um dia.

— E talvez algum dia você tenha.

— Queria que o senhor fosse o meu pai.

Com as lágrimas se demorando nos sulcos de seu rosto, Philippe diz:

— Tenho esse mesmo desejo.

— Tem?

— Sim, tenho.

— Que bom.

— Na verdade, perante Deus e os anjos, aqui e agora, eu escolho você como minha filha.

— E eu escolho o senhor como meu pai. Perante Deus e os anjos. Agora o senhor virou mesmo meu pai?

— Virei mesmo.

— Não virou. Eu sei que não. Não é real, mas eu acho que é verdadeiro. Entre nós, é verdadeiro.

— Entre nós e Deus e os anjos. Talvez seja tão verdadeiro quanto qualquer coisa pode ser.

— Talvez. Eu amo o senhor, *père*.

Capítulo 13

Agora o bispo Fabrice visita o convento com mais frequência do que antes. O pretenso motivo é que Philippe parece menos inclinado a visitá-lo na cúria, em Montpellier, e, apesar de ser mesmo verdade que o bispo sente falta da companhia de seu velho amigo, talvez haja também outra razão para essa mudança em sua rotina.

Sem ser anunciado, Sua Eminência, *en entourage*, chega logo antes da oração de Vésperas, reza com a irmandade e então, num salão ao lado da cozinha, janta a sós com Philippe, as risadas pueris dos dois vazando por debaixo das portas fechadas, jorrando pelos outros cômodos. Numa reação visceral, as irmãs, incluindo a madre Paul, ficam coradas e cheias de risinhos por aí. O*s amos estão em casa e jantando no salão*.

Não raramente, Fabrice chega mais cedo, pouco depois do almoço, e, calçando galochas sob o hábito roxo, segue Philippe até a *chai*, onde os dois se sentam a uma mesa pequena, em cadeiras de madeira meio bambas, e põe-se a abrir garrafas, a girar o delicado e velho suco, a engolir e cuspir à vontade, perscrutando as profundezas de uma urna de terracota

— esconderijo exclusivo de queijo granuloso e com fungos enterrado nas cinzas de madeira de vinhedo —, Philippe cinzelando pedaços daquela coisa, passando-os para Fabrice na lâmina do saca-rolhas. Leões fatigados relaxando em sua cova.

O bispo sempre pede para ver Amandine, curva-se para dar-lhe a bênção, coloca-a sentada em seus joelhos por um momento, comenta como cresceu, como é inteligente, ouve-a recitar uma prece. Educada e obediente, Amandine suporta tudo e faz o que lhe é pedido, lançando olhares de soslaio — vez por outra — para Philippe por sobre o ombro. Quando desce do colo largo e opulentamente acolchoado do bispo e corre para o abrigo do abraço de Philippe, Fabrice observa longamente a dupla, escuta sua conversa, um meio sorriso brincando em sua boca velha e flácida.

Numa dessas visitas matinais, a madre — sempre procurando mais atenção do que costuma lhe dispensar — pede uma audiência privada com Fabrice.

— Claro, Paul. Ao meio-dia, enquanto a casa está em meditação. Uma volta pelo jardim? Assim lhe agrada, Paul?

Ela percebe a zombaria em sua voz, entende o que ele não diz. *Se é que alguma coisa lhe agrada*. Ela volta aos seus aposentos, repete as abluções diárias que costuma fazer bem cedo. Lava o rosto com sabonete de lavanda, pressiona uma toalha de linho contra as faces. Será que esfrega tão vigorosamente só para secá-las ou também para fazê-las corar? Ela escova os dentes, segurando a toalha contra o colarinho engomado, suas duras asas brancas balançando ao movimento. Mais uma vez a toalha é levada à boca. Não há um único espelho em que possa se ver.

Ela começa:

— Desejo saber mais sobre como ela foi colocada sob a sua proteção.

Sob a minha. Cinco anos de silêncio submisso, de paciência. Será que não tenho o direito de...

— Não há nada a saber além do que já lhe disse, Paul. Nada que alinharia todas as peças em fila perfeita como você gostaria. Um irmão da Igreja, um velho amigo. A necessidade de abrigo para a criança me foi relatada por ele. Essas coisas acontecem toda hora, esses *pedidos* entre nós, do clero superior; favores extraordinários que são solicitados.

— Favores pagos, claro.

— De um modo ou outro, pagos. Claro.

— Esse amigo. Ele não é francês.

— Não. Ele não era francês. Mas o que isso...?

— Pretérito. Então ele já faleceu?

— Sim. Mas o fato de ele não ser francês e não estar mais vivo... esses fatores não...

— A criança é estrangeira?

— Por que se importa com isso, Paul? Para todos os efeitos, ela é inteiramente francesa. Mas se não fosse, que diferença faria?

— Solange. Ela veio falar comigo...

— Eu sei. Solange fala com Philippe, e Philippe fala comigo. Com a permissão dela, claro. Sei que Amandine acreditava que você fosse mãe dela, sei o que Solange disse à menina. Se estou ou não de acordo com o modo como Solange explicou as coisas para Amandine, não importa, respeitarei as decisões dela. Ela se tornou muito mais do que uma ama, ela não apenas toma conta da criança. Se alguém tem *direito* sobre qualquer coisa aqui, esse alguém é Solange. E se a sua próxima pergunta é sobre a mulher que entregou a criança aos seus cuidados...

— Então ela não é sua... não é seu... *problema*? Amandine.

Num primeiro momento, Fabrice não entende a pergunta, e está prestes

a lhe pedir que repita quando a compreensão lhe vem. Virando-se para encará-la. Sua Eminência chega a chorar de tanto que ri.

— Ah, minha querida, minha querida Paul, assim você me lisonjeia. Aos 77 anos, você imagina que eu tenha gerado uma criança?

— Você estaria à época com 71, talvez...

Com seu riso ainda não de todo esgotado, ele diz, entre uma gargalhada e outra:

— Mesmo em minha senilidade, e na sua, você ainda é ciumenta e possessiva e rancorosa. Ah, Paul, que esposa deliciosa você teria sido para qualquer homem. Não, ela não é meu *problema*.

Então ambos ficam calados. Fabrice procura o lenço em suas vestes, mas Paul acha o seu antes e o entrega a ele. Esfregando-o de leve em seus olhos reumosos, tocando-o na saliva em torno de seus lábios de sátiro, ele diz:

— Sabe, nós nos tornamos um velho casal, você querendo mais de mim e eu querendo que me deixe com meu jeito e meus meios. Quer dizer, quero que me deixe em paz contanto que você *continue* a querer mais de mim. Mas que jogo maravilhoso!

— Deve ser mesmo.

Ela olha para ele de novo, sorri, realmente sorri. Joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada como não fazia, não se permitia fazer, há... quanto tempo mesmo? Sua voz, então, fica quase suave.

— Você me dispensou duas vezes, Fabrice. Primeiro, de sua cama; depois, das suas tramas. Eu já estava acostumada a lhe ser necessária. Senti-me "rejeitada" quando você se tornou bispo, quando me deixou para trás, aqui, para cuidar desse bando de desajustadas, a maior parte das quais não tem a menor vontade de estar aqui, assim como eu. Foi por você que fiquei, e você sabia disso. Como sabe agora.

— Sim, exatamente como num casamento. Você, a boa esposa, suportando os sofrimentos, sacrificada em nome das ambições, prazeres e caprichos do marido. Mas você, querida Paul, não recebeu as costumeiras insígnias brilhantes de retornos ou remorso. Ninharias pelas quais se alegrar ou implorar perdão. Eu a recompensei e consolei apenas com mais trabalho, mais responsabilidade. É verdade. Nunca pensei desse modo antes, mas, sim, eu a deixei "em casa com as crianças" enquanto saía a negócios, fossem quais fossem os negócios do momento. Suas únicas pulseiras foram grilhões.

A madre pega o lenço do colo dele, onde caíra, e assoa o nariz ruidosamente. Um gesto de autopiedade? *Sim, somente grilhões*, esse gesto quer dizer. Então ela fala:

— A última algema é essa menina. Nunca acabará esse abuso que sofro de você?

— Por quarenta anos você nunca questionou esse "abuso" que cometo contra sua pessoa.

— Não foi tudo isso. A presença da menina no que você passou a considerar como "sua" casa não fez nada além de realçá-lo, e até você sabe disso. Suportarei suas lamúrias, mas não vou tolerar que distorça verdades assim evidentes.

Os olhos como pedras secas, ela o fita.

Ele balança a cabeça como se lamentasse.

— Mas, sério, o que você poderia esperar de mim, Paul? Que uma vez ordenado bispo eu a adotaria como minha consorte oficial e que, você em seu véu e eu em meu manto, viajássemos pela província juntos? Sim, é verdade, você me ajudou a crescer, mas acreditei que o fizesse por mim, e não pelas atenções que resvalariam até você. Era seu dever me ajudar.

— Meu dever?

— Sim.

— E o seu dever para comigo?

— *Meu dever para com você?* O que quer dizer? De que forma eu lhe pagaria? O preço pela sua virgindade aos 17 anos, é o que ainda procura? Isso seria prostituição, Paul. Seu pagamento seria a devassidão.

— Você sabe que foi muito mais o que tomou de mim.

— O que você me deu, querida.

— Você foi nomeado o responsável oficial pelo bem-estar da criança? A mulher, aquela mulher, quem era ela? O que era ela? Nem sei. Ela mencionou algo *à prova de falhas*. Foi essa a expressão que usou. Que seu intérprete usou. Não esquecerei, jamais esquecerei a inclinação presunçosa de seu queixo pontudo e belo, enquanto seu lacaio dizia as palavras:

"'Aqui dentro destes muros, madre. Uma pessoa que sabe o que observar, que critérios usar ao julgar o cumprimento da sua *palavra*. Essa pessoa sabe o que *executar*, caso a execução venha a ser necessária. Nem mesmo a senhora, na verdade muito menos a senhora, saberá quem é essa pessoa.'

"Você faz alguma ideia, Fabrice, de por que nunca aceitei, nunca aceitarei a presença da menina?"

— Desde o princípio eu soube que você era uma fraude. Que ainda é. Que não tem vocação, que foi depositada aqui e deixada como uma espécie de prisioneira. Sempre soube disso. Mas quarenta anos de uma vida de piedade, mesmo que tenham sido uma fraude, nem isso imprimiu em você humildade suficiente para que aceite uma órfã em seu meio?

— Ela está mais para uma bastarda abandonada do que para órfã.

— E daí? Isso a torna menos necessitada? Crianças morrem de abandono. Outro tipo de fome. Sejam elas órfãs ou meramente "não desejadas". De qualquer modo, a criança é debilitada. No caso de

Amandine, deve-se somar sua *condição* ao quociente.

— "Crianças morrem de abandono. Outro tipo de fome." Aos 5 meses. Aos 17 anos também.

— *Touché*. Está falando de si mesma, é claro. Aos 17, não é mais possível se considerar *uma criança*, Paul. A gravidade da ferida não é a mesma. Mas se você reconhece que tem um destino em comum com Amandine, mais um motivo para tê-la acolhido. Talvez a tivesse ajudado, Paul. Ainda está em tempo. Não. É tarde demais, não é? Eu não sabia até este momento. Você prefere passar adiante sua dor. Não muito diferente das almas infestadas de peste que deixavam seu cuspe nas maçanetas. Sim, você sofreu, e, por tudo que há de sagrado, você permite que ela sofra ainda mais. É isso. Você, que não inspira amor algum, sente inveja de uma menina que o faz tão profundamente. Ao olhar para você, não consigo deixar de pensar que sua profanidade, sua irreligiosidade, a transformaram em uma velha feia, Paul.

A punhalada a acerta em cheio. Ela engasga, passa a mão pelo rosto, sentindo-o, verificando-o — um impulso feminino —, como se a ausência de beleza fosse palpável. Então se recupera.

— Você? Você vem me chamar de profana e ateia, quando você mesmo...

— Sou tão proficiente como padre quanto como pecador. Dei quase a mesma quantidade de energia a ambos os lados de meu caráter, e o balanço final, o resultado a que cheguei com minha vida deverá ser julgado por ninguém menos que Deus. Tenha um bom dia, Paul.

Capítulo 14

O chapinhar de uma truta saltando no riacho, o som seco da brisa agitando as folhas de novembro ainda nas videiras, o casto dueto do suave ronco dele com o ressonar dela — Amandine e Philippe dormem à luz azulada, sob a nogueira. Solange sorri para si mesma enquanto mexe na colcha, já toda enroscada neles. *Au revoir, mes petits*.

Como sempre acontece quando ela e Philippe descansam juntos, Amandine acorda antes que Solange volte para chamá-los para a oração de Vésperas. No entanto, em vez de ficar quieta até que Solange chegue, sacode Philippe de leve, diz a ele que está quase na hora de irem, pede que ele, por favor, termine a história. Aquela sobre o cavaleiro gigante que cavalga pelo céu acendendo as estrelas com as faíscas de suas esporas.

— *Père*, acorde. — Ela o chacoalha com mais força. *Deve estar muito cansado*. Volta a deitar-se em seus braços, fecha os olhos com força. *Por que essa dor em meu coração? Por que ele bate como se eu estivesse correndo, se estou deitada aqui tão quietinha? Preciso reduzir o ritmo dos meus batimentos, como Baptiste me ensinou. Pensar em flores silvestres e coelhinhos*

recém-nascidos, e no menino Jesus em seu berço. Ainda assim, seu coração bate num rufar de duas notas, uma veneziana solta contra a parede de pedra da casa. — *Père*, acorde. Foi embora para o lugar onde sua avó mora? Sua avó tinha cabelo azul e foi viver com Deus, e agora você foi para lá também, sei que foi.

Panquecas de milho e salsichas de pato. Charlotte quente de maçã com creme. Um bom jantar, daqueles que Josephine prepara. Enquanto Solange corre na direção do riacho, ela sente o cheiro de cada prato. *Quinze minutos para as Vésperas. Que barulho é esse? Um animal, um animalzinho ferido. Onde...*

Um lamento alto e agudo. Na escuridão sob a nogueira, Amandine se ajoelha ao lado dele, balançando-se sobre os saltos de suas botinhas vermelhas e enlameadas, puxando a manga de Philippe.

Capítulo 15

Ele pede para ser deixado a sós com Philippe. Fabrice. Chegando ao convento, não fazia nem uma hora que Paul telefonara para a cúria, ele desce do longo e negro automóvel oficial — sem emblema, sem paramentos pontifícios —, sua grande cilha ao redor de uma batina simples, chinelos de veludo preto em seus pés estranhamente graciosos, como se fosse se acomodar junto ao fogo para relaxar à noite. Nenhuma comitiva alcoviteira o segue ou o precede. Madre Paul corre atrás dele.

— Chamarei você e as outras mais tarde — diz-lhe ele.

Em candeeiros nas paredes e em candelabros de ferro negro pousados sobre a cômoda, doze velas brancas iluminam o quartinho de hóspedes que Philippe ocupava. Sobre a chama de uma das velas, Fabrice esquenta óleo, limpa o corpo inerte de seu amigo, veste-o com a roupa de baixo branca e engomada e a batina negra separadas pelas irmãs. Penteia o cabelo de Philippe, raspa seu bigode de três dias. Amandine amava tanto a aspereza de seu rosto que, havia anos, Philippe deixava a barba levemente por fazer, para ela. Fabrice reza as orações canônicas para as almas recém-partidas, lê

a Bíblia, pega um texto jesuíta que foi deixado aberto no criado-mudo e o lê em voz alta. Puxa uma cadeira para perto da cama, senta e conversa por um longo tempo com seu amigo. Beija Philippe. Em ambas as faces, na testa. Ajoelha-se.

A esta altura, meia centena de pessoas — clérigos, aldeões, um contingente das *pompes funèbres*, a imprensa — reuniu-se no corredor em frente ao quarto onde Philippe jaz, e também no salão do convento.

Fabrice, ainda de chinelo, dirige-se a eles:

— Não haverá funeral público para nosso amado Philippe. Eu me encarregarei pessoalmente de garantir que seu desejos, expressos há tempos e repetidamente a mim, sejam honrados. Agora peço a todos que saiam, que rezem, cada um a seu modo, pela salvação de sua alma, pela sua paz nos céus.

Muitos acreditam que a diretiva do bispo é para os outros, com certeza não é para eles. Fabrice confirma o contrário. Pede à madre que chame as irmãs das capelas, onde estão rezando. As irmãs enchem o quarto de Philippe, reúnem-se em torno de sua cama. A irmandade reza seus rosários. Paul cumpre a primeira hora da vigília. As outras se revezarão nas horas restantes.

Fabrice passa a noite no convento, no quarto mais próximo ao de Philippe. Dispensa todas as roupas de cama e as toalhas bordadas que lhe oferecem.

— Isto não é minha lua de mel, Paul. Deixe-me em meu luto por meu amigo.

Na manhã seguinte, às 5 horas, é ele, ainda em sua batina de padre de interior e seus chinelos, que reza a missa para a irmandade. Durante o café da manhã, ele anuncia os desejos de Philippe. Por todo o dia, e também noite adentro, é ele quem supervisiona os eventos.

A sepultura é cavada em um trecho da campina a apenas alguns metros do menor e mais distante vinhedo. Não haverá monumento. Nada de travesseiros de crisântemos cheios de fitas. Nada de panegíricos.

~

Solange manteve Amandine a seu lado todo o tempo desde que a encontrou com Philippe sob a nogueira. Apesar de saber que a menina entende o que aconteceu, ela não fala de Philippe nem de sua morte. Em vez disso, tenta confortá-la com os ritos de seu cotidiano. Nos aposentos das duas, ela acende o fogo na lareira como faz todas as noites, enche a banheira de água morna e entrega o frasco de óleo de amêndoas para a menina, observando enquanto Amandine cuidadosamente mede uma tampinha e se inclina sobre a banheira para jogar o líquido bem debaixo do fluxo da torneira. Então, Amandine pega um jarro da prateleira acima da banheira, habilmente puxa uma e depois outra cápsula roxa, joga-as sob a água corrente, devolve o jarro a seu lugar. Olha para Solange, e, como se obedecessem a uma deixa, elas inalam a fragrância lilás. Como sempre fazem. Ainda com suas botas vermelhas enlameadas e suas roupas de sair, ela começa a se despir, permitindo que Solange a ajude. Concessão diante do incidente desta tarde. Solange lhe dá banho, lava seu cabelo, ajuda-a a manter-se de pé enquanto enxágua seus cachos negros embaraçados com água fresca, que derrama várias vezes sobre sua cabeça com uma tigela de faiança amarela. Normalmente ela protesta contra esse último passo, empurrando a mão de Solange para longe, mas, esta noite, Amandine mantém o queixinho empinado, fecha os olhos com força, espera o ataque. Levantando-a da banheira, desenhando com seu corpinho um amplo arco no ar para colocá-la de pé na cadeira ao lado, Solange a envolve em uma

grande toalha de linho, carrega-a para perto do fogo, beija sua testa, seca-a com a toalha, salpica talco sobre sua pele com duas sacudidelas da lata azul-clara estampada com a figura de um bebê. Calções e camisola de flanela cor-de-rosa, longas meias da mesma cor, chinelos. Jantar. Uma das irmãs deixou uma cesta sobre a mesa. Uma panelinha de cobre tampada, envolvida em um guardanapo de listras amarelas. Solange põe nos pratos alguns pedaços de frango cozidos no creme de leite. Amassa um pedaço de cenoura e mistura ao molho. Passa manteiga nos pães, pega uma garrafa de vidro de um quarto de litro de leite, enche o copo de Amandine. Coloca um potinho de porcelana branca com pudim de caramelo ao lado de cada prato. Apesar de nenhuma das duas ter dito uma só palavra, o lento ganido de estanho dos sinos funerais na capela da vila preenche o silêncio. Um tordo pranteia no vinhedo. Um tordo que geralmente só canta à noite. Mais uma concessão. Philippe morreu.

~

Certa tarde, alguns dias depois, quando Solange a deixou descansando em seus aposentos, Amandine veste seu suéter e, mesmo estando bom o tempo, sua capa de chuva. É dos bolsos da capa, grandes e fundos, que ela precisa. Botas, chapéu, ela desce as escadas até a cozinha silenciosa; abre a porta do *garde-manger*, pega fatias grossas de pão preto da gaveta onde costumam ser guardadas, prontas para serem torradas pela manhã. Coloca o pão em uma prateleira, levanta a rolha de um dos grandes potes de pedra cinza. Amora. Com a colher de pau do próprio pote, espalha a grossa e escura pasta de fruta sobre o pão e dobra cada fatia ao meio, pressionando-as com as palmas das mãos. Embala tudo em uma folha de papel marrom, um pedaço que ela rasgou do rolo pendurado na parede. Fecha a gaveta,

fecha o pote. Fecha a porta atrás de si.

Com o pacote em um dos bolsos, ela vai ao jardim, direto aos canteiros de ervas. Arranca manjericão do canteiro. Às vezes pelas raízes, às vezes só as folhas. Tem pressa, sabe que, se alguém a vir, ralhará com ela, será mandada de volta à cama. Quando o outro bolso se enche de manjericão, ela vai em direção aos vinhedos. Ainda tem um longo caminho a percorrer. Apesar de andar devagar, seu coração bate forte, sua respiração está acelerada. Ela vai até o fim do menor dos vinhedos. Sabe que é ali que ele está. Ouviu-os conversando. Ela sabe exatamente onde Philippe está. Rasga as folhas de manjericão, deixa os pedacinhos caírem aqui e ali quase artisticamente sobre o gramado no qual novas folhas já começaram a nascer. Coloca o pão com geleia embrulhado em papel sobre a pedra em que o nome dele está escrito. Ela lê. Philippe. Ela percebe que não diz *père*. *Mas deveria*, pensa ela. Procura em volta por flores silvestres, mas não há nenhuma à vista. O *manjericão deve bastar*. Ele adorava manjericão. Andava com folhas no bolso da batina. Para mastigar depois do almoço. Ela gostava quando ele cheirava a manjericão. Amandine dá alguns passos para trás, a fim de olhar para os novos aposentos de Philippe.

— Eu amo você. Ainda amo você. Mas queria que não tivesse ido embora.

~

— Onde você esteve? Fiquei tão preocupada! Chamei você várias vezes. Não me ouviu?

— Eu tive que ir a um lugar. E tinha que ir sozinha. Eu sabia onde ficava.

— Onde ficava o quê?

— Aquele lugar.

— Que lugar, Amandine?

— Aquele, perto das uvas.

— Quer dizer que você andou aquilo tudo até o... até onde o *père* está dormindo?

— Eu sei que ele morreu, Solange. Pode dizer. E sei que ele está embaixo da terra. Já sou crescida, você não precisa usar palavras especiais para bebês.

Capítulo 16

Eu sou má. Coisas horríveis acontecem comigo porque eu sou horrível. Não sei por que ou como, mas deve ser verdade. Ela nunca teria me abandonado se eu fosse uma menina boa. Minha mãe. E Philippe nunca teria ido embora. Eu entendo. Não precisei esperar até ficar grande para entender. Sou eu. É por minha culpa que não tenho mãe e que Philippe morreu e que Paul não consegue me amar e que Solange não vive com sua família. Tudo por minha causa. Eu sou má.

O poder de Amandine de esconder qualquer floreio com sua nova consciência. Seu fardo. Não consegue encontrar uma razão para todo o mal, salvo sua própria maldade. Tem vergonha. Os outros não devem saber, não devem nunca descobrir como ela é má, portanto, de agora em diante, ela será extraordinariamente boa. Será perfeita.

Amandine não fala de Philippe. Quando Solange lhe pergunta se ela gostaria de visitar o túmulo dele novamente, de colher flores silvestres para levar para ele, ela balança a cabeça em negativa. Em suas preces, não menciona seu nome. Ainda que menos *allègre* do que antes do falecimento

dele, Amandine permanece — ao menos parece — bem contente. Mais do que brincar no jardim ou no parque, ela prefere ficar quieta com seus livros, ou sentada por horas ao piano-forte, cravando escalas e arpejos nas teclas, repetições intermináveis de "Für Elise", com mãos pesadas e desapaixonadas.

Agora ela tem 6 anos e está para entrar na escola do convento. Lê e compreende as cartilhas do terceiro ano, às vezes até mesmo do quarto, e desenha, pinta e canta com — mais uma vez, ao menos com o que parece ser — entusiasmo. Como se a frequentasse há anos, ela observa o programa da escola conventual minuciosamente.

O despertar às 5 da manhã, os banhos comunitários de água fria, trajando, em nome do recato, longos vestidos de banho acinzentados, a escovação do cabelo e as tranças feitas com a ajuda das irmãs do dormitório, uma rápida caminhada até a capela, missa, desjejum, aulas, recreio, aulas, almoço no refeitório do convento, descanso, estudo, tarefas no convento, a campainha para se arrumar — vinte minutos para lavar o rosto, refazer as tranças, tirar as botas e calçar as costumeiras sapatilhas pretas com o laço mole de gorgorão amarrado na ponta, uma faixa de cabelo de veludo pregueada, uma gola larga de renda de Alençon —, oração de Vésperas, jantar, mais orações, luzes apagadas. A complacente e humilde Amandine diz a si mesma: *As outras não podem saber, não podem nunca descobrir como eu sou má*.

~

No St. Hilaire, as meninas são mimadas na exata proporção em que seus pais — que pagam uma bela soma por um cuidado tão gentil — desejam. Cosidos à mão em um ateliê em Montpellier, seus uniformes de inverno

são de lã *bouclé* cinza-escura: vestidos de cintura alta, com golas de veludo e mangas bufantes até os cotovelos; as largas bainhas feitas com veludo batem no tornozelo, alcançam o topo das botas de amarrar. Capa de lã e boina preta para passeios ao ar livre. No verão, o mesmo traje, só que em linho cinza, com detalhes em cambraia branca. Nas salas de aula, que antes eram as salas de visita e salões da vila, mesas compridas e baixas com cadeiras diminutas estofadas foram arrumadas para servir como carteiras comunais. A mobília é de qualidade, a maior parte dos períodos Imperial e Diretório pós-Revolução Francesa; os tapetes, surrados mas de qualidade; cortinas pesadas; e, de acordo com o clima, fogueiras queimam em altas lareiras de mármore. Cômodos quase tão elegantes quanto os quartos preparados anos atrás para Amandine e Solange, e por isso seria de se imaginar que a madre Paul os tivesse considerado excessivamente luxuosos. Prova antecipada de sua resoluta animosidade. Jamais ficaria tranquila com qualquer coisa que dissesse respeito ou se referisse à *menina*. Qualquer coisa.

Além de seu status como instituição escolar muito valorizada na região, o St. Hilaire é uma reconhecida *école d'arts d'agrément*. Uma escola de boas maneiras. Assim sendo, habilidades femininas, como bom comportamento, elocução, etiqueta, conversação, voz e dança de salão, são praticadas sob a tutela de *maîtres* locais. Talvez os estudos mais específicos de sua rica agenda sejam a arte de se portar à mesa, o adestramento do paladar, um conhecimento fundamental da alta cozinha, assim como dos pratos tradicionais da região do Languedoc.

Rápido e silencioso é o desjejum: mingau, pão com geleia e pequenas tigelas de um chocolate quente grosso como massa de bolo. Ao meio-dia há sopa, queijo e fruta. Em um alvoroço de facas para peixe e colheres de molho, caçarolas quentes de cobre, terrinas cobertas, esculturas de

manteiga e tigelas para limpar as pontas dos dedos, é à refeição da noite que as francesinhas se sentam comodamente para comer.

C*onfit* de pato e batatas salteadas em sua gordura; folhas de repolho recheadas com pão preto, ovos e pitadas de *quatre épices*, os gordos rolos amarrados com barbante culinário e refogados em caldo e tomate; bocados de patê de *foie gras* passados em brioche tostado e geleia de Sauternes; cogumelos selvagens assados em creme de leite; guisado de carne *chaud-froid*; feijõesbrancos cozidos por toda a noite em pratos fundos de terracota, com salsichas e cordeiro; espessas sopas de ervilhas secas e toucinho defumado, generosamente colocadas sobre *croutons* passados na manteiga; panquecas de batata com compota de ameixa; frango assado recheado de ameixas; truta na manteiga escura; peru trufado; damascos colocados em longas travessas de metal, com os lados cortados para cima, polvilhados de açúcar mascavo, pitadas de sal marinho, uma massa de creme, ovos e baunilha, e assados até borbulharem e estarem chamuscados. Como as francesinhas comem...

~

Solange se desesperou com a separação, por Amandine deixar para trás as intimidades, os ritmos estabelecidos da vida em comum que levavam. Para quem observa de fora, parece não haver razão para ela ter se preocupado tanto. É sábado à tarde, encerrada a primeira semana de Amandine na escola, e ambas se preparam para um passeio no vilarejo. Afrouxando as tranças apertadas que as irmãs do dormitório fizeram nos cabelos rebeldes de Amandine, Solange sente-se ansiosa, percebe, com perplexidade, que Amandine está distante.

Como ela está crescida. Cheia de autossuficiência. Pura pose, é claro.

— Você sente saudades de mim, Amandine?

— Claro que sim. Mas estou bem.

— E as meninas, como está se dando com elas?

— Bem.

— Já fez alguma amiga? Vi você de mãos dadas com aquela menina chamada Sidò. A de óculos azuis.

— Temos que ficar de mãos dadas, andar em pares até a capela. Quando formamos a fila no primeiro dia não sobrou ninguém, só nós duas. Somos uma dupla agora. Para o percurso até a capela, quero dizer. Ela rói as unhas, e as irmãs colocaram um negócio vermelho com gosto ruim nos dedos dela, para que ela não roa mais.

— E funcionou? Ela parou de roer as unhas?

— Não. Ela disse que depois de um tempo o negócio vermelho nem é mais tão ruim. Perguntou se eu queria experimentar, mas eu falei que não.

— Entendo. E as aulas?

— Tudo bem.

— Está comendo bem? Raspando o prato?

— Madre Paul e as outras nos obrigam a comer tudo que nos dão. Ficam de olho, balançando várias vezes a cabeça em aceitação. E temos que trocar várias vezes de garfo. E de colher também.

— Entendo. E quais tarefas você recebeu?

— Ajudar Marie-Albert com as golas de renda. Colocamos todas de molho em água com alvejante, enxaguamos, colocamos uma mistura de água e açúcar e então as colocamos para secar ao sol. Marie-Albert não precisa de ajuda para passá-las, ou ao menos eu acho que não precisa. Elas nos dão uma limpa toda segunda-feira à tarde.

— Entendo.

— Percebeu que você não fala mais “Sei”? Agora você diz “Entendo”.

— É?

~

Ela ainda não disse o nome de Philippe. Está brava com ele por tê-la deixado. E logo depois de eu ter contado a ela sobre sua mãe. Um golpe duplo. Ou triplo? Acho que ela também lamenta o fim da infância. Quaisquer fiapos que tenham restado dessa época, ela os enterrou. Como se escolhesse chocolates de uma caixa acetinada, ela seleciona suas palavras deliberadamente. Tão amena, ela parece responder não de acordo com o que pensa ou sente ou deseja, e sim com o que os outros esperam dela. O que os outros querem que ela faça. Sem necessidades próprias. Conheço esse tipo de fachada para a dor. É cedo demais para que ela empregue tais artifícios femininos.

Capítulo 17

Apesar de todas terem 6 anos, as quatro meninas menorezinhas da mesma turma de Amandine, entrando agora para a escola, choram de saudade de suas babás; uma se desespera por um urso de pelúcia que esqueceu em casa, mas que a mãe prometeu mandar pelo correio. As outras quatro, maiores, se chegam a ler, leem mal, inseguras, encontram tanto alegria quanto tragédia em excesso. Destoando delas, Amandine é logo colocada com as meninas de 7 ou 8 anos, e lê tão bem ou até melhor do que elas, além de escutar, compreender e responder com equilíbrio e concentração. Impressionadas com a menina menor que foi abandonada, e com inveja, as mais velhas conspiram para importuná-la, espetá-la com espinhos, esfregar sal nela. Há muito material para tal propósito: o ceceio de Amandine; sua gagueira; seu andar estabanado, reminiscência de seu desejo de imitar Philippe. Quando as meninas são chamadas para ler em voz alta, fingem gaguejar e sibilar; quando chamadas para recitar diante da classe, vão andando até lá, todas desajeitadas. A risada delas arde como um tapa no rosto. Mal estremecendo, Amandine aceita as ferroadas como seu

dever, mais provas de que ela é má. As irmãs professoras ameaçam mandar as meninas cruéis para madre Paul e distribuem advertências por mau comportamento, mas essas *jeunes filles de la noblesse*, jovens filhas da nobreza — as *pestinhas mimadas*, como Paul as definiu para Solange — têm armadura contra admoestações. *Cuidado com mamãe e papai*, dizem seus olhos provocadores.

Entendendo como as coisas são, Paul, mesmo que quisesse defender Amandine, seria impedida por seu medo de desagradar. Pois desagradar essas filhas da elite do Languedoc implicaria gerar descontentamento em seus nobres pais, que logo reportariam tal descontentamento à cúria. Paul seria acusada de não saber cumprir com suas obrigações, de perder a confiança dos pais e o poder sobre o bolso deles. Nada disso importa, no entanto, já que a madre não deseja defender Amandine. Na verdade, agora que a criança é aluna, ela sabe que o bispo também está menos propenso a apoiá-la, a deixar escapar qualquer sopro de favoritismo. Consequentemente, Paul se sente livre para desviar os olhos quando as irmãs professoras contam-lhe o que Amandine sofre, mais ainda quando ela própria vê ou escuta algum desses incidentes. Madre Paul, como vem sendo desde que a menina era um bebê, é cega para Amandine. Nunca lhe dirige uma palavra, salvo para corrigi-la, e, mesmo quando o faz, fala sem *olhar para ela*. Quando passa pelas salas de aula, Paul afaga uma bochecha, ajeita uma gola, sorri de vez em quando, mas Amandine lhe é invisível. As meninas do convento notam isso, o que as encoraja, as estimula em seu esporte de tortura. Amandine se torna invisível também para elas.

É somente quando Amandine retorna ao convento para as refeições e para realizar suas tarefas diárias que conversa, é chamada, tocada, e só por Solange e as outras irmãs do convento. Do contrário, ela fecha uma cortina em torno de si para não ficar sozinha entre as outras.

~

Bonne nuit, mes petites, beaux rêves. As irmãs do dormitório circulam por entre as camas estreitas e brancas, aqui e ali ajeitando uma coberta, afagando uma cabeça. Restos de fumaça das velas recém-gastas espiralam, e Amandine, coberta até o queixo, fica parada, inala, sorve-a, como faria para recuperar o fôlego. Como se a doce fumaça fosse consolo. Espera pelo início da música noturna: os sons das respirações, os finos e silvantes roncos, tudo isso produzindo minúsculos buraquinhos no negror sufocante. Ela está deitada tão imóvel que as batidas de seu coração pequeno e murmurante parecem o sussurro da água do riacho passando pelos seixos. Fecha os olhos para encontrar Philippe. Sim, ele ainda está lá. Então, tenta achar sua mãe. Sim, ela está lá também. *Será mesmo ela? Como posso ter certeza?* Ela muda o cabelo da mulher, seu vestido, seus olhos, seu sorriso; junta as peças novamente, mas ainda sim, será mesmo ela? Maman, *é você?*

~

Exceto os momentos no refeitório, na missa e às vezes no recreio, Amandine e Solange se veem somente aos fins de semana — das treze horas de sábado às dezoito horas de domingo —, depois que as outras meninas da escola já foram buscadas por seus familiares de Montpellier ou de cidades próximas. É permitido a Amandine ficar aos sábados com Solange em seus aposentos. Apesar de a menina esperar ansiosamente por esse momento, ela também sabe que esse respiro semanal é só isso, um alívio de 29 horas. Um intervalo naquilo que se tornou sua vida real. As coisas não podem ser como eram antes de ela ir viver no dormitório, antes de começar a escola. Antes de Philippe morrer. Ela volta ainda mais longe no tempo. Pensa nas mudanças e conclui que a maior diferença de todas

está dentro de si própria. Não se sente mais uma criança. Tampouco uma adulta, não mesmo, mas como se estivesse perdida em algum ponto entre essas duas fases. Começa a perceber que a única pessoa com quem se sente confortável é a figura imaginária de sua mãe. A figura que a acompanha a toda parte, aquela com quem fala em sua imaginação, e às vezes em voz alta, aquela que a acalma e aconselha, que a protege. Espera por sua mãe, procura-a, pensa escutar sua voz. Especialmente às 13 horas dos sábados.

É nesse momento que Amandine fica, sentada ou de pé, à margem do grupo de meninas em roupas de sábado, gritando com suas vozes de sábado. Arrastando suas valises pelo chão de pedra, saltitando pelo salão do dormitório, elas esperam pela chegada dos pais. Amandine escuta-as dizendo umas às outras como é maravilhoso estar em casa. As mais novas choram de alegria enquanto esperam, suas bochechas vermelhas e coradas, assim como ficarão no domingo à noite, quando chorarão de tristeza ao serem levadas de volta à escola. Ela escuta as mais velhas contando os acontecimentos rotineiros desses fins de semana: chás, lindos vestidos, tardes no balé, docinhos e chocolates nos cafés com *maman et tante Julie*. Uma por uma, as meninas são arrebanhadas para fora por suas mães ou titias ou babás enquanto Amandine escrutina cada uma das mulheres, como falam e andam. Suas roupas. Gosta especialmente de uma mulher que está sempre de paletó roxo e chapéu, um chapéu ornado com uma pena marrom de bolinhas verdes, bem comprida, que cai sobre sua testa. *É um belo chapéu. Ela é muito bonita. Mas não tão bonita quanto minha mãe.* Presta menos atenção aos pais. Em seus casacos com golas de pele e chapéus redondos como tigelas viradas de ponta-cabeça, chegam apressados, dizendo *Vite, vite*. Um pai usa botas altas cobrindo as pernas da calça e um paletó comprido que vai até os joelhos. "Roupa de montaria", disse uma das meninas mais velhas. *Talvez seja na próxima semana que ela*

virá me buscar. Será que seu chapéu terá uma pena?

~

Solange deseja proporcionar a Amandine algumas experiências culturais que fazem parte da vida de suas colegas, e então começa a planejar passeios, como os pais das outras meninas. Para poder pagar por esses passeios, Solange vem guardando o ordenado que a cúria lhe envia todos os meses — um valor que, antes de começar a escola, ela gastava em comidas diferentes para Amandine, ou em roupas e livros e brinquedos para a menina — para ingressos de teatro em Montpellier, ou de balé, opereta, concertos. Ela e Marie-Albert costuraram um vestido de festa para Amandine; camadas de tule claro para a saia, que ligaram a um corpinho de mangas compridas, da mesma cor, e, de um pedaço de veludo azul, cor de meia-noite, uma saia, um colete e uma pequena bolsa com alça de cordel. Pequeninas luvas sem dedos e um casquete, que Marie-Albert faz em crochê de carretéis de fio cor de bronze metálico. As sapatilhas de bailarina e a capa de seu uniforme bastarão para completar a *mise*.

Amandine aceita as novas roupas e os passeios, mas, apesar de ser cortês e apreciar tudo, a cortina que fechou em torno de si é sempre mais difícil de abrir, mesmo para Solange. Não sabendo da constante tortura silenciosa dos dias de Amandine na escola, Solange acredita que o retraimento da criança é resultado de seu luto por Philippe. Disso e do anseio pela mãe. Acredita que é a própria Amandine que obstrui as amizades com outras meninas, preferindo isolar-se emocionalmente. E agora também dela, de Solange.

~

Num sábado à tarde, enquanto desfaz as apertadas tranças que Amandine usa na escola, Solange anuncia que elas duas tomarão o ônibus até Montpellier, até a estação de trem. Ela conta a Amandine que tricotou um xale para sua avó e que enviará o pacote até Reims pela ferrovia. O pacote ficará lá até que alguém da família o busque quando for à cidade em um dia de feira. Solange fala alegremente sobre o tipo de lã que usou no xale. Será que Amandine não se lembra de que ajudou a tricotá-lo no verão passado? *Verde-escuro como os pinheiros, com uma comprida franja de seda negra. Já o embrulhei; se não fosse por isso, eu mostraria para você novamente...*

— Não tem problema. Eu lembro. Lembro que era lindo. Mas por que você não entrega o xale pessoalmente? Quero dizer, por que não vai até Avise?

— Porque Avise é muito longe, e você tem seus estudos e eu, meu trabalho.

Amandine toma a escova de cabelo da mão de Solange, vira-se para ela.

— Não posso ir com você, mas você poderia ir. A madre permitiria, eu sei que permitiria. Você poderia ficar lá por um tempo.

— Mas eu nunca iria sem você.

— Por que não? Agora eu vivo por lá a maior parte do tempo — diz Amandine, apontando para a escola com a cabeça —, e nos fins de semana posso ficar aqui com Marie-Albert e as outras. Eu ficaria bem.

— Mas você não gostaria de ir comigo a Avise algum dia, se conseguíssemos fazer isso? De férias, talvez. Para vermos se você gosta de lá.

— Não. Nunca. Eu já disse. Não posso ir. E se minha mãe viesse me buscar e eu não estivesse aqui? Não posso me afastar do convento. Ela sabe onde estou, mas eu não sei onde ela está, portanto, sou eu quem deve

esperar.

— Entendo.

— Ah, e eu nem sabia que você tinha uma avó e outra mãe, quer dizer, sua própria mãe, até... até você me contar, sabe, sobre a madre. Então, por que nunca foi vê-las em todo esse tempo desde que veio para cá cuidar de mim? Por quê?

— Bem, algumas coisas aconteceram há muitos anos, entre minha mãe e eu, que me deixaram triste, e acho que eu queria esquecê-la. Pelo menos por um tempo. Queria ficar longe dela.

— Você quer ficar longe da sua mãe e eu quero encontrar a minha. É engraçado, não é?

— Talvez. Talvez seja engraçado.

— Foi por isso que você não fez um xale para sua mãe? Só para sua avó? Porque queria esquecer sua mãe?

— Sim, acho que foi por isso.

— Funcionou? Você a esqueceu?

— De certo modo, sim.

— Acho que eu nunca conseguiria esquecer minha mãe.

— Eu sei.

— Acha que sua mãe a esqueceu?

— Não. Acho que não.

— Também acho que não. Nem a sua mãe a esqueceu nem a minha me esqueceu. Não acho que as mães esqueçam muita coisa.

— Pois é. Acho que não mesmo.

— E o que vai fazer?

— Sobre o quê?

— Sobre sua mãe.

— Nada. Por enquanto, nada.

— Bem, se algum dia quiser falar sobre ela... ou sobre qualquer coisa que a incomode... eu...

— Vou me lembrar disso. E você também. Sabe disso, não sabe? De que quando, em qualquer momento, você quiser falar sobre a sua mãe...

— Mas eu não sei as palavras para algumas coisas. Alguns sentimentos.

— Não precisa saber todas as palavras. Talvez, se você começar, eu possa ajudar a encontrar mais algumas. Palavras, quero dizer.

— Tudo bem. E então, está menos triste agora?

— Sim. Menos triste. Não da mesma maneira.

— Mas ainda triste?

— Sim.

— Todo mundo no mundo inteiro está triste com alguma coisa?

— Vá pegar suas botas vermelhas agora. E seu chapéu.

— E minha bolsa.

~

Soltando a mão de Solange e se inclinando para trás a fim de ver melhor a abóbada Belle Époque da estação de trem, Amandine, tapando os ouvidos por causa dos ruidosos anúncios que um funcionário proclama, vira-se vagarosamente até completar uma volta inteira.

— Dá para ir muito longe de trem? — pergunta ela a Solange. As duas estão paradas no meio da multidão.

— Bem longe, se a pessoa quiser. Não num único trem, mas em vários. Pode-se ir a quase qualquer lugar de trem, um destino por vez.

— Quase qualquer lugar?

— Sim. Mas não dá para cruzar o mar. A água. Não normalmente. É preciso pegar um navio para isso. Ou um avião.

— Estações de trem são meus lugares preferidos.

— Como você decidiu isso rápido. Acho que deveria esperar até ver um pouco mais do mundo antes de...

— Não preciso esperar. Já sei. E quando eu for grande, maior, irei de trem a todos os lugares possíveis.

— Posso ir com você?

— É claro.

— Aonde vamos?

— Vamos procurar minha mãe.

— Sim, sim, claro; algum dia...

— Aonde as pessoas vão de trem? — quer saber Amandine.

— Alguns dos trilhos correm rentes àquele muro. Está vendo os números acima das portas? Agora olhe aquele quadro luminoso. Os mesmos números aparecem ali. Está vendo?

— Sim.

— E ao lado de cada número há uma hora de partida, o número do trem e seu destino. O lugar para onde está indo. Veja. Da plataforma número 3, às duas e quarenta da tarde, um trem partirá rumo a Paris.

— Plataforma 3, às duas e quarenta, trem número 1022 com destino a Paris.

— Perfeito. É assim que se lê o quadro de embarques. Há o mesmo tipo de quadro para os trens que estão chegando. Os que estão vindo para cá de outro lugar. Aqui, deste lado. Então, se olharmos aqui, podemos ver, deixe-me ver, que horas são agora? Ah, em sete minutos, às duas e dez da tarde, na plataforma 11, o trem de número 3542 chegará de Marselha.

Amandine observa primeiro um dos quadros e depois o outro. Olha para Solange. E de volta para os quadros.

— Plataforma 6, às três e cinco, trem de número 1129 embarca para

Lyon. Onde fica Lyon? Podemos ir lá hoje?

— Longe demais para hoje. Agora venha comigo para eu entregar o pacote no balcão logo ali e...

— E depois podemos ir ali fora olhar os trens?

— Bem, acho que... Sim, sim, podemos. Se corrermos, podemos ver chegar o trem de Marselha, não acha? Olhe de novo para o quadro das chegadas, e então me mostre onde é.

— Plataforma 11, vamos lá.

Como se estivessem de fato indo receber alguém que chegará de viagem, as duas correm até a plataforma, onde ficam junto das pequenas e barulhentas congregações de gente à espera. Amandine se aproxima mais de Solange, segura sua mão mais firmemente, balança a outra mão para que a corda de cetim de sua bolsinha azul suba um pouco mais em seu pulso. Olha para Solange.

— Não é maravilhoso aqui?

— Sssh, lá vem o trem. Ainda não podemos vê-lo, mas podemos ouvi-lo. Escute. Feche os olhos e escute.

Amandine aninha a cabeça contra Solange.

— Parece que está vindo correndo até nós. Como se não pudesse esperar para nos ver. Não acha o mesmo?

— Acho que sim. Sim, você tem razão, é como se...

Amandine ri e dá gritinhos, enquanto a besta, fungando e cuspindo, dá o bote na estação.

Solange grita acima do barulho:

— Agora escute, o ferroviário vai anunciar a chegada...

— *Chegando de Marselha, na plataforma 11. Plataforma 11, chegando de Marselha.*

Amandine observa os passageiros, que, sorrindo e acenando, descem os

degraus de metal do vagão. Presta atenção especial às mulheres.

— Podemos ficar aqui para ver mais trens? Quero ficar aqui até...

— Vamos voltar para consultar o quadro e ver quando chega o próximo.

— E depois outro e mais outro e...

— Está bem, mais dois. E depois vamos tomar nosso chá. Não está ficando com fome?

Mais dois. E então mais um, até que, contra a luz fugidia, na plataforma número 6, a bolsinha azul meia-noite balançando em seu pulso, seu chapéu torto, Amandine olha para Solange.

— Gostei daqui.

— Eu também gosto.

— Gostei do cheiro. Queima meu nariz, mas gostei. E do gosto do ar. É um gosto de colher, aquele que sinto quando lambo o restinho do pudim.

— É verdade, o ar tem gosto de metal.

— Eu poderia ficar aqui para sempre, até que o trem dela chegasse. Aquele vindo de... Bem que eu queria saber de onde. Talvez seja o próximo. Essa é a melhor coisa dos trens. Aquele que estamos esperando pode ser o próximo.

— Acho que o das quatro e três da tarde está para chegar. Está ouvindo?

— Sim, acho que sim. Dá medo toda vez, mas eu gosto, aquele barulho todo, como o barulho de um milhão de cavalos, e tanta fumaça que parece a névoa cobrindo o riacho; e as faíscas, iguais às que saem das esporas do cavaleiro da história que Philippe me contou. Agora o moço vai falar. Prepare-se...

Em uníssono com o ferroviário, Amandine e Solange gritam o mais alto que conseguem:

— *Chegando de Carcassonne, na plataforma 6. Plataforma 6, chegando de Carcassonne.*

~

Certa manhã de domingo, meses depois, quando Solange está arrumando os lençóis na cama de Amandine, ela pega um dos travesseiros, segura-o contra a luz e diz:

— O que é isso?

Ela examina mais de perto: parece uma espécie de desenho na fronha.

— Amandine, por acaso você andou desenhando nos seus travesseiros? Este aqui está manchado de alguma coisa que parece...

— É carvão. Usamos carvão nas aulas de desenho. As irmãs nos mandam desenhar árvores ou flores, mas às vezes eu desenho rostos.

— Entendi. Mas não acho que seja bom praticar na roupa de cama.

— Eu não estava praticando. É um desenho da minha mãe. Do rosto dela. Olha, se você segurar assim, vai ver que...

— Sim, sim, estou vendo. Mas por que você a desenhou no travesseiro? Por que não no...

— Eu faço isso o tempo todo na escola, e a irmã Geneviève nunca se importou, eu acho. Quando ela troca os lençóis, é só eu desenhar minha mãe de novo, na fronha limpa. Eu disse à irmã Geneviève que isso me ajuda a dormir. Tê-la perto de mim. Eu sabia que você ia brigar comigo, por isso nunca fiz isso aqui. Mas ontem à noite eu não conseguia dormir, então pensei que se desenhasse ela...

— Entendo. Então vamos deixar assim. Vamos deixar esta fronha até a semana que vem. Tudo bem?

— Tudo bem.

— Mas você sabe que se não conseguir dormir ou se seus sonhos forem... Sabe que pode vir dormir na minha cama ou me chamar para dormir com você, não sabe?

— Sim. Mas quando isso acontece no dormitório e você não está lá... E eu já tenho 7 anos. Tenho que aprender a ficar sozinha.

— Sabia que eu sinto muita saudade de você, Amandine?

— Você também tem que aprender a ficar sozinha.

As palavras são pungentes, e Solange fica parada fitando Amandine, que se virou e foi até a janela.

— Quer que eu lhe conte um segredo? — pergunta Solange.

— Um segredo sobre o quê?

Solange vai até o sofá, senta-se.

— Venha aqui e sente-se ao meu lado. Mais perto. — Com as costas de Amandine aninhadas em seu peito, seus braços envolvendo-a, Solange diz: — Lembra que eu contei a você sobre a senhora que foi lá em casa falar com minha avó?

— A dos olhos de cervo?

— Sim. Ela mesma. Bem, ela deixou algo para você, sob os meus cuidados, Amandine. A ideia é que eu guarde isso até que você seja mais velha. Devo cuidar desse embrulho como cuido de você, *grand-mère* me disse.

— E o que é? Onde está?

— Não sei o que é. Nunca abri o pacote. Está nas minhas coisas. Eu lhe mostro o pacote se você quiser, mas não pode abri-lo. Só pode abrir quando chegar a hora. Escrevi seu nome num cartãozinho e juntei-o ao pacote. Tirando isso, está do jeito que a senhora deixou.

— Ah, sim, eu quero ver o pacote, sim.

Solange levanta-se, vai até o armário, abre uma das três estreitas e

compridas gavetas onde guarda sua roupa íntima. Com um movimento rápido das mãos, sem olhar, ela puxa de lá um embrulho em papel marrom, amarrado com barbante branco.

— Aqui está. Pode segurá-lo, mas tome cuidado e não o chacoalhe. Promete?

— Prometo.

Como se o embrulho fosse um bebê recém-nascido, Amandine o pega amorosamente, o observa.

— Foi mesmo aquela senhora que deixou isto?

— Foi. E eu estou lhe contando tudo isso hoje, estou lhe mostrando esse presente, porque quero que você se sinta menos sozinha. Veja, este é uma espécie de símbolo do amor da sua mãe por você.

— O que é um símbolo?

— Um símbolo é um sinal. Uma prova de um sentimento. De uma emoção. Nesse caso, o que quer que esteja dentro deste pacote, é um símbolo do amor da sua mãe. Não importa muito o que é o símbolo... Pode ser algo velho, algo que era precioso para ela, algo que era dela quando criança, não sei. Mas o que importa é que ela queria que você o tivesse. O que quer que esteja dentro deste embrulho representa a ligação entre você e ela.

— A ligação?

— Sim. A verdade de que vocês fazem parte uma da outra.

— Parte uma da outra de verdade?

— De verdade. Se ela está aqui ou não, como ela é... todas essas coisas que você *não* sabe nunca poderão mudar esse fato importante. De que ela é sua mãe e você é sua filha.

— Então são dois fatos.

— Tem razão. Dois fatos. Guarde essas verdades bem juntinho de você,

e acho que assim você vai se sentir menos solitária.

— Quando vou poder abrir isso?

— Pelo que minha *grand-mère* me contou, a senhora disse a ela que eu deveria dá-lo a você em seu aniversário de 13 anos.

— Treze? Mas eu só tenho 7 anos. Vou estar muito velha aos 13.

— Acho que não, minha querida. Acredito que você será mais jovem, isso sim. Muito mais jovem do que é agora.

— É assim que os números funcionam? Quer dizer, quanto maiores os números, mais novos ficamos?

— Se tivermos sorte.

— Ah.

— Agora, acho que é hora de sairmos para passear, então vá buscar suas...

— Botas vermelhas. Já sei.

Capítulo 18

Toda quarta-feira, durante o recreio, permite-se às alunas uma ida à vila, onde as mais novas visitam o *chocolatier* e as mais velhas vão ao Monoprix comprar presilhas, absorventes ou água de violeta. Numa dessas quartas-feiras, Amandine — que na maior parte das vezes não vai ao passeio — vagueia sozinha pelas ruas, entra na banca de jornais, deseja ao dono uma boa tarde, passeia o olhar em volta.

— Posso ajudá-la, *mademoiselle*?

— Sim, senhor. Gostaria de ver as revistas de estrelas de cinema.

— Ah, bem aqui. Tem alguma específica em mente?

— Não, senhor. Posso só olhar um pouco?

— *Bien sûr, mademoiselle*. Precisando de ajuda, é só me chamar.

Ela olha primeiro as capas, então escolhe uma das revistas, folheia-a devagar. Nada. Pega outra. Passa-se meia hora e ela já examinou todas. O dono da banca está por perto fazendo seu trabalho, contando revistas e jornais, cortando o barbante dos pacotes de novas entregas, arrumando as prateleiras para acomodá-las. Ele cantarola de lábios fechados, e Amandine

se balança de leve ao som da música. Sentem-se bem na companhia um do outro. Enquanto ele puxa sua faquinha para cima, cortando o barbante que prende um fardo de revistas embrulhadas em jornal, Amandine diz:

— É essa. Essa aí mesma, senhor, posso ver ela, por favor?

Na capa da revista que Amandine pede para olhar está uma foto em close-up da atriz Hedy Lamarr.

— Ah, *mademoiselle* tem um excelente gosto. *A mais bela mulher do cinema*. É assim que a chamam, como sabe.

Amandine sorri, fazendo que não com a cabeça. Ela pega a revista das mãos do dono da banca, agacha-se no chão e observa a capa. Examina as páginas, olha de novo a capa, volta às páginas. E novamente à capa. Amandine está chorando. Lentamente, ela rasga a capa do resto das páginas e então carrega a folha decepada ao balcão, onde o dono atende outros clientes. Quando é sua vez, ela diz:

— Acho que não tenho dinheiro para comprar a revista inteira, então vou levar só a capa. Se não for problema.

Ela está vasculhando as profundezas de sua bolsinha azul, catando moedas, colocando-as uma por uma no balcão à frente do dono da banca, e, no meio do processo, limpa as lágrimas com as costas da mão. Ele começa a explicar que não se compra somente uma capa de revista, mas, rapidamente, adapta-se ao modo de pensar de Amandine.

— Bem, só pela capa serão quarenta *sous*. Essas moedas são mais que o suficiente.

Ele lhe devolve duas das moedas. Puxa um lenço do bolso e o estende, mas ela acena que não. Uma última passada com as costas da mão, enquanto sorri seu sorriso triunfante para o dono da banca.

— Mais alguma coisa?

— Ah, não. É só isso.

— Aqui, vou só embrulhar para você.

Cuidadosamente, ele enrola meia folha de jornal em volta da capa, dobra as pontas para dentro, todo o tempo olhando para Amandine. Entrega-lhe.

— Obrigada, senhor. Ela é minha mãe.

— Para sua mãe. Entendo. Bem, espero que ela...

— Não, senhor. Ela *é* minha mãe. Essa senhora na foto é minha mãe.

~

De volta ao dormitório, Amandine pede à irmã Geneviève dois alfinetes. Explica por que, e, à noite, depois das preces, Geneviève vai à cama de Amandine levando uma almofadinha de alfinetes. Juntas, elas colocam a foto de Hedy Lamarr na parede acima da cama de Amandine. Depois afastam-se para admirar o resultado, e algumas meninas que estão por perto vêm olhar também.

— É a minha mãe. Ela não é linda?

Duas das meninas menores soltam exclamações de admiração, mas uma das mais velhas começa a rir. Chama as colegas para verem a foto da "mãe" de Amandine. Logo, todas as meninas estão fazendo tumulto em volta da cama, apontando para a fotografia, colocando-se em poses de diva, fazendo bico com os lábios, arregalando os olhos, rindo e gritando da ótima piada. Ainda rindo, uma delas pega Amandine por baixo dos braços, gira com ela, grita:

— Você não tem mãe, e, se tivesse, ela nunca seria assim. Seria baixinha como um elfo e teria o cabelo de um homem das cavernas...

"E olhos grandes e tristes...

"E andaria assim...

"E falaria assim..."

Agora, formando um círculo a sua volta, insultam-na. Ignorando as advertências de Geneviève, batem palmas e batem os pés, cantando uma longa cantiga de deboche, revezando-se em estapeá-la na parte de trás da cabeça e na nuca, até que Amandine, descalça e em sua camisola de flanela branca, rompe o círculo de meninas, sobe na cama, arranca a fotografia da parede, corre pela porta do salão afora e desce as escadas.

No pátio, debaixo do pórtico, seus pés mal tocando a pedra gelada do piso, ela segura a foto contra o peito, a respiração saindo com força, uma estranha dor atravessando-lhe os braços e ombros. *A raiva deve ser pior para meu coração do que correr. Com certeza é pior. Melhor eu ir embora de lá. Sei que é melhor eu ir embora.* Ela diminui o ritmo somente quando começa a subir as escadas do convento até as celas das irmãs. Até seu quarto. Até Solange.

— O quê? O que está fazendo, entrando aqui descalça, toda suada e vermelha...

Solange a ergue nos braços, puxa um cobertor da cama, envolve-a, senta-se com ela no sofá ante o fogo e a embala, beija sua testa, suas bochechas, esfrega seus pés gelados, até que estejam rosados de novo.

— Sssssh. Primeiro, pare de chorar e entenda que está tudo bem agora. E, quando puder, me conte tudo. Isto aqui, o que é?

Ela pega a capa de revista que Amandine ainda segura com força na mão esquerda.

— É minha mãe. Elas não acreditam que é minha mãe, e elas...

— Entendi. Está tudo bem.

Solange coloca a capa na mesa perto do sofá, olha para Amandine.

— Por que você acha que ela é sua mãe?

— Porque eu fui à banca e olhei todas as revistas e não consegui

encontrá-la em nenhuma delas, mas, então, quando vi essa foto, comecei a chorar. Eu não chorei quando vi nenhuma outra. Só quando vi essa. Então deve ser ela. Deve ser ela, Solange.

— Entendi.

Solange a abraça novamente, e ambas ficam assim, em silêncio.

— Você também não acredita em mim, não é? — diz Amandine, sem levantar a cabeça do peito de Solange. — Não acredita que ela é minha mãe.

— Não. Não acredito. Nem você. Essas suas invenções... Eu... eu devia ter tentado fazê-las parar há muito tempo, mas acreditei que fossem inocentes. Achei que *você* soubesse que eram invenções. Que entendesse a diferença entre faz de conta e... e o *real*. É perfeitamente normal inventar e imaginar, mas você tem que voltar, não pode ficar para sempre nesses pensamentos. Deve voltar, Amandine, voltar de seus devaneios e de seus sonhos. Deve deixar a porta aberta...

— Que porta? A porta para onde? Eu faço de conta porque não tem nada que seja real. Nada real que eu queira.

— Nem ficar comigo?

— Não do jeito que era. Aquilo também não era real. Também era faz de conta.

— Isso não é verdade. O modo como éramos antes era *real*. O modo como somos neste exato momento é *real*. O modo como sempre estaremos juntas é *real*. *Lamento muito que eu não seja ela, mas eu sou eu*. Eu sou real, e eu amo você.

Como se não tivesse escutado Solange, Amandine diz:

— Você pode, por favor, comprar papel de carta para mim? Um papel bonito, com flores nos cantos. Violetas ou rosas. Violetas. E envelopes também.

— Sim. Violetas. É claro, amanhã eu compro.

— Tenho que voltar agora.

— Não tem, não. Vou contar à madre o que aconteceu, embora eu tenha certeza de que Geneviève já contou. Vamos colocá-la na cama agora e...

Mas Amandine está pegando sua capa de chuva do armário, vestindo-a, vasculhando o baú de sapatos à procura de suas botas.

— Eu conheço o caminho de volta. Não tenho medo. Nem do escuro nem delas.

A menina abre a porta, e Solange nada faz para impedi-la. Ela sai, fecha a porta. Abre-a de novo.

— Também amo você.

Chère maman,

A senhora não me conhece. Quer dizer, nunca nos vimos. Na verdade, até já nos vimos, mas quando eu era muito pequena, e acho que a senhora também era muito pequena. Só pensei que a senhora poderia estar sentindo minha falta, querendo saber notícias minhas. Não queria que a senhora se preocupasse, então pensei em escrever para dizer que estou bem. Está tudo bem. Meu nome é Amandine. Sou sua filha.

Tenho quase 8 anos, e tenho cabelo escuro, enrolado e comprido, quase o tempo todo com tranças feitas pela irmã Geneviève. Solange costumava fazer isso quando eu era pequena, mas agora que vivo no dormitório, é a irmã Geneviève que faz isso. Solange é como uma irmã mais velha e uma tia e uma professora, mas, acima de tudo, ela é minha melhor amiga. Depois da senhora e de Jesus, Solange é quem eu mais amo no mundo. E Philippe também. Vou contar sobre Philippe à

senhora quando nos encontrarmos. A avó dele tinha cabelo azul.

Nunca sei direito a cor dos meus olhos, pois parece que muda às vezes. São meio cinzentos, só que bem escuros e quase azuis, como o céu à noite. Mas não igual. Solange diz que meus olhos são da cor do interior de uma íris, a cor de lá do fundo. Mas também não é assim. Não sou grande e não sou pequena para 8 anos. Bem, talvez eu seja um pouquinho pequena.

Consigo ler com as alunas do sexto ano e sei a tabuada, e adoro escrever histórias e ler sobre princesas e santos. Mais sobre princesas do que sobre santos. Adoro quando Solange me conta histórias. Ela diz que são as mesmas que sua mãe contava para ela. Ela também tem uma mãe. E um pai e uma avó e irmãs. Acho que ela tem dezoito primos e primas. A senhora tem primos? Quer dizer, se tiver, então eles também são meus primos. Um dia a senhora me fala sobre os meus primos? Imagino que eles se chamem Susie e Jeanette e Christine e Diane. Não sei muitos nomes de menino, então só penso em primas meninas. Eu tenho uma avó? Espero que ela esteja bem, que não fique muito velha antes que eu possa dizer para ela o quanto a amo. Por favor, diga para minha avó que rezo por ela e que vou ajudá-la quando ela ficar velha. Diga que não se preocupe, porque assim que eu a encontrar, nunca mais vou deixá-la. Na verdade, não sei por que fui embora. Não consigo me lembrar. A senhora se lembra, maman?

Maman*, qual é o seu nome? Na minha cabeça, às vezes eu a chamo de Sophie, não sei por quê. Sophie. Sophie. Eu sussurro. Parece um sussurro, não acha? Fico triste de não saber seu nome, mas deve ser um nome lindo, e a senhora também deve ser linda. Sei que é, e sei também que é boa e gentil e acho que ama flores e o vento quando o sol está brilhando, sim, um vento gelado quando o sol está quente é o melhor,*

ainda mais aquele vento que nos deixa sem fôlego e nos faz andar de costas com os braços abertos e simplesmente deixamos que o vento nos leve a qualquer lugar. Sempre penso que, se eu gosto de alguma coisa, a senhora também deve gostar. Quando gosto demais de alguma coisa, quero que a senhora a veja ou ouça ou toque. Quero saber se isso a agrada. Gosta de framboesas? Eu só comi framboesa algumas vezes, mas acho que não tem nada melhor. Nem mesmo ervilhas com alface, que também é bom. E vermelho é minha cor preferida. A senhora usa tranças? A senhora se parece com Hedy Lamarr? É como eu vejo a senhora em meus sonhos, exatamente como Hedy Lamarr, com a diferença de que seu nome é Sophie. A senhora acha que eu vou ficar parecida com a senhora quando crescer? Vou parecer Hedy Lamarr também? Não pareço agora, mas fico pensando nisso.

Jean-Baptiste é o médico que cuida de nós. Ele diz que sou forte como um boi, mas, mesmo assim, vem dar uma olhada no meu coração na primeira sexta-feira do mês, encostando um negócio gelado de metal no meu peito e olhando dentro dos meus olhos enquanto escuta alguma coisa pelos tubos que ele enfia nos ouvidos, que estão ligados ao negócio de metal. Depois disso ele sempre sorri, balança a cabeça e diz que sou um milagre em forma de pessoa, mas eu não sei bem por quê. Aí ele enfia a mão na bolsa de couro grande que ele carrega e tira lá de dentro uma barra de chocolat*, diz que é desse remédio que eu preciso e mais nenhum. Mas ele sempre me lembra que não posso correr muito rápido, que tenho que subir as escadas devagar, que tenho que contar à madre Paul ou a Solange se minha garganta inflamar. Mas isso nunca acontece. Eu nunca, quase nunca, fico com dor de garganta. A senhora costuma ter dor de garganta,* maman*?*

Não consigo me lembrar de todas as coisas que eu queria contar,

então vou escrever de novo amanhã. Ah, mas eu queria dizer que a irmã Suzette está me ensinando a tocar piano. Na verdade ela me dá aulas desde que eu tenho 3 anos, mas agora eu alcanço os pedais bem melhor e estou tocando a "Für Elise" inteirinha, sem errar nenhuma vez. Mas eu tenho um problema. Como não sei seu nome nem onde a senhora mora, não sei como vou fazer para esta carta chegar à senhora. Acho que vou deixar na capela, embaixo do vaso que tem em frente a Nossa Senhora. Ela vai saber o que fazer. Ela também é mãe. Tenho certeza de que ela vai entregar a carta à senhora. Bem, o que eu queria mesmo era dizer à senhora para não se preocupar. Não me perdi, e espero que a senhora também não. Estou bem aqui, esperando pela senhora.

Com amor,
Amandine

Durante o recreio, Amandine preenche folhas e mais folhas do papel de carta decorado com desenhos de violetas, em sua caligrafia dolorosamente perfeita de menina de convento. Sentada de pernas cruzadas em um banco de pedra no pátio coberto, ela nem percebe o júbilo das outras alunas. Dobra a grossa pilha de páginas e as enfia um tanto tortuosamente em um envelope. Lambe o fecho, fecha a aba e a aperta firmemente com ambas as mãos, tenta igualar os lados sentando no envelope um tempinho. O endereço não é complicado: *Pour maman*. Tendo pedido permissão à irmã Geneviève para rezar um pouco na capela, ela vai direto para lá.

Amandine nunca ficou sozinha na capela antes, nunca pensou que fosse tão grandiosa quanto lhe parece agora, tingida pela fraca luz amarela de uma tarde de fevereiro. Ela se ajoelha, persigna-se com a água benta da pia, vai devagar mas confiante até a imagem de *la Vierge, a Virgem*. Faz

uma cortesia, sorri para ela.

— *Bonjour, Notre Dame*.

Rapidamente, ela tenta escorregar a carta para debaixo dos pés da Virgem, mas percebe que é muito grossa. Passando a mão pelo áspero pedestal, considera se seria tão bom quanto deixá-la *ao lado* dos pés da Virgem. Não, deve ficar escondida. Então ela sobe até a base do pedestal, joga os joelhos um de cada lado, levanta os braços e segura a Virgem por suas panturrilhas de pedra, tenta inclinar a estátua para a frente, segurando a carta entre os dentes enquanto isso. A imagem não cede. Descendo, ela tropeça, bate o queixo no mosaico de mármore do chão. A carta sofreu mais do que ela, agora ornamentada com marquinhas de dentes e gotas de saliva. Ela se levanta, aprumando-se, afasta-se um pouco da imagem.

— *Notre Dame*, será que a senhora pode fazer com que minha mãe receba esta carta? Eu ficaria muito grata. Só vou colocá-la aqui atrás para que ninguém veja. Por favor, não esqueça. Faz tempo que ela espera notícias minhas. Sabe aquela vez que Jesus foi vaguear pelo deserto? Então, minha mãe deve estar se sentindo mais ou menos como a senhora se sentiu. Tenho que ir agora. Venho dizer olá na hora da oração de Vésperas.

Ela faz uma mesura, vai até atrás da imagem, levanta o braço, coloca a carta. Dá uma leve acariciada na parte de trás das pernas de *la Vierge*. Cruza o corredor de volta para o pátio coberto.

Todo dia ela encontra alguma desculpa para entrar na capela, ir até a estátua, verificar a quantas anda a carta. Está sempre bem ali onde a deixou. No quarto dia, quando a irmã Jacqueline tira o pó da capela, encontra a carta, acha que não pode ser obra de ninguém além de Amandine e a guarda no bolso para entregá-la a Solange.

Encontrando-se só em seu quarto aquela noite, Solange

cuidadosamente abre a carta e lê. Lê mais uma vez. Vai até o armário para pegar o pacote embrulhado em papel marrom, desfaz o laço, coloca a carta em cima do pacote e amarra o barbante novamente. Guarda. Serve para si uma taça de vinho, e pensa de novo, pela milésima vez, como Philippe estava certo quando disse que Amandine era mais velha que todos eles. Senta-se à sua escrivaninha, vasculha as gavetas em busca de papel, pega a caneta. Pela primeira vez nesses oito anos desde que deixou Avise, escreve uma carta para sua mãe. Não para Janka ou suas irmãs, incluindo o pedido de que transmitam uma saudação à sua mãe, mas *para* ela própria, sua mãe. *Cher maman*.

~

No quinto dia, quando Amandine vai à la *Vierge* conferir sua carta, o envelope sumiu. Ela dá a volta na imagem, coloca-se de frente para Nossa Senhora, faz uma reverência.

— Obrigada mais uma vez, *Notre Dame*. Estava começando a... sabe... a pensar que talvez a senhora não tivesse tempo para fazer coisas como entregar correspondência, mas, bem, agora estou muito feliz-e-na-próxima-vez-quando-minha-mãe-me-mandar-o-endereço-dela-vou-poder-usar-o-correio-da-vila-mesmo-e-não-vou-mas-precisar-importuná-la-tenho-que-correr-vejo-a-senhora-amanhã-a-senhora-tem-sorte-de-estar-no-céu-agora-e-de-Jesus-estar-sempre-com-a-senhora-porque-assim-não-precisa-se-preocupar-com-ele-aliás-sempre-esqueço-de-perguntar-se-a-senhora-encontrou-com-*père*-Philippe-ele-deve-estar-com-a-avó-dele-aquela-que-tem-cabelo-azul-ou-pelo-menos-costumava-ter. *À demain, Notre Dame*.

Capítulo 19

— Está querendo que eu tenha pena dela?

— Pena, não. Compaixão, eu teria pensado. Ela não é a refugiada sibilante que a senhora faria os outros crerem que é, mas uma menininha cuja *situação* a forçou a comportar-se como uma mulher.

— Muitos de nós passamos sem o luxo de uma infância.

Uma semana se passou desde a noite em que Amandine fugiu do dormitório e do tormento das meninas do convento. Solange conseguiu colocar-se entre as irmãs designadas para as tarefas de limpeza na escola. Um serviço que a madre Paul lhe vinha negando repetidamente. Recebendo mais uma negativa, Solange simplesmente se incluiu na escala de serviços. O desprezo das meninas do convento por Amandine a choca. Não é Amandine que *prefere* a reclusão emocional, como ela acreditava. Depois de apenas alguns momentos, as peças formam uma outra figura para Solange. *São elas, as garotas do convento — com o endosso tácito de Paul e de muitas das irmãs professoras —, que a repelem, afastam-se dela. Fazem-na desaparecer.*

Tendo aberto violentamente a porta do escritório de Paul, Solange está tão furiosa que mal consegue falar. Seu sussurro sai engasgado, sem fôlego.

— A senhora tem tanta alegria assim em persegui-la, madre?

— É assim que você chama? De perseguição? Que singular.

— Como classificaria isso, madre? Quer me fazer acreditar que a senhora não tem consciência de que a senhora mesma e as alunas a machucam?

— *A vida a machucou*. Eu apenas escolhi não fazer parte de seu... seu... O que você e as outras tentam fazer, em desespero? *Resgatá-la*. Sim, é isso, escolhi não fazer parte de seu *resgate*. Todas vocês, enfeitando a verdade, tentando torná-la a heroína de uma fábula, com um vestido de tule e aquela bolsinha absurda que ela carrega por aí no braço...

— Ah, mas ela é, sim, uma heroína, madre. Enfrentou monstros e demônios e sobreviveu. Mais corajosa do que qualquer um de nós, ela lutou contra ogros, nadou em mares vorazes e ainda assim sorri e faz reverências. Como pode não se importar com ela?

— Não me importo com ninguém.

Ela desvia o olhar, baixa os olhos, passa os dedos de uma das mãos, em círculos, pela palma da outra. Sem olhar para Solange, diz:

— É interessante, agora que me dou conta disso. É verdade. Não me importo com ninguém. Cumpro minhas obrigações. É melhor do que me importar.

Paul se levanta, vai até a janela atrás de sua mesa, inclina-se e encosta a testa na veneziana.

— Deixe-me com minha indiferença e deixe-a com sua *situação difícil*. Como eu disse há muito tempo, é a herança dela.

— Se fosse somente *indiferença*... A verdade é que a senhora age contra ela. Remova as armadilhas, madre. Um campo aberto no qual ela possa

fazer seu caminho: é só o que peço da senhora.

Madre Paul dá as costas para a janela, encara Solange mais uma vez.

— Temo que esteja pedindo demais.

~

Solange sobe as escadas para seu quarto correndo, abre a porta com força, batendo contra a parede interior, deixa-a escancarada. Vai até a escrivaninha, pega uma folha na caixa de papel de carta com os desenhos de violetas nos cantos. Senta-se, carrega sua caneta.

Vossa Eminência,

A necessidade urgente por conselhos seus a respeito da saúde e do bem-estar de Amandine incita-me a solicitar uma audiência com o senhor. Por razões de privacidade, rogo que esse encontro seja realizado na cúria.

Sua devotada Solange

Capítulo 20

Ela sela o bilhete, pede a Marie-Albert que invente um pretexto para ir à cidade postá-lo. Seis carretéis de linha preta número 12, quatro metros de flanela para remendar lençóis. Meias com elástico para Paul. De posse de suas encomendas, ela vai até o parque, senta-se no banco em que ela e Amandine uma vez se sentaram para ver as crianças brincando. Retira a carta para o bispo de dentro da bolsa, vira-a, contempla demoradamente a própria caligrafia caprichada no envelope. Coloca-a de volta na bolsa, perguntando a si mesma se deve ou não enviá-la. Inclina a cabeça para trás, cerra os olhos, deixa que uma brisa perdida percorra seu rosto, seu pescoço. Sente que uma das tranças se desmanchou, arranca o elástico da ponta, coloca-o no bolso, tenta esconder as madeixas louras sob o lenço e fica nesse entorpecimento até que os sinos da Igreja de Santa Odila batam às seis horas. Então ela praticamente corre até a caixa de correio, benze-se, levanta a tampa e empurra o bilhete pela fresta.

— Amém.

Solange corre pela cidade, de volta ao convento, e, nesse percurso, o

reflexo de uma mulher na janela de uma loja chama sua atenção. *Quem estará me seguindo, próxima como uma sombra? Olheiras escuras sob os olhos tristes, boca vincada, cintura espessa, busto de matrona, roupas em desalinho, botas deselegantes e velhas, as duas tranças soltando-se sob o lenço*. Ela volta-se, fecha os olhos e, numa desgraciosa corrida cega, foge daquela sombra, da imagem prepóstera. Sem fôlego, as faces molhadas de lágrimas e suor, ela então diminui o passo. Ao aproximar-se de outras lojas, mantém os olhos fixos à frente até que, afinal — e mal virando a cabeça —, ousa olhar. Desprezível, escarninha, a mulher a encara. Agora chorando alto, e sem se importar com o calor asfixiante, o laço de uma das botas desatado e chocando-se com força contra sua perna, ela corre pela estrada de giz branco até o convento, pendura suas coisas no vestíbulo da capela, passa discretamente pela porta lateral entreaberta, persigna-se, faz a genuflexão, corre até seu banco, cai pesadamente sobre o genuflexório. *Domine, ad adjuvandum me festina*. Já começaram a oração de Vésperas. Como se fosse uma só pessoa, a irmandade volta-se para olhá-la. *Deus, tende pressa em socorrer-me, eu imploro*, reza Solange junto com elas. E como elas prosseguem na liturgia, as vozes elevando-se em cantochão, Solange murmura a mesma frase vezes seguidas, seu corpo oscilando, de leve, de leve. *Deus, tende pressa em socorrer-me*.

Quando a oração termina, as irmãs Josephine e Marie-Albert, cujos lugares no banco são um de cada lado de Solange, curvam-se para mais perto dela, exprimindo preocupação.

— Solange, como você está pálida.

— Está com febre, Solange? O que houve?

Quando os bancos se esvaziam e as irmãs saem da capela em fila dupla rumo ao refeitório, Solange respira fundo, alisa o vestido, sorri para Josephine e Marie-Albert.

— Estou bem. É só que eu fui à cidade e me atrasei. Tive que subir correndo o morro. Só estou um pouco cansada, só isso.

Josephine sugere:

— Por que não vai para os seus aposentos e eu explico à Paul, digo que você não está bem? Mando servirem o seu jantar no quarto. Prepararei a bandeja eu mesma...

— Não, não. É melhor que eu vá ao refeitório. Estou bem agora. Além disso, não vi Amandine o dia todo e queria cumprimentá-la rapidamente.

— Pelo menos vá lavar o rosto, pentear o cabelo. Melhor atrasar-se do que... — diz Marie-Albert.

Solange cobre os cabelos com o lenço, passa a mão no rosto.

— E suportar a ira de Paul por me atrasar para a refeição?

As três riem baixinho, dão-se as mãos e saem juntas. Não notam a madre, que está de pé ao lado do altar, observando em silêncio.

Quando todas estão sentadas no refeitório, é Paul, e não uma das irmãs, quem se levanta para dar graças. Quando termina a oração, ela não se senta, não deseja à irmandade e às meninas do convento *bon appétit*, *mes petites*, como é de costume após o agradecimento. Com os braços cruzados e ocultos dentro das mangas, ela permanece em silêncio e examina a bela sala, aquecida pelos perfumes vaporosos de uma boa refeição.

— Desordem da mente e desordem do corpo são convites para o demônio. Concordamos todas com isso?

— *Oui*, madre Paul — soa a resposta coletiva.

— Portanto, vocês concordarão também que *soeur* Solange, em vez de ter se preparado para sentar-se a nossa sagrada mesa, preferiu convidar o demônio a juntar-se a nós.

As irmãs ficam quietas, enquanto as meninas da escola torcem o pescoço para ver Solange, cochicham entre si. Algumas riem. Humilhada,

enrubescida, tremendo, tentando mais uma vez empurrar as madeixas para baixo do lenço, Solange se levanta, se pronuncia:

— Madre, peço perdão por minha aparência, mas a senhora compreende...

— Silêncio. Não concederei o perdão por sua transgressão da decência, e tenho certeza de que tampouco sua irmandade ou alguma dessas jovens moças a perdoará. Você não merece sentar-se entre nós. Por favor, deixe-nos e vá se humilhar perante nosso Senhor.

Solange, ainda de pé, baixa a cabeça e então passa por entre as mesas lenta e desajeitadamente até aproximar-se da porta. Volta-se para olhar para a madre, que permanece vigiando seus movimentos. Abre a boca como se fosse falar, mas então se vira, sai às pressas do refeitório.

— E agora, *mes petites*, *bon appétit*!

As irmãs estão atordoadas, pegando seus garfos e facas como se fossem instrumentos estranhos, baixando-os novamente. Desconfortáveis.

— Madre, peço permissão para falar.

É Amandine quem diz isso. Um soldado pequeno e sóbrio, mantendo-se ereto em sua posição, mãos junto ao corpo, o queixinho fino inclinado para cima, ela aguarda uma resposta. A sala está silenciosa como um túmulo.

Pigarreando, e pigarreando mais uma vez antes de responder, Paul pergunta:

— O que tem a dizer?

— Acho que a senhora é cruel, madre Paul.

A madre ri, como se não devesse levar a sério o que diz a menina:

— Então você acha que o que eu fiz foi cruel? Por acaso o...

— Não, madre. Eu disse que *a senhora é cruel*. Todos sabem que Solange é boa. Até a senhora sabe que Solange é boa. E todos sabem que a

senhora não é.

Sua voz tornou-se mais forte, mais penetrante a cada palavra.

O silêncio das outras explode em exclamações de surpresa, em gritos. Paul, agora de pé, o rosto vermelho como um pimentão, curva o corpo para dar um soco na mesa.

Numa voz meio estrangulada, Paul implora:

— Silêncio. Silêncio. Silêncio.

Ainda fincada em seu lugar, e como se não ouvisse a confusão, Amandine está tranquila, preparada para a próxima investida.

— Jamais, nos meus trinta anos de vida neste convento-escola, eu tive necessidade de impor uma punição, seja a uma irmã, seja a uma aluna neste refeitório. Esta noite, pela primeira vez, fui forçada a fazê-lo para uma, e agora... agora sou forçada a fazê-lo para outra.

A madre dá as costas para o salão, anda alguns metros na direção de um alto e escuro armário de madeira com as portas pesadas cobertas por um intricado entalhe. O consenso no salão é de que ela está à procura de algum tipo de correia, palmatória ou vara para infligir um castigo a Amandine. No entanto, quando se vira, ela tem nas mãos algo que parece uma tigela. Pequena e feita de estanho, com uma alça comprida e fina. Ela vai até Amandine, que ainda está de pé, toma seu braço e coloca a tigela em sua mão.

— E agora, vamos esmorecer sua insolência. Seu castigo é o seguinte: você irá até cada uma de nós aqui nesta sala, todas, sem exceção, e vai implorar por comida. Cada uma terá o direito de recusar-lhe o pedido. Ou conceder-lhe. A cada uma você fará uma reverência e dirá: "Embora eu seja indigna de comer o alimento que nosso Senhor nos deu, imploro que me alimente." Repita. Exatamente, "imploro que me alimente". Mais alto. Muito bem. Comece.

Amandine vai até o ponto extremo da sala, onde se sentam as meninas mais velhas, e começa sua tarefa. A primeira menina balança a cabeça, não. Amandine vai até a seguinte. Não. A seguinte. Não. Quando ela já perguntou a cinco meninas e recebeu cinco recusas, a madre diz, num sussurro áspero e severo:

— E então, *mes petites*, começamos a compreender qual, dentre nós, é *cruel*?

Sem esperança nem de ajuda nem de compaixão, Amandine prossegue em sua caminhada penitente. Antes que ela termine a sétima repetição de sua súplica, a menina coloca um pãozinho, enrolado como uma rosa, dentro da tigela. A menina seguinte faz o mesmo. E a outra. Quando Amandine se aproxima de outra mesa, Sidò, a dos óculos azuis e do remédio vermelho nas unhas, coloca seus dois pãezinhos na tigela. Não satisfeita, ela vai até um aparador, pega uma grande bandeja de madeira, volta para junto de Amandine e diz:

— Vou atrás de você com isto. Essa sua tigela é muito pequena. Pode ser?

— Tudo bem.

E as duas prosseguem. Agora, no entanto, as meninas nem sequer esperam que Amandine se aproxime: vão até ela com pão, com potes da doce manteiga branca, pequenos nacos de queijo de cabra de Banon, cada um embalado numa folha de castanheira. Tocam nela. No ombro, no braço. Beijam seu rosto. Uma das meninas menores a abraça. Uma outra traz uma grande porção de uvas verdes e duas peras marrons tiradas do centro da mesa de Paul, e as coloca na bandeja. Três, quatro meninas do convento estão de pé, recolhendo, mesa por mesa, tudo de comestível que conseguem carregar, levando para Amandine, enchendo uma segunda bandeja. Uma terceira. Durante todo esse tempo, nenhuma das irmãs, nem

Paul, interferiu na comoção em torno de Amandine. Quando a aluna mais velha, uma bela menina chamada Mathilde — numa demonstração final de solidariedade —, vai até o alto e largo armário onde são guardadas as sobremesas da noite, as meninas aplaudem. Um *clafoutis*, um doce de pequenas ameixas-amarelas e uma tigela de creme espesso: ela os coloca sobre uma quarta bandeja, levanta-a acima dos ombros com uma das mãos apenas e — aplausos maiores agora — abre caminho até as outras meninas. Na direção de Paul. Cúmplices, como se compusessem um bando bem ensaiado, elas sabem o que farão com a comida. Amandine deposita a tigela de estanho diante da madre. Uma a uma, as outras meninas deixam também suas bandejas diante dela; depois, tocam Amandine com afeição e retornam a suas mesas. Permanecendo de pé bem em frente a Paul, Amandine esvazia a tigela de estanho, deixando apenas dois pães; depois, pega dois pedaços de queijo de cabra de uma bandeja, um pote de manteiga, uvas, uma pera. Pensa melhor. Pega mais uma pera.

— Para Solange. A pera extra é para o demônio. Todo o restante é para a senhora, madre.

As alunas caem na gargalhada. Paul grita, acima do barulho:

— Se você acha que evitou o seu justo castigo, eu aconselho a pensar bem.

— O que vai fazer comigo, madre? Vai me colocar no *châtiment*? Não tenho medo de castigo. Já vivo há muito tempo sob o seu desfavor.

Amandine lhe faz uma reverência, vira-se de frente para todas no salão e, com a mão na altura da cintura, vai acenando para as meninas em movimentos de leque.

Do salão, um coro lhe deseja:

— *Bonne nuit, Amandine*.

~

— Trouxe seu jantar. Não é muito, mas... O fogo está apagando? Quer que eu fique com você um pouco?

— O quê? Por que você não está à mesa? A madre vai querer arrancar nossas cabeças. Elas sabem onde você está?

De camisola e descalça, Solange está de pé à porta dos aposentos dela e de Amandine, atônita, gaguejando, enquanto a menina coloca a tigela de estanho sobre a mesa junto à lareira e vai pegar dois copos.

— Posso tomar vinho hoje?

— Amandine, venha cá e me conte o que aconteceu.

Solange percebe uma mudança em Amandine. Como se ela fosse mais velha. Vai até ela, pega-a pelos ombros e a encara.

— Vamos, me conte — continuou Solange.

— Acho melhor que Marie-Albert ou Josephine ou alguma das irmãs lhe conte. Quer dizer, não me lembro de tudo o que aconteceu, só sei que me levantei, pedi permissão para falar e...

— Você se levantou no refeitório e pediu para falar? E o que disse?

— Eu estava brava. Estava brava com Paul por tê-la mandado embora do refeitório, então falei o que pensava. Disse que ela era cruel, e logo todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, sabe, daquele jeito de falar assustado, eu acho, por causa do que eu tinha dito. Aí, Paul me castigou, me dando aquela tigela e me mandando implorar pelo meu jantar. Eu tinha que dizer: "Embora eu seja indigna de comer o alimento que nosso Senhor nos deu, imploro que me alimente", e, no começo, ninguém me deu nada, mas, então, Sidò me deu o pão dela e todo mundo estava me dando alguma coisa. As meninas gritavam e batiam palmas e Mathilde pegou um *clafoutis* inteiro do aparador e todo mundo estava batendo

palmas mais alto e todas levamos a comida para Paul. Eu disse que ela podia ficar com tudo, quase tudo, tirando uma coisinha ou outra que eu peguei para trazer. Isso aí que está na tigela. Eu disse a Paul que era para você, e eu não tenho medo dela, Solange. Não tenho o menor medo dela e até que foi fácil dizer o que eu pensava; ela disse que eu seria castigada de novo e eu perguntei se ela me colocaria no *châtiment*; falei que ela já tinha feito isso antes e que já faz tempo que eu vivo assim — foi bem fácil dizer isso. Eu fiquei pensando em Philippe, em você e na minha mãe, mas, principalmente, em você, porque ela foi muito cruel com você, e eu não ligo que ela seja assim comigo, porque eu estou acostumada, mas, quando ela foi cruel com você, eu senti que precisava fazê-la parar. Eu queria dar um basta para que ela não pudesse fazer com você o que faz comigo. Eu só queria que ela parasse, e foi fácil depois que eu comecei. Eu também não tenho medo das meninas. Não mais. Elas me tocaram assim. No meu braço. Sabe, de carinho. Não como um tapa. E Celine, sabe a Celine? Ela é a única menor que eu, e ela ficou na ponta dos pés e me beijou no rosto, achei que ela ia precisar da minha ajuda sendo assim tão pequena e...

— Sim, Celine bem precisaria da sua ajuda.

Solange sorri, pega Amandine nos braços e começa a rir, rir e rir. Amandine começa a rir também, e elas dançam pelo quarto, dando voltas e rindo, e berrando, as duas desfazendo as tranças de Amandine e balançando seus cabelos soltos até caírem no sofá; Amandine, exausta pelos acontecimentos da noite e pelo que lhe permitiram ver. Solange, de espanto por ela. Então, elas comem o queijo, descascam as peras, passam manteiga no pão. Saboreiam o vinho.

Capítulo 21

Por dias e dias seguidos, as irmãs do convento, as irmãs professoras, não falam de outra coisa que não a cena do refeitório, e, em reconstituições sussurradas, revezam-se no papel de Paul, no papel de Amandine. Sabiamente, a madre lida com os desdobramentos do incidente ignorando-os. Sua fúria, ela a contém sob a forma da cordialidade. Apenas para a velha Josette, a irmã leiga cujas tarefas vão desde esfregar o chão e polir os móveis até servir como uma espécie de dama de companhia para Paul, ela abre o coração. Conta que deseja que *queimem todas no fogo do inferno*.

E, como sempre faz, Paul evita *desagradar* as *jeunes filles de la noblesse*. Se ela ousasse fraquejar, as meninas — com os cílios tremulando, os olhos dançando — a lembrariam de tomar cuidado com mamãe e papai. Não, nem mesmo o *cheiro* de reprimenda ela poderia lançar sobre esses lindos rebentos. Com serenidade elaboradamente projetada, Paul mantém-se em seu escritório ou se demora mais em suas voltas pelo jardim, anda com muito menor frequência pelas turmas, apenas eventualmente se dirige a uma das alunas. E quando o zumbido de suas asas de cegonha *são* ouvidos

nos corredores, portas fecham-se, ombros arqueiam-se para dentro, afastando-se dela. Como se *ela* fosse invisível. Não a procuram nem a evitam, e é apenas Amandine — sem ironia nem afeto —, dentre todas as meninas, quem não se desvia de sua *politesse* habitual. Amandine, em sua sabedoria quixotesca, em vez de autopreservatória como a de Paul, também lida com os desdobramentos da cena do refeitório ignorando-os. Paul, no entanto, interpreta tal generosidade como dissimulação, de forma que cada demonstração que a menina faz disso a leva à fúria.

~

Com sua veste de linho, Paul está sentada na cadeira dura de encosto reto em sua cela, uma noite, curvando-se para desamarrar os sapatos. Apenas um pequeno abajur ilumina o quarto. As quatro batidas na porta, marca registrada de Josette, interrompem seus devaneios.

— *Entrez*, *Josette*.

— *Bonsoir*, madre. Precisa de mais alguma coisa antes que eu...?

— Nada. Nada mesmo. Por que não se senta um pouco?

Ela estende a mão na direção do banco sob a janela, mas Josette se abaixa para terminar o serviço de retirar os sapatos da madre, carrega-os até o armário, pega uma escova e põe-se a limpá-los; depois, enche-os de papel de seda e guarda-os na prateleira de baixo. Autoritária como uma mãe, Josette pega a camisola de Paul de um gancho, despe a madre de sua combinação, entrega-lhe a camisola, dobra a roupa branca, coloca-a numa gaveta do armário, abre outra, pega os chinelos pretos — o couro profundamente modelado pelas deformidades dos pés de Paul —, coloca-os no chão à sua frente. Confere se há água na botija ao lado da cama, puxa as cobertas, olha para Paul, que voltou a se sentar na cadeira.

— Você não precisa se preocupar com esses rituais, Josette, posso muito bem fazê-los eu mesma.

— Mas eu gosto de fazê-los pela senhora, madre.

— Sim, sim, eu sei. Há quanto tempo você faz isso para mim? Quantos anos você tem?

— Setenta e oito. E em fevereiro a senhora terá 70, madre.

Josette diz isso como se suas idades só pudessem ser calculadas com base na relação de uma com a outra. Paul, com os cotovelos pousados nos joelhos, os pulsos sustentando o queixo, vira-se para Josette e balança a cabeça, surpresa. Surpresa com os números? Com a audaciosa passagem do tempo? Desviando o olhar da irmã, fixa-o para além do quarto, e nesse momento começa a chorar.

— Não está se sentindo bem, madre?

Voltando-se para Josette, ela tenta dar um sorriso.

— Está tudo bem.

— O que posso fazer?

Como se não a ouvisse, Paul move os lábios, formando palavras, meio expelindo-as, meio engolindo-as. Palavras devastadoras.

— *Que demônio a habita, Josette? O que é que mantém viva aquela criança? Eu queria que ela morresse, e fosse embora, e jamais tivesse existido. Que Deus me perdoe.*

Josette aproxima-se de Paul.

— O que disse, madre? Mal posso ouvi-la.

Paul sacode o braço, dispensando-a.

— *Bonne nuit*, madre.

Josette faz uma reverência. Tendo ouvido cada palavra, sai do quarto arrastando os pés.

~

É sábado, e Amandine cruza o pátio coberto da escola, indo ao encontro de Solange, quando Paul vem em sua direção. Amandine para a fim de lhe fazer reverência, e Paul, sem qualquer som ou sinal, toma-a rudemente pelos ombros e começa a chacoalhá-la. Amandine não se defende, apenas fecha os olhos, e então, em algo semelhante a um abraço, Paul a segura, olhando-a de cima a baixo. Amandine não desvia o olhar, mas o mantém fixo em Paul.

— Quem é você? — pergunta Paul.

Amandine se afasta, ajeita o vestido, encontra os olhos de Paul novamente.

— Quem é *a senhora*, madre?

~

Quanto às meninas da escola, que impulso as compeliu a abrir mão de sua deferência — se não a que nutrem por Paul em si, ao menos a de seu modo de agir — e em prol da criatura que por longo tempo fora a vítima preferida de todas elas? Terá sido um acúmulo de desprezo por Paul, todo um sentimento apócrifo de dor? Terá sido Amandine tão imponente, suas palavras — *Todos sabem que Solange é boa. E todos sabem que a senhora não é* — tão límpidas a ponto de incitar a revolta? Terá sido tudo isso junto? Paul se pergunta. Amandine se pergunta.

Por mais delicioso que seja para Amandine experimentar a boa vontade das meninas do convento, ser festejada, ser tocada, não é isso, não é mesmo isso o que mais a satisfaz. Ela raciocina da seguinte maneira: uma vez que, antes de tudo isso, nada fez para merecer a hostilidade das meninas do convento, como pode ter certeza de que aquela inimizade não

se manifestará novamente? Além disso, o que ela disse no refeitório não foi para extinguir a antipatia delas, mas para defender Solange. As meninas são tão volúveis, como ela pode saber que palavra ou ação sua é capaz de reacender sua hostilidade? Além disso, raciocina ela, madre Paul é constante. Seu ódio fere mais, mas com isso Amandine pode contar. Então, qual das adversárias é mais forte, quem poderá determinar? E se ninguém puder? O mistério aparece e mergulha e salta sem parar dentro de seu ser, e ela pensa que provavelmente continuará assim por um bom tempo. Talvez para sempre. Não, definitivamente não é a boa vontade o que mais satisfaz Amandine, mas dois outros espólios conquistados aquela noite: o primeiro é a ideia de que ela, afinal, pode não ser assim tão má; e o outro, um sentimento mais difícil de compreender e nomear, é o nascer de um entendimento acerca de sua própria capacidade de resolução. Sim, não importa o que elas façam, ela está bem. E continuará bem. Consequentemente, quando as meninas do convento começam a acenar-lhe com a oferta de uma ou outra posição social ou política dentro de seu intrincado sistema de castas, Amandine declina. Ela diz "não, obrigada", quando convidada a fumar Gauloises com Capucine e Antoinette no caramanchão durante o recreio, a tomar emprestado por uma hora inteira um dos livros especiais de Frédérique, assim como uma lanterninha preta para ler por baixo das cobertas, a observar os ritos de iniciação do círculo das meninas que já menstruam. Quanto ao mais distinto de todos os convites — já que se oferece apenas a umas poucas seletas meninas do sétimo ano para cima —, ela aceita. Olhar os seios de Mathilde. De frente e de perfil. *Mon Dieu*.

Há uma disputa para decidir quem vai sentar ao seu lado no refeitório e para determinar quem vai ficar de braços dados com ela quando formam uma roda para as orações do fim do dia. Um praliné sobre seu travesseiro,

uma flor em seu bolso, elas beliscam suas bochechas afetuosamente, tentam solidarizar-se com ela a respeito de sua mãe, perguntam: "Como é não conhecer sua mãe?", e dizem: "Quem quer que seja, com certeza ela é ainda mais bonita que Hedy Lamarr." E para celebrar seu oitavo aniversário, elas levantam fundos para encomendar ao *pâtissier* da cidade uma *marjolaine* de café com sete camadas, e imploram a ele que escreva em cima: "*Bon anniversaire, notre jolie mignonne*."

Solange perde o fôlego, impressionada com os esquemas sem limites das meninas do convento para reintegrar Amandine, e mais ainda com a resistência dela a se deixar levar. No entanto ela festeja essa resistência, a prudência que ela contém.

Capítulo 22

Apenas seis dias se passaram quando Solange recebe a resposta de sua mãe. Nas primeiras páginas da carta, Magda mostra-se tímida, formal até. Mas pela terceira página começa a falar com sua verdadeira voz, a voz de que Solange se recorda da época em que era bem pequena. Antes dos problemas. Magda diz que por toda parte se fala da possibilidade de uma guerra. "Os *boche** vão nos pôr à prova, mas acho que estamos preparados. Já começamos a pensar e a agir como pessoas que esperam a guerra. Estávamos enlatando pêssegos, suas irmãs e eu, com madame Borange e suas filhas, quando alguém nos perguntou que bem aquilo traria, todo aquele trabalho só para que as frutas fossem devoradas pelos *boche*. Blanchette pensou que poderíamos envenenar um lote, guardar bem à vista as embalagens com alguma marca nos vidros e enterrar o restante. Algumas pessoas de fato enterraram prata e outras coisas que julgam valiosas. Bem como fizemos durante a Grande Guerra. Admito que enchi duas valises com fotos, muito embora saiba que iremos abandoná-las como porcos no matadouro. Os *boche*. Mas mesmo assim o fiz."

Lá pela quinta página ela começa a contar sobre o pai de Solange. Que deixou a família faz uns três meses. Conta que ele foi trabalhar na Bélgica, numa pequena vila rural próxima à fronteira, começou a se aproximar de uma mulher por lá, ou pelo menos foi o que ela deduziu das fofocas que chegam de uma grande distância como aquela. Uma mulher de Charleroi, ou de uma cidade ali por perto, uma viúva com filhas. "Deus a ajude", escreve ela.

Não, ele nunca chegou perto de Chloe *ou de Blanchette. Mas quando, no inverno, passou semanas inteiras fora de casa, trabalhando como ajudante de carpinteiro em* Châtillon, *bem, eu tive suspeitas. E um dia essas suspeitas se confirmaram. O nome dela era Margaux.*

Tendo conseguido uma carona em um caminhão mal-ajambrado para vir a Châtillon, *ela veio aqui na fazenda à procura dele. Era até bonita, com um belo cabelo ruivo-escuro preso no alto da cabeça, além de ser pequena e bem-feita. Vestia um casaco velho de* tweed, *calças masculinas e, à parte a inveja de seu cabelo, tudo que senti por ela foi pena. Ela ficou ali, de pé, na cozinha, chorando e se lamentando, dizendo que seu velho pai a advertira de que seu novo namorado era* un mauvais, un charlatan. *Não demorou muito para seu* père *provar que tinha razão. Aquele homem tomava dinheiro dela, contava-lhe histórias sempre jurando-lhe amor e prometendo que nunca amara ninguém antes, menos ainda a esposa. Rogou-lhe que fosse paciente. Nunca fez menção a suas três filhas. Quando o pai de Margaux viu seu* père *com outra mulher na cidade, confrontou-o. Seu* père *riu dele, chamou Margaux de vagabunda. A condenação típica que sofrem as mulheres abandonadas por homens como seu* père.

Fiz chá para Margaux, pus pão e queijo na mesa, embora ela não tenha tocado em nada, e depois a levei de volta a Châtillon. Ela era apenas um ano mais velha que você, Solange. E apenas três dias depois eu segui até Reims, fui aos advogados. Iniciei a ação de divórcio. No caminho de volta para casa, parei na delegacia da cidade e preenchi um pedido de ordem de restrição. Quando seu père *chegou das vinhas aquela noite, dois guardas estavam à espera dele. Ele não pronunciou uma palavra sequer, nunca tentou argumentar comigo, nem naquela noite nem mais tarde ele me pediu que reconsiderasse. Se me arrependo de ter esperado tanto? Sim. Se me sinto sozinha? Sim. Mas menos sozinha do que quando ele estava aqui.*

Cortei o cabelo, curtinho com uma franja comprida, e agora que o dinheiro que ganho na venda dos meus queijos na cidade pode ficar para mim, comprei roupas novas. Um vestido cinza, com botões prateados feitos com moedas velhas, e um azul, à marinheira, com bolinhas brancas. Chloe não gostou do azul, ao contrário de Janka. Blanchette não disse nada. Pensei em mandá-lo para você. O que acha? Emagreci muito, mas estou bem. Farei 42 anos em novembro.

Lá pela nona ou décima páginas, Magda começa a falar sobre seus sentimentos, mais do que jamais fez. Pede perdão a Solange. Diz que compreende se seu perdão não puder ser sinceramente concedido. Diz que tem esperanças de que Solange volte para casa, levando consigo Amandine — a quem ela há muito considera como neta.

Como gostaria de apertar Amandine em meus braços. É claro que penso nela como uma filha sua. E, assim, admito que parte de meu desejo de

ter Amandine comigo existe porque dessa maneira eu poderia ter uma outra chance de ser sua mãe. Você compreende isso, Solange? Fico imaginando se outras mães sentem o que sinto. Fiquei pensando na mesma coisa em relação à madame Borange e sua prole e em relação a minhas irmãs e seus filhos. Fiquei pensando em Janka. Será que ela jamais ansiou por uma nova chance de ser minha mãe? Fico pensando em você também, Solange. Você anseia por uma nova chance de ser minha filha?

O bispo, entretanto, não foi tão rápido em responder a Solange. Duas, talvez quase três semanas já se passaram desde que ela lhe enviou o bilhete quando Paul manda chamá-la no jardim dada manhã. Temendo que Fabrice a tenha informado de que ela solicitou uma audiência privada, suas mãos tremem ao pegar a toalha umedecida com água de lavanda que a irmã Josephine lhe estende. Ela limpa o rosto, ajeita os cabelos. Pensa em Amandine e sorri para si mesma, dirigindo-se apressadamente até a sala da madre.

— Sua Eminência enviou uma mensagem solicitando uma reunião com você às 4 horas desta tarde. As dependências de *père* Philippe. Confio em que você se certificará de que o quarto esteja em ordem, de que as flores estejam lá.

— Sim, madre.

— Encomendei *les calissons* na cidade.

— Sim, naturalmente. Embora provavelmente ele mesmo traga os seus.

Paul levanta os olhos para ela com um sorriso franco, cúmplice; começa a dizer:

— Não tenho dúvida de que...

Ela examina a franqueza da moça, perturba-se com isso, assim como

Solange. O silêncio se prolonga. A madre remexe os papéis em sua escrivaninha enquanto Solange alisa suas tranças, morde os lábios, força-os num sorriso, depois os contrai e os relaxa novamente.

Mesmo depois de ter falhado ao não demonstrar qualquer interesse, Paul espera abertamente que Solange lhe explique o motivo da reunião. Em vez disso, porém, Solange lhe pergunta:

— É só isso, madre?

— O que você imagina que tenha motivado o bispo a marcar esse encontro?

— Não sei, madre. Com certeza algo relacionado a Amandine.

— Parece que tudo nesta casa está relacionado a Amandine. Eu, é claro, estarei às ordens caso ele queira minha presença junto a vocês dois.

— É claro, madre.

— Cabelo preso *e* um véu sobre a cabeça.

— Sim, madre.

~

Pouco depois das 16 horas, Fabrice chega ao convento da mesma forma nada cerimoniosa que chegou na noite da morte de Philippe. Vestido com sua sotaina de padre do interior e um gorro preto, ele desce deselegantemente da limusine oficial, o verde de suas galochas brotando da barra de sua roupa como os curtos e grossos caules dos cactos. Lembrando ao chofer que pegue as caixas de doce e vinho do bagageiro e as leve à cozinha, ele sobe os degraus — *bonjour*, *mes petites soeurs*, diz às irmãs que se reuniram sob o pórtico para saudá-lo —, passa pela porta, faz um aceno de cabeça para Paul, que está bem ali à soleira, e projeta sua imensa figura pelo comprido corredor que conduz à ala mais distante, rumo às

dependências de Philippe. Sem se voltar, mas consciente de que todas o observam, ele grita:

— Espero que Solange esteja à minha espera.

E ela está. Segurando a porta aberta para ele, fazendo uma reverência e curvando-se para beijar seu anel, ela observa enquanto ele se entoca nas profundezas da cadeira de espaldar alto de Philippe, curva-se para tirar as botas, levanta os pés enfiados em meias roxas para repousá-los sobre um genuflexório. Dispostos sobre uma mesa de pintura metálica com tampo de mármore estão uma bandeja de prata com pezinhos metálicos, um candelabro de prata com uma grossa vela cor de mel já acesa, uma garrafa de cristal decorado e um copo baixo do mesmo cristal. Num jato longo e pouco delicado, Fabrice despeja o envelhecido vinho do Porto tawny que ele aprecia a essa hora do dia e agarra o copo com suas grandes mãos brancas, as unhas polidas faiscando à luz amarela da vela.

— Agora, minha querida, sente-se ao meu lado. Espero que não se importe de eu ter preferido encontrá-la aqui. Embora compreenda seu desejo de privacidade, não há necessidade de segredos. Você, assim como todas as outras irmãs, tem o pleno direito de marcar uma audiência com seu bispo. Sim, você vai incorrer na ira de Paul ao exercer esse direito, mas isso não deveria ter muita importância. Já desisti de me preocupar com o que ela pensa, e recomendaria o mesmo a você. Tenho a impressão de que Amandine já está fazendo isso.

Liquescentes, os olhos cor de lama praticamente engolidos pelas dobras de suas pálpebras enrugadas de alegria, ele ri. Dando um gole no vinho do Porto, depois mais um, ele segura o copo sobre sua corpulência empertigada e dirige um olhar severo para Solange.

Ainda de pé, Solange sorri, assente com a cabeça, leva uma cadeirinha de madeira até onde Fabrice está escarrapachado. Ela se senta, cruza as

mãos sobre o colo. Ainda sorrindo, diz:

— É sobre Amandine que gostaria de falar, Vossa Eminência.

— Sim, eu sei.

— Treinei as palavras que diria, a forma que gostaria de dizê-las, mas...

— Seria mais simples se eu começasse?

— Bem, se... Bem, sim, claro, como quiser.

— Penso que você deveria pegar a menina e ir embora deste lugar.

— O quê? O que o senhor está...

— Escute. Ouça. Nem você nem Amandine têm futuro aqui.

— Como sabe...?

— Eu pedi que me escutasse. Sei dos acontecimentos recentes no refeitório. Sei que Amandine, digamos, que ela encontrou sua voz, que, de sua maneira desajeitada, lutou corpo a corpo com Paul e a levou ao chão. Ganhou a admiração das colegas, se é que isso vale de alguma coisa. Mais uma razão para ficar, este me parece ser o desfecho natural, uma forma de sair por cima, se preferir assim. Por que não ir embora de um lugar que nada acrescenta a nenhuma de vocês duas? Você e a menina não são prisioneiras de Paul. Por que ficar aqui?

— Porque minha obrigação é ficar, senhor. Ficar aqui para cuidar de Amandine, foi o que prometi fazer.

Ela agora está de pé, inclinando-se na direção dele, talvez começando a chorar.

— Acho que *cuidar dela* foi o que você prometeu fazer. Esse é o dever que você assumiu tantos anos atrás. Dever que você cumpriu esplendidamente e que, tenho certeza, continuaria a cumprir em qualquer outro lugar. Portanto, repito minha pergunta: por que ficar aqui?

Inquieta, ela se move em círculos estreitos, voltando as costas para ele e depois encarando-o novamente.

— Não foi esse o acordo? Que ela deveria ser educada aqui... e...?

— Creio que sim. Mas talvez aquele acordo tenha se tornado obsoleto. Talvez aqueles que queriam assegurar o bem-estar de Amandine tivessem sido os primeiros a dizer que não é aqui, não nesta escola nem em qualquer parte deste lugar, que o bem-estar dela é uma preocupação prioritária. Você não pode mudar isso, nem eu. Tendo consciência disso, nos tornamos prudentes. E, sendo prudentes, devemos buscar uma alternativa.

Ela recua para sua cadeira.

— O que está dizendo, senhor? Um outro convento?

— Não. Estou dizendo que acredito que vocês deveriam viver sozinhas. Uma família de duas pessoas. Você deveria criar um lar para Amandine, e para você. Você deveria se casar um dia, Solange. Você é bonita, é adorável, é gentil.

Desconfortável com os elogios, ela enrubesce, cobre o rosto com as mãos, olha novamente para ele, os pensamentos embaralhados.

Um gole de vinho do Porto, um sorriso largo, as veias arroxeadas do seu nariz parecendo esculpidas em alto-relevo à luz da vela, o bispo pergunta:

— Como começar? É o que a aflige? Com minha ajuda. O alcance da Igreja é amplo, minha cara. Eu a ajudaria a encontrar trabalho, um bom trabalho. Um apartamento em Montpellier, uma casinha num vilarejo qualquer. O que preferir. Ou talvez queira voltar a viver com sua família. Você deve deliberar calmamente e só depois decidir. No entanto, digo isso com alguma reserva.

Ele lança um olhar severo para Solange, inclina o *decanter* sobre o copo novamente.

— A guerra — diz ela. — Minha mãe me escreveu a respeito. Mas faz algumas semanas, antes desses... antes que os alemães... Sabe, por aqui

ninguém fala muito sobre...

— Hitler? Pois deveriam. Compreendo que para vocês a Tchecoslováquia e a Polônia parecem estar do outro lado do mundo, embora fiquem logo ali na estrada, dependendo de quem esteja no caminho desse chacal huno, de quem vai para o lado oposto; enfim, o que estou dizendo é que nada será como antes na Europa, e por um bom tempo, agora que isso começou. *Já* começou, Solange. Nós declaramos guerra aos *boche*. Os dados estão lançados. Por mais improvável, *impensável* que seja, essa *blitzkrieg* deles pode ser só o começo. O que estou tentando dizer é que, caso os *boche* invadam a França, bem... Caso isso aconteça, o sul será mais seguro que o norte, pelo menos até que... Aqui será mais seguro por um tempo.

Ele bebe todo o restante do vinho do Porto. Muda de expressão.

— Você sabe que eu já providenciei os documentos dela, carteira de identidade, passaporte, está tudo pronto. *Amandine Gilberte Noiret de Crécy*. Tomei a liberdade de dar meu nome a ela. Assim como o de minha mãe. Gilberte; é bem bonito, não acha? Se algum dia eu tivesse uma filha, ela se chamaria Gilberte Noiret de Crécy. E Amandine, portanto, levará consigo esse nome. Por minha mãe, por mim. Está tudo acertado. "*Amandine Gilberte Noiret de Crécy, nascida a 3 de maio de 1931, Montpellier; mãe: desconhecida, pai: desconhecido; enjeitada confiada à cúria de Montpellier no dia do nascimento*." É um começo tão bom quanto o que qualquer um de nós teve.

— Quando ela começou na escola eu a registrei como Jouffroi. Dei-lhe o meu nome, mas não sei se chegaria a ter ocasião de usá-lo ou de ser chamada assim. Então, será Noiret de Crécy. Obrigada, senhor. Muito obrigada.

— Mas ter documentos não é razão para ir embora daqui. Com certeza,

se decidir permanecer, admito que uma trégua deverá vigorar entre vocês duas e Paul. Ela não mudará. *Ma âme damnée*. A mãe espiritual de todas essas ovelhas é ela mesma uma alma condenada. Pobre mulher amarga. Não, ela não é mais capaz de mudar do que nós, do que qualquer um é capaz. No entanto, suspeito que alguma transformação sutil se daria. O pior já passou.

Solange permanece em silêncio, esforçando-se mentalmente, repassando o que ele disse, o tempo todo tentando afastar palavras como *blitzkrieg, huno, boche*.

— Sim, também acho. O pior já passou. Mas o que perturba Amandine, o que continuará a causar-lhe sofrimento é o incurável desejo da mãe. De saber alguma coisa sobre ela, de encontrá-la. O senhor poderia me ajudar com isso? Ajudar-me a ajudá-la?

— Eu sei muito pouco. Um amigo, um velho e querido amigo, contou-me o que precisava contar. E eu fiz o que ele queria. Era o tipo de caso sobre o qual nada se pergunta. Você compreende?

— Acho que sim. Mas essa ajuda que deu a seu amigo, quero dizer, o arranjo para manter Amandine aqui, se eu for embora, o que acontece com... com os fundos que...

— Sim, os fundos. A cúria foi paga para abrigar Amandine. Fundos generosos, enormemente generosos, foram transferidos à cúria quando da chegada da criança. Desde então nada veio daquela *fonte*, chamemos assim. Um caso de desvio talvez, ou, mais provavelmente, o esquecimento conveniente de alguém acerca da promessa de mantê-la. Isso não importa muito.

— Mas meu estipêndio mensal... o...

— Como eu disse, você cumpriu seu dever, Solange, assim como eu cumpri o meu. Prometi assegurar que tomariam conta de vocês, e cumpri.

Sempre cumprirei. Sou eu quem providencia os seus cheques. Eu, sob os auspícios dos abundantes recursos da cúria. Enquanto eu viver, Solange, e, se houver um pingo de honra em meus sucessores, até muito depois que eu me for, você e a menina estarão sob minha proteção. Não importa onde. Não importa para onde vão. Agora quero tirar um cochilo, então vamos encerrar por aqui.

Como se não houvesse escutado a ordem, Solange permanece na cadeira.

— Por que Paul quer ferir Amandine, senhor?

— Porque Amandine é a menina que ela queria ter sido.

— Como?

— Na estranha organização mental de Paul, Amandine é afortunada, *monstruosamente* afortunada.

— Ela acredita que uma criança mortalmente doente e abandonada pelos pais é *monstruosamente afortunada*? Uma órfã cuja figura paterna morre enquanto ela dorme em seus braços quando ela não tinha nem 6 anos, uma... — Novamente de pé, Solange chora abertamente.

— Permita-me que eu lhe conte a história de Paul. Sua mãe morreu durante o parto. O pai, um homem medonhamente fútil, pensava apenas em seu próprio conforto, *suas necessidades*. Visando certa eficiência, suponho, ele levou para sua casa uma das amantes que tinha na cidade para cuidar de sua recém-nascida Annick. Sabia que era esse o nome dela, Solange? Sim, o primeiro nome de Paul é Annick. Interessante, não é?, que você tenha dado à sua pequena protegida um nome que começa com *A*. Assim que ficou claro para aquela moça da cidade que o pai da criança não tinha a menor intenção de mantê-la como sua mulher, muito menos de se casar com ela, a tal moça foi embora, e, com menos de 1 ano, Annick foi deixada por dias e noites amarrada ao berço, enquanto seu pai colocava ao

alcance de sua mão alguns nacos de pão ou o que quer que sobrasse das refeições dele. Ele era o médico da cidade, Solange. O pai de Annick era o médico da cidade, o jovem viúvo aplaudido por seus sacrifícios, por "dar conta" de uma vida tão difícil. Embora outras mulheres fizessem fila para auxiliá-lo, o bom doutor recusava todas, exceto aquelas que cobiçava, e, dentre estas, havia bem poucas que se importassem com a criatura que passava fome e chorava, trancada no quarto do fim do corredor.

— Por favor, senhor, eu não suporto...

— Então choca-a ouvir sobre um comportamento tão selvagem? Sob um aspecto ou outro, isso é bem comum, sabe? Sim, enquanto o médico estava fora em visita a seus pacientes, deixava o bebê à mercê das próprias fezes, do próprio vômito e da própria fome pelo tempo que fosse conveniente para ele. Mas, estivesse ele ausente ou presente, o bebê estava sozinho. Ele nunca a pegava nos braços. Você compreende que diabólica agressão é recusar a uma criança o acalanto que ela anseia?

Fabrice diz isso tudo numa voz menos beligerante. Ainda assim, as palavras e os acontecimentos que elas pintam acabaram por fatigarem-no. Ele abaixa a cabeça, fecha os olhos e fica quieto até que, num arranco que quase assusta Solange, ergue a cabeça novamente, repousa-a no encosto da cadeira, fixa seu olhar em Solange, e continua:

— Mas havia uma pessoa... uma menina que devia ter não mais que 7 ou 8 anos quando Annick nasceu... que se incumbiu de cuidar do bebê. Ela era um dos cinco ou seis filhos de uma família pobre do lugar, a mais velha, eu acho. Uma *arrière mental*, lenta na compreensão e na fala, era uma figura folclórica, a amável idiota da cidade. Outra criança abandonada à própria sorte, ela vagava pela cidade e pelo campo o dia inteiro, às vezes voltando para casa já noite feita, muitas vezes nem voltando. Dormindo sob as árvores, furtando o que podia dos jardins e dos pomares, batendo

em portas em busca de abrigo quando chovia ou fazia frio. Ia levando a vida assim. Não porque sua mãe fosse cruel, ela apenas estava ocupada e alquebrada pela miséria e pelos cuidados com os filhos mais novos. Parece que quando essa menininha ouviu falar da morte da esposa do médico, do bebê, de alguma forma concebeu a ideia de que era ela quem deveria cuidar desse bebê. O médico condescendeu com ela, permitiu que usasse a criaturinha como uma espécie de boneca, um prêmio por obedecer às suas ordens, que eram alimentar os animais e arrastar o carvão até o sótão, serviços que ele teria que pagar alguém para fazer ou executá-los ele mesmo. Quando a menina terminava o trabalho, corria para o bebê, lavava-o com a própria saliva cuspida em qualquer trapo que estivesse à mão; dividia com ela sua comida de procedência dúbia, e às vezes furtada, ou tentava alimentá-lo da forma como vira sua mãe fazer, dando o peito a seus irmãos e irmãs. Cantava para ela por horas seguidas, ninava-a em seus braços magros e imundos até ambas caírem no sono. Dava-lhe uma boa pancada também, vez por outra, mais uma das lições que aprendera com a própria mãe acerca de como cuidar de crianças. Ao fim e ao cabo, ela fez ao bebê menos mal do que bem, compreende?, pois amava aquela coisinha. Um amor instintivo, suponho. Pois ela jamais conhecera alguém além dela própria que amasse a criança, assim como jamais conhecera quem a amasse. Portanto, encarregou-se de defendê-la, de *salvá-la*, e de salvar a si mesma. Annick era a única missão na vida daquela garotinha. Ainda é.

— O que quer dizer com "ainda é"?

— Aquela garotinha chamava-se Josette.

— Josette. Josette? Essa Jos...

— A própria.

— De alguma maneira, Annick sobreviveu, cresceu e envelheceu, mas

mesmo quando ela começou a tomar conta de si mesma, Josette ficou a seu lado. E embora Annick deva ter ultrapassado Josette em inteligência aos 4 ou 5 anos, Josette vicejava à sua maneira, em seu próprio ritmo. Com a ajuda de Annick. Quando Annick foi para a escola, começou a dar lições para Josette. Ensinou-a a ler e escrever, mesmo que de uma maneira peculiar. Ajudou-a a cuidar de seu ser físico, dividia suas roupas com ela. E sua comida. Assim girou a roda da sorte, e Josette se transformou na "missão" de Annick. Depois de algum tempo, quando a lealdade de Josette não tinha mais serventia para o médico, ele estabeleceu novas regras: baniu suas visitas, mandou-a embora, e de forma bem grosseira. Mas mesmo assim ela voltava. Com menos frequência, é claro, mas sempre encontrava uma maneira de voltar para ver Annick. Quando o médico entregou sua filha para as carmelitas, recusando-se a ser deixada para trás, na mesma noite apareceu também Josette, de mala e cuia, apresentando-se à abadessa como faxineira. Foi aceita como irmã leiga, ou, na verdade, como uma escrava, e assim reassumiu sua vigilância sobre sua amada Annick. E desde então ambas permanecem aqui.

"Eu vim a saber dessa história por Josette, e em parte pela própria Paul, ou melhor, Annick, mas a maior parte foi pelo tal médico. Deve fazer uns 15 anos que ele apareceu aqui no convento querendo falar com a filha. Como os homens de sua estirpe costumam fazer, ele esperou até seus dias na Terra estarem próximos de acabar para fazer essa visita. Ela recusou-se a vê-lo. Philippe então o enviou a mim, e eu me converti no repositório de tudo o que ele queria dizer a Annick. Que lamentava por tudo, que fora um homem fraco e solitário, que desprezava a pequena Annick por crer que, ao nascer, ela tivesse assassinado a esposa dele. A esposa que ele traía e em quem batia e... Ouvi sua confissão, disse que fosse para casa morrer absolvido por Deus, já que não o fora por sua filha."

— Sinto muito por Annick, quero dizer, por Paul. E por Josette. Sinto muitíssimo, senhor. Mas o que isso tudo tem a ver com Amandine?

— Não se dá conta de como o círculo se fecha? Paul se vingou em Amandine. A tela em branco que representa um recém-nascido. Era uma tentação grande demais para ela. Ela se propôs a devorar aquela criança. A menina que havia, sim, sido enjeitada, abandonada, mas em mãos tão estimáveis. Com adornos tão valiosos. Aquela criança que subjugou uma doença mortal, que conquistou Jean-Baptiste e Philippe, cada uma das irmãs do convento, que conquistou você, é claro, e, para completar o tormento de Paul, que também conquistou a mim. Todos enfeitiçados por ela. Algumas pessoas só desejam que a dor cesse, enquanto outras desejam passá-la adiante. É simples assim, minha cara.

— Não consigo achar isso tudo *simples*. O senhor está me contando essa história para despertar minha compaixão por Paul?

— De forma alguma. Tudo isso foi minha resposta para sua pergunta: "Por que Paul quer ferir Amandine, senhor?"

— O senhor não sabe quem são os pais dela?

— Não, não sei.

— Mas pode me ajudar a descobrir?

— Mesmo que eu concordasse em que isso seja o melhor, não saberia nem por onde começar.

— Por seu velho amigo.

— Morreu há muito tempo. Há tanto tempo quanto creio terem desaparecido todos os traços daqueles que desejavam esquecê-la. Amandine não é a primeira criança a ser tão deliberadamente, tão determinadamente *perdida*.

— Mas compreenda, senhor, que ela não se perdeu apenas deles, e sim de todos. De mim. Dela mesma. Eles cumpriram muito bem seu papel.

— É o que parece. Mas ela é sábia e forte. Tem um temperamento dócil. Concederam-lhe isso. E será o suficiente. Ela vai superar tudo isso. Você vai ver. Mas esse negócio da guerra, isso é real, Solange. Num ou noutro lugar, você e Amandine, tal como o restante de nós, terão que enfrentar o que nos está reservado. Você precisa decidir onde prefere que isso aconteça: aqui conosco, com sua família ou sozinha em algum lugar. Você tem muito em que pensar, não é mesmo?

Muito em que pensar, sim, Fabrice. Revelações, conselhos, ordens e afirmações, tudo despejado jovialmente junto ao fogo, acompanhado de um grande e inquieto consumo de vinho do Porto e de sua voz confiante e resoluta. Sua lealdade ao amigo, a esse outro bispo, o pacto que fez com ele a guiar o caminho dessa criança. Sua aprovação em relação a mim como a figura eleita para criá-la. Sua prontidão para nos ajudar. Ficar ou ir embora — de qualquer forma ele não impõe condições, ele confia em minhas escolhas. Ouso crer que, se ele fosse mais jovem, teria dito "Vamos embora", e partiria conosco; sim, é quase como se ele quisesse se realizar por meio de nossa partida. Como se quisesse que façamos o que ele não fez. O que Paul jamais fez.

Escreverei de novo para maman. *Se ela me convidar a ir para casa, iremos. Sim, é isto o que definirá minha decisão: a palavra de* maman. *Por tudo que ela já disse, não tenho dúvidas de que deseja nos receber, a não ser sobre o que ela poderá pensar dessa guerra. Como foi mesmo que Fabrice colocou o problema? "Dependendo de quem esteja no caminho desse chacal huno, de quem vai para o lado oposto; enfim, o que estou dizendo é que nada será como antes na Europa, e por um bom tempo, agora que isso começou.* Já *começou, Solange."*

Maman *me dirá se esta é a hora certa. Se lhe parecer correto. Mas o que dirá, pensará e sentirá Amandine se eu disser que estamos indo embora? O*

ano letivo acaba de começar, e ela agora está mais à vontade. O pior já passou, como disse o próprio Fabrice. Hesito porque quem teme sou eu. Especialmente diante da perspectiva de constituir "uma família de duas pessoas". Sem a ajuda das irmãs, será que consigo cuidar dela? Será por isso que eu quero levá-la para Avise? Para maman *e* grand-mère, *para Blanchette e Chloe? Será que estou tentando reconstruir o convento? O trabalho compartilhado? Uma outra tribo de mulheres para amar Amandine, para mimá-la. Fabrice confia em mim. Eu busquei seu conselho e ele me atendeu. Agora preciso tentar eu mesma confiar em mim. Ainda assim, para o bem ou para o mal, este seria o único lar que ela conheceria. E me lembro bem de sua reação impetuosa quando Amandine era menor e surgi com a ideia de uma visita a Avise. Será que ela reagiria da mesma forma hoje? O que é o melhor para você, Amandine? Deus, tende pressa em socorrer-me.*

Nota:

**Boche*: palavra francesa ofensiva usada, nas duas Grandes Guerras, para se referir aos alemães, especialmente os soldados. Trata-se da fusão das palavras *allemand* (alemão) e *caboche* (repolho), formando *alboche*, termo depois reduzido de sua sílaba inicial.

PARTE II



Maio–junho de 1940

Cracóvia, Paris

Capítulo 23

Cracóvia caiu em cinco dias. Mais um tombo de joelhos do que uma queda. A grande e velha senhora medieval. A 6 de setembro de 1939. Cinco dias insanos depois que dois milhões de soldados das tropas alemãs atacaram as fronteiras polonesas no norte e no oeste em tanques e aviões, em caminhões, a pé, todos determinados a obliterar o exército polonês e, mais ainda, a alma polonesa. Mas isso eles já haviam tentado antes. Com divisões históricas e redesenhos de fronteiras, toda nação que tocava o solo polonês acabava por conseguir o que queria com aquele país, entalhando-o, fazendo-o sangrar, tentando sufocar sua *polonidade*, chamando-a de Prússia, Alemanha, ou Rússia, ou Áustria. Invasões, dominações, Estados de sítio, perseguições, governos-marionetes, mude a fronteira, mude o nome, *ainda somos a Polônia*. Vejam bem, não era a máquina de guerra polonesa — esfarrapada, deficiente — que apavorava os alemães em 1939, tampouco a coragem feroz dos corações-valentes — o único exército de toda a Europa que lutou do primeiro ao último dia da guerra. Não, não era o poderio militar, mas o poderio moral. A lealdade polonesa prosperava

não em nome de um açougueiro abominável, mas em nome da humanidade dos seus próprios cidadãos. Sim, era sua *polonidade*, essa inexorável *polonidade*, que ulcerava os meninos do Führer.

Ao contrário de Varsóvia, ao contrário de Lviv, ao contrário de cidades e vilas ao longo do caminho impiedoso da *blitzkrieg*, o sangue, os ossos e os tijolos de Cracóvia sofreram pouco. Menos. Nenhum fogo, nenhuma destruição, nenhum massacre ornamentou a intrusão daquela cidade que os alemães consideravam ser deles próprios. *Unser Krakau*. A condessa Czartoryska estava lá.

Agora, aos 43 anos, e talvez mais bela do que naquele dia de 1931 em Montpellier, quando ela levou o bebê de 5 meses de sua filha — consignou-o irrevogavelmente — para o Convento de St. Hilaire. A vida da condessa Czartoryska prosseguiu em grande parte como ela desejava. Privilégios, deveres, compasso, ritmo, tom, penteados ondulados, casacos de zibelina e calças Chanel. Vestidos Schiaparelli e diamantes amarelos. O teatro, a ópera, a mesa à janela no Jama Januszika todas as manhãs às 11 horas para tortas de framboesa e a troca de olhares penetrantes com um violoncelista de barba grisalha da Filarmônica de Cracóvia. Temporadas nas propriedades da família para caçadas e bailes, piqueniques à luz de velas nos pés dos Cárpatos, dispostos por caravanas de criados que carregavam a prataria e as roupas de mesa, todas de linho, e as provisões preparadas para a chegada, em luxuosos automóveis, dos nobres envoltos em boa caxemira escocesa. Um mês em Paris, algumas semanas em Baden, um caso de amor duradouro com um príncipe eslavo sem importância. A vida para a condessa Czartoryska — como para todas as mulheres de sua condição — seguia tranquilamente à deriva, como acontece com a aristocracia desde o século XVI.

E, grande egoísta que era, a condessa acreditava piamente que tudo o

que fizera, que tudo o que pensara, que tudo o que vivera, tudo fora para *os outros*. Para Andzelika, é claro. Sua Andzelika. E, mais recentemente, também para Janusz. O príncipe Janusz Rudski, com quem, dois anos antes, Andzelika estivera diante do altar da capela Sigismundo da Catedral de Wawel — uma lindíssima noiva em cetim azul-glacial, com cinco metros de cauda encrespando-se atrás de si, mantida um pouco acima do solo por oito pajens em calças brancas de veludo e jaquetas de damasco — para tomar o príncipe como seu marido legalmente constituído. Sentada, como agora está a condessa, na antepenúltima fila do lado esquerdo da Basílica de Mariacki, calçada com uma sandália marrom e branca de salto — revelando unhas perfeitamente pintadas de vermelho-escuro —, apoiada no genuflexório, com um vestido de seda de um marrom mais claro sobre os joelhos nus, alvos, de pele perfeita, ela recorda seu triunfo.

Verdade seja dita, Janusz estava evidentemente interessado em Andzelika. Não tanto por meus ardis e mais pela beleza dela. A pele de marfim do pai. Mas os olhos — negros como as uvas húngaras, os olhos eu admito que são meus. E aquela volúpia de cabelo, solto no dia em que Janusz a viu pela primeira vez, não foi assim? Esvoaçando atrás de Andzelika quando ela passou por ele em seu cavalo com os companheiros de caçada. Uma comprida jaqueta cor-de-rosa abotoada até o queixo. Ele havia chegado tarde, Janusz, tarde demais para juntar-se ao grupo naquele primeiro dia, e lembro que ele ficou andando de um lado para o outro, sua silhueta longa e esbelta atravessando as salas, seus dedos passando pelo cabelo quase branco de tão loiro, esperando que os outros voltassem. Que ela voltasse. Menina tola, julgou-o velho aos 31 anos, passou a semana toda excursionando por aí na companhia dos dois irmãos Rolnicki. Mas Janusz foi paciente. Foi durante a mazurca daquela última noite. Ela, inquieta e ágil como uma dançarina; ele, com as palmas das mãos viradas para cima na altura da cintura, circulou-a

num raio próximo, o queixo elevado e o cabelo caindo na testa em uma franja a cada vez que sua bota golpeava o chão, até que os olhos de Andzelika se estreitaram, sorriram para ele e o desafiaram. Todos viram. Janusz sorriu também, e estava feito. Terão os dois, desde então, passado nem que seja um ou dois dias separados um do outro? Não me lembro.

Temi que ela lhe contasse de seu deslize, então implorei-lhe silêncio. Fomos bem-sucedidas, Andzelika e eu, no feito impossível de manter um segredo num meio como o nosso. Houve momentos em que cheguei a crer que nem ela mesma se lembrava de nada, pois mencionava a criança muito, mas muito raramente. Como temi que um dia ela anunciasse o desejo de visitar o túmulo na Suíça, como me armei de argumentos de que uma viagem dessas só levaria a... Mas ela nunca pediu. Quando ouviu dizer que Droutskoy se casara, ficou amuada por alguns dias. Perguntou se eu tinha certeza de que ele jamais fora informado por ninguém de que ela havia dado à luz um filho seu. Absoluta, falei. E essa foi a última vez que ela falou dele e da criança. Como se ambos tivessem sido parte de um mesmo pesadelo que ela desejasse esquecer. Eu, no entanto, sabia que eram reais. Sei que a criança era real, e que tenho sido assombrada por ela cada dia e cada noite dos últimos nove anos. Hoje sou uma expert *em minha guerra contra a agonia que ela provoca. E então penso em Andzelika, na* princesa *Andzelika, em como sua vida teria sido maculada, sufocada, pela presença daquela criança. Quem a iria querer? Janusz não, com certeza.*

A condessa sempre termina seus devaneios bem neste ponto. Com a mesma pergunta. E a mesma resposta. Por vezes e vezes ela precisa se convencer de que fez o que fez em nome de Andzelika. Basta pensar assim só mais uma vez que a mentira talvez mude de coloração, transforme-se em verdade. No entanto, isso nunca acontece. Bem lá no fundo ela sabe que não foi para proteger Andzelika que abandonou a criança, mas em

nome de sua vendeta. Sua vingança contra Antoni, contra aquele singular e único ato que demonstrou que aquela maldita baronesa valia para ele mais que a própria vida. Como poderia alguém esperar que ela, Valeska, amasse e aceitasse uma criança do mesmo sangue que corria nas veias da prostituta de Antoni?

Qualquer outro homem ou rapaz, Andzelika, e eu poderia ter — eu teria — engolido meu desgosto, mas nunca Droutskoy. Assim, meu pecado não foi o da ferocidade materna, mas simplesmente o do orgulho. O meu próprio. Minha única salvação é que, por mais que eu tente evitar, sempre digo a verdade a mim mesma.

Desatando o lenço branco que lhe cobre a cabeça e enfiando-o na bolsa que traz pendurada no pulso, ela atravessa as portas do lado sul da Basílica de Mariacki, mergulhando na manhã extraordinariamente sufocante de fim de maio.

Depois de nove meses de ocupação, Cracóvia parece surpreendentemente inalterada, suas glórias arquitetônicas preservadas, uma aparente normalidade por toda parte das ruas praticamente silenciosas. As pessoas trabalham, vão à missa, acendem velas, rezam, fazem compras, jantam, dormem, agarram-se à sua herança, aos seus ideais, à palavra dos aliados. Afinal, a França os trairia? E a Inglaterra? Isso tudo vai passar. Uma guerra curta. Até lá, segue-se essa meia vida meio familiar. É preciso se deixar levar pela fantasia de que o centro de Cracóvia foi transformado em um cenário de filme, no qual centenas de meninos e homens vistosos em seus coturnos desfilam de uniforme; sim, uma *aparente normalidade* requer apenas uma olhadela ou duas em um espelho pequeno e distorcido. Mas, para se prolongar a fantasia, é preciso ignorar os cartazes que anunciam, em uma bela grafia cursiva, *Nur für Deutsche* — apenas para alemães —, nas janelas dos melhores restaurantes e lojas; é

preciso escolher não ouvir os rumores sobre as torturas na rua Montelupi; fugir — de cabeça baixa — durante o *lapanki*, as prisões aleatórias que os rapazes de coturno cumprem aqui e ali, de tempos em tempos. E, ante aquele estalo seco e agudo de pistola que se ouve do outro lado do café, deve-se responder com olhos no horizonte e com mais um gole exausto no pequeno cálice de cristal contendo *slivovitz*. Ah, mais uma coisa. Fique longe de Podgórze, o gueto onde os judeus foram confinados. O pior da ocupação de Cracóvia acontece ali. Humilhação, fome, a rajada veloz de uma MG34 contra as portas de um apartamento que levam ao balcão superior, apenas para rasgar o tédio de uma noite calma de primavera, os rapazes de coturno disputando entre si para prestar serviço naquela província além da cerca. Aquele lugar onde estão os judeus. Sim, fique mesmo longe de Podgórze.

A condessa vai até o Rynek Glowny, a praça do mercado, para ver as sobras que os ocupantes deixaram hoje, comida para os *Untermenschen**: legumes e verduras apodrecidos, frutas amassadas e despedaçadas, as partes menos tentadoras do porco. *Na verdade, pouco importa,* pensa ela, acariciando uma colina de pequenas peras duras e marrons, uma vez que esse é mais um hábito seu, esse exame matinal do mercado. Engradados, caixas e sacos de comida excelente são pontualmente entregues pela porta dos fundos de seu palácio todas as terças-feiras e sábados. Peixes lacustres provenientes do norte, às sextas-feiras. Ela volta pela rua Franciszkanska, passando pela Nazi Partei-Haus, e, ao chegar ao palácio dos Czartoryski, deixa seus poucos achados com os cozinheiros, verifica o andamento dos preparativos para o almoço, e depois vai tomar um banho rápido e descansar antes da refeição das 13 horas, quando costuma receber seus convidados. *Virão oito hoje, ou seriam nove?*

Em vez de amigos ou familiares, ela prefere almoçar com seus hóspedes

alemães. Oficiais da Wehrmacht e seus auxiliares. Hóspedes já faz um bom tempo. Pois vejam: apesar dos desesperados apelos da filha e de outros membros de sua família, a condessa ficou em Cracóvia quando os outros fugiram. Exatamente o mesmo zelo que ela usou para *proteger* Andzelika, ela utilizará para proteger sua casa, suas posses, seu ritmo de vida. Como se sua presença pudesse deter ninguém menos que o exército alemão.

Ela acenou da janela de seu quarto quando, ao amanhecer, Andzelika e Janusz, com o Bentley branco lotado de malas, juntaram-se à hégira quase muda do clã Rudski que saía de Cracóvia menos de um dia antes da invasão. Centenas, milhares haviam partido antes deles, trocando Cracóvia por vilarejos e cidades rurais afastadas, ou cruzando as fronteiras com Romênia, Iugoslávia e Tchecoslováquia, sem saber que corriam não em direção à liberdade, mas direto para o vil abraço dos cada vez mais próximos russos. Contudo, no último dia de agosto de 1939, foi a Paris que Andzelika, Janusz e a família dele se dirigiram. Exatamente como fizeram, em semelhantes situações de ameaça, poloneses de menor ou maior nobreza no século XIX, e novamente durante a Grande Guerra, Andzelika e Janusz, e aqueles que os acompanhavam, estabeleceriam uma espécie de corte polonesa em vários hotéis finos parisienses, entrincheirando-se em uma vida muito parecida com a que levavam antes em Cracóvia. Esperariam o fim da guerra em terrenos estrangeiros, como condizia àqueles de sua estatura. Apesar de a ópera estar fechada, de ataques aéreos interromperem os jantares e de ser enlouquecedora a falta de melhores vinhos, o consolo era que a guerra estava longe. Assim como aqueles que haviam ficado em Cracóvia usavam o espelho distorcido para sobreviver, assim também o faziam os que haviam fugido. Porém, em 3 de junho de 1940, quando as bombas alemãs atingiram Paris pela primeira

vez, até mesmo esses espelhos foram quebrados. Enquanto isso, em Cracóvia, a condessa, como sempre havia feito, *fez com que* as coisas correspondessem aos seus propósitos.

~

No começo de outubro de 1939, quando o coronel da Wehrmacht Dietmar von Karajan e seus soldados esmurraram a aldrava de ferro em forma de cabeça de leão contra a placa de ferro presa às grandes portas entalhadas do palácio dos Czartoryski, a condessa estava preparada. Na verdade, ela até se perguntava por que sua casa havia sido deixada de lado por tanto tempo, quando quase todos os outros palácios prestigiosos já haviam sido tomados por oficiais da SS e da Wehrmacht e, às vezes, por homens da Gestapo. O que ela não sabia era o seguinte: o coronel a vira três semanas antes, em um dos primeiros dias da ocupação. Ela vinha caminhando apressada sobre o calçamento de pedras, voltando da missa na Basílica de Mariacki. Quando o carro do coronel passou por ela, seus olhares se encontraram. Ele mandou o motorista parar, segui-la, descobrir quem era. Com essa investigação, o coronel pretendia garantir alojamentos e talvez até, pensou ele, *uma mulher*. Tinha negócios a tratar em Varsóvia, e, quando regressou, foi ele próprio, cercado por seus homens, que bateu a cabeça de leão na porta da condessa.

~

Ela recebeu a trupe como se os tivesse convidado; o coronel, um capitão e seus respectivos séquitos — nove membros da Wehrmacht no total. Falando natural e fluentemente seu *Hochdeutsch*, uma variante do idioma alemão aprendida no convento, ela lhes serviu *amontillado*, às 11 horas da

manhã, em taças de prata, acompanhado por biscoitos de avelã; em seguida, linda em seu vestido de seda branca, subiu as escadas que levavam aos andares superiores para mostrar-lhes as seis espaçosas suítes em que eles dormiriam. Valeska sempre se sentira à vontade na companhia de homens. Se precisava haver uma guerra, se precisava haver uma ocupação de sua cidade e uma requisição de sua casa, que as coisas fossem conduzidas com um mínimo de dignidade, disse ela com os olhos quando o coronel se curvou para acender seu cigarro.

Além do segundo e do terceiro andares, o coronel requisitou o uso pleno das salas de recepção do primeiro andar, incluindo o salão de visitas principal, a sala de jantar, a biblioteca. Foi a própria condessa que, desejando poupar o coronel de ter que lhe pedir, dispôs-se a se instalar numa pequena suíte do térreo — quarto de dormir, sala de estar e uma pequena sala de visitas —, antigamente ocupada pela idosa mãe de Antoni. Como toda boa anfitriã, ela começou a explicar as regras da casa: as refeições servidas pontualmente, a qualidade da cozinha e da despensa, os bons modos à mesa — *nada de falar sobre a guerra, advertiu ela* —, o veto a qualquer mulher que não fosse aprovada por ela, o toque de recolher à meia-noite para não perturbar os empregados, um dos quais tinha um bebê pequeno. A condessa endereçava cada uma das advertências olhando diretamente nos olhos azul-escuros suíços do coronel, e ele, com a mão distraidamente sobre a boca, os dedos tentando conter um sorriso involuntário, ouvia tudo como se fossem verdades profundas e surpreendentes. Em seguida, acenos veementes de cabeça, de todo o grupo, a mão dela sendo beijada, a garantia da conclusão tranquila e eficiente de sua instalação bem antes do jantar. Sim, a condessa Valeska estava bem à vontade com aquilo tudo.

~

Indiferente como um retrato à cabeceira da mesa, a condessa, rodeada por seus convidados escrupulosamente escovados e vincados — o coronel à sua direita —, bebeu e comeu com a Wehrmacht, e, juntos, eles falaram vagamente de suas vidas. Naqueles primeiros dias, ela pensou em convidar amigas suas para o jantar, com o objetivo de entreter os jovens rapazes. No entanto, entre as poucas que restavam, não havia uma sequer que servisse muito bem. Nenhuma que fosse bonita, mas não demais, encantadora mas não irresistível. Decerto que encontravam suas próprias mulheres, as ucranianas pagas que se sentavam na cerca do mercado, e algumas garotas dali mesmo também, já que o amor, a luxúria e a necessidade de uma boa refeição superam o patriotismo de tempos em tempos. Mas os homens eram respeitosos e até mesmo bebiam de maneira bastante cavalheiresca. Alguns dos soldados passavam dias da semana em postos fora da cidade, e, para os demais, havia manobras e movimentos táticos obrigatórios todas as tardes, de forma que a casa ficava sossegada a maior parte do tempo. A vida prosseguia.

Após o jantar, Valeska passava as noites em seus aposentos, lendo e ouvindo abertamente a BBC, embora tivesse sido decretada a entrega dos rádios ainda não confiscados. Logo no início o coronel perguntou-lhe se a perturbaria caso tocasse piano às vezes. *De forma alguma, eu também toco*. Ela, Chopin; ele, Bach: tocavam um para o outro e muitas vezes também para os outros. Valeska e o coronel dificilmente ficavam a sós, ainda que, quando ficassem, ela tivesse desenvolvido a habilidade de mantê-lo próximo enquanto se mantinha afastada — uma dança apreciada pelo coronel —, e a única intimidade a que eles chegaram foi falar sobre suas famílias. De Andzelika e Janusz, da esposa do coronel e de seus filhos já

adultos.

Uma noite, o coronel, com o pesado xale de seda branca da condessa nas mãos, entra no salão enquanto Valeska está tocando piano. Ele para atrás dela, delicadamente pousa o xale sobre seus ombros. Suas mãos se demoram, trêmulas. Ela retarda o andamento da música, mas não a interrompe. Mesmo quando ele começa a falar, ela continua a tocar:

— Venha, vamos conversar um pouco. Gostaria de levá-la a um lugarzinho aonde vou de tempos em tempos.

— Como o senhor bem sabe, eu saio muito raramente à noite, e nunca na companhia de um oficial da ocupação. Ainda menos para ir a um bar num porão qualquer.

— Esta noite eu não sou um oficial da ocupação, mas um homem que deseja... que deseja "cortejá-la", Valeska. — É a primeira vez que ele omite o título dela. — E o que a faz pensar que eu a levaria a um bar de porão?

— Pelo que sei, são apenas esses, e apenas os mais degradados desses, que permitem o acesso à *Untermenschen*.

— Permita-me mostrá-la que para toda regra há uma exceção.

O coronel tem duas motivações para fazer tal convite. Independentemente do fato de ele querer estar com Valeska em um ambiente em que eles possam ignorar mais facilmente o papel dele como invasor e o dela como invadida, ele deseja contar-lhe que muitos oficiais começaram a mandar vir suas famílias, uma vez que o governador-geral de Cracóvia, Hans Frank, declarou publicamente: "O mundo vai cessar de existir antes que os nazistas deixem Cracóvia", impulsionando um ímpeto na comunicação dos soldados com suas famílias que esperavam na terra natal deles. O coronel não foi um daqueles que escreveu para sua esposa. Na verdade, ele é que recebeu um telegrama dela: *Ich freue mich Sie wiederzusehen* (Espero ansiosamente revê-lo), dizia. A carta ainda estava

sem resposta.

Emocionalmente separados durante grande parte de seu casamento, o coronel e sua esposa há muito aderiram a uma farsa, tentando fazer a frieza passar por amor. Por seus filhos, em nome do dever familiar. Mas depois que as crianças cresceram e saíram de casa, e a guerra o alcançou, o coronel pensou em ter uma amante. A Wehrmacht cumpriria muito bem esse papel, considerou. E cumpriu. Até que ele viu a mulher de grandes olhos negros avançando afetadamente pela praça do comércio. *Será que estou apaixonado pela condessa? Como nunca senti amor nem nada próximo disso, não sei dizer. No entanto...*

Esta noite ele gostaria de *informar* a condessa da chegada iminente das famílias de alguns de seus homens e, mais ainda, observar seus olhos ao contar-lhe que talvez sua esposa também venha. Mais um jogo, sim. Mas como descobrir o que ela pensa se não dessa forma? Ao longo dos últimos meses ele aprendeu a ouvir mais os olhos do que as palavras dela.

A condessa está falando alguma coisa. Algo sobre *patriotismo*, será isso?

— Não posso alegar um patriotismo fervoroso, coronel, tanto que admito livremente ter me assemelhado em muito a Nero ao lamentar o estado de meus pisos de mármore e de meu penteado, enquanto evitava as verdades repulsivas acerca da ocupação do meu país. Mas também sou da raça dos *Untermenschen*, coronel, também sou polonesa. Por que o coronel se contaminaria "cortejando", como o diz, uma de nós? O que o faz pensar que eu o desejaria, coronel? Como posso saber o que o senhor faz quando sai daqui pela manhã, ou o que fez ou está inclinado a fazer em nome do seu abominável deus? O *outro nome da honra é lealdade*. Não foi esse o juramento que fez, coronel? Em outras palavras, não deve o senhor fazer o que lhe pedem, seja o que for? *Seja o que for*. Peço que não confunda minha hospitalidade com algo mais. Estou brincando de casinha com o

senhor e seus homens, mas, em meu íntimo, torcendo, o mais educadamente possível, que chegue o dia em que vocês deixarão minha casa e minha cidade.

A condessa retirou bruscamente o xale colocado de maneira tão carinhosa pelo coronel momentos antes. O xale cai de suas mãos, e o coronel se inclina para recuperá-lo. Segurando-o, mas desejando que fosse ela sob suas mãos, ele diz calmamente:

— Madame, a senhora citou o juramento da SS, que não é o meu. A raça alemã, como todas as outras, dá à luz homens de caracteres diferentes. Eu, tranquilamente, atiraria em mim mesmo antes que pudessem me convencer a desempenhar certos atos. Mas você já sabe disso, Valeska. E sabe também de algo mais.

— O que é que eu sei, coronel?

— Que os meus sentimentos amorosos por você são... são *correspondidos*. Sim, era essa a palavra que eu estava procurando.

Nota:

**Untermenschen*: literalmente "subumano". Termo que os nazistas utilizavam para se referir ao que consideravam "povos inferiores", especialmente os povos do leste europeu. Em alemão no original.

Capítulo 24

Estamos no fim de junho de 1940 — 22 de junho, para ser preciso —, cerca de uma semana após o encontro entre Valeska e o coronel. Desde aquela noite, os dois permaneceram em cortês *détente*. Conversam à mesa, tocam piano um para o outro depois do jantar, mas jamais se arriscam em conversas pessoais. O coronel, todavia, de fato informou a Valeska que as esposas e filhos pequenos de alguns de seus homens iriam para Cracóvia e que — até que conseguissem outras acomodações — todos estariam morando juntos ali, no palácio dela. Como sempre, ela se mostrou graciosa, adaptável, começou a providenciar pequenas camas e outros móveis, que mandou serem trazidos dos cômodos que servem de depósito, além de roupas de cama de linho herdadas, há muitos anos repousando em baús de cedro. O coronel jamais mencionou sua esposa, sua situação. Não tinha mais necessidade disso. Por meio do silêncio, ela admitiu que aquele pensamento expresso por ele aquela noite fazia sentido. Ela se interessava por ele. Por ora, isso era suficiente. Com o tempo…

Logo cedo a BBC anunciou a capitulação total da França aos invasores

alemães. Rua a rua, casa a casa, a notícia varreu Cracóvia. Janelas foram batidas, grandes chaves medievais giraram nas fechaduras e, como se faz em tempos de luto, as famílias sentaram-se juntas em torno da mesa da cozinha e choraram. A França não os salvaria. Mais uma doce esperança sufocada, abandonada à morte. Sessenta habitantes de Cracóvia cometeriam suicídio aquela noite. Haveria quem jurasse, mais tarde, que esse número foi muito maior.

O coronel enviou um bilhete à condessa avisando que nem ele nem seus homens almoçariam ou jantariam "em casa", de forma que ela permaneceu quase o dia inteiro em seus aposentos, ouvindo mais informações pela BBC e esperando o coronel na esperança de que ele lhe explicasse o significado daquilo, da rendição da França.

Já passa das 22 horas quando ela o ouve adentrar o hall principal. Ela baixa o livro, vai ao encontro dele. Sem palavras. Ele tira o chapéu, puxa-a para junto de si, pressiona os lábios secos e macios contra sua têmpora. Por alguma razão, entre esta manhã e esta noite, aquilo que os separava foi removido. *Alemão*, *polonês*, *guerra*, *dever* — tudo o que resta é a boca dele em sua pele, o corpo magro dela em seus braços, aos prantos.

Ela pede que ele vá tomar banho e se trocar, manda que lhe sirvam o jantar, pega o xale e sai para a noite. *Uma breve caminhada*, *um pouco de ar puro*, *tanto o que dizer*.

Ela segue pela estreita rua atrás do palácio dos Czartoryski até a praça do mercado, encontra-a enfeitada para a grande ocasião da queda da França: toda uma floresta vermelha de bandeiras nazistas, centenas e centenas delas, *sim*, *uma esquisita floresta vermelha à luz da lua*. Sinos tocam. Cada igreja de Cracóvia anuncia a notícia às badaladas. Como se os sinos soubessem, o som que produzem é fúnebre. Soterrados pelas bandeiras e os sinos e as notícias, não há um morador de Cracóvia à vista.

De pé nos limites da praça, a mão repousando num dos mastros, ela vê os rapazes de coturno se divertirem gritando, cantando, quebrando o vidro verde dos gargalos de garrafas de champanhe francês.

A França se rendeu, e aqui estou eu para assistir a seu cortejo fúnebre. Enquanto isso, Andzelika está lá. E, em algum ponto da França, estará também a menina? A menina. Será que está viva? Onde estará? O que será dela agora? Quanto tempo se passou? Dez meses? Foi isso que levou para que os francos caíssem de joelhos? Lamuriando-se. Heil *Hitler.*

Haverá multidões de franceses fugindo só Deus sabe para onde. Será que os conventos serão ocupados? Para onde irão? Preciso entrar em contato com Montpellier, preciso ir a Montpellier, ver com meus próprios olhos; sim, Dietmar vai me ajudar. Sim, preciso contar a ele, vou contar esta noite. Não, onde estou com a cabeça? Colocar em perigo a vida tão cuidadosamente construída de Andzelika? Preciso me lembrar de quem ela é, e de quem poderia ter sido se eu não a tivesse protegido. Ah, que nobre mãe sou eu. Quase tão nobre como mãe quanto egoísta como pessoa. O que concluí a respeito de mim mesma aquela manhã, sentada nos fundos da Basílica de Mariacki? Como foi mesmo?... Meus pecados não foram os da ferocidade materna, mas os do orgulho. Pelo menos ainda digo a mim mesma a verdade.

Valeska está agora quase colada ao mastro, um dos braços a enlaçá-lo, a cabeça nele repousada. Tenta imaginar que aparência tem a criança agora. Fez 9 anos há menos de dois meses. Um barulho a distrai. Uma explosão, semelhante a fogos de artifício. *Ah, esses rapazes pensam em tudo.* Uma segunda explosão, uma terceira. A cantoria deles foi interrompida; faz-se silêncio, depois ouve-se um outro tipo de grito e, em seguida, uma voz, uma única voz no alto-falante a gritar, acima de todos os outros sons. O que diz a voz? *Viva a Polônia.* Os alemães fogem da praça, e ela deveria correr também, mas suas pernas são feitas de chumbo. Ela se sente

desfalecer. *Preciso ir embora, muita gente, muito calor, o choque, as notícias, sim, preciso voltar para casa e esperar Dietmar no jardim. Ele já terá descido a esta altura, certamente já terá descido*. Ela está caindo, deslizando, na verdade, o braço ainda agarrado ao mastro, tentando arrancar o xale com a outra mão. O *que é este calor, esta umidade que jorra da lateral de meu corpo e de minha cabeça? Bem de onde ele me beijou*... Ela começa a rir, um riso vertiginoso, sufocante. *Então é assim que será?* Pensa em Antoni. Pensa no bebê. Cai. Alguns homens que estão morando em sua casa a veem ao passar correndo. Um deles a levanta nos braços, os outros continuam a correr na direção da passagem, da porta dos fundos do palácio.

Pensando que ela também foi tomar um banho, o coronel ficou tocando piano enquanto esperava por Valeska.

Tragam-na para o quarto. Chamem os médicos, digam que sou eu quem precisa deles.

Coronel, é que, é que… Os ferimentos são… Está um caos lá fora, bombas, a resistência…

Deixem-me a sós com ela.

O coronel Dietmar von Karajan ajoelha-se junto ao leito da condessa. Agora ele vê os ferimentos. Compreende. Ele a segura nos braços, sussurra-lhe algo. Rasga a barra do lençol para envolver-lhe a cabeça e clama a Deus. Ela abre os olhos.

Pode me ouvir?

A voz dela vem de outra pessoa, alguém muito distante.

Ele se ajoelha novamente junto a ela, encosta a cabeça em seu peito.

Imploro que me ouça. Minha filha…

Sua filha estará a salvo…

Você precisa dizer à minha filha. O bebê não morreu, o bebê não morreu. Eu a deixei com… Ela não morreu. Deixei com ela o colar, o colar de

Andzelika. O bebê não morreu, diga a ela. Você precisa dizer a ela.

Capítulo 25

É com desolação que lhe informo do súbito falecimento de sua mãe na noite de 22 de junho, em consequência de ferimentos sofridos durante um bombardeio na Rynet Glowny, cuja autoria foi *reivindicada pela* Armia Krajowa. *A cúria se encarregou dos arranjos práticos. Com humildade recomendo que não venha a Cracóvia neste momento particularmente incerto. Como há outro assunto urgente que tenho para tratar com a senhora, por favor, aguarde minha chegada a Paris nas próximas 24 horas. Mais informações lhe serão comunicadas em tempo.*

Cordialmente,

Dietmar von Karajan

Quando, pouco antes do amanhecer, a empregada bate à sua porta e, sem dizer uma palavra sequer, põe o telegrama em suas mãos enquanto ela ainda está reclinada na cama, Andzelika está certa de que só pode ser a notícia da morte de Janusz.

Sem abrir o telegrama, ela o lança longe, salta da cama, agarra a

empregada pelos ombros, diz-lhe:

— Eu tentei mantê-lo aqui. Tentei, Bajka. Implorei para que esperasse apenas mais um pouco. Janusz, Janusz. Abra-o, Bajka. Por favor, abra para mim. Não consigo, não consigo fazê-lo.

Uma sensação ensurdecedora, sufocante de suspense. Em seguida, um horror renovado. *Não foi Janusz*. *Janusz não morreu*. *Foi* matka. Matka *morreu*. *Minha mãe morreu*. *Como pode ser?*

Nos últimos meses, Valeska escreveu com frequência para Andzelika a respeito do coronel. Sobre ele e seus homens, sobre sua coexistência pacífica no palácio. Ainda assim, é estranho, de alguma maneira é errado que um coronel da Wehrmacht a informe da morte da mãe dela. *Uma vítima da resistência polonesa*. Um telegrama escrito em francês. Talvez nem seja verdade, seja apenas algum tipo de truque, um estratagema, o que poderia ser?

Andzelika envia um recado ao regimento de Janusz, informa-o, pede que ele venha procurá-la. Perambula pelos quartos de sua suíte, esperando pelo fim do sonho absurdo, pois sua mãe não pode ter morrido. *Valeska Czartoryska*, *a indestrutível condessa Czartoryska*, moja piekna matka, *minha linda mãe*, *todos menos a senhora*.

Já é tarde da noite de 26 de junho quando o mordomo vem anunciar que o coronel Dietmar von Karajan a aguarda no saguão de entrada.

— Peço-lhe perdão, princesa, por chegar sem maiores avisos, mas estes tempos não nos dão a oportunidade de sermos corteses…

O coronel curva-se, beija a mão de Andzelika, olha em seus olhos.

— Espero, princesa, que me conceda o perdão também pela presunção de dizer que sua *tristesse* é a minha.

— Minha mãe sempre me escrevia sobre sua pessoa. Ela o descreveu muito bem, senhor.

Andzelika, tendo vestido momentos antes um robe do marido, alisa a barra de seu vestido preto de voile, afunda os dedos nos chinelos de cetim também preto, deseja ter tido tempo de fazer o cabelo, de lavar os olhos inchados. *Um belo homem, independentemente das circunstâncias de sua presença*, pensa ela.

— Não suporto mais minha ansiedade, a esta altura, para ouvir os detalhes do seu ponto de vista. Fiz contato por telefone com o bispo Mateusz e...

— Eu não vim até aqui para aliviar esses momentos. Da mesma maneira como a senhora não está preparada para ouvir tais detalhes, princesa, eu não estou preparado para narrá-los. Estou aqui apenas para dar a mensagem que sua mãe a mim confiou.

— Meu nome é Andzelika, senhor. Minha mãe deixou uma mensagem para mim? Algo que ela disse naquele... naquela noite?

— Algo que ela disse quando estava morrendo.

Andzelika agarra com força o adamascado cor de framboesa dos braços da cadeira.

— Prossiga, coronel.

Palavra por palavra, o coronel repete a mensagem. Ele ouve, mentalmente, Valeska pronunciando as palavras à medida que as diz. Como se as estivesse soprando para ele.

Andzelika está imóvel como uma pedra. Até que começa a se mover lentamente, num movimento de pêndulo. Fecha os olhos, baixa a cabeça. Chora. Não como chorou por sua mãe, não como choraria por seu marido, mas, pela primeira vez, ela chora como uma mãe por seu filho.

O coronel pede que o mordomo acompanhe a princesa até seus aposentos. A criada chega para ajudar Andzelika, e, quando as duas estão saindo, o coronel toca seu ombro e faz um aceno de cabeça como se para

se despedir.

— Coronel, o senhor faria a gentileza de encontrar-se comigo daqui a uma hora? Preciso ficar sozinha agora, mas, depois, creio que gostaria de sua companhia. Parece que minha mãe fez de nós dois companheiros.

~

— Ela tem que ter falado mais coisas. Diga-me novamente, palavra por palavra, onde ela deixou a menina, com quem, onde está meu bebê?

— Eu não sei mais nada. A senhora precisa compreender que sua mãe jamais falou comigo, jamais, até aquele momento, sobre seu filho. Jamais. Ela falou longamente sobre seu pai, da ligação dele com a baronesa, de como morreu infeliz, de como *eles* morreram infelizes. Falou da senhora e da sua infância, de seus talentos, sua beleza. Falou de seu marido, da alegria que ela teve em seu casamento com ele. Mas jamais sobre uma criança. Nada até... até aquela ocasião.

Os dois estão sentados na escuridão obrigatória da pequena sala de visitas da suíte de Andzelika, as amplas janelas abertas para a meia-noite na ilha de Saint-Louis, para o murmúrio do Sena contra as pedras do *Quai d'Orléans*. Bajka vai e volta, traz chá, deposita uma garrafa de Frapin e um grande cálice de Baccarat defronte ao coronel.

— Veja, se eu soubesse da criança, qualquer coisa sobre essa criança, eu poderia ter perguntado a ela onde, com quem, mas...

— Compreendo. É só que ela me deixou sem nada, nada mesmo, para começar a busca pelo meu bebê. Minha filha. Nem sequer uma explicação, o porquê de tê-la "escondido" de mim por todos esses anos. Por que as mentiras, os segredos, os mistérios? No entanto, na verdade, nem preciso perguntar nada, uma vez que a vida de minha mãe era feita de manobras e

de façanhas no campo do impossível. Eram as drogas dela, coronel.

Tendo sido testemunha de algumas dessas manobras e façanhas no campo do impossível, o coronel sorri e pergunta:

— E esse colar que ela mencionou? *Deixei o colar, o colar de Andzelika*. Não poderíamos, de alguma forma, rastrear essa joia?

— Pensei nisso, e acho que ela deve ter se referido ao pingente que me deu no meu aniversário de 13 anos. Uma peça muito antiga, da Boêmia, que pertenceu à minha bisavó e que foi passada de mãe para filha. Ela deve tê-lo pegado das minhas coisas em algum momento, pois me recordo de não tê-lo encontrado quando o procurei. Tive medo de lhe perguntar se ela sabia onde fora parar porque não queria que soubesse que o tinha perdido. Ela adorava essa peça mais que todas as outras. Minha mãe tinha joias magníficas, coronel, muito embora eu duvide que ela as usasse durante a "estadia" do senhor com ela. Como ela amava aquela pequena ametista talhada na forma de uma garrafa com uma pérola lilás como tampa...! O fato de ter deixado essa peça, precisamente essa, à pessoa a quem confiou meu bebê, seja quem for essa pessoa, diz muita coisa.

— Que ela aceitou o bebê como a mulher seguinte na linhagem. É isso que quer dizer?

Andzelika assente com a cabeça.

— No entanto, de forma alguma isso serve como pista de onde ela deixou minha filha ou de como posso encontrá-la.

— Quem era o pai da criança?

— Um rapaz da mesma escola que meu primo. Um colégio interno em Varsóvia. Acho que ele era um ano mais velho que eu. Mais ou menos isso. Ele não me amava.

— A senhora contou a ele sobre a criança?

— Não. Nunca mais o vi depois... depois de sua visita. Minha mãe se

certificou disso. Ela era muito boa em "se certificar", coronel. Parecia que cuidava de cada detalhe de tudo. Nem eu sabia como era ampla sua *esfera de ação*. Ela deve ter providenciado para que o rapaz não entrasse em contato comigo nunca mais... e também duvido que isso tenha sido muito difícil... para depois cuidar do "descarte" do...

— *Descarte* não é bem o termo, Andzelika. Com certeza ela teve suas razões.

— A criança nasceu "debilitada", com um coração fraco, sem grandes chances de sobreviver. Foi o que ela me contou. E então me disse que levaria o bebê para a Suíça, para uma clínica. Cirurgia. Mas, quando voltou, disse que o bebê havia morrido. É claro que acreditei nela. Não tinha razão para não acreditar. A essência da história é essa, coronel.

— Deve haver algum rastro que possa ser seguido, tenho certeza. A senhora pode começar pelo hospital onde a criança... Desculpe, não sei o nome da criança...

— Nem eu.

— ... onde a criança nasceu, e lá pegar a certidão de nascimento, para... E tem também a clínica na Suíça...

— Isso supondo que minha mãe disse a verdade a respeito dessa clínica na Suíça, ou a respeito de alguma coisa. Eu não tenho sequer a certidão de nascimento de minha filha. Não tenho nada.

— Sim, mas entre os seus papéis certamente encontrará... Só que agora, agora com esta guerra, milhares e milhares de pessoas estão procurando umas às outras; refugiados, o extravio de registros, comunicações interrompidas...

— Claro. Eu compreendo. Mas tenho ainda um outro julgamento a enfrentar, coronel. Meu marido nada sabe acerca dessa criança. Nada sobre minha história.

— Ela cuidou disso também, não cuidou?

Andzelika sorri, sussurra:

— *Sim*.

Eles então permanecem sentados em silêncio. Embora sem nada mais a dizer, nenhum dos dois quer ficar sozinho. É Bajka quem insiste para que Andzelika descanse.

O coronel promete escrever, dá números nos quais pode ser contatado. Segurando o chapéu, inclina-se para beijar as mãos dela, vira-se para sair. Bajka adiantou-se para abrir-lhe a porta, e, quando se aproxima, ele se volta:

— Eu a amava. Ainda a amo.

~

Já é o fim da tarde seguinte quando Andzelika abre as portas para seu marido. Nunca o vira com o uniforme da *Wielkopolska*, seu aspecto glorioso a fascina. Um lindo cavaleiro loiro, com altas e lustrosas botas pretas, casaco carmesim de equitação e calça branca e justa como uma segunda pele, eis Janusz — grave, pálido — diante dela.

Ela se sente desconfortável nos braços dele, querendo seu consolo e ao mesmo tempo temendo-o, o coração em chagas devido ao peso do luto. E ainda mais pelo que ela precisa agora confessar. Janusz a abraça, faz-lhe carícias, fala carinhosamente até ela não suportar mais sua ternura. Pedindo a ele que se sente longe dela, que a escute com atenção, Andzelika começa sua história.

— Quando estava morrendo, minha mãe pediu ao coronel von Karajan que me dissesse uma coisa. Pediu que ele me dissesse que... — Ela para, esconde o rosto nas mãos, olha novamente para Janusz, recomeça: — Ela

pediu que ele me dissesse que meu bebê não morreu.

— O quê?

— Sem perguntas, Janusz, ou jamais conseguirei fazer isto. Por favor. Apenas escute. Quando eu tinha 16 anos, tive um romance passageiro, muito passageiro, com um rapaz. Um amigo de meu primo. Os dois foram passar férias em Cracóvia. Eu nunca tivera um namorado. Eu era muito infantil para meus 16 anos, tímida, frágil, imagino. Ainda usava meias brancas e sapatos oxford. Estudava em convento-escola, e desfalecia sempre que tinha que falar com algum garoto. Eu era a queridinha de *matka*. Então, quando esse rapaz me cortejou, me dizendo que eu era linda, eu...

— Você não precisa me explicar, Andzelika, como um adolescente procede na sedução.

— Não, é claro. Depois que foi embora de nossa casa, jamais ouvi falar dele novamente. Fiquei arrasada, envergonhada. Acho que estava com raiva, e quando compreendi, quando finalmente compreendi o que havia acontecido comigo... quero dizer, que eu teria um filho... corri para minha mãe, como sempre fazia. Muito do que aconteceu a partir de então, e por um longo período, até hoje é nebuloso para mim.

— Nebuloso?

Ele está de pé agora, andando de um lado para o outro, virando-se a todo momento para olhar para sua esposa, como que para verificar se é ela mesma quem está sentada ali, que é ela quem conta essa história.

— Nebuloso. Muito nebuloso, na verdade, porque minha mãe fez tudo, decidiu tudo. Mas deixe-me recuar um momento na história. Veja você, o rapaz, meu *amour*, bem, nem minha mãe nem eu, nem mesmo meu primo, eu acho, sabíamos quem era ele. Sua família. Nenhum de nós sabia que ele era o irmão mais novo da amante de meu pai. Da baronesa. Ele

usava um sobrenome diferente do dela. Talvez não tivessem o mesmo pai, não sei. Piotr Droustkoy. Esse era seu nome. Não creio que ele tenha tido a intenção de ocultar qualquer coisa de nós; na verdade, acho que talvez ele nem soubesse quem éramos. Ou não estabeleceu nenhuma ligação entre nós e sua irmã. Ele devia ter uns 3 ou 4 anos quando ela morreu. Quando tudo aconteceu. Eu tinha 2, então, sim, ele teria pouco mais que isso. Mas minha mãe descobriu quem era nosso hóspede mais ou menos na mesma época em que contei a ela que tínhamos nos envolvido. Que eu estava grávida. Um médico foi ao palácio, me examinou. Quando eu estava me vestindo, ela entrou no quarto, tomou-me nos braços, abraçou-me pelo que me pareceram horas, sem dizer uma única palavra além de "Antoni, Antoni". Ela dizia o nome de meu pai repetidamente. Um canto, uma oração. É claro que eu sabia da história de meu pai com a baronesa. Uma versão amenizada, suspeito eu. Mas quase nunca falávamos sobre ele, de forma que fiquei perplexa quando ela o invocou, quando dirigiu a ele seu lamento.

"Minha mãe então olhou para mim, perguntou se eu gostaria de me submeter a um 'procedimento'. Foi como ela chamou. Um procedimento que faria 'o bebê ir embora'. Pensando apenas no meu amante, e que eu não poderia permitir que levassem embora aquilo que ele me deixara, recusei. Veementemente, se me lembro bem. E não porque eu quisesse o bebê em si, mas porque aquela criatura era uma parte daquele por quem eu me apaixonara. Minha mãe teve a sabedoria suficiente para entender. Nunca mais mencionou o procedimento. Prometeu-me umas férias nas estações de banho. Disse que eu não precisava me preocupar com nada. Nada mesmo.

"Dias depois ela anunciou que partiríamos para umas férias prolongadas, mandou arrumar nossas coisas, espalhou entre familiares e

amigos que eu andava estudando demais e que chegara a hora de fazermos uma grande viagem. Roma, Veneza, Paris, Viena, dizia ela com afetação, quando, na verdade, iríamos para a Floresta Negra, uma vila no entorno de Friedrichsbad. Lá permanecemos por sete meses. Um pouco mais. Até o bebê nascer. Num hospital particular dos arredores. Uma outra vila. Tudo muito refinado e discreto. Fui pesadamente sedada para o parto, e depois, tudo de que me lembro são longos períodos de sono, vozes moduladas, uma agulha constante em meu braço. Tive a impressão de que durou dias. Deve ter sido menos. Lembro-me de enfermeiras e médicos que se moviam em torno de mim com ar lúgubre, e de minha mãe, sempre lá, muito solícita mas distraída por algo. Não me lembro de muito mais que isso."

— Não se lembra de muito mais? E o seu bebê? Não se lembra de quando o pegou no colo?

— Nunca o peguei.

— Por quê?

— Janusz, por favor. Tudo que eu pensava sobre o bebê, se é que pensava alguma coisa naqueles primeiros momentos, aqueles primeiros dias e noites, era que ele havia nascido morto e que estavam todos pisando em ovos tentando ocultar a verdade de mim. Isso era o que eu pensava. Portanto, permiti que não me contassem nada. Facilitei as coisas para eles. Nada perguntei, aceitei injeção após injeção, confiei em que minha mãe cuidaria de tudo, como ela sempre fizera. Finalmente, certa manhã, ela sentou-se em minha cama e me contou que o bebê nascera com um grave defeito no coração, que estava mortalmente doente e que provavelmente não sobreviveria por mais que alguns dias. Aceitei a notícia, é claro, quase me alegrei ao ouvi-la, já que antes julgava minha filha morta. Não, *alegrar-se* não é o termo correto. A verdade é que eu nada senti. Ou melhor, nada

que pudesse ser definido como "maternal". O instinto maternal de minha mãe sufocou qualquer semente de algo semelhante que estivesse brotando em mim. Ela era a única mãe que tinha lugar em nossas vidas. O bebê não era real para mim. Somente minha vergonha era real. Minha vergonha e minha esperança, minha crença de que aquele rapaz voltaria para mim. Não pretendo que isso faça sentido para você, mas era o que eu sentia. Só me lembro de sentir isso.

"Alguns dias depois voltamos à vila. Minha mãe me falou que o bebê teria que ficar no hospital, em tratamento. Aceitei isso como aceitara todo o restante. Um mês se passou, e lembro que era fim de maio quando minha mãe me avisou que retornaríamos a Cracóvia. Sem o bebê. A essa altura voltei a me convencer de que minha filha morrera; do contrário, por que a estaríamos deixando para trás? Além disso, durante todo aquele mês, minha mãe não visitara nem uma vez o hospital onde supostamente estava o bebê, ou, ao menos, não que eu soubesse. Nunca me pediu para ir lá com ela, disso tenho certeza. Permaneci quieta, obediente, e voltamos para Cracóvia.

"Foi em setembro que minha mãe anunciou que voltaria à Alemanha para buscar o bebê, que conseguira uma cirurgia para ela num hospital da Suíça. Segundo ela, as esperanças de que a criança sobrevivesse haviam se renovado. Agora... agora que sei o que ela fez em seguida, acho que ela estava me testando aquele dia, procurando determinar meus sentimentos em relação ao bebê. Acho que estava tentando tomar uma decisão. Deveria ou não renunciar ao bebê? Sim, era essa a luta que devia estar acontecendo dentro dela, pois eu nunca a vira antes com aspecto tão assustado. O terror em seus olhos... Mas, é claro, eu não sabia o que ela pretendia fazer ou que poderia dizer algo para impedi-la. Não podia saber.

— Saber? Não, você não poderia saber "o que ela pretendia fazer", mas

quantos meses já haviam se passado? Quatro? Cinco? Por que você não...?

— Se você não compreendeu, com tudo que contei até agora, Janusz, jamais vai compreender. Estou simplesmente contando o que penso e o que recordo. Não pretendo despertar sua compaixão.

O desejo dela é que ele cruze o salão e tome-a nos braços novamente, mas, em vez disso, ele vai até as grandes janelas, abre-as mais e acende um cigarro, um dos pés, de bota, pousado no banquinho que Bajka usa para limpar os vidros. Segurando o cigarro entre o polegar e o indicador, a mão em concha, ele inala profundamente, a cinza avermelhada sendo a única luz no ambiente. Quando vira a cabeça para a esquerda e solta a fumaça pelo canto da boca, uma brisa vinda do rio a lança de volta para ele, transformando-o num fantasma ágil, um dervixe virando-se novamente para o outro lado.

— Lutèce. A Cidade Luz escura como um túmulo.

— O que disse?

— Lutèce. Era como os romanos chamavam este lugar. Paris sem luzes é impensável.

— Quer que eu me retire?

— Esta noite ou para sempre?

— Em princípio, esta noite.

— A princesa está fatigada com toda essa conversa séria, não é mesmo?

— O sarcasmo não lhe cai bem, Janusz.

Como se não a tivesse escutado, Janusz vai até o divã em que Andzelika está sentada, curva-se para segurá-la pelos ombros rudemente.

— Ah!, sim, falemos de outra coisa, minha querida. Onde gostaria de jantar esta noite? Aliás, onde sua filha está jantando hoje, Andzelika?

— Que injusto.

— Não. *É* justo. Mais justo impossível, minha princesa.

— Está dizendo que é isso que eu mereço?

— Claro.

— Temi que você ficasse bravo, mas nunca imaginei que seria cruel. Você sabe que provavelmente consegue comprar uma anulação na cúria por causa disso, Janusz. Tenho certeza de que o bispo encontrará a frase certa para sua defesa, algo como...

— Cale-se, Andzelika. Sua história não me faz amá-la menos nem me arrepender de ter casado com você. Na verdade, nem estou pensando em você neste momento. E certamente não em mim. Penso numa menininha de 9 anos que é parte sua e, portanto, parte de mim também. Não importa de quem mais seja o sangue dela. Já é bem ruim que a sua mãe não tenha confiado em mim, mas que você também não tenha confiado me desconcerta. Sim, me sinto traído, mas não por você ter tido um amante antes de mim, e sim porque existe uma parte sua, uma criança, que você escondeu de mim.

— Uma criança que também foi escondida de mim, lembre-se. Eu não podia ter evitado o que fiz, Janusz, você não entende isso?

— Não. E jamais entenderei. Ter 16 anos é uma coisa, mas nove anos se passaram também para você. Se ao menos você tivesse crescido o suficiente para fazer uma ou duas perguntas a sua mãe... Ou melhor: para me contar, pois assim poderíamos ter-lhe feito juntos tais perguntas. Mas isso não importa agora.

— O que quer dizer?

— O que importa é encontrá-la.

— Então você vai me ajudar?

— Eu tinha a esperança de que fosse você quem iria me ajudar.

Janusz senta-se junto de Andzelika, cruza os braços. Ambos ficam olhando para a frente.

— Nas últimas vinte e duas horas, desde que descobri que minha filha pode ainda estar viva, comecei a desenvolver uma nostalgia por ela. Aquele tipo de nostalgia que se sente por uma pessoa mesmo que jamais a tenhamos visto. Quem sairia para procurar as pegadas de seu amado na neve, mesmo sabendo que ele nunca andou por ali? Janusz, eu criei uma imagem dela, imaginei-a de mil maneiras. Quase tenho medo de sair à rua porque sei que a "verei" em toda parte, no rosto de cada garotinha. Vou parar crianças na rua, olhar dentro de seus olhos, correr atrás de cada uma delas que me parecer minimamente familiar. Passarei o resto da minha vida esperando soar o reconhecimento, mas provavelmente não será reconhecimento nenhum, apenas o anseio de senti-lo. Vagarei por parques, observando o carrossel girar, guiado por uma amazona que poderia ser a minha. Será ela aquela ali, a loira? Não, não, lá está ela, a morena ali na frente.

Andzelika chora contidamente.

— Preciso voltar ao regimento. Prometi regressar em quarenta e oito horas. Vou levar ainda mais tempo na volta do que levei na vinda. Os trens não andam, as estradas não existem.

Janusz fica de pé, olha para sua esposa.

— Acho que posso conseguir um jeito de levá-la de volta a Cracóvia, ou o seu amigo coronel vai cuidar disso? — continua ele.

— Voltar a Cracóvia? Por quê? Não é muito perigoso que...

— Pensei que o seu desejo de começar de alguma forma a busca por ela suplantasse qualquer outra consideração. Ou prefere ficar aqui sentada em toda essa grandiosidade folheada a ouro chorando e esperando que ela encontre você?

Com as pálpebras praticamente fechadas, procurando enxergar este homem que ela mal reconhece, Andzelika fita Janusz. Naquela voz meio

sussurrada que tinha quando era pequena, ela pergunta:

— Você sempre atira em homens mortos, Janusz? É isso que nobres cavaleiros fazem? Torcem os sabres em seus corações por diversão? Conte-me como é, meu amor.

— *Touché*. Mas repito: Cracóvia é por onde você deve começar. Além do mais, não há nada lá, absolutamente nada, seja aqui ou lá, sem o febril elemento do perigo.

— Agora que a França se rendeu haverá...

— Vá a Cracóvia e ponha-se a revirar as coisas de sua mãe. O que quer que ela tenha feito, não fez sozinha. Deve ter deixado algum vestígio, nomes num livro, cartas. Quem eram os empregados dela naquele tempo?

— Não sei. Toussaint, imagino.

— Quem é Toussaint?

— Era um advogado, um bacharel banido dos tribunais que minha mãe mantinha consigo para vários propósitos.

— Onde ele está? Quando foi a última vez que você o viu?

— Ele era um francês expatriado que vivia em Cracóvia. Falava polonês como um nativo, então, devia viver lá havia um bom tempo. Não me lembro de tê-lo visto recentemente.

— Comece por ele. Vá ter com o confessor de sua mãe. Ela era muito ligada ao pároco da Basílica de Mariacki.

— O bispo Józef era o confessor dela desde que eu era pequena. Sempre ia ao palácio. Mas morreu há anos. Não sei se ela desenvolveu a mesma relação de proximidade com mais alguém de lá depois disso.

— E quanto às criadas? Fale com todas as pessoas que estavam ou ainda estão no serviço da casa. Fale com todos, estou lhe dizendo. Ela teria sido menos cuidadosa dentro de casa do que com o restante da família. Com amigos.

— Você acha que o bebê foi deixado num orfanato?

— É possível. Mas esse não parece ser o estilo de Valeska. É mais provável que a tenha deixado numa casa particular. Não sei. Ou numa escola particular. Um bom colégio interno católico na Suíça.

— Colégios internos não aceitam crianças muito pequenas.

— Não, claro que não. Onde quer que ela a tenha deixado, Valeska cuidou para que sua neta ficasse em boas mãos. As mãos certas. Você sabe o que quero dizer.

— O mais provável é que minha mãe tenha conseguido uma adoção. Alguém da nobreza menor que não se importaria com mais uma criança perambulando em sua propriedade. Algo assim.

— Se a menina estava realmente doente como ela levou você a crer, talvez nem esteja mais viva, Andzelika.

— Acredito que ela esteja viva sim.

— Ótimo. Isso vai me ajudar a acreditar também. Mas Valeska se foi, e as chances de que eu dure a guerra toda sem que algum *boche* exploda meu cérebro são próximas de zero. Assim, você terá que encontrá-la sozinha. Nossa filha.

Andzelika força um riso, tenta extraí-lo de si. As lágrimas brotam novamente quando Janusz se levanta, aparentemente se preparando para ir embora.

— Aonde você vai?

— Vou voltar ao regimento. Não lhe disse isso?

— Sem nem mesmo uma noite de descanso?

— No trem, se houver algum. Você compreende que não consigo, que não posso abraçá-la agora? Compreende, não?

— Sim.

— *Ja robi kochaja was*. Eu amo você. Ainda mais do que há pouco,

quando cheguei.

— Eu sei.

~

Matka, *o que fez com ela? Onde ela está,* matka? *Onde está você, minha pequena?*

PARTE III



Junho de 1940

Montpellier

Capítulo 26

Mamãe, mamãe, mamãe, cadê você?

Delirante, Amandine clama pela mãe. Uma velha de vestido cinza de algodão, o traje das irmãs leigas, dorme de boca aberta em uma cadeira do outro lado do quarto, distante da cama em que Amandine está deitada. A velha abre os olhos ao ouvir os sussurros febris da criança, levanta-se e se aproxima.

Quieta, criança. Você só precisa dormir. Só dormir.

Água. Por favor. Preciso de água.

Não tem água nenhuma para você. Nada. Só o sono. Agora fique quieta ou terei que tapar sua boca de novo com aquela meia velha. E amarrar seus pulsos. Você não quer isso, quer?

~

Dias atrás, duas das alunas do convento começaram a apresentar sintomas alarmantes e inconfundíveis de escarlatina. No dia seguinte, onze meninas e três freiras apresentavam os mesmos sintomas, sendo isoladas na

enfermaria. Como todas no convento e na escola tinham, em maior ou menor grau, sido expostas às alunas ou irmãs já infectadas, Jean-Baptiste improvisou uma segunda ala de isolamento em cômodos vizinhos à enfermaria. Ali ele colheu material e examinou e ouviu e observou, e aquelas que apresentavam sintomas leves ou apenas uma suspeita foram colocadas em quarentena. Solange estava entre elas. As alunas e irmãs que aparentemente não haviam sido infectadas foram confinadas no dormitório.

Com tantas das irmãs incapazes de cumprir suas tarefas diárias, pediu-se ajuda para as aldeãs, os *metaires*, até mesmo de outras casas religiosas nas redondezas, gente que pudesse limpar, cozinhar e ajudar com o ir e vir. Mas o St. Hilaire não era o único lugar em que a escarlatina havia sido registrada. Repartições públicas, hospitais, prisões, orfanatos — o raio de alcance era epidêmico. No começo do drama, Jean-Baptiste telefonou para o escritório de saúde pública da província.

Sim, doutor, claro que enviaremos ajuda para o St. Hilaire assim que possível, senhor. No entanto, a lista de espera... o senhor entende. Prioridades, senhor. No entanto, se é de medicamentos que precisa, podemos enviá-los... Entendo. Bom, então está bem, doutor. Avisaremos assim que houver uma equipe disponível.

Foi para Amandine que Jean-Baptiste solicitou a ajuda da saúde pública. Era ela quem mais o preocupava. Um surto de escarlatina seria muito mais ameaçador para ela do que para alguém sem suas fraquezas congênitas, mesmo que essas fraquezas estivessem agora sob controle, um tênue controle. Ela estaria mais segura se fosse separada tanto das pacientes da enfermaria quanto daquelas na área de isolamento secundário.

Jean-Baptiste consultou madre Paul a respeito de onde poderia instalar Amandine, explicando que uma distância física da enfermaria e das alas

adjacentes seria necessária para prevenir sua exposição àqueles que estavam cuidando dos doentes.

— Os antigos aposentos de Philippe — disse Paul — ficam na ala da extremidade oposta do edifício. Podemos designar alguém para assisti-la, de forma que ninguém precisaria nem circular ali perto.

— Sim, sim, esse é o lugar ideal. Mas quem se responsabilizará por ela? Se não fosse pelo acidente, ela poderia cuidar de si própria, e seria preciso apenas alguém que verificasse sua temperatura e seu pulso algumas vezes ao dia e durante a noite, levar-lhe suas refeições. Talvez ajudá-la com o banho. Apenas alguém para ficar por perto, atento, mas com...

— Ah, sim. O ferimento que ela sofreu. Tolinha estabanada que é. Tentando fazer uma pirueta com as sapatilhas dos outros.

— A senhora não lhe perdoa nada, não é, madre? Logo dirá que foi ela quem trouxe a escarlatina para esta casa.

Madre Paul puxa seu eterno lenço de baixo da manga. Enxuga delicadamente o lábio superior. Escolhe manter-se em silêncio.

— O tornozelo estava bem menos inchado ontem à noite, mas os ligamentos estão bastante torcidos. Ela deve descansar e manter a perna elevada, e a compressa do tornozelo deve ser retirada a cada três ou quatro horas por cerca de vinte minutos e depois recolocada. Precisaremos de alguém que...

— Josette. Ela é forte, pode levantar a criança facilmente e, uma vez que lhe mostrem um procedimento, ela o executará à perfeição. Sim, Josette. Posso eu mesma atestar sua competência. Vou chamá-la imediatamente.

— Na verdade, eu preferiria falar com ela pessoalmente.

— Mas o senhor foi exposto e, consequentemente, vai expor Josette. Se não está preocupado com isso, ora, então tomarei conta de Amandine eu

mesma.

— Imagino que a senhora tenha muito o que fazer...

— Baptiste, não confia em mim para tomar conta da criança?

O sorriso de Baptiste é breve. Talvez insincero. Ele diz:

— Por que não alguém das fazendas, alguém que tenha vindo da aldeia para ajudar?

— Mas como sabemos quem dentre essas pessoas foi ou não foi exposto? Ao menos Josette se mantém em uma espécie de isolamento na maior parte do tempo, com ou sem epidemia.

— A senhora tem razão, é claro. Deixarei anotadas algumas orientações. Josette sabe ler, não?

— Um pouco. Mas repassarei tudo com ela. Venha, sente-se, que vou falar com Josette.

Paul é realmente diligente ao clarificar as instruções para Josette. Em uma letra maior, mais clara, ela reescreve as anotações de Jean-Baptiste em um livro encadernado em couro, o que, ela sabe, vai agradar Josette, ajudá-la a sentir a distinção de seu papel como enfermeira.

— Mesmo que a cozinheira receba uma lista das refeições apropriadas para Amandine, Josette, você precisa verificar se a comida enviada para ela condiz com a sua lista. Olhe aqui, agora. Ela deve receber refeições pequenas e frequentes, compostas de:

arroz branco
purê de batata
frutas cozidas
ovos poché
um ovo cru batido com uma pitada de açúcar e algumas gotas de café
manjar branco

petit gervais
tutano escaldado sobre uma torrada com pouca manteiga
o suco de uma laranja diluído em água mineral

— É importante que ela beba no mínimo oito copos grandes de água fresca por dia, além de quantidades ilimitadas de chá ralo. Entende, Josette?

No mesmo livro de couro, Paul desenhou colunas para os dias da semana, as horas do dia, tipos de informações a serem anotadas. Ela instrui Josette a anotar no livro, mesmo que primariamente, tudo o que a criança come e bebe, assim como seu pulso e sua temperatura.

— E há alguns sinais de alerta para os quais você deve ficar atenta, Josette:

rosto afogueado, mesmo que apenas ligeiramente
erupções em qualquer parte do corpo
tremores
febre
dor de cabeça
vômito
taquicardia
língua esbranquiçada

— Entende todos esses itens? Amandine é muito verbal, para dizer o mínimo, e com certeza vai alertá-la se sentir qualquer desconforto.

Josette está irritada com a explicação excessivamente detalhada de Paul.

Será que Paul esqueceu que cuidei dela todos aqueles anos? Que tantas vezes eu, Josette, fiquei em vigília segurando a pequena Annick em meus

braços enquanto ela ardia em febre ou parecia roxa de tanto tossir? Enquanto o doutor, seu pai, perambulava pela aldeia, era eu quem tratava a pequena Annick com ervas medicinais, esfregando seu peito com os cataplasmas que minha mãe fazia para meus irmãos e minhas irmãs a partir de azeite de oliva e salgueiro branco ou ulmeiro escorregadio. Eu cobria seu peito magro e chiante com um trapo aquecido ao fogo. Então, a parte mais importante da cura era quando a balançava em meus braços, e as canções de ninar. E aqui, agora, todo este espalhafato sobre o que fazer para Amandine.

— E lembre-se, Josette, ninguém, absolutamente ninguém, deve ser admitido naqueles aposentos. A cozinheira ou alguma das ajudantes de cozinha vai preparar as bandejas e deixá-las na entrada daquela ala. E você devolverá no mesmo lugar as bandejas vazias. O mesmo vale para a roupa de cama e as toalhas e as roupas de vocês duas. E para qualquer outra coisa de que vocês precisem. Escreva o que desejar e deixe o bilhete na bandeja. Além disso, arranque do livro de anotações a página com as observações do dia e deixe na última bandeja da noite. Serão todas entregues a Jean-Baptiste. Entendeu? Não preciso lembrá-la de manter os aposentos imaculados. Você pode dormir no quarto ao lado do dela ou no sofá da antessala, mas, onde quer que esteja, deixe a porta aberta para que possa ouvir caso ela a chame. E use isto para acordar a cada duas horas durante a noite.

Como uma tocha olímpica, Paul enfia na mão dela o relógio de metal com duas grandes campainhas de cada lado, e observa a velha seguir altiva, levando debaixo do braço o livro de anotações encadernado em couro, seu caminho.

~

— Mas por que eu não posso cuidar dela, Baptiste? Eu não peguei a febre, estou perfeitamente bem...

— Deite-se, Solange, deite-se que eu lhe explico as coisas mais uma vez. É verdade que você não pegou a febre, mas foi exposta a quase todas, se não todas, as alunas e irmãs que pegaram. Três das quais, devo acrescentar, estão gravemente doentes e precisarão ser levadas para o hospital ainda hoje. Quanto a você, sua garganta está salpicada de branco, sua língua está amarelada, sua pressão levemente elevada e você apresenta suaves irritações no pescoço e nos ombros. É provável que os sintomas se apresentem ainda esta noite, quando a enviarei para a enfermaria e farei com que administrem penicilina, como fiz com as outras. Agora você entende por que não pode cuidar de Amandine?

— Sim, sim, mas por que logo Josette é que...

— A princípio eu também fiquei incomodado quando Paul sugeriu Josette, mas, nas condições atuais, ela é mesmo a melhor escolha. É bastante reservada, cumpre de certa forma apenas o seu trabalho de limpeza e prefere fazer as refeições no quarto, em vez de no refeitório. Uma pessoa esquisita, eu sei, mas todos vimos como ela se relaciona seriamente com seu trabalho, com qualquer tarefa que lhe é confiada. E é disso que Amandine precisa neste momento. Devo ressaltar que Paul foi extremamente solícita com os preparativos, em explicar as coisas para Josette, as advertências. Vai passar rápido; além do mais, as autoridades devem enviar ajuda a qualquer momento. Assim que isso acontecer, eu retiro Josette da função. Agora descanse. Economize suas forças.

Capítulo 27

"Que demônio a habita, Josette? O que é que mantém viva aquela criança? Eu queria que ela morresse, e fosse embora, e jamais tivesse existido. Que Deus me perdoe."

Essas palavras, ditas por Paul a Josette meses atrás — logo depois daquilo que ficou conhecido como "os acontecimentos do refeitório" —, foram repetidamente reprisadas na mente desajustada de Josette, aguilhoando-a, ferindo-a, obcecando-a. E agora esta oportunidade única de agir. Por quanto tempo ela não ansiou por compensação, que se fizesse o mínimo de justiça para tudo que sua amada Annick passou? Todos aqueles anos ela desejou assassinar o pai de Annick. Ao vagar pelo bosque e pelas campinas aos 8 ou 9 anos, quando pouco antes assumira o encargo de cuidar da filha pequena do médico, o passatempo preferido de Josette era fantasiar as diversas formas e meios de matá-lo. Ela poderia esfaqueá-lo durante o sono ou envenenar seu chá com o pó amarelo que se dava aos ratos, ou, melhor ainda, levaria *monsieur* Dufy certa tarde, o conduziria pelo bosque de ulmeiros até chegarem ao rio, bem na hora em que o

médico e sua esposa, a mulher de cabelos vermelhos e colo branco, estivessem apenas de roupa íntima sobre o tapete azul esbatido da cabana do pescador. Deixar que *monsieur* Dufy atirasse nele, isso seria excelente. Mas Josette nunca fez um gesto sequer para ferir o pai de Annick, apenas acumulou seu rancor contra ele. Quando Annick se tornou *soeur* Paul e ela, Josette, foi juntar-se à sua protegida no convento, ela cavou um lugar mais fundo e mais largo para sua mágoa por tudo que acumulou contra o bispo Fabrice. Sim, o gosto do bispo pela madre foi passageiro, mas Josette às vezes ainda ouve os ruídos de ébrio que ele lançava pela noite profana enquanto ela esperava por sua querida Annick do lado de fora da capela. Annick teria matado ou morrido por ele, e — antes e ainda agora — Josette compreende perfeitamente esse sentimento. Mas como ela poderia atentar contra um bispo? Houve também outros, com o passar dos anos, que escarneceram de Paul, irmãs leigas que gargalhavam quando ela virava as costas, irmãs do convento que conspiravam para seu desconsolo. Mas o que ela poderia fazer de fato a qualquer uma delas, cujas vidas já eram tão repletas de sofrimento? Eis, enfim, essa menina.

~

Metaires do vilarejo — tanto homens quanto mulheres — vieram ajudar no St. Hilaire. Eles assumem a cozinha, esfregam chão e paredes e escadas com um desinfetante malcheiroso, cuidam das roupas e dos jardins. Um deles desce as escadas trazendo, do dormitório da escola, algo pequeno embrulhado em um manto branco. Usando o tornozelo envolto em talas e bandagens como se fosse um timão, Amandine ri, pede que seu jovem carregador ande mais rápido, mais rápido, para que ela possa sentir um ventinho, depois ordena que pare no jardim, para que possa ficar lá um

instante sob o sol quente de junho.

— Mas, *mademoiselle* Amandine, estão esperando pela senhorita. Eu prometi levá-la logo. Em poucos dias toda essa febre terá passado e seu tornozelo vai estar feito novo e o sol vai estar ainda mais quente, a senhorita vai ver.

Seguem, então, até o pátio coberto, adentram o convento, dirigem-se à longínqua ala oeste onde ficavam os aposentos de *père* Philippe. Lá, Josette está dobrando os lençóis de linho da cama recém-feita.

— Aí estão vocês. Cuidado, hein. Obrigada, *monsieur* Luc.

— Sim, obrigada, *monsieur* Luc. O senhor voltará logo para me visitar? — pergunta Amandine.

— Eu ficaria feliz em vir. Aliás, minha mãe se ofereceu para ficar com *mademoiselle* durante as noites, irmã, caso seja necessário. Pediu-me que falasse especificamente com a madre Paul, mas não consegui encontrá-la e…

— Obrigada, *monsieur* Luc, mas está tudo em perfeita ordem. Por favor, agradeça à sua mãe mesmo assim.

— *Monsieur* Luc pode vir me visitar, Josette?

— Nada de visitas para você, querida. Tenho certeza de que lhe explicaram isso. Nada de visitas até que essa epidemia passe. Agora *monsieur* Luc tem muito o que fazer e…

Josette conduz o jovem até a soleira, acena um adeus, fecha a porta. Tranca-a. Guarda a chave no bolso. Apalpa o bolso. Sorri para Amandine.

Até que enfim.

— Josette, por acaso alguém trouxe meus livros, meus cadernos de desenho? Eu coloquei tudo na minha mochila e…

— Está tudo aqui. Mas primeiro deixe-me explicar as ordens que Jean-Baptiste deixou para você. O mais importante a fazer é dormir. Você

precisa dormir o máximo possível, manter repouso e ficar sempre muito, muito quieta...

— Mas, Josette, não estou doente. É só o meu tornozelo, mas até isso já melhorou bastante, está vendo? E-eu-sei-como-desfazer-a-bandagem- sem-tirar-as-talas-do-lugar-pois-tenho-que-deixá-lo-respirar-por-vinte-minutos-só-depois-vou-precisar-de-ajuda-para-colocar-a-bandagem-de-volta-mas-eu-sei-como-fazer-é-um-pouco-difícil-deixar-certinho-e-bem- apertado-mas...

— Você não precisa se preocupar com nada. Eu sei o que fazer. E mesmo que você não esteja doente, como diz, seguiremos exatamente o que Jean-Baptiste nos indicou, não é?

Josette vai até a grande cômoda de carvalho do outro lado do quarto e, do mesmo bolso em que pôs a chave, retira um pequeno frasco marrom de vidro. De costas para Amandine, ela despeja o líquido do frasco num copo, acrescenta menos de um dedo de água da garrafa de sobre a cômoda, vira-se e, sorrindo, segue até a cama.

— O que é isso?

— Ora, seu remédio, é claro.

— Que remédio? Eu não estou tomando nenhum remédio. Para o que é?

— Eu não sei exatamente, querida. É o que Baptiste receitou. Deve ser só uma dose de vitamina ou qualquer coisa assim. Agora tome tudo de um gole só. Vamos.

Josette segura a cabeça de Amandine para trás com uma das mãos — com um puxão de cabelo que fica a um triz da violência — e, com a outra, vira o conteúdo do copo em sua boca entreaberta sem muita segurança.

— Obrigada, Josette. Posso pegar minha mochila agora? Eu queria treinar meus dedos para a peça que estou aprendendo a tocar no piano. Eu

tenho um teclado de papel, você sabe, e posso treinar muito bem com ele e...

— Ainda não. Agora é hora de dormir.

— Mas são 10h30, está quase na hora do... *pour le goûter*... Sabe, estou com um pouco de fome.

— Quando você acordar. Agora deite-se direito e feche os olhos. Só vou fechar as cortinas e...

— Onde você vai ficar?

— Bem aqui na salinha, do outro lado da porta. Agora fique quietinha.

— Você me acorda quando trouxerem *le goûter*?

— É claro.

~

Passiflora, valeriana, ópio, bálsamo de limão. Mais uma das poções de minha mãe. Hoje de manhã, quando pedi ao botânico três frascos em vez de só um, que é o habitual, ele nem desconfiou. Gentil mas eficiente, ficou falando como sempre fala enquanto envolvia com papel de seda azul cada um dos frascos. Eu já conhecia essa poção, é claro. Quando começaram a nascer os dentes de Annick ou quando ela tinha qualquer tipo de dor, eu pingava algumas gotas no dedo, esfregava em sua língua. E depois, para Paul, 15 gotas em um pouco d'água para ajudá-la a dormir. Nos últimos tempos, porém, ela raramente pede. Agora tem tomado aqueles comprimidos brancos, grandes. Também peguei alguns desses de sua gaveta, no fundo daquela do lado esquerdo. Ela nunca conseguiu esconder muita coisa de mim. Não consigo ler o rótulo, exceto pelas letras iniciais, e depois a tinta está borrada. Bem, de qualquer maneira eu não conseguiria ler mesmo. Mas se isso ajuda Paul a dormir, imagine o que vai fazer com a criança. Vou só esmagar um pedaço de um deles na próxima

dose da poção. Daqui a algumas horas. Vamos ver como ela reage a essas trinta gotas. Não passa de um ratinho, essa menina. E pensar que causa tanto problema. Mas não quero ir rápido demais. Não, não tão rápido. Ah, olhe só para ela agora. Vê como dorme?

Josette olha o relógio, destranca a porta, deixa o quarto, tranca novamente a porta por fora, vai até o lugar onde foi combinado de deixarem as bandejas de comida e bebida. A do meio da manhã aguarda sobre a mesa. Duas bandejas. A de Amandine, com um bule de chá, pão preto torrado com passas, ainda quente e envolvido num guardanapo amarelo, uma tigelinha de queijo fresco. Alguém acrescentou um pratinho de vidro azul com seis violetas cristalizadas à bandeja de Amandine. Na dela, de Josette, estão os mesmos elementos, exceto as violetas — mas em quantidades maiores. Experiente nesses assuntos, Josette equilibra uma bandeja sobre a outra, segue de volta para os aposentos, pousa as bandejas no chão, abre a porta. Fecha-a. Tranca-a por dentro, guarda a chave no bolso. Senta-se à mesa em frente à janela, abre as cortinas apenas o suficiente para entrar um facho de luz e depois, lenta e deliberadamente, engole todo o chá e a torrada e o queijo das duas bandejas. Chupa as violetas, esmaga a cobertura de açúcar entre os dentes. Refaz seus passos até o ponto de pegar e deixar as bandejas e depois retorna à antessala para descansar na velha cadeira de espaldar alto de Philippe.

~

Com os membros tortos, a respiração difícil, Amandine dorme o sono dos mortos, uma borboleta preta e branca presa graciosamente numa placa de colecionador. Horas depois, quando se mexe, é para olhar em volta, tentar se lembrar de onde está e por quê.

Eu sei agora, estou no quarto de père *Philippe. Sim, a escarlatina, vim para cá para me proteger da escarlatina. Como tenho sede, minha boca está seca, não consigo engolir. Como está quente. Talvez* le goûter *já tenha chegado a essa altura.*

— Josette. Josette. Josette.

Desperta pelo débil chamado de Amandine, Josette aproxima-se da cama.

— Pronto, pronto. Estou aqui. Já acordada?

— Estou com sede. Um pouco d'água, por favor.

— Nada de água, menina. Ordens do médico. Não pode beber nada. Só dormir.

— Mas sinto a boca tão seca, e estou com fome. Por favor. Minha perna, a bandagem, poderia tirá-la para mim? Está doendo, Josette, e meus braços estão tão pesados que mal consigo alcançar...

— Aqui, deixe-me ver a perna.

Josette puxa o lençol, levanta a perna com a bandagem, movendo-a quase tão bruscamente como se desentupisse uma bomba d'água sem uso há muito tempo, e Amandine grita de dor. Grita até perder o fôlego e lágrimas correrem e ela desejar ser acordada desse pesadelo. Mas Josette descobriu uma bela diversão, e fica mexendo a perna do mesmo modo, repetidamente, enquanto Amandine, erguendo-se de um salto, agita os braços como uma boneca, num inútil gesto de defesa. Josette ri, e Amandine sabe que não está sonhando.

— Solange. Por favor, chame Solange. Algum engano. Por favor, chame Solange.

— Você pode chamar por Solange o quanto quiser, que ela não pode ouvi-la, ninguém pode. Você é minha. Não está havendo nenhum engano. A única pessoa que existe é Josette. Agora me deixe ver a bandagem.

E lá vai ela desenfaixar o tornozelo e depois passar a bandagem até cansar em volta dos minúsculos ossos da menina, apertando tanto que mesmo se não houvesse ferimento algum a dor seria excruciante.

— Pronto, é assim que Baptiste quer que faça. Está melhor, não está? É claro que está. E agora, seu remédio.

— *Por que, Josette, por quê?*

Josette vai até a cômoda de carvalho, tira o frasco do bolso, mede no copo de Amandine quarenta generosas gotas da poção de valeriana, talvez um pouco mais. De algum outro recanto de suas generosas saias, pega a garrafinha que roubou da gaveta de Paul. Tira de lá um comprimido. Quebra-o entre os dedos, pega um fragmento e esfrega-o na palma da mão até virar pó, joga o pó na poção. Um pouco de água em seguida, não muita. Ela agita o coquetel e o leva para Amandine. Levando o copo aos lábios da menina, despeja o líquido por sobre a mandíbula que mantém aberta com esforço, levanta-lhe o queixo para ter certeza de que ela engoliu.

— Boa menina. Agora você só precisa pensar em dormir.

— Mas eu estou com sede e fome...

~

Como fez com *le goûter* e com o almoço, assim Josette faz com o jantar. Dessa vez, no entanto, depois de pegar as bandejas, ela puxa a mesinha redonda, colocando-a ao lado da cama, e senta-se na beirada, bem perto de Amandine. Espirra um pouco d'água no rosto da criança adormecida, em suas pálpebras, para despertá-la, mesmo que só parcialmente, apenas para que ela possa testemunhar o banquete.

— Amandine, veja só isto. Um purê de batatas com um ovo poché por

cima, e quando furo esta linda gema amarela, veja como escorre pelas batatas e, ah, que delícia que fica, sim, sim, você precisa experimentar, mas tenha paciência enquanto eu experimento de novo, e depois eu lhe dou uma colherada, espere só um momentinho.

Tentando manter os olhos abertos, e sentindo o cheiro da comida, Amandine está ávida pelo alimento, mas não pede nem alcança a colher presa às garras de Josette. Sem nem um som, sem um suspiro, lágrimas cálidas caem lentamente, acumulam-se nos cantos de sua boca e escorrem pelo queixo, molhando seu pescoço e a renda branca de sua camisola. Como o fogo alimentado pelo vento num celeiro de feno, a consciência a invade, a consciência de que sua fúria é inútil, e assim, à sua maneira, observa Josette com serenidade, com a clareza mental de alguém que compreendeu não que a vida é sempre ruim, mas que, boa ou ruim, é sempre misteriosa. Que a vida depende bem pouco de nossa determinação, e menos ainda de sermos bons ou maus — sejam quais trêmulas definições englobem bondade e maldade. Sendo assim, se nem a determinação nem a equidade dão forma à vida, o que pode dar? Ali deitada, lambendo as lágrimas salgadas, ela se pergunta. Ela terá que esperar um pouco mais para entender o peso, o poder das vinganças históricas, das loucuras e dos beijos de Judas. Terá que esperar para saber que herdamos a vida da mesma forma que herdamos o formato do rosto ou a prata que preenche uma caixa de joias revestida de veludo. E para saber que somos nós que perpetuamos a vida que herdamos — gentil ou ferozmente, de acordo com nossas naturezas —, repetindo as loucuras ancestrais, e os beijos traiçoeiros, e deixando o legado belamente intacto para aqueles que virão depois. Como prata numa caixa de joias.

E assim Amandine jaz naquele leito manchado e amarrotado onde alguém quer que ela morra, magnífica como apenas pode ser uma boneca

de cachos desatados e gracioso queixinho fino e olhos de ameixas — as mesmas ameixas-pretas chorosas que constituem os olhos de sua mãe —, enquanto Josette, em meio aos sons guturais que faz ao engolir a comida, diz mais uma vez:

— Só mais uma colherada para mim e aí...

Amandine observa as grossas veias pretas nas mãos de Josette à medida que ela corre os dedos pelo prato, leva-os à boca e os lambe. Ainda segurando o prato, Josette inclina a cabeça na direção de Amandine, sussurra alguma coisa nas lindas voltinhas cor-de-rosa de seu pequenino ouvido. Com seu cuspe quente, sua sibilância ensurdecedora, pergunta a Amandine se está com fome, deseja a ela um indecente *bon appétit*, limpa a boca com as costas da mão, lambe os lábios, coloca o prato sujo de catarro sobre o peito de Amandine.

~

— Madre, Baptiste acabou de me declarar curada, nenhum sintoma depois de quatro dias de isolamento. Perguntei se poderia dispensar Josette e ele concordou, pediu que a senhora me acompanhasse até lá. Disse que Amandine deve ficar mais um dia ou dois à parte e então ela também poderá ser liberada e juntar-se às outras que voltaram do dormitório. A senhora pode ir comigo agora, madre?

Marie-Albert espera enquanto Paul considera seu pedido, arruma os já perfeitamente organizados elementos dispostos sobre sua mesa.

— Sim, suponho que Josette deva ser liberada, mas tem certeza de que não precisam de você em algum outro lugar? Afinal, a utilidade de Josette é bem mais restrita que a sua, não é mesmo?

— Na verdade, é Amandine quem precisa usufruir de um descanso.

Quatro dias e três noites tendo apenas Josette como companhia, bem, a senhora entende o que quero dizer, não é, madre?

— Sim, sim, acho que entendo. Muito embora alguém pudesse ver do ângulo oposto e dizer que quatro dias e três noites tendo apenas Amandine como companhia... Pobre Josette. Sim, bem, vamos lá. Apenas tome o cuidado de ser gentil com Josette, fale do bom trabalho que fez. Baptiste lhe contou como ela mapeou os sinais vitais da menina, anotou tudo que ela comeu e bebeu? Fez um registro simplesmente perfeito.

Quando Paul bate à porta da antiga suíte de Philippe, não obtém resposta. Marie-Albert bate mais forte. Ainda nenhuma resposta.

— Josette, abra a porta. É Paul. E Marie-Albert. Abra a porta, Josette.

Josette está dormindo. Não tendo se lavado durante esses quatro dias, nem trocado de roupa, está sentada, descalça e apenas com a roupa de baixo, na cadeira de espaldar alto de Philippe ao ar agora pútrido da sala. Sem falar uma palavra em resposta à voz imperativa de Paul, Josette vai rapidamente até a cama de Amandine, na esperança de descobrir que sua respiração cessou. Que sua tarefa foi concluída. Mas não. Ainda não.

— Só mais um pouquinho, Annick — diz ela, baixinho. — Se você tivesse esperado só mais um pouquinho...

— Josette, abra esta porta. Está me escutando, Josette?

Num falsete alegre, Josette pergunta:

— É você, Annick? Querida Annick? Só mais um pouquinho. Está quase terminado.

— Quem é Annick? O que ela está dizendo? Não consigo entender. Use sua chave!

— Eu não carrego comigo as chaves desta ala. Na minha escrivaninha, primeira gaveta à direita.

Marie-Albert se afasta correndo quando Paul grita para ela:

— Chame Baptiste.

Paul sacode a maçaneta, lança o corpo contra a porta, esmurra-a com os punhos, todo o tempo gritando:

— *Josette, Josette, Josette!*

Mas Josette, se ouve Paul, não demonstra. Com os cabelos brancos riscados de amarelo caindo em finas pontas untuosas sobre os ombros magros, seu mau cheiro agora tomando o cômodo, ela é uma velha inflamada pelo seu último ato de devoção à pequena Annick. Ela segura um travesseirinho de linho branco bordado com folhas verde-escuras e seus brotos sobre o rosto de Amandine, pressionando-o com toda força. Tendo finalmente terminado o trabalho, ela toma a criança nos braços e vira-se para a porta bem no momento em que Marie-Albert a escancara, batendo-a com toda força contra a parede.

Josette entrega Amandine a Paul. Um troféu. É Marie-Albert, no entanto, quem passa a frente de Paul, pega Amandine no colo, leva-a para a cama. Paul joga Josette no chão, chuta-a na altura do rosto e do peito enquanto Josette repete seguidamente as palavras da própria Paul.

Eu queria que ela morresse, e fosse embora, e jamais tivesse existido.

— Por mim? Você a assassinou por mim?

Ela chuta Josette de novo e então dirige-se ao leito da menina, chacoalhando a coluna da cama como se quisesse acordar Amandine.

Marie-Albert levanta a cabeça de Amandine — um figo maduro pendendo da haste —, deita-a de volta delicadamente, põe as mãos espalmadas sobre o pequenino rosto amarelo, cadavérico, como se fosse de cera. Com o cuidado de quem arpeja uma corda da harpa, Marie-Albert acaricia os lábios de Amandine com o polegar. Encosta a orelha na altura do coração da menina. Tão acostumada a pedir permissão, ela olha para Paul, depois rapidamente se curva para forçar o ar para dentro da pequena

rosa ressecada que é a boca de Amandine. Impele sopro após sopro, até que o peito estreito e encovado da menina começa a se elevar, e da pequena boca saem tosses surdas. Amandine abre os olhos marcados e ressecados e molhados de dor.

— Marie-Albert, a senhora também morreu? Estamos todas mortas? Cadê Philippe e sua avó? Cabelo azul. *Maman*, *maman*, cadê você? Você está morta, *maman*?

Capítulo 28

Pressão 6 por 3, pulso 115, mas estável, temperatura chegando aos 40. Potenciais complicações devido à doença cardíaca. Preciso de uma intravenosa de cloreto de potássio, sódio e glicose. Ainda não sei se vou interná-la. Apenas traga a solução e os instrumentos.

Tendo alertado *Les Secours* pelo telefone da sala de Paul, Jean-Baptiste volta correndo para os aposentos de Philippe, onde deixou Marie-Albert encarregada de banhar Amandine com álcool e dar-lhe água com açúcar com a ajuda de um conta-gotas.

— O que foi isso? O que aconteceu com ela, Baptiste? A escarlatina? Foi a escarlatina? O que Josette...?

— Ela foi privada de comida, de comida, Marie, e drogada. Está morrendo de sede e dos efeitos da sufocação.

Ele vai desfazendo a bandagem, massageando a carne escurecida da perna de Amandine. Ausculta seu coração. Ausculta novamente.

— Chame Fabrice. Peça que venha. Os sacramentos.

Marie-Albert envia duas mulheres da aldeia que têm trabalhado na

cozinha para ajudar Jean-Baptiste, enquanto vai alertar o bispo. O médico mostra a elas como cuidar de Amandine.

— Alimentem-na como a um pássaro recém-nascido. Água fresca, poucas gotas de cada vez. Banhem-na com álcool, banhem-na mais uma vez, abram as janelas alguns centímetros. Eu vou ao pórtico esperar *Les Secours*. Lembrem-se, como a um pássaro recém-nascido. E, pelo amor de Deus, arejem a sala.

~

Amandine acorda e vê as mulheres trabalhando silenciosamente ao seu redor. Como elas não lhe são familiares, a menina crê estar no céu. Vê a agulha em seu braço, e seus olhos seguem a mangueira até a garrafa de líquido claro que está pendurada em algo de metal parecido com uma árvore.

— O que é isso no meu braço?

— É remédio, minha criança.

— Não, eu não quero mais remédio, por favor, por favor...

Ela toca a agulha para tentar retirá-la, mas uma das mulheres segura sua mão e a outra acaricia sua testa. Ambas sussurram, dizem-lhe que está tudo bem.

— É o remédio que *monsieur le docteur* receitou para você, menina.

— Foi o que ela disse. Josette disse que o outro remédio também tinha sido receitado por Baptiste.

Sua mente gira, enevoada — *estou morta? estou viva?* —, e Amandine se lembra de um outro momento, aquele em que as meninas do convento, antes suas inimigas, inesperadamente mudaram de lado, tornando-se suas amigas. Assim como fez então, ela agora se pergunta: *Como podemos*

distinguir amigos de inimigos? E se não pudermos?

~

Mais tarde, quando as mulheres da aldeia foram embora e a primeira dose de solução intravenosa acabou, Baptiste remove a agulha, ergue Amandine nos braços, acomoda-se na cadeira de espaldar alto de Philippe e a embala docemente, segurando-lhe o pulso, agora fino como o de uma boneca, entre dois dedos. Ela abre os olhos e o fita.

— Baptiste. Você também? Todos morremos?

— Nenhum de nós morreu. Estamos aqui com você agora.

— Eu não morri? Pensei que tivesse morrido e, embora pudesse ouvir todos vocês falando, não conseguia saber se vocês estavam mortos também ou se ainda, sabe, ainda... Eu queria dizer que estava bem, que não estava com medo nem nada, mas não conseguia fazer as palavras saírem, minha boca estava tão seca e minha cabeça rodando, rodando... E tinha aquele cheiro horrível, um cheiro assustador que eu pensei que fosse o cheiro da morte. E aí eu não consegui mais respirar... o ar sumiu todo.

— Você não morreu, nem eu. Eu estou aqui com você e prometo que...

— Eu sei. Que ela não vai mais me fazer mal. Não é isso que você vai prometer?

— É isso que eu prometo.

— E o remédio no meu braço, era para quê?

— Era para limpar você por dentro, regá-la como faz a chuva com um vaso de amor-perfeito que ficou ao sol por tempo demais. Mais tarde você vai tomar mais uma dose daquele remédio.

— Como chuva em um vaso de amor-perfeito...

— Exatamente. E logo você vai estar...

— Eu já estou crescida, Baptiste. Ainda mais do que antes. Ainda não sei se gosto disso, mas acho que, sim, eu cresci. Acho que agora sei das coisas, entendo coisas que não entendia quando eu era, você sabe, antes disso. Deve ser por isso que estou com tanto frio.

— Essa sensação vai passar, Amandine. Tudo isso vai...

— Eu não vou esquecer o que aconteceu. Não quero. Só as crianças esquecem, Baptiste. Ou fingem esquecer.

Capítulo 29

Baptiste organizou as coisas para Josette de acordo com a vontade de Sua Eminência. Apesar de visivelmente abalado, em choque, Fabrice deseja manter esse horror em família.

Nada de prestar queixa, nenhuma declaração para a imprensa. De que serviria o escândalo — exceto, talvez, para se fazer justiça —, uma vez que não há família ou amigos para exigir tal ação? Melhor retirar da sociedade essa senhora de 79 anos, deixá-la viver seus últimos dias em uma instituição privada, à custa da cúria. Em um compadecido isolamento. É melhor poupar a cúria da vergonha. Melhor proteger a reputação da escola, que é nossa fonte de renda.

Em algumas horas tudo é providenciado. Controlada e medicada, seu vestido cinza trocado por um limpo, e vestindo um antigo suéter de lã de Philippe e sapatos novos — os oxford pretos da própria Paul —, um presente de adeus, de *adieu*, que Paul trouxe de seu quarto logo após o nascer do sol, Josette é guiada por dois funcionários da cúria pelos saguões do convento. Cruzando a porta do jardim, ela é colocada em um

automóvel da instituição que está à espera. Recostando sua corpulenta silhueta, escura à sombra, na coluna coberta de hera, Paul aguarda no pórtico frontal o automóvel partir. Ela é a única nessa silenciosa comitiva de despedida. Sem o véu, sem crucifixo no pescoço, sem um rosário em volta da cintura, essa manhã ela deixa de ser a abadessa do Convento de St.Hilaire para ser novamente a pequena Annick, agora envelhecida, vendo a única guardiã de sua vida afastar-se para sempre. Pela primeira vez desde que tinha menos de 1 ano, Annick/Paul vai prosseguir sem essa defensora ao seu lado, sem ela do outro lado da sala ou do saguão, ou a caminho do bosque de ulmeiros para trazer-lhe um buquê ou encher o avental de frutas silvestres, ou roubar metade de um bolo do rapaz que faz as entregas. A primeira vez.

Paul observa o pequeno automóvel quadrado arar a luz verde que as folhas emitem na avenida plana cercada por árvores. Ela permanece lá muito tempo depois de o ter perdido de vista.

~

Logo após as 15 horas desse mesmo dia, Marie-Albert vai até a enfermaria dizer a Solange que Baptiste deseja vê-la instalada de volta em seus aposentos. Além do contágio, ela foi submetida a uma terapia com penicilina durante três dias, o que acalmou seus sintomas. Baptiste implorou a Marie-Albert que não contasse nada a Solange a respeito do que havia se passado, que ele próprio o faria. Era seu dever, disse ele.

Irei aos aposentos de Solange logo após as Vésperas. Vou contar tudo a ela, contar a verdade, mas cuidadosamente. Sei que a senhora entende.

Seguindo às pressas pelo corredor até a enfermaria, é difícil para Marie-Albert conter as lágrimas. Como ela pode encarar Solange, que acredita

que durante os últimos quatro dias Amandine esteve nas mãos bem-intencionadas de Josette? Longe do perigo.

No início ela terá a incredulidade da estupefação, pensa Marie, *a mente resistindo ao que ouve, como aconteceu comigo mesmo diante da irrefutável visão de Amandine nos braços de Josette. Baptiste tem razão, precisamos contar-lhe tudo o que sabemos, mas ainda assim ela será poupada daquilo que vimos*.

— Marie-Albert, como é bom vê-la. Mas não tem problema você vir aqui? Ou já não ofereço o risco de transmitir esta praga?

— Baptiste diz que sim. E eu devo dizer que você está com bom aspecto, parece quase boa. Vim lhe dar uma notícia. Baptiste disse que você deve deixar este hotel de luxo e se contentar com seus aposentos. O que acha disso?

— Quando? Imediatamente, se depender de mim. Amandine vai ser liberada também? Não tive notícias dela hoje, mas com certeza, se ela não tem os sintomas, deve estar...

— Baptiste passará aqui para visitá-la depois da oração de Vésperas, e então poderemos perguntar a ele. Até lá serei sua dama de companhia. Ótima obrigação, não acha?

— Qual é o problema, Marie?

Solange se detém em sua tentativa de achar seus chinelos sob a cama, olha com severidade para Marie-Albert.

— Como assim qual é o problema? Nada. Eu, eu...

Solange senta-se na beirada da cama, sentindo a cabeça cambaleante por causa do esforço, por menor que seja.

— Marie, me conte.

— Não posso agora. Quando Baptiste vier...

— É Amandine? Se aconteceu alguma coisa, eu preciso saber. Você não

pode...

— Amandine está bem. Está ótima. Agora vamos pegar suas coisas e levá-la para seus aposentos.

~

Na mesma voz calma e regular que a vem tranquilizando durante os últimos nove anos, Baptiste fala com Solange. Empoleirada na cama em que Solange está deitada, Marie-Albert segura sua mão, os olhos fixos em Baptiste, que não poupa nada do que sabe mas muito daquilo de que suspeita: os detalhes do que Josette fez com Amandine. Enquanto ele fala, ouve a magreza da história, as partes ocas, a inanidade. Como pode ter acontecido? Todos nós tão perto enquanto... Ele se ouve tentando achar um desenlace, um resumo.

— Aparentemente não houve maiores danos ao coração dela, mas faremos um novo cardiograma por estes dias. Os sinais vitais se mantêm estáveis há seis horas, desde que a encontramos e começamos a tratá-la. O maior dano é emocional. Espiritual é a melhor palavra, no caso dela.

Solange não falou nada, nem protestou ou chorou. Em determinada altura do relato de Baptiste ela começou a olhar pela janela e em torno do cômodo, seu olhar pousando aqui e ali, como se ela tentasse se lembrar se algum dia já vira aquela cadeira, aquela estante, aquele quadro, aquelas botas de borracha vermelha.

Baptiste se levanta da cadeira, vai até a cama e, pela primeira vez desde que a conheceu, abraça Solange. Ela o olha como se para um estranho impertinente. Não diz nada. Está pensando em Janka e na senhora dos olhos de cervo e naquela tarde na fazenda. E por alguma razão ela vê o jardim, vê Marie-Albert pisando cuidadosamente por entre as ervilhas e

cebolas da horta, andando até ela com ar conspiratório, e então rindo, estendendo os braços para pegar dela a funda cesta oval, a cesta forrada com lã azul macia na qual Amandine dormia. Sua mente quer saber: C*omo chegamos daquela manhã no jardim ao dia de hoje?*

~

Baptiste vai embora, deixa Marie-Albert com Solange. Talvez uma hora tenha se passado quando, ainda não tendo dito uma palavra, Solange se levanta da cama e vai apressada até o armário. Como já fez anteriormente, na época em que Amandine sofria nas mãos das meninas da escola, atira tudo que tem no armário sobre as camas, as cadeiras, os tapetes. Marie-Albert tenta detê-la, tenta levá-la de volta para a cama.

— Seja lá o que queira fazer, deixe que eu faça por você diz ela. — Você está fraca e ainda muito doente. O que está fazendo com tudo isso?

— Preparando-me para partir.

— Sim, com certeza. Partir. Quando Baptiste voltar, você pode falar com ele...

— Não há necessidade. Ele já disse que ela está bem. Fisicamente bem. É apenas uma viagem de trem. Dois dias. Vamos para casa. Eu deveria ter ido há muito tempo.

— Para sua família, é para lá que quer levá-la?

Solange assente com a cabeça, senta-se no meio de suas coisas sobre o tapete turco vermelho e amarelo, tocando um ou outro objeto sem olhar.

— Vou tomar banho agora, me vestir para encontrar Baptiste. Você me ajuda?

— Claro que ajudo, mas não há necessidade... Vou buscá-lo. Fique deitada que já volto.

~

Baptiste diz a Solange que é imprudente que Amandine viaje, pois pode provocar-lhe fadiga. E coisa pior. Ele grita, implora. Depois fica quieto, senta-se na beira da cama, leva as mãos aos olhos como se fosse arrancá-los, diz a ela:

— Acho que você está fora de si. De tanta dor e vergonha. Assim como eu. Como, acredito, está Paul. Nós três enfurnados em nossas almas, doentes de culpa por... que nome posso dar a isso? Por nossa *ingenuidade*. Sim, uma palavra suficientemente direta. *Ingenuidade*. Todos sabíamos algo sobre Josette, você mais do que eu, mas ninguém nunca consultou você, então fui eu e Paul que decidimos que ela era a pessoa certa para a tarefa. A melhor. Mas, Deus do céu, Amandine sobreviveu! E agora você está decidida a pô-la à prova novamente? Já levou em consideração a guerra?

Solange ri baixinho.

— A guerra lá fora. A guerra aqui dentro. Pois é, uma loucura. Não há mais nenhum lugar em que possamos nos esconder disso.

— Você tem que combinar com alguém para que as espere em Reims. É a estação mais próxima, não é? Aí então ela deve prosseguir em sua recuperação. Não repouso absoluto, mas atividades físicas bem leves, descanso frequente. Esse tipo de coisa. Combinarei tudo com um médico conhecido meu que visita pacientes em Reims uma vez por mês. Ele vai examiná-la. Fique de olho nela. Escreverei a ele amanhã. Você leva os registros médicos dela. Prepare-se para possíveis atrasos nos horários dos trens. E desconforto. Apesar dessa sua teimosia em desconsiderar os fatos, por favor, entenda que as notícias vindas do norte são horríveis, Solange.

— E suas notícias hoje, não foram horríveis?

— A guerra é diferente.

— É mesmo?

— Você precisa saber que sim. Invasão, ocupação, requisição, deportação, campos de trabalho, privação extrema...

— Privação extrema? Fome, é o que quer dizer? E crueldades grotescas também, imagino. Tudo me soa bastante familiar, Baptiste. Talvez apenas as roupas dos agressores vão mudar em relação àquelas usadas aqui. E agora quero ver Paul. Poderia pedir a ela que venha aqui, ou devo ir até ela?

Baptiste percebe que Solange usa apenas o nome, suprimindo o título.

— Saiba que ela está arrasada. Não é por querer protegê-la, mas garanto-lhe que ela de forma alguma... digamos... ajudou Josette. Fabrice me disse que você conhece a história de Josette e Paul, a história de quando elas eram crianças. Como já admiti, se eu soubesse, poderia ter...

— Não coloco a culpa em ninguém. Só consigo pensar em levar minha garotinha para longe daqui, o mais rápido possível, e para sempre. Não é nem por medo nem por desgosto que tomo esta decisão. Amandine e eu vamos embora porque essa parte de nossas vidas está encerrada, por isso ficar aqui seria errado. Talvez já tenha se encerrado um tempo atrás, bem antes disso, mas só me dei conta agora. Não reconheci o fim. Quero falar com Paul não para puni-la, mas para me despedir.

— Espere, Solange. Espere até amanhã. Amanhã traremos Amandine para cá, e então...

— Essa não é nossa casa. Não sei quando deixou de ser, mas não é mais.

— E sua casa no norte, quando foi a última vez que teve notícias de alguém de lá? Não seria melhor enviar, se não uma carta, um telegrama? Parece-me aconselhável que você tente se comunicar com eles de alguma forma. E se tiverem ido embora? E se os *boche* tomaram a casa? É possível

que não haja uma casa lá em cima para vocês. Já pensou nisso?

— Vão estar lá, sim. Eu conheço minha mãe. Minha avó. Pode haver algum invasor *boche*, mas minha mãe vai estar lá.

Baptiste e Solange continuam a se olhar, mas nenhum dos dois fala nada; ela está vendo a bandeira branca dele, e ele, o ímpeto dela.

— E Sua Eminência? — pergunta Baptiste.

— Eu ia justamente perguntar se...

— Ele está aqui. Está aqui desde que... desde hoje cedo.

~

— Por que ir de trem, querida? Meu motorista a deixará em casa. Existe a dificuldade em relação à gasolina, mas ainda a encontramos aqui e ali pelo que sei, e, é claro, as estradas não estarão livres de veículos ou refugiados, mas certamente que uma viagem de carro é preferível a...

Enquanto fala, Fabrice pega uma cadeira da mesa de jantar e a leva até o outro lado da sala para sentar-se ao lado da cama de Solange.

— Obrigada, senhor. Não tenho como lhe agradecer o suficiente, mas Amandine sempre adorou a ideia de viajar de trem. Este é o momento certo para isto. É o que eu quero fazer.

O bispo se acomoda na cadeira, alcança a mão de Solange. Seu olhar é duro, mas depois se torna suave.

— Entendo. Você refletiu sobre o fato de que a desordem cresce a cada dia, não é, minha filha? Todos do norte estão a caminho do sul, pois aqui é a chamada zona livre.

— Refleti sim, senhor.

— Nós, os franceses, somos uma raça de egoístas, e posso lhe dizer que as portas estarão fechadas lá no norte, mesmo para uma francesa com uma

criança. *Elas que se arranjem sozinhas* será a palavra de ordem dos seus camponeses do norte, a não ser quando se tratar deles próprios. Não pense que poderá contar com qualquer um, Solange. Não até que chegue à casa de sua mãe. Não estou tentando dissuadi-la, apenas...

— O volume de gente indo para o norte deve ser pequeno, senhor.

A estranha frase, de conteúdo distorcido, interrompe o bispo no meio do que diz.

— Ah, sim, a estrada que leva ao território inimigo, claro, pouca gente indo por ali... E se sua família estiver em meio ao êxodo?

— Minha família nunca deixaria a fazenda. Não fizeram isso durante a Grande Guerra e não o farão agora. Com ou sem os *boche*, prefiro que Amandine e eu estejamos lá com eles.

— Sim. Claro. E o que Amandine tem a dizer a respeito...?

— Ainda não falei com ela. Ainda não a vi desde...

— Entendo. Bem, Solange, talvez você esteja certa em sair deste inferno para um mais novo. Está decidida, então?

— Sim, senhor.

— Vou ajudá-la, Solange.

Capítulo 30

— Não precisamos falar sobre aquilo agora, sobre o que aconteceu. Não precisamos, certo?

São quase 11 horas de uma manhã de quarta-feira, Amandine e Solange estão juntas em seus aposentos. Hoje mais cedo Baptiste levou Amandine para um passeio nos jardins e para uma visita à capela, e acaba de trazê-la até Solange. Desejando a ambas um bom-dia, ele lhes diz que voltará no início da noite para ver se está tudo bem. Amandine estende os braços para abraçá-lo e ele, talvez incomodado, segue rapidamente seu caminho.

Tanto Amandine quanto Solange estão tensas, uma preocupada com a outra. Imaginando que talvez precisem de um ritual para voltarem à vida de antes — se é que há algo que torne isso possível —, elas começam o ritual do banho.

Amandine abre as torneiras para que a água quente encha a banheira e, com a destreza de uma funcionária de uma estação de águas, começa a fazer seu trabalho com o óleo de amêndoas e as cápsulas de espuma de lilases, sacode as toalhas para abri-las, dispondo-as sobre a cadeira. Solange

ajuda-a a despir-se, a entrar na banheira. Amandine lembra-se de inalar o odor dos lilases, mas Solange não.

Agora, de mãos dadas e apoiadas em travesseiros, elas estão sentadas — lado a lado, em camisolas limpas — no sofá em frente à lareira, o fogo já extinto. Marie-Albert trouxe-lhes chá e uma tigelinha de morangos silvestres.

— É, acho que não precisamos. Pelo menos não por enquanto. Quando estivermos prontas, quando quisermos falar sobre aquilo, então falaremos. Jean-Baptiste contou a você que vamos embora, não contou? Ele quis ser a pessoa que contaria isso a você, e eu concordei. Pensou que você seria, sabe, mais aberta com ele. Contaria a ele seus sentimentos em relação a essa possibilidade.

— Ele me contou, e eu disse que queria ir.

— Ótimo. Está combinado, então.

— E eu nem estou preocupada com a minha mãe, com medo de ela não me encontrar. Deixei um bilhete para ela.

— Deixou um bilhete para quem?

— Para minha mãe.

— Com *la Vierge*?

— Sim. Ela não é muito eficiente, mas ainda assim confio nela.

— E o que dizia o bilhete?

— Falei que o seu sobrenome é Jouffroi e que estamos indo para Avise. E que eu ia aprender a ordenhar cabras. Eu vou mesmo, não vou?

— Com certeza.

— Escrevi numa folha de papel que Jean-Baptiste me deu, do tipo que ele usa para anotar os remédios que temos que tomar. Eu sei que *la Vierge* não entrega as cartas de verdade. Pelo menos não tão rápido. Mas me sinto melhor tendo escrito o bilhete e deixado com ela. Eu me sinto melhor

assim. Não falei nada sobre Josette para minha mãe.

— Nem acho que deveria. Então, está pronta para ir?

— Pronta. E estou meio que feliz que nenhuma das meninas da escola esteja por aqui. Ou algumas ainda estão...?

— Não. Todas foram passar o verão num lugar ou noutro. Pelo menos eu acho. Elas não vão achar estranho quando voltarem e descobrirem que você não está mais aqui? Mas você vai escrever para elas, e elas para você.

— Imagino que sim. Vou sentir falta principalmente de Marie-Albert, Josephine e das outras irmãs. E de Baptiste. Eu queria que você se casasse com Baptiste, assim ele poderia ir conosco. Eu disse isso a ele, e sabe o que ele disse?

— Não, e não sei se gostaria de...

— Ele disse: "Haverá tempo para isso." O que isso quer dizer exatamente?

— É um outro jeito de dizer *Quem sabe um dia*.

— Então *quem sabe um dia* você não se casa com Baptiste?

— Chega, Amandine.

— Não sei se vou sentir falta da madre. Você vai?

— Talvez. Mas acho que *sentir falta* não é bem a expressão. É mais no sentido de que ela me deu uma grande quantidade de coisas em que pensar. É mais nesse sentido.

— Tenho um pouco de medo de ir embora. Mas só um pouco.

— Essa é uma das melhores coisas de uma viagem... ter *um pouco* de medo.

— Sei... é um medo bom, não é?

— Sim, um medo bom. Iremos no sábado pela manhã. No trem das 8h45, partindo de Montpellier com destino a Nîmes. Lá trocaremos de trem. Se tudo correr bem, chegaremos a Reims domingo de manhã. Talvez

um pouco mais tarde.

— Quantos trens vamos pegar?

— Quatro. Ao todo, quatro.

— Eu quero pegar dez, vinte...

— Prometo a você que haverá muitas viagens de trem no futuro. Mas, por enquanto, comecemos com quatro.

— Tudo bem.

— Temos dois dias para nos prepararmos. Dois dias mais as horas que ainda restam de hoje. Você tem que descansar e...

— E você também. Podemos descansar juntas.

— Juntas.

Amandine se deita, a cabeça no colo de Solange, e fecha os olhos. Solange faz um cafuné nos cabelos da menina, canta uma cantiga suave até escutar a respiração regular do sono dela.

— Onde está Josette agora?

— Pensei que você tivesse adormecido.

Com os olhos ainda fechados, Amandine diz:

— Estava fingindo. De qualquer maneira, logo antes de cair no sono eu sempre penso em Josette. Mas Baptiste diz que isso vai passar. Eu disse a ele que nunca vou esquecer o que aconteceu e ele falou que as coisas "passarem" e "serem esquecidas" não são a mesma coisa. Disse que, mesmo que eu não esqueça, logo vou parar de pensar em Josette. Você acha que isso é verdade?

— Não só acho como tenho certeza. E, respondendo à sua pergunta, Josette foi embora daqui do convento, foi levada embora para uma espécie de hospital. Um hospital que também é uma prisão.

— Quanto tempo ela vai ficar lá?

— Ela vai ficar lá para sempre.

— Eles vão ser cruéis com ela?

— Não. Mas também não serão carinhosos, provavelmente.

— Por que ela fez isso?

Solange, ainda acariciando o cabelo de Amandine, nada diz, depois pega o rosto da menina e o vira para si.

— Não sei. Ninguém sabe. Nem mesmo Josette.

~

Pouco depois das 13 horas alguém bate à porta. Solange levanta para atender.

— Acho que é Marie-Albert com nosso almoço. Ela vai passar a tarde conosco. *Bonjour*, Mar... Madre. Achei que fosse...

— Sim, eu sei. Pedi a Marie-Albert para eu mesma trazer o almoço aqui para vocês. Estavam tirando um cochilo? Espero não ter vindo cedo demais.

Solange, hesitante, diz:

— Talvez até tarde demais.

Paul olha para Solange, absorve a estranheza de suas palavras.

— Sim, sim, sei que estou atrasada. Tarde demais.

— Aqui, madre, deixe-me pegar a bandeja.

— É uma refeição composta de alimentos frios, de forma que a qualquer hora que tiverem apetite... Amandine.

Paul estende a mão para Amandine, que está agora atrás de Solange.

— *Bonjour*, madre.

A menina aceita a mão que Paul lhe estende, aperta-a com ares muito formais.

— Ora, vocês duas parecem bem, devo dizer.

— Obrigada, madre. Não quer se sentar? — convida Solange.

As três se instalam quase simultaneamente, lado a lado, no sofá, Amandine no meio. Sorriem uma para a outra, aconchegam-se contra as almofadas. Depois, olhando fixamente para a frente, todas parecem em extrema fascinação pelo fogo extinto da lareira.

— Eu não via estes aposentos há muito, muito tempo. Sinto como se fossem um lar; um lar de verdade.

— Talvez a senhora pudesse vir se instalar aqui, madre, agora que estamos partindo. A senhora poderia ficar com a cama de Solange, porque é maior, e também poderia, de vez em quando, trazer uma das irmãs para passar a noite aqui. As meninas da escola sempre comentam que dormiram na casa de alguma outra menina, mas eu nunca fiz isso, embora Sidò já tenha me convidado várias vezes e...

— Mas que boa ideia. Obrigada.

Solange puxa o cabelo de Amandine, faz uma careta para ela.

— Então é verdade? Que vocês vão embora? — pergunta Paul.

— No sábado — confirma Solange.

— Quantas mudanças.

Paul vira-se para olhar Solange. Ainda sentada entre as duas, e sentindo crescer a distância entre elas, Amandine pergunta a Paul:

— A senhora gostaria de dar as mãos?

E estende a dela para Paul, que a segura, e então olha para a própria mão, velha e marrom, envolvendo a de Amandine, pequena e branca.

— Às vezes eu prefiro dar as mãos em vez de falar — diz-lhe Amandine.

Com a outra mão, Amandine pega a de Solange, e então começa a balançar os braços das duas como se estivessem passeando. Paul começa a rir, depois se contém, suavemente pousa a mão da menina no sofá e

levanta-se.

— Vou deixá-las a sós agora. Para que possam almoçar e descansar.

— Obrigada, madre. Obrigada por trazer a...

— Quem me dera ter pensado em vir antes.

Capítulo 31

É sábado de manhã, 22 de junho. Mal nasceu o sol e Amandine e Solange já estão de pé, vão dar adeus a Philippe. Solange pegou uma toalha de piquenique velha, estendeu-a sobre um carrinho de mão e acomodou Amandine sobre o veículo improvisado. Cleópatra em sua luxuosa embarcação. É um longo caminho até o túmulo de Philippe, e às vezes Amandine prefere ir a pé, para colher flores silvestres e ervas bonitas e vez por outra desaparecer num atalho estreito em meio às videiras, deitar-se por um instante na macia terra escura.

— O que está fazendo? O chão ainda está úmido. Você vai ter que se trocar, e toda a nossa roupa já está empacotada.

— Estou me despedindo das videiras.

— Há um monte de videiras em Champanhe.

— Eu sei, mas não são estas.

Quando chegam, elas cuidam da lápide, Amandine polindo-a com o leite de umas ervas e um punhado de folhas. Tendo trazido uma pequena pá e um pote de manjericão, começam a plantá-lo num grande maço em

frente à lápide. Em seguida jogam uma jarra d'água, que trouxeram no carrinho.

— Espero que ele ainda goste de manjericão.

— Sem dúvida que sim.

— Marie-Albert virá regá-lo. Ela prometeu.

— Sim, ela me contou que você combinou tudo direitinho com ela.

— Algum dia vamos voltar aqui?

— Acho que sim. Um dia. Mas quando voltarmos, não seremos mais as mesmas, e aquele que está aqui enterrado também não será o mesmo, nem esta casa ou a terra serão as mesmas. É bom voltar a um lugar, desde que se compreenda isso.

— Eu entendo. É por isso que ele vai conosco. Philippe.

— Eu sei. Agora vamos voltar. Daqui a uma hora deve chegar o carro do bispo...

~

As irmãs do convento embrulharam pão e queijo, um potinho de patê de pato, salsichas curadas, frutas cristalizadas dentro de um pote de vidro, favos de mel em outro, biscoitinhos de gengibre, chocolates, *petits beurres*, dois pacotes, cada uma dessas coisas envolvida em papel pardo de cozinha ou em guardanapos brancos de papel, tudo acomodado em uma sacola de barbante. Suficiente para dias e noites.

A *mise* de Amandine, levemente excêntrica, inclui as botas vermelhas, a saia de tule — antes desdenhada, agora desejada, e mais recentemente desmembrada do corpinho de crochê, que ficou apertado —, uma blusa xadrez de lã e um suéter cor-de-rosa bordado com flores-de-lis em um tom mais escuro que o do tecido. Seu cabelo está solto e não muito arrumado.

Solange veste um macio cardigã amarelo fechado até o pescoço, com pequenos botões de madrepérola rodeados por pequenos círculos de cetim. O suéter pertenceu à sua mãe; tempos atrás, quando Solange estava arrumando as malas para vir para Montpellier, Magda lhe deu a peça. Depois de tudo já dobrado e embrulhado em papel crepom, Magda colocou o suéter em cima das outras coisas dentro da mala, sorriu — quase sorriu —, depois virou-se e saiu. Em todos esses nove anos, Solange jamais o vestiu. Com a saia justa azul-escura — parte do *tailleur* que Janka comprou para ela em Reims no seu aniversário de 16 anos e que se ajusta perfeitamente à curva de seu *derrière* —, o macio suéter amarelo ficou lindo. Ela calça as sapatilhas de bailarina com laço de gorgorão mole na ponta, parte do uniforme de noite das meninas do colégio desde que, duas vezes por ano, a irmã professora encarregada dessas tarefas encomendava um par para si. Solange também deixou os cabelos soltos, uma massa de estreitos cachos louros e ondas caindo sobre os ombros. Algumas marcas avermelhadas, ainda resquícios da escarlatina, espalham-se na pele queimada de seu rosto e pescoço.

Atravessada no peito, Solange usa a bolsa em que guarda a pasta de couro preto que Fabrice lhe deu, na qual ele enfiou os documentos que providenciou para Amandine, além de um incontável número de francos e de cartas de apresentação a serem entregues, se necessário, na cúria de qualquer paróquia da Santa Igreja na França. Solange também colocou seus documentos na pasta, além do arquivo de Baptiste com o histórico médico de Amandine. Ela abre e fecha a bolsa para tocar na pasta, no arquivo, depois fecha a bolsa, abre-a novamente.

Elas sobem no banco de trás da limusine ornada com bandeirinhas púrpuras presas no para-brisa, enquanto o motorista cuida da sacola de barbante e de sua única mala, a mesma que Solange trouxe da fazenda.

Havia pouquíssima coisa para trazer. Os livros, brinquedos e as roupas de inverno foram deixados em caixas fechadas e identificados para que lhe fossem enviados futuramente. O motorista fecha a porta. Amandine a abre para mandar um último beijo às irmãs, que se aglomeram sob o pórtico, acenando, passando os lenços embolados nos olhos, no nariz.

~

No exato momento em que o motorista de Fabrice deixa Amandine e Solange na estação, um assistente do bispo bate à sua porta. Ele ainda está deitado.

— *Entrez*.

— Eminência, perdoe-me a intrusão, mas acabamos de saber, acabamos de ser informados...

— O que foi? Diga logo.

— A França se rendeu, Eminência. Rendição total, senhor.

— Pegue o jipe e vá encontrá-las na estação. Encontre Alain. Peça às autoridades que usem o alto-falante. Não as deixe embarcar naquele trem. Vá.

~

Solange pede que Alain, o motorista do bispo, deixe-as na entrada principal da estação.

— Muito obrigada. Não, a mala está leve. E Amandine quer carregar a sacola. Está tudo certo, pode deixar. Obrigada mais uma vez.

Solange ouve a notícia assim que entra na estação. As pessoas gritam, incrédulas, e choram, e correm. Decoro e civilidade abatidos como portões de ferro.

Então nós, franceses, nos submetemos aos boche. *Agora serão franceses contra franceses aqui, exatamente como Fabrice diz que é no norte. Como se empurram para sair, para entrar, para serem os primeiros. Pisariam na garganta da própria avó, os franceses.*

Ela segura Amandine com mais firmeza. Diz a ela:

— Olhe para mim. Não importa o que aconteça, você não pode largar a minha mão. Nunca. Nem por meio segundo. Entendeu?

— O trem das 8h45 para Nîmes. Plataforma 17. Está vendo lá? O quarto na fila. Vamos lá.

Ela pega a sacola das mãos de Amandine, pendura-a no ombro, agarra a mala, a bolsa, segura a mão de Amandine com um gesto de vitória.

— Vamos.

PARTE IV



Junho de 1940–abril de 1941

Cruzando a França

Capítulo 32

Não chegamos a Nîmes aquele dia. Como estava previsto, nosso trem parou na estação de Baillargues, mas assim que alguns passageiros desceram e outros subiram, foi anunciado que o trem não seguiria viagem. A cada um que esperava na fila para falar com o funcionário da estação, sua resposta era como se saída de um script: "Devido às 'circunstâncias', os horários dos trens estão sendo reorganizados. Volte amanhã, até lá deve haver mais informações. Não, não há alojamentos aqui, mas talvez haja na próxima cidade. Alguns quilômetros descendo a estrada D-3. Ou a rodovia A11. Talvez lá."

Juntamente com três outros passageiros ali encalhados, Amandine e eu fomos a pé até a cidade seguinte. Um amontoado de casas azuis com grinaldas de rosas vermelhas ornando os umbrais se apertava contra a margem da estrada. Nenhum bar, nenhum hotel, nenhum sinal de boas-vindas — aliás, nenhum sinal de vida. Balançando a cabeça, em lamento, falando com calma comiseração, nossos acompanhantes nos deram *adieu*, fizeram meia-volta e retornaram a Baillargues, deixando Amandine e a

mim plantadas sozinhas no silêncio dourado do meio-dia. Nem uma única cortina de seda flamenga engomada se abriu para nós.

— Espere aqui — falei para Amandine, colocando a mala no chão.

Bati na primeira casa, esperei e segui até a segunda; Amandine, puxando a mala atrás de si, me seguia. Era o mesmo que bater na tampa de caixões. A quarta porta se abriu, apenas uma fresta.

— O que quer?

— Os trens, senhora, estávamos a caminho de Nîmes, mas... Um lugar para ficar, senhora, para minha filha pequena e para mim. Posso pagar.

— Não há nada por perto. Vá embora.

Uma placa de estrada a alguns metros de onde estávamos indicava a direção para Nîmes. Nosso ímã, nosso norte. Várias placas menores estavam dispostas abaixo da primeira. Outros lugares ao longo do caminho.

— Será que devemos andar mais um pouco, meu amor, ou devemos procurar um lugar para fazer um piquenique? Ou você...?

Engraçado como minha voz soava fraca, até mesmo para mim. Aonde fora parar aquele meu ser arrogante de algumas horas antes? Aquele eu que abotoava seu lindo suéter, escovava os cabelos. O chofer do bispo esperando no automóvel, os para-lamas brilhantes do grande sedã preto? Eu estava me achando heroica, me achando grandiosa. *A guerra é em outro lugar, a guerra é outra coisa. Ficaremos bem. Mais dois dias e estaremos em casa. Deus, tende pressa em socorrer-me.*

Uma brisa soprou, quente e úmida, e sob flores trementes de castanheiras pegamos a estrada para Nîmes. Descansando sob a sombra de árvores à beira da estrada, comendo pão com queijo e bebendo água na mão em forma de concha, água recolhida de uma torneira ao lado de um celeiro, progredíamos lenta e, de certa forma, fantasmagoricamente. Sem

ritmo nem rituais, sem sinos, sem o estalido das sinetas, sem um funcionário que nos dissesse que havíamos chegado e que poderíamos embarcar na plataforma número... À deriva. Era aterrorizante. Ainda que não inteiramente. O segundo dia, o terceiro.

Na estação de Sommières:

— Ah, para Nîmes, *mademoiselle*? Partiu uma hora atrás. Amanhã. Quem sabe amanhã.

Toda vez que eu pensava em voltar, minha parte ainda não inteiramente aterrorizada implorava: *Só mais um dia. Amandine está indo bem. Ainda temos biscoitos de gengibre na sacola. Se conseguirmos chegar a uma cidade maior, com uma rede de trens melhor...* Mas depois, quando uma explosão — sem relação com a guerra, nos asseguraram — destruiu dois vagões de um trem poucos quilômetros adiante na linha, enquanto esperávamos para embarcar em Alès, nos pareceu mais sensato ir a pé, e foi isso o que fizemos durante boa parte do verão.

Vimos um pastor manejando um cajado e um cachorro preto colocando ordem num rebanho rebelde de ovelhas. Como se, para ele, não houvesse guerra. Nuvens rosadas se deslocavam num céu de chumbo, e uma mulher de olhos escuros, sentada numa carroça sem rodas, descascava uma maçã com uma faca de cabo verde. Como se não houvesse guerra alguma para ela. Encontramos um celeiro com a porta aberta, olhamos lá dentro, sentimos o cheiro de feno fresco, a salvo do sol, e nos deixamos desabar no conforto, cobrimo-nos com o feno como se fosse uma colcha, dormimos reconfortadas pelo canto de algum pássaro noturno. *Então onde é que está a guerra?* Sob as labaredas avermelhadas do pôr do sol vimos um boi puxando um arado por um terreno inóspito, um fazendeiro andando a seu lado e falando carinhosamente com o animal. Volta e meia o homem bebia de uma garrafa que carregava junto ao peito em uma correia trespassada.

Perguntei-me novamente, *Onde está a guerra? Não percebe como o arado continua em ação e o trigo crescerá? E quando estiver alto, haverá alguém para colhê-lo e alguém para batê-lo e levá-lo ao moinho, e de lá o moedor levará o trigo ao padeiro, que, junto com seu filho, fará o pão, para que então a filha do padeiro, com suas coxas grossas e firmes sob o vestido azul de linho, pedale o carrinho alto e estreito cheio de cestas com o pão ainda quente e, puxando a cordinha do sino, cante o mais alto que puder:* "Le pain est arrivé. Le bon pain est arrivé." *Se tudo isso pode acontecer, como pode haver uma guerra?*

E depois, ao cruzarmos um outro campo onde o trigo já crescera, vimos luzes numa casa de fazenda a distância. Com as mãos abrimos caminho entre as altas espigas, algumas das quais já haviam sido derrubadas aqui e ali por um cadáver. Corpos caídos, metralhados, dor que ainda estava ali. Encontráramos a guerra.

~

Dormíamos onde podíamos. No chão de uma prefeitura ou de uma igreja, em celeiros e em carros suspensos em velhas oficinas. Dávamos um jeito. Também com a comida nos saímos até que bastante bem. No quarto dia, ou talvez já fosse o quinto, quando finalmente conseguimos chegar a Nîmes, o atendente de uma mercearia me pediu:

— Seus cupons de ração, *mademoiselle*?

— Ah, eu... na verdade não precisamos de cupons porque estamos indo para casa, uma cidadezinha perto de Reims, e, chegando lá, não precisaremos de nada disso, é claro, minha mãe, minha avó... a fazenda...

— Todos na França comem apenas o que os *boche* permitem que comam, e o que é permitido só se consegue com esses pedacinhos de

papel. Até mesmo em Reims, *mademoiselle*. Onde esteve no último ano?

— Mas eu tenho francos, veja, e eu, bem, só precisamos de alguma coisinha...

— Ah, claro, francos. Então talvez devesse comê-los, *mademoiselle*.

Na manhã seguinte fizemos fila na *mairie*. Era a primeira vez que eu teria que mostrar os documentos de Amandine, e temia que o oficial encontrasse algum problema evidente, que alguém tentasse tirá-la de mim. Eu deveria imaginar que Fabrice cumpriria bem seu trabalho. Sem nem uma quebra no ritmo de seu pesado carimbo, o oficial deslizou dois pedaços finos de papel pelo orifício do largo guichê de madeira.

— *Prochain*.

Todos na França comem apenas o que os boche *permitem que comam*...

Mas mesmo os cupons de ração muitas vezes não servem de muita coisa. Os *boche* ficam com quase tudo. De acordo com nossas idades, Amandine é classificada como J2 e eu, como A. Isso significa que ela pode receber leite e até chocolate, se houver. Às vezes conseguimos apenas um único ovo ou uma salsicha curada, mas também há vezes em que nos vemos diante de rações completas. Margarina, pão, queijo, batatas, um pedaço de *ventrèche* com uma pele dura feito couro. Até mel. E, de vez em quando, verduras e legumes ainda longe do apodrecimento. Houve vezes em que completamos nossas refeições com comida do mercado negro. Não é preciso procurar muito para encontrar um fornecedor. Um punhado de francos sobre uma mesa num bar e alguém surge. *O que mademoiselle deseja?* De algum depósito ou baú ou sótão, *voilà*. Enfia-se na sacola, volta-se à estrada. Graças a Fabrice carrego uma ainda gorda soma de francos em minha bolsa. Não importava o que acontecesse, dinheiro nunca nos faltou.

E em qual cidade vimos pela primeira vez os *boche* de perto? Não me recordo do nome. Duas, talvez três semanas depois de iniciada nossa

peregrinação. Alugamos um quarto no alto de um edifício de pedra com janelas verde-escuras e uma placa preta de ferro balançando numa vara, as palavras nelas cortadas mostrando o amarelo da chama da lanterna fixada por detrás. *L'Auberge Fleurie*. Pelas janelas abertas chegava até nós um cheiro bom, e tínhamos fome.

A senhora não levantou os olhos da limpeza que fazia no balcão de zinco. Ela tinha o cabelo tão vermelho que parecia roxo sob a luz turva.

— Quarto andar, número 6. A chave está na porta.

Comecei a ir em direção à porta, onde Amandine esperava por mim, quando ela disse:

— Pague agora, se não for incômodo.

Sobre o balcão úmido depositei a pequena fortuna em francos que ela pediu, e subimos para nos lavarmos. Mais tarde, naquele dia, sentamo-nos lado a lado num pequeno banco de madeira, encostado na parede que ficava defronte à mesa que a senhora arrumara para nós, com guardanapos brancos limpos, uma vela gorda e oleosa enfiada num castiçal de ferro e uma garrafa de vidro azul com ervilha-de-cheiro. Tínhamos uma boa visão da sala quente, escura, recendendo a suor velho e os cheiros precisos de abobrinha e alho se levantando em meio a um nevoeiro gaulês. Eu aprendi um bocado sobre a guerra, sobre a minha França, durante aquela primeira fase de nossa marcha. Aprendi ouvindo e observando. Portanto, eu sabia que os *boche* ali sentados à nossa frente, com seus uniformes verde-cinzentos da Wehrmacht, os colarinhos desabotoados — roucos e sem consciência de si, tilintando seus cintos, e seus capacetes, e suas pistolas, e fazendo uma algazarra própria dos vitoriosos —, compunham provavelmente uma guarda em posto avançado, em busca de movimentos de guerrilheiros. Certamente aqueles *boche* suspeitavam, sabiam, que os homens que caçavam estavam sentados na mesa ao lado, comendo a

mesma refeição, vertendo o mesmo vinho tinto fresco e claro dos mesmos púcaros de pedra, em vez das garrafas de vidro. Os *boche* pareciam gostar dos púcaros de vinho, seguravam-nos próximo às luzes das velas para enxergá-los melhor. Sim, na mesa seguinte, e naquela atrás deles, e em todas ali em volta, sentavam-se guerrilheiros com o rosto duro como aqueles púcaros de pedra, tão diferentes dos rostos frescos, de bochechas rosadas, dos grandes meninos louros. Com boinas pretas e roupas de homens pobres, os guerrilheiros eram mais calmos que os *boche*, utilizando uma linguagem codificada: púcaros de vinho erguidos a uma dada altura, um olhar lançado à direita ou à esquerda, o remover de um boné, o remexer em um botão da camisa, um beijo no rosto significando "pare" e uma mão no ombro, "prossiga".

E entre os boinas negras havia seguramente um colaborador, talvez dois, bebericando vinho. Colaboradores que trabalham para a farsa de Vichy? Uma célula de guerrilheiros com prioridades diferentes? Um que tem um outro modo de operar? Comunistas? Quais franceses ofereceriam resistência aos *boche* e quais se deitariam com eles — às vezes as fronteiras entre as facções são um tanto borradas? Os guerrilheiros dificilmente concordam em tudo. Menos ainda os colaboradores. O mesmo vale para a escolha de lado. Pode-se entrar, sair e depois voltar a entrar. Se o sujeito tiver sorte, sai mais uma vez. Frequentemente esse é o movimento das coisas, a ideologia e os sentimentos mudando de acordo com a fome. Seja qual for o tipo de fome. Sim, foi naquela noite no Fleurie que comecei a entender como, dentro da guerra, uma outra guerra fervia, a guerra que a França travava contra si mesma. A única constante quanto aos franceses é que nenhum é passivo. Estar em cima do muro é contra a natureza dos franceses. E eis então que ali estavam eles, os *boche* e os guerrilheiros e os colaboradores, comendo caponata de berinjela no Fleurie. E todos

levantaram os olhos quando as garotas da cidade entraram, rindo, não para comer, mas para exibir seus saltos altos e suas meias soquetes. Elas entraram e, não havendo cadeiras, ficaram de pé, em simulado conforto, apoiadas no balcão. Com os lenços presos em nós largos logo acima da testa, os lábios pintados de um vermelho-escuro, aparentemente o mesmo batom para todas, elas eram como garotas da cidade em qualquer lugar, tímidas, ansiosas, desejando ser agradadas. Não havia garotos da cidade, é claro, porque, depois da rendição, 2 milhões de soldados franceses — não diferentemente de rebanhos de gado, de comboios de caminhões — haviam sido requisitados, usados como escravos dos *boche* na pátria-mãe. Pouquíssimos franceses jovens restaram na França; no entanto, as garotas precisam se enfeitar para alguém.

~

Escutei uma palavra no Fleurie aquela noite. Uma palavra que eu ouviria muito frequentemente ao longo daquelas semanas. *Résistance*. Quase sempre eu a ouviria sussurrada, mas uma vez a ouvi gritada da boca inchada e ensanguentada de um velho que se sentara diante de nós no corredor de um trem. Um *boche* que havia passado por ele parou, voltou e disse algo que não entendi. E então o *boche* golpeou o velho com a coronha da pistola. O velho levantou-se de seu assento, assumiu toda a sua altura, que mal ultrapassava os ombros do *boche*, e gritou *Je me défends. Je suis la Résistance*. O *boche* deu risada, acendeu um cigarro, voltou para seu assento. Pouco depois vi o *boche* aproximar-se novamente do homem, dessa vez para oferecer-lhe um cigarro. Um ramo de azeitonas. O velho hesitou, era possível ver que ele queria aquilo, talvez necessitasse. Fez um sinal de recusa com a mão, voltou a olhar pela janela. *Résistance*.

Há uma outra palavra que se ouve aqui e ali. *Maquis*. É como chamam as planícies da Córsega. A região intocada e desolada no interior da ilha. *Maquisards*. Aqueles que caçam lá. Os *boche* não adentrariam a França assim tão facilmente.

~

Nem nós. Compramos uma bicicleta num vilarejo perto de Aubenas e, como a maioria das transações, o acordo foi fechado num bar. A mulher do bar me perguntou em que direção íamos e de que maneira. Quando falei que íamos a pé até Champanhe, ela cobriu os olhos com a ponta do avental e riu até chorar. Então desenterrou uma bicicleta de uma cabaninha que servia de depósito, atrás do bar, e Amandine começou a dançar em volta do veículo de duas rodas. A mulher — seu nome seria Yvonne? — disse que seu pai instalaria um assento para Amandine atrás do meu. Não era uma coisa bonita, a bicicleta. Ainda assim...

— Onde podemos encontrar um carrinho para acoplar à bicicleta e levar nele nossas coisas?

Ela nos deu comida e nos convidou para descansar no quartinho que ficava atrás da cozinha, de onde ouvimos repetidas pancadas e golpes no jardim, além de uma voz irritada gritando: *Qual o tamanho da criança? Diga, de que tamanho ela é?* Quando saímos, lá estava. O metal agora todo escovado, polido; o banquinho de madeira, feito do que devia ter sido uma carroça de burro, atado firmemente à roda traseira com tiras de couro; e uma espécie de estribo, acrescentado não sei como aos dois lados, logo embaixo do banquinho novo. Amandine subiu. Um ou dois ajustes. Um pequeno reboque de três rodas foi amarrado com uma corda, ficando mais ou menos um metro atrás. A coisa toda era trôpega. Mas tudo o mais

também era.

— O preço, madame?

Assim nos tornamos *pédaleuses*, ciclistas.

~

Quando encontramos estradas decentes, corremos como o vento. Quer dizer, não exatamente como o vento. Quando vou subindo uma colina com a bicicleta, ou quando passo por sobre pedras ou pelo meio do mato, muitas vezes penso em abandoná-la na beira do caminho, mas depois digo a mim mesma: *Talvez deva usá-la só mais um pouquinho*.

Raramente avançamos muito num dia; cinco ou seis quilômetros, geralmente menos. É difícil expressar a sensação de liberdade que toma conta de mim. Misturada com *tristesse*. Quanto mais aprendemos, vemos, ouvimos, sentimos a guerra, mais cedemos a ela. A seus riscos, suas armadilhas, seu desamparo. Revemos nossas expectativas para nos adaptarmos aos fardos que se impõem e ficamos atônitos diante da menor demonstração de bondade. Somos gratas por cada refeição. Sem consciência ou intenção, Amandine instruiu-me. Definitivamente, ficarei contente em chegar em casa. Mas, enquanto isso...

Chegamos com estardalhaço a cada destino parcial, saltando de nossa geringonça caseira, desatando nossos lenços. Damos uma volta na cidade, procurando o lugar onde devemos entrar em fila por comida na manhã seguinte. Em qualquer loja que esteja aberta e em algumas casas que aparentem prosperidade, sempre proponho trabalhar em troca de um lugar para dormir. Alguma coisinha a mais para comer. Quando alguém aceita o trato, ficamos por uns dias, até que o desejo de continuar a viagem se manifeste. Ou até que o dono da loja ou a dona da casa ou quem quer que

tenha nos acolhido precise da cama, do lugar à mesa que estamos ocupando, de nosso prato de sopa. Até que alguém se desgoste de minhas façanhas com a roupa por lavar ou com o brilho nos olhos do *grand-père* quando me vê.

Como o tempo ainda está bom, geralmente preferimos acampar perto de um rio ou de um córrego, montar nossa casa ambulante. É que, com o luxo de ter um reboque, nós acumulamos uma batelada de coisas encontradas, dadas, surrupiadas: um espelho para pendurarmos num galho baixo, de forma a que possamos pentear nossos cabelos, roupas íntimas e meias do *marché noir*, lã e agulhas de tricô para mim, livros para Amandine, uma lata de sal, uma lanterna, fósforos, sabonete, sabão de lavar roupa, uma panela de fundo fino e sem cabo, tigelas de madeira, colheres, garfos, uma faca Laguiole de cabo esmaltado de preto, um bom cobertor de lã, dois copos gravados com o desenho de uma garrafa de absinto François Guy, uma vara de pescar, uma barraca *boche* individual, encontrada molhada e cheia de lama nos limites de um bosque de faia, a qual lavamos e secamos ao sol. Temos ainda uma latinha de azeite de nozes, que deve ter caído da trouxa de alguém e que encontramos numa estrada de pedras nos arredores a norte de Gard.

Lavamos nossas roupas e nos banhamos na água fria e doce dos rios e nos sentamos na margem para deixar o vento suave nos secar enquanto pescamos algo para o almoço. Empilhamos pedras e fazemos uma fogueira. Se nos saímos bem na pesca, cozinhamos o que conseguimos pegar — normalmente uma carpa, mas às vezes uma truta —, usualmente embrulhada em folhas e enterrada com brasas. Dormimos à suave música do ranger da madeira de um velho carvalho, debaixo de nosso cobertor, sobre um tapete de folhas, dentro da barraca *boche*. Acordamos com os passarinhos, e às vezes, se estamos perto de uma cidade, com sinos. Já

estou menos envergonhada de minha descuidada fuga do convento. Eu comigo mesma nos reconciliamos. Sei que, se ainda era seguro aquele lugar, naquele tempo, agora já não é mais. Não é mais tão seguro. Enquanto nos dirigíamos para o norte, às vezes para o leste, até mesmo voltando para o sul algumas vezes para encontrarmos uma rota transponível para o norte, eles se infiltravam rumo ao sul, os *boche*.

~

Parece que toda a França está em movimento. *Le grand exode*. Embora a fuga no sentido norte-sul, para escapar dos *boche*, seja maior, não estamos sozinhas nadando contra a corrente. Os franceses do norte que estavam morando no sul têm família e fazendas e propriedades a proteger, ou, tendo fugido muito cedo do norte, já estão voltando, arrasados, dizendo que os perigos de encarar os *boche* não podem ser maiores do que aqueles que correm seis milhões de franceses na estrada. Fugindo de ou para algum lugar, todos privados de sua fartura, estão furiosos, selvagens. Os ricos viajam em carros chiques até acabar a gasolina ou os pneus estourarem, enquanto os pobres puxam carroças e empurram reboques. Em ambas as classes, as mentes e almas daqueles que encontramos estão tão trancadas como as portas daqueles que permanecem em suas casas. Apesar de todo o sangue derramado em nome da *fraternité*, os franceses não são um povo da coletividade. Nem aqui nas florestas. Escondendo uma caixa de biscoitos. Roubando uma caixa de biscoitos enquanto alguém vai tomar banho. E depois escondendo-a. Ou sapatos. Uma lasca de sabão. Um egoísmo tão feroz que parece covardia. Amandine é de outra cepa de franceses.

Lá está ela agora, esplêndida em seu vestido de verão comprado no mercado negro e com o chapéu de palha de Philippe, caminhando pelos

bosques como se lhe pertencessem, como se todos os outros que ali se instalam para passar a noite fossem seus hóspedes. Ela arranca os brotos da grama selvagem, suga seu suco amargo, mastiga-os como se fossem salada. Arranca azedinha e *pis-en-lit* das margens do rio, ajunta-as organizadamente em maços amarrados pelo talo, para servirem de ervas aromáticas na sopa que faremos utilizando água do rio e uma batata. Sopa de pedras, como no conto infantil. Colhendo a liberdade dessa vida primitiva e a esmo, Amandine está em paz.

Não temos outros planos além de pedalar e caminhar até chegar em casa. Mando cartões-postais para *maman*, aqueles oficialmente aprovados pelos *boche*, que têm alguma chance de passar pelos censores. Não posso dizer muita coisa, apenas contar que estamos bem, que estamos a caminho. Envio os mesmos cartões a Fabrice. Não tenho como dar um endereço de remetente, assim, recebam ou não nossas mensagens, eles não têm como responder.

Escolho nossa rota mais por instinto, ocasionalmente baseando-me no conselho de um homem — *résistant? maquisard? collabò?* — que nos dá carona num caminhão movido a combustível *boche*. Como se parecem todos esses rufiões sabotadores! Cigarros encravados entre os dentes da frente, eles erguem nossa geringonça para a carroceria do caminhão e voltam para seus tronos, batem a porta enquanto ainda estamos subindo. É sempre uma coisa barulhenta e sacolejante esse caminhão que eles lançam sobre as pedras, alcançando o topo da colina sem tocar o chão, xingando ou cantando o tempo todo, com o cigarro, mesmo já transformado em cinzas, ainda grudado no lugar.

— Como alguém vira um *maquisard?* — pergunta Amandine a um deles.

— Um o quê?

— O senhor sabe, um *résistant*. Que idade é preciso ter?

— Um ano a mais que você.

— Oh.

— Você tem comido? — pergunta-lhe o defensor *résistant*.

— Aham.

Ele tira do bolso da camisa um pedaço de chocolate embrulhado em papel. Oferece-o na palma da mão aberta.

— Fiquem longe do Vale do Loire — diz ele para mim, enquanto tira do caminhão a bicicleta e o reboque e os pousa no solo.

— Mas é a melhor rota para o norte.

— Não é mais. Mantenha-se a leste.

Leste ou oeste, quanto mais avançamos rumo ao norte, mais evidente é a guerra. Como são sinistros e sem lei esses *boche*. Nada de um exército agindo segundo os códigos severos de comportamento em relação aos conquistados; eles parecem mais um bando de renegados, cada um interpretando seu dever e exercitando seus direitos de conquistador com uma perversidade caprichosa. De nosso lugar, num bosque à beira da estrada, assistimos quando uma coluna de jipes, caminhões e motocicletas passam correndo por uma pequena e pobre fazenda. Preferem assaltar um pequeno feudo ou um gordo proprietário de terras? Mas nos detemos no lugar que eles ignoraram e encontramos trabalho, e comida, e histórias dos *boche* contadas à mesa. Os fazendeiros dizem que, se as pessoas ainda estão morando e trabalhando nas grandes e prósperas propriedades, os *boche* às vezes permitem que a família fique, alojando-se numa das edificações anexas, ou mesmo numa parte da casa principal. Por semanas, ou meses, os *boche* e os fazendeiros convivem como num quadro artificial da vida no campo. Noutras ocasiões, os *boche* dão o prazo de uma hora ou uma tarde para que os proprietários e seus empregados juntem o que conseguirem

carregar. Colocam-nos no olho da rua. Quando lhes apraz, os *boche* os enfileiram no campo, os usam, a qualquer um, como empregados. E depois atiram neles. Às vezes contentando-se apenas com uma única noite de pilhagem e estupro antes de seguirem em frente, os *boche* confundem a todos.

Ao longo de nosso caminho encontramos fazendas queimadas, túmulos novos. Animais exterminados. Silêncio. Os *boche* pegam para si o trigo e as batatas dos campos, as frutas das árvores, o vinho das adegas, pegam cavalos e combustível e carros. Pegam as mulheres quando podem. Quase sempre podem. Deixam, no entanto, a lavanda ao longo dos caminhos que conduzem à porta da casa. E as roseiras. Cavalheiros, esses conquistadores. E o que os *boche* deixam para trás, os franceses pegam. Para si. *Vão embora*. Todas aquelas vozes sussurradas acidamente de trás das portas da nobreza rural, escancaradas à força. Por trás das cortinas de tule da região burguesa de Jouy. *Vão embora*.

Capítulo 33

Há dias e mais dias do último ano de que mal consigo me lembrar, enquanto alguns outros consigo ver e sentir e ouvir tudo novamente. O dia em que conhecemos Aubrac. Ainda era setembro. Mais para o fim, entretanto, já que o ar estava frio e tinha aquele cheiro verde de milho amadurecendo. As folhas já estavam amarelas nos galhos, já sendo beliscadas de leve pelo vento. Minha autocensura se erguendo novamente, pensei que eu também deveria estar tremendo, pensando na loucura que cometi. Nossos avanços haviam sido muito incertos, progressos diminutos anulados se encontrávamos uma estrada mais bonita ou ouvíamos o fluir de um outro rio. Mas, naquele dia, lembro que estava cansada demais para pedalar, então levava a bicicleta a pé, com Amandine dormindo e roncando no assento de madeira, o chapéu de Philippe caído sobre o nariz. Ela dormia, e eu revisitava nossa procissão através da França. Trens-fantasma, caminhões de *résistants*, uma bicicleta caindo aos pedaços, nossos pés. Nossa própria maneira de seguir em marcha. Distingui uma torre mais à frente — uma igreja?, a *mairie*? — no vilarejo em que

passaríamos a noite. Quase lá. Encontrar um lugar para ficarmos. Tomar banho, comer, dormir. Eu pensava obsessivamente em água quente, pão e vinho quando, espalhando pedras pelo caminho, uma caminhonete veio acelerando em nossa direção. Fui direto para a vala, carregando Amandine na bicicleta, e permaneci imóvel, esperando que o carro passasse, mas, quando passou, a caminhonete desviou-se para o acostamento, parou. Um homem desceu, deixando a porta aberta balançando.

— *Bonjour*, *bonjour*.

Trotando a passos largos pelos poucos metros que nos separavam, vestido com uma calça de algodão azul e camisa, um casaco de veludo abotoado até o alto do peito, cabelos espessos e escuros quase totalmente cobertos pela boina, olhos semicerrados de um azul-metálico. Ele quis saber:

— Estão próximas de seu destino?

— Sim, a cidade em frente.

— Conhecem o lugar?

— Não, mas tenho certeza de que podemos...

— Vou para Le Puy-en-Velay. Mais ou menos uma hora sentido norte. Vocês terão maiores chances por lá.

— Mas o Loire, me informaram que...

— E informaram certo, *ma petite*. Aquilo lá está igual a toda parte da França. Perigoso. Vocês têm documentos?

— Sim.

— São judias?

— Não.

A essa altura, Amandine havia chegado perto de mim, a testa marcada pela textura do chapéu de Philippe, os olhos grandes e escuros. Fascinada com aquela rara interação social, ela queria agradar o cavalheiro, então me

perguntou:

— Tem certeza de que não somos judias?

— Absoluta.

Olhando para mim e então para Amandine, depois para mim novamente, o homem disse:

— Bem, se fossem, eu poderia levá-las para um esconderijo.

— Não estamos fugindo de nada, na verdade. Apenas tentando chegar em casa.

— E onde fica essa casa?

— Reims.

Tal qual a senhora de Aubenas, ele começou a rir. Riu com tanta vontade e por tanto tempo que Amandine foi contagiada, e depois eu também.

— *J'adore les femmes françaises*. Todas vocês se parecem com Joana d'Arc. Há mais *boche* por lá do que na Alemanha. Não sobrou nenhum francês em Reims, não sabiam? Passaram de 250 mil no ano passado para 3 ou 4 mil, e o número só diminui a cada dia.

— Não é para a cidade que vamos. É para um vilarejo rural. Minha família não terá fugido. Eles estão lá.

Secando os olhos com a manga da jaqueta, ele disse:

— O pior é que eles devem mesmo estar por lá, se criaram belezuras como vocês. Por onde planejam cruzar a linha?

Olhei para o homem, compreendi que ele se referia à linha de demarcação que separa os territórios ocupados do norte dos territórios não ocupados do sul, mas, como ainda não tinha levado em conta esse detalhe de nossa viagem, baixei os olhos, balancei a cabeça.

— Nossos documentos estão em ordem. Por que é importante o lugar por onde atravessaremos?

— Porque nada é certo entre aqueles que fazem a guarda. Nada de regras precisas e ágeis sobre quem deve ser detido, quem deve passar, quem deve ser levado à mata e assassinado. Depende do tipo de *boche* com quem vocês toparão. Há pontos melhores que outros.

— Não posso me preocupar com isso agora. As linhas ainda estão muito distantes. Preciso pensar em onde dormiremos esta noite.

— Evidentemente.

Passando a mão pela boca como se quisesse varrer as palavras que acabou de dizer, ele olhou para mim em seguida, os olhos um tanto suplicantes.

— Venha comigo. Deixo vocês em Le Puy na hora do jantar. Sei onde podem encontrar aquilo de que precisam. Além do mais, lá é bonito, no alto de um platô, e há abrigos nas igrejas, e renda nas janelas, e lentilha na mesa. Vocês têm um longo caminho pela frente, mas a guerra é maior ainda.

E, como se Aubrac e Le Puy e a renda e as lentilhas não fossem o bastante, na manhã seguinte ele nos enviou sua filha.

~

É claro que eu não sabia de quem se tratava, quando ela cochichou alguma coisa para a mulher atrás de mim na fila do racionamento e depois passou na sua frente. Uma garota pequena, magra, meio desmazelada em um vestido comprido e largo, tamancos de camurça preta e saltos em seus diminutos pés, cabelo preto cortado como um capacete com uma franjinha curta; *não pode ter mais que 17 anos*, pensei. Mal tendo acenado para mim, ela prestava atenção em Amandine, elogiando sua saia xadrez, seus belos olhos. Parecia avaliá-la. Quando chegou nossa vez de entrar, ela olhou para

mim e disse:

— Existe um bar na Place du Pot chamado L'Anis. Estarei lá em mais ou menos uma hora.

Como se tivesse dito tudo e tudo tivesse sido entendido e aceito, ela rapidamente saiu da fila.

~

Quando lá chegamos, ela já estava sentada a uma mesa pequena. Acenando para que nos juntássemos a ela, falou suave e rapidamente:

— Se quiserem, posso oferecer uma carona para a área próxima a Vichy. Amanhã. Tem lugar no meu caminhão. Para vocês e para suas coisas. Se isso for ajudar.

— Vichy? Bem no coração da...

— Eu disse "próxima a". Podemos deixá-las num dos vilarejos do entorno, e a partir de lá vocês podem continuar por estradas menores. Não estou tentando convencê-las, vocês compreendem. Só se vocês... É um trecho de quase cento e cinquenta quilômetros.

— Um mês de caminhada.

— Sim, é o que...

— Eu... não temos uma rota em mente, geralmente seguimos para o norte e pronto.

— Eu sei.

— O homem que nos deu carona ontem?

— Sim. Ele me pediu para procurar por vocês hoje de manhã. É meu pai. Ele acha que sua filha é judia.

— Ela não é.

— Muitas vezes as pessoas pensam que uns bons documentos falsos

serão o bastante, serão...

— Amandine não é judia.

Como se não houvesse acreditado ou mesmo me ouvido, ela introduziu um novo argumento:

— Temos um lugar perto de Vichy.

— O governo cooperativo...

— Não, cooperativo não, nem mesmo colaborativo. O verniz francês é uma camada muito fina na máquina *boche*. Mas nosso lugar é remoto demais para levantar o interesse de alguém além de nós mesmos e dos vizinhos.

Ela então sorriu pela primeira vez, e vi em seu rosto o de seu pai. Do bolso do casaco, tirou um único cigarro, bateu as duas extremidades na mesa, desculpou-se, foi lá para dentro, voltou tragando-o com sofreguidão. Havia um tremor na mão que o segurava.

— Eu divido com você, se quiser — disse ela, estendendo o cigarro.

Balancei a cabeça em recusa.

— A casa fica num lugarejo. Recebemos pessoas.

— Você quer dizer que escondem pessoas.

— Abrigamos. Às vezes só por uns dias, às vezes por muito mais tempo. Minha mãe, cinco mulheres do vilarejo. Trabalhamos em conjunto, trabalhamos assim para ajudar as pessoas que estão em trânsito.

— Em trânsito?

— Indo para algum lugar onde possam esperar a guerra acabar. Às vezes para a Suíça.

— Mas não estamos fugindo, e não queremos ir para a Suíça.

— Eu sei. Para Champanhe. Meu pai me contou. Ele tentou fazer contato com alguém de lá ontem à noite, para ver se há uma rota, algum lugar na linha pelo qual algum amigo nosso pudesse "inserir" vocês, mas...

não deu em nada. Não dessa vez. Até mesmo o governo de Reims se estabeleceu em algum outro lugar. Em Nevers, eu acho. Você tem se comunicado com sua família?

— Eu já soube de tudo isso. Sei que nada ou ninguém será como... como antes. Mas é para lá que vamos.

— Há quanto tempo estão na estrada?

— Quase três meses.

— De onde saíram?

— Montpellier. Eu sei, não estamos nem na metade do caminho.

— Você não pode estar pensando em continuar por muito tempo na estrada. Porque agora o clima...

— Não, não, claro que não. Tenho uma carta geral de apresentação do meu bispo em Montpellier, que apresentarei num convento ou num monastério. Pedirei para trabalhar em troca de casa e comida. Amandine cresceu num convento, e estamos acostumadas com a vida religiosa. Eu mesma já fui noviça.

— Uma pombinha bem treinada voltando para o bando...

— Não é nada disso. E se fosse? Não sei o que você quer conosco, mas...

Levantei-me para sair, peguei o suéter de Amandine de sobre a mesa, estendi a mão para ela.

— Você poderia ficar conosco. Há lugar. Juntamos nossas rações, cultivamos alimentos numa pequena fazenda fora da cidade. Todos ajudam. É menos confortável que um convento, talvez, se bem que eu nunca morei num convento.

— Nem sei seu nome.

— Eu me chamo Lily.

— E para atravessar a zona ocupada? — Eu tentava parecer astuta.

— Vichy e nosso vilarejo estão na zona livre. Nos limites da zona livre.

— Eu não conhecia... não conheço a geografia tão bem quanto...

— Quando chegar a hora de fazerem a travessia, vocês precisam ir com *passeurs*, homens que conhecem os bosques. Entrada sem arame farpado ou pontos de checagem. Sem *boche*. Mas amanhã não precisaremos de...

— Por que nos faz uma oferta como essa?

— E por que não?

— Mesmo Amandine não sendo judia?

— Mesmo assim.

— Onde nos encontraremos?

— Já combinei de você ficar de novo no lugar em que passou essa noite.

— Mas pela manhã me disseram que não haveria lugar.

— Tem lugar para vocês. Esteja lá às 5 horas. Não vou esperar.

~

Cinco badaladas no sino de Notre-Dame e, com Amandine dormindo em meus braços doloridos, sou eu quem espera, já que Lily não vai esperar. Tentada a subir de volta à nossa cama no sótão e esquecer aquela Valquíria adolescente e sua oferta, mais vejo que ouço um caminhão vindo em nossa direção. O monstrengo desajeitado desliza, com o motor desligado, silenciosamente por sobre o caminho pavimentado de pedriscos. Para à nossa frente. Como uma trupe de ágeis malabaristas de circo, Lily e dois homens descem sem uma palavra, começam a alojar-nos a nós e às nossas coisas numa ou noutra parte do caminhão. Um dos homens senta-se ao volante, liga o motor, amaldiçoa o ruído esquisito do câmbio, e partimos.

Os homens não conversam nem entre si nem com nós três. Estamos num compartimento amplo, bem mais atrás da cabine, um espaço que foi

improvisado com um teto de lona dobrado. Um esconderijo? O que foi que aceitei dessa vez? Contudo, não sinto o menor receio, e, a julgar pelo olhar beatífico que me lança, Amandine sente ainda menos. Enfiada no meio de nós duas, ela gira seu olhar de Lily para mim, sorrindo de boca fechada, tentando conter a empolgação. Lily a abraça repetidamente e, vez por outra e sem me olhar, estende o braço por trás de Amandine para tocar o meu. Fecho os olhos, aceno para as Parcas, convido-as a seguir conosco nas próximas horas. À tarde teremos chegado àquele lugar, o vilarejo próximo a Vichy, e eu deverei reassumir o controle. Agradeceremos a eles pela carona, perguntaremos se aceitam pagamento e retomaremos nosso caminho. É exatamente isso o que faremos.

— Se formos parados em qualquer ponto, por favor não adiante informações. Responda às perguntas, caso sejam feitas. Nada além disso. Você se lembra do nome da cidade para onde estamos indo? — A voz suave e urgente de Lily me desperta.

— Não sei se você chegou a me dizer o nome.

— Lagny. Não está no mapa dos *boche*. Algumas casas, uma igreja, umas poucas lojas. Se lhe perguntarem, estamos indo para Lagny. Vocês são nossas primas. Não têm onde ficar. E só.

— Certo. Lagny.

São quase 9 horas quando o motorista pega uma estrada esburacada e logo depois vira de novo, tomando um caminho sujo que conduz a um vinhedo. Ele para e os dois homens descem, andam um pouco entre as parreiras, suas vozes sombrias ecoando num canto monótono, ao som do qual nos sentamos debaixo de uma fileira de castanheiras. Da sacola de lona que ela carrega atravessada no peito por sobre o suéter e as blusas, como um cinturão, Lily tira um pedacinho de queijo embrulhado no que parece ser um pedaço rudimentarmente rasgado de um lençol velho.

— Nosso *bleu*. Bleu d'Auvergne. De leite de vaca. Não temos ovelhas.

Do bolso da calça ela pega um canivete, abre-o, corta frágeis fatias finas, coloca o queijo sobre folhas de castanheira e o passa para nós. Descasca com finesse duas peras compridas e marrons, estende uma fatia para cada uma de nós na ponta da faca, lambe o suco da lâmina antes de cortar mais uma fatia. Repete o ritual até acabar com a fruta. Mais uma rodada de queijo. Arrumando o resto do queijo e a faca, ela se levanta, juntando as cascas e as enterrando perto das árvores. Ela anda entre duas fileiras de parreiras, parte as folhas verdes, suculentas, a uma dada altura, para encontrar o cacho certo de uvas. Um estalido de especialista, e ela volta com um gordo volume de Gamay azul-escuras. Da palma de sua mão arrancamos algumas do cacho, esmagamos as uvas com os dentes, o suco doce e forte enchendo nossas bocas. Uma uva por vez sob as castanheiras, sentadas sobre pedriscos e pedras de Auvergne.

— A próxima etapa da viagem será um pouco diferente. Fora das estradas. Um pouco mais bruto. Estamos prontas? — ela quer saber.

Quando desliza a sacola de lona de volta para sua posição, vejo o contorno da arma da Valquíria fazendo sombra sob seu suéter.

~

Erguida numa pequena floresta de pinheiros e castanheiras, é alta, e larga, e feita de pedras. Oito chaminés brotam como pilares sobre as finas placas de ardósia, dando ao telhado um ar de templo em ruínas. Venezianas de madeira cor de vinho desbotado ornamentam as três fileiras de janelas e sobre a grande porta negra, com suas argolas de ferro e batedores, estão gravados os dizeres "La Châtaignerai 1628", apenas legível no que resta de uma cornija de mármore. O Pomar das Castanheiras. Nossas coisas já

depositadas sobre a laje do terraço, já tendo partido os homens, mantemo-nos atrás de Lily quando ela entra na casa de sua família.

Dos dois lados de um corredor longo e escuro, suéteres, casacos, chapéus de todos os tamanhos e tipos estão pendurados em ganchos de ferro, e abaixo, em prateleiras, há tamancos, botas macias e sapatos enfileirados. Estou preparando o que dizer para sair daqui enquanto Amandine corre à frente, mãos dadas com Lily.

— Deve estar todo mundo trabalhando. Na colheita. Vou mostrar onde vocês podem...

Digo a suas costas:

— Lily, escute, agradeço sua gentileza em nos dar carona, mas decidi que...

Ela abre a porta do hall, e vemos um salão cheirando a madeira queimada, com uma lareira grande o suficiente para assar um alce.

— Isto é uma casa?— pergunta Amandine.

— Uma casa bem velha. Gostou?

As paredes altas do salão são cobertas por papel listrado de roxo e amarelo-mostarda, o acabamento na base e no topo é uma larga faixa de um papel de parede diferente, este com rosas vermelhas e folhas verde-escuras. As cores espantam antes de agradar. Como uma comprida e estreita faixa de terra num mar agitado de cerâmica encerada, há uma mesa flanqueada por vinte cadeiras, todas diferentes uma das outras. Sofás estão dispostos em torno da lareira. Em toda a extensão de duas cômodas de madeira há terrinas de porcelana enfeitadas com flores amarelas e jarros de estanho sobre toalhinhas engomadas, e bem no fundo de armários sem portas veem-se potes de pedra, suas bocas cobertas por papel marrom amarrado com barbante, e jarras de conservas de frutas e vegetais. Num canto, cestas de amêndoas e castanhas ocupam uma grande mesa redonda,

e por toda parte há cogumelos secos e frutinhas silvestres e pequenas cebolas de casca prateada. Como se o crepúsculo se lançasse sobre tudo isso, há um quê de radiante e sombrio. Lírico, assombroso.

Não devo dizer como é bonito este salão, nem me sentar, nem mesmo parar para conversar, digo a mim mesma. *Precisamos ir embora já, senão jamais sairemos daqui.*

— Como eu dizia...

— Por que não passam a noite aqui e recomeçam pela manhã? Vocês devem encontrar algumas pessoas que poderão ajudá-las com a rota. Vão lhes dizer melhor do que nós qual o estado das coisas mais ao norte. E alguém oferecerá carona, se puder. Ou vocês podem ficar.

Atrás de Lily, Amandine olha para mim, não diz nada — não em voz alta.

— Obrigada. Vamos ficar sim. Por uma noite. Muito obrigada.

~

Lily nos leva a um quarto frio no terceiro andar. Camas com colchões de pena sobre estrados azuis de madeira. Uma lareira com o fogo apagado, uma cesta de madeira, um armário com a pintura de uma cena de casamento no campo. Os pequenos painéis ondulados da janela sem cortinas dão um brilho submarino às copas das árvores, e a uma torre, e aos telhados amontoados da cidadezinha, e nos sentamos na beirada, pressionando nossas testas contra o vidro. Descansamos.

~

Somos onze pessoas à mesa esta primeira noite. Nove mulheres, duas meninas: Amandine e uma de 5 anos chamada Claude, que tem pequenos

olhos acinzentados e a pele da cor do caramelo logo antes de queimar. E Magdalen, é claro. Mais alta e com um rosto perfeitamente esculpido, talvez mais bonito que o da filha, ela é tão pálida e loura quanto Lily é morena. De uma das terrinas de flores amarelas ela serve sopa em tigelas rasas, já cheias de pão torrado.

— Abóbora, cebola e sálvia silvestre — diz Magdalen, tirando um naco de um pesado e redondo pão preto, entregando-o à mulher a seu lado e depois lhe passando também o restante do pão. A mulher, então, faz o mesmo: corta um pedaço e passa o restante do pão à pessoa ao seu lado. E assim por toda a mesa. E jarros de estanho cheios de água e vinho.

Quando a sopa acaba, Magdalen traz uma bandeja com algo que parece um pedaço de cabo de vassoura, mais um grande montinho de queijo branco, uma generosa porção de manteiga, alguns dentes de alho ainda com a casca arroxeada, um pequeno jarro de estanho e um grande prato de pedra cheio de batatas cozidas fumegantes. Com o "hummm" baixinho de Claude ao fundo, Magdalen começa a amassar a batata, acrescentando queijo e voltando a amassar, depois um pouco de manteiga, depois leite do jarrinho, um bom golpe com a coisa de madeira no alho e ela tira a pele, lançando os dentes de alho no prato. Mais uma sessão de amassar as batatas, mais queijo, mais manteiga, três grandes pitadas de sal tiradas do *salière* que está sobre a mesa, e amassa ainda mais, até que começa a erguer aquela pasta do prato com a coisa de madeira, puxando cada vez mais alto, em grossos fios brancos, e jogando novamente no prato, e levantando uma vez mais e então finalmente contornando a mesa para servir em nossas tigelas já revestidas de pão.

— *Aligoté* — diz ela, antes que eu tenha a chance de perguntar.

Ela permanece sentada à mesa enquanto as outras começam a tirar os pratos, faz um gesto para que eu deixe ali os que já coletei, para que me

sente perto dela.

— Traga seu copo, Solange.

Ela enche o seu e o meu de vinho. Olha para mim e sorri.

— Lily levará Amandine e Claude até o quarto de vocês, acenderá o fogo. Quando Lily está em casa, Claude implora para dormir com ela. Imagino que haverá todo tipo de estratagema para ver quem dormirá onde esta noite. Vocês estão bem?

— Ah, sim. Estamos bem. E obrigada por...

Balançando a cabeça e acenando com a mão num gesto de dispensa, ela diz:

— Nós plantamos comida para a *Résistance*. Trigo para pão. Temos uma boa quantidade de gado. Uma pequena leiteria. Pão e queijo. É disso que mais precisam. Cultivamos legumes, verduras e milho. Beterraba para fazer açúcar. Uma parte guardamos para nós. Meu marido, como muitos dos homens que lutaram na Grande Guerra, jamais parou. E desde que tudo isso começou, essa última... é uma questão de consciência. Ele precisa lutar. Não pode aceitar a derrota. Ele é esse tipo de francês. Tínhamos essa casa, essa terra, e ele encontrou um jeito de usar isso como arma em nossa luta. De barriga vazia, ninguém pensa ou descansa ou acredita. Pelo contrário: começamos a acreditar naquilo que os inimigos, de barriga mais cheia, nos dizem. Fome *versus* saciedade, no fundo é a isso que se resume. A guerra. Barriga vazia gera traidores. Nós alimentamos as pessoas. Há uma prisão em Clermont-Ferrand. Quando não estamos trabalhando nos campos ou na leiteria, trabalhamos numa cozinha perto da prisão. Os demônios de Vichy nos concederam permissão para levar-lhes uma refeição quente por dia. Eles têm ignorado a obrigação de alimentá-los. Morrer de fome é muito pior que levar uma bala no crânio. Então fazemos sopa, dividimos as porções, compramos sabonete e lã no mercado negro,

produzimos meias e cachecóis. Enterramos os mortos. Fazemos o que Vichy não faz.

Viemos para a cozinha, onde três das mulheres trabalhavam sem desperdiçar um único movimento, varrendo, lavando panelas, guardando pratos e xícaras e talheres em seus devidos lugares. Magdalen me fez sentar à mesa, onde ela começa a golpear quatro ou cinco pequenas abóboras amarelas, colocando os pedaços numa bandeja de metal.

— Isso aqui vai cozinhar nas brasas durante a noite. Amanhã tem sopa de novo. Nós comemos o que está maduro, ou seja, no momento é repolho e abóbora. Guardamos as conservas para levar para a prisão. Ou para levar conosco, caso tenhamos que fugir...

Ela sacode a cabeça, ri, esfrega as mãos — pequenas, de dedos compridos — em toda a extensão do avental, remove uma vela gasta do castiçal de estanho, usa-a para acender uma nova. Volta a se sentar.

— Lily e Jacques raramente vêm aqui. Eles têm outras funções.

— Ela me contou. Eles tiram gente do país.

— Se você decidir...

— Não vou fazer isso.

— Fique o tempo que quiser. Há trabalho a fazer, tanto aqui como na fazenda. Escolha o que lhe convém. Amandine pode ter aulas junto com Claude, na igreja. Temos uma professora. Três horas pela manhã. Às vezes as crianças dormem no *colombier*, embora eu ache que já está frio demais para isso. Mais três crianças devem chegar amanhã. Nenhum adulto. São judeus. A mãe de Claude era holandesa, e o pai, argelino. Ambos naturalizados franceses. Judeus. Todas as leis foram rasgadas para os judeus. Não têm direitos. Eles abriram mão de Claude por causa do... Fizeram-na atravessar a linha quando ela tinha 3 anos. Três anos e alguns meses. Antes da ocupação. Eles sabiam o que estava por vir. Quando a

deixaram, deixaram junto com ela sua história. Fotos e cartas, lembranças. Todos os pais que deixam seus filhos querem crer que será por pouco tempo, que de alguma forma eles serão poupados, voltarão a ficar juntos. Duas caixas de madeira trancadas numa mala foram enviadas para um orfanato na Suíça, onde ela é esperada. Sua história estará esperando por ela.

— Nenhuma notícia dos pais de Claude?

— Tivemos notícia. Ambos desaparecidos. Vamos levá-la para a Suíça. Mas leva tempo. Foi o que aconteceu com Amandine?

Olho para ela, balanço a cabeça em negativa.

— É que ela não se parece nada com você e a chama de Solange e...

— É verdade, ela não é minha filha. Mas os pais dela, eles... eles estão ausentes da vida dela desde que...

— Não preciso de explicações. Só estava imaginando...

— Eu disse a Lily e ao seu marido, Amandine não é judia.

— Não vou fazer mais perguntas.

— Mas deve permitir que eu agradeça, à senhora, a Lily, a seu marido, por nos ajudar a chegar tão mais perto de casa.

— Vocês vão ficar aqui por um tempo?

— A senhora pode imaginar como fico tentada. Aqui é um paraíso. Na estrada, nunca se sabe, de um dia para o outro...

— Pois é. Uma vez que se entra para a *Résistance*, a única saída é a morte. É um mantra que todos repetimos. Expectativa de vida, seis semanas. Nem tanto para aqueles que fazem o que fazemos aqui, mas é verdade para os outros. Os que estão "no campo". Quando vejo meu marido ou Lily, nunca sei se será a última vez. Será que ele ou ela ou um dos outros será parado na estrada com um de nossos "hóspedes"? Interrogatório, tortura, execução. Não é bem um paraíso. Ah, sim, aqui

dentro destas paredes, o fogo e a sopa... Mas lá fora...

Ela preenche o silêncio lavando as sementes de abóbora na torneira da pia, tirando-as da massa de fios e polpa. Seca-as num pano de prato, espalha-as numa frigideira grande, deixa de lado. Enxuga as mãos no avental novamente, inclina-se na pia, cruza os braços.

Quero conversar por mais tempo com Magdalen, mas temo que ela esteja prestes a me mandar subir.

— Lily. Ela é tão nova.

— Dezenove anos. A maioria das mulheres que estão nisso é jovem. Seus homens se foram, maridos, namorados, pais, irmãos, de forma que elas ou se entendem com os *boche* ou lutam. O que conseguirem. Acho que a solidão tem grande parte nisso. Nós, as mais velhas, fomos nós que soltamos os demônios. Fizemos das mais novas as vítimas. Elas estão perdidas, tentando imaginar os caminhos que abrimos. Para se sentirem menos perdidas, submetem-se ao romance com o perigo. À aventura. Entregam pacotes clandestinamente, escondem armamento. Montam transmissores, abrigam judeus, providenciam documentos falsos. Lily tem um chapéu branco de veludo com uma rosa branca na frente e o bom paletó preto com que me casei vinte anos atrás e sandálias de veludo e saltos finos como lâminas, e, quando coloca tudo isso e senta-se à frente de algum *boche* já inchado de *schnnaps*, ela faz maravilhas. O programa da prisão de Clermont-Ferrand é criação dela. Depois, trocando o traje fino por botas e trajes de caça e com uma Luger na cintura, cruza montanhas conduzindo crianças de um esconderijo a outro. Há legiões como ela. Eu e as demais mães, devíamos ter dado a todas as nossas filhas o mesmo nome. Devíamos tê-las chamado de França. As mais novas são universitárias, de cidades maiores, aquelas que montam em seus saltos altos e têm encontros com os *boche*, conseguem nomes e datas, horas e lugares. As mais velhas

geralmente operam de forma mais rústica. Franco-atiradoras, santas-guerreiras. As armas secretas da França. São essas que você encontrará no caminho.

No caminho. Sua voz, suas palavras, durante toda a noite senti uma espécie de inveja, acho que era isso. Inveja daquelas outras, de como viviam a guerra com um propósito. *Raison d'être*. Toda a minha energia fora empregada em nos manter alimentadas. Em nos proteger. *Quando chegarmos em casa poderei ajudar. É claro que poderíamos ficar aqui e nos juntar a elas. Poderíamos fazer isso. Acho que é isso que Magdalen e também Lily querem que façamos, esperam que façamos, e ainda assim, mesmo com uma perspectiva fascinante como essa, estou exausta de morar na casa dos outros, de viver a vida dos outros. Quero levar Amandine para casa. Creio que, por ora, é essa minha missão nesta guerra.*

~

Embora Amandine tenha implorado para que levássemos Claude conosco, ela também já estava querendo retomar nossa jornada depois das três noites que passamos em La Châtaigneraie. Cada uma à sua maneira, sabíamos que ficar mais significaria ficar tempo demais. Na noite em que comuniquei a Magdalen que partiríamos no dia seguinte pela manhã, ela respondeu:

— Como quiser.

Andou pela cozinha, as mãos na cintura.

— Este não é um país para se andar de bicicleta. Deixe-a aqui. Deixe quase tudo aqui, exceto suas roupas. Eu sabia que vocês não ficariam. Encontrei alguns agasalhos mais pesados para vocês. Casacos, botas. Daqui para a frente vocês não terão que caminhar muito. Em cada lugar que

ficarem, vão levá-las para o ponto seguinte. Não sei mostrar a rota num mapa, nem mesmo dizer como chegar. O caminho mais curto e mais rápido, esse nunca será o melhor. Mas a essa altura você já sabe de tudo isso. Avancem um pouco para o norte, depois para o oeste, voltem na direção sul, peguem uma estrada melhor para o norte. O clima, os movimentos dos *boche*, mudanças em nossas fileiras, os suprimentos de comida e de combustível, tudo isso vai determinar as rotas e os momentos certos de avançar. Vocês podem percorrer apenas poucos quilômetros num dia, e no outro, trinta ou quarenta. Se a neve começar cedo, vão ter que esperar onde estiverem. Por um tempo. Nunca estarão aquecidas, sempre com um pouco de frio, mas sempre terão o que comer. Sempre serão bem-vindas. Os planos e decisões e contato, farão por vocês. De certa maneira, agora você está conosco. Pode ser que alguém lhe peça para levar um pacote até a sua próxima parada, ou transmitir uma mensagem. Nada além disso.

— Nada de rosas brancas no chapéu?

— Tampouco uma Luger.

— Mas e se eu quiser fazer mais?

~

Era esquisito estar no banco de trás de um carro ou na carroceria de um caminhão dirigido por alguém cujo nome ignoramos, cujo rosto vimos apenas nas sombras, durante uma excursão desolada que durou uma manhã. Enfrentávamos negras montanhas vulcânicas, uma após outra, até que retalhos de fumaça das chaminés nos anunciassem que estávamos chegando ao nosso destino; então parávamos, deixávamos o carro ou o caminhão num esconderijo e seguíamos a pé até alguma fazenda ancestral

ou um pavilhão de caça ou um bunker. As mulheres que Magdalen dissera que eu encontraria estavam sempre lá, às vezes em grupo, às vezes sozinhas com seus filhos. Elas nos recebiam, nos davam de comer e nos abrigavam quase sem nem fazer uma pausa em suas tarefas. Ficávamos por um dia, às vezes por um mês. Eu fazia como Magdalen me havia orientado: deixava que elas decidissem. Sentadas às mesas revestidas de linóleo de suas cozinhas, ou em porões e sótãos, ou nos esconderijos onde guardavam grãos e curavam os queijos, elas planejavam como proteger alguém, organizavam as remessas de suprimentos, construíam catres em que os filhos de outras pessoas pudessem dormir. Trabalhavam no campo, mexiam a sopa, amamentavam seus bebês, lubrificavam suas armas, cuidavam dos feridos, davam cor aos lábios usando cinzas de tijolos vermelhos e delineavam os olhos com um caco de carvão recolhido da fogueira.

Capítulo 34

Abril de 1941: uma aldeia na Borgonha

Solange olha à sua volta como se tivesse acabado de acordar, sem saber ao certo onde está ou mesmo com quem estava falando, se é que estava falando com alguém. Ela olha, então, para a mulher sentada no pequeno sofá a sua frente, a cerca de um metro; um tapete cor-de-rosa e azul a separa da *chaise longue* em que Solange está deitada.

É claro, a mulher. Essa tal de Dominique. Cabelo castanho encaracolado bem curto, parecendo até a crina de um cavalo de carrossel, pele clara, olhos de um castanho-claro e cheios de luz, como chá numa fina xícara branca. Calça de pernas largas e uma jaqueta de couro preto, tão usada que o couro se tornou marrom, seus pés descalços enfiados debaixo do corpo. Dominique.

— Que horas são? Há quanto tempo estamos sentadas aqui? Eu... me perdoe... é que...

— Não há nada o que perdoar. Você caiu no sono. E quando acordou,

começou a me contar um pouco sobre sua viagem. Eu estava gostando de ouvir.

— Qual é nossa posição? Sei que estamos na Borgonha, mas poderia me dizer mais precisamente onde?

— A seis quilômetros de Auxerre. Junto ao rio Yonne. Uma centena de almas vive neste vilarejo. Nossas rações quase sempre vêm cheias. A igreja, a escola primária e, até certo ponto, a *mairie*, tudo funciona quase normalmente. O *patron* desta casa era o médico da vila. Um judeu. Quando os *boche* requisitaram o local, ele e sua mulher foram... foram "realocados".

Solange levanta-se, anda pela sala, pega uma foto sobre uma pequena mesa, observa, coloca-a de volta no lugar. Tudo parece em ordem, provavelmente do mesmo jeito que estava quando o médico e sua mulher ainda viviam ali.

— É bonito, não é? — pergunta Dominique. — A casa, o jardim, especialmente o jardim, vamos caminhar lá fora mais tarde. Podemos ir até o rio, se quiser.

— Sim, Amandine vai gostar... Aliás, ela ainda não acordou? Todo esse tempo?

— Não fez nenhum ruído. Mais cedo fui verificar se ela estava bem, e ela estava ainda na mesma posição. Ela, quer dizer, vocês duas estavam muito cansadas.

— Posso perguntar uma coisa? Nossa motorista, quando nos deixou na entrada da cidade hoje de manhã, nos disse para atravessar a praça, falou que do outro lado do pequeno bosque de pinheiros encontraríamos uma casa. Encontraríamos você. Era pouco antes do meio-dia, eu acho, e, enquanto vínhamos apressadas para cá, vimos algo parecido com um carrinho de mão de florista derrubado sob as árvores, perto do mirante.

Violetas e íris e rosas brancas. Amandine correu até as flores e começou a juntá-las, não para pegá-las para si, mas para não estragarem. Levantou o carrinho, entende?, e começou a arrumá-las, mas eu disse a ela que seria melhor se encontrássemos a casa primeiro. Que certamente outra pessoa cuidaria das flores. Não sei bem como explicar, mas senti medo ali. Não, não é isso... Era como se houvesse *medo* espalhado pelo lugar todo. Como se todos tivessem fugido. Havia pães esfriando no parapeito da janela, flores espalhadas sobre o pavimento, mas ninguém por ali. Eu olhei pelas janelas, e nada. Nem um som. Amandine teve que correr para conseguir me acompanhar. Eu mal podia esperar para encontrar você. Felizmente a casa ficava ali perto. O que foi aquilo? O que aconteceu?

— Nada. Nada mesmo. É só que todos estavam comendo ou já debaixo das cobertas, descansando. Você passou tempo demais nas colinas. Tudo é bastante tranquilo por aqui. Um modelo de cidade ocupada. Sabe, eles ficaram aquartelados por aqui durante meses, os *boche*. Alguns aqui mesmo, nesta casa. A maioria no centro. Quando foram embora, as mulheres acenaram com seus lenços das janelas de cima e os homens apertaram suas mãos.

— E você, uma *résistante*, ficou aqui junto com eles?

— Servi de cozinheira e governanta para os *boche*. Uma história muito boa, que guardarei para uma outra ocasião. Caso nos encontremos novamente depois que tudo isso acabar.

— Você era uma *collabò*?

— Posso ter dado essa impressão. Mas não falaremos mais sobre mim. Vamos combinar assim? A esta altura você já deve estar acostumada com omissões, silêncio.

— Sim. Já estou acostumada.

— Os armários e cômodas dos quartos do andar de cima estão cheios de

roupas. Pegue o que quiser. De vez em quando eu uso as coisas de *madame*. Uma camisa, uma lingerie, uma camisola. No quarto em que Amandine está dormindo, você encontrará algo lá. Há alguns suéteres que devem caber nela, apesar...

— Obrigada. Vou acordá-la para ela tomar banho. Amandine vai gostar de dar uma volta no rio. Já vamos descer.

— Não tenha pressa. Temos queijo e pão. Um pote de damascos. A cozinha é fria, portanto, vou atiçar o fogo e nos instalar aqui. Tenho algumas informações sobre a próxima parte da sua viagem.

— Partiremos amanhã?

— Depois de amanhã, eu acho. Domingo. Seguindo para o norte toda a vida, pelo que entendi. O resto do caminho. Embora você saiba que não deve contar com...

— Eu sei.

— Espero que descanse bem, Solange. As coisas aqui são um pouco diferentes do que nos lugares em que vocês ficaram antes. Os únicos animais que caçamos são lebres selvagens.

— De onde você vem? Digo, agora que eles já se foram, por que continua aqui?

— Nada a meu respeito. Lembra-se?

~

— Dominique disse que talvez encontrássemos algo para vestir. Depois do banho vamos dar uma olhada? — pergunta Solange.

— Eu escolho para você e você para mim, que tal?

Com uma toalha ao redor do corpo e outra enrolada no cabelo, Amandine arrasta uma cadeira estofada até um armário já de portas

abertas, sobe e põe-se a analisar cada vestido e jaqueta e camisa, afastando os cabides acetinados cada vez mais rápido, até que:

— É esse. Olhe, Solange. Olhe aqui. Este é o vestido que eu quero que você vista. Vai ficar linda como as bailarinas no *Lago dos cisnes*.

Ela desce da cadeira carregando nos braços um vestido de gala de chiffon azul-gelo. Indo até o espelho que tem atrás da porta do banheiro, ela o põe em frente ao corpo e dança.

— Solange, você tem que...

— Que raios de vestido é esse?

— Diga que sim, por favor, diga que sim. Experimente, vai, você tem que experimentá-lo.

Como soa estranha essa risada. Somos nós, rindo como se...

— Ficou grande — diz Solange, antes mesmo de terminar de vestir.

— Nem tanto... Fique parada...

— O fecho são esses ganchinhos. Tome cuidado para não rasgar. É uma graça, mas estamos indo até o rio, e na volta vamos comer queijo e damascos junto ao fogo. Não é a melhor roupa para se...

— Pelo menos mostre para Dominique. Por favor, por favor.

— E você, o que vai usar, pequena? Sua saia de tule está praticamente em farrapos, e nenhuma dessas roupas vai servir em você.

— Vou com meu suéter e a calça de veludo cotelê, ora. Ainda estão mais ou menos limpas.

Solange diz:

— Tenho uma ideia melhor. A saia de tule com meu suéter amarelo. Não o uso desde que deixamos o convento, e ele deve cobrir quase todas as partes estragadas da saia. Você vai ficar incrível.

Para cada casa de cetim pela qual Solange passa um botão de pérola do suéter amarelo, Amandine beija uma parte diferente de seu rosto.

— Rápido, rápido, eu quero ver.

— Calma! Essas casas são tão pequenas, e você não para de se mexer...

Como ela está magra. Mais magra do que nunca, será? Talvez não. Mas está mais alta, isso sim, muito mais alta já faz uns dez meses, e a pouca carne que tem está firme e dura, cheia de músculos nas panturrilhas, nas coxas. Ainda assim, tão magra...

— Pronto, vá lá olhar.

O suéter amarelo bate nos joelhos de Amandine, e um grande tufo de tule — franzido pelo elástico apertado do suéter — aparece por baixo. O efeito agrada a menina, e ela corre para pegar meias já bastante usadas e os antiquados sapatos oxford de cano médio que madame Aubrac lhe deu.

Solange calça suas botas e veste uma jaqueta surrada da *résistance*. Ainda rindo quando descem as escadas, encontram Dominique ao pé do fogo. As duas rodopiam e fazem uma reverência para sua aprovação, e então deixam-se cair sobre o tapete azul e cor-de-rosa, o chiffon e o tule inflando ao redor delas.

— É uma honra jantar com duas criaturas tão belas. Se eu soubesse que o traje para a ocasião seria desse nível, eu teria...

— Você já está perfeita — diz Amandine a Dominique.

— Ao menos me deixem calçar minhas botas antes de oferecer aperitivos a vocês. E, definitivamente, precisamos de música. E acho que poderíamos colocar flores no cabelo de Amandine.

Dominique coloca um disco no gramofone.

— Músicas tradicionais de Poitou — anuncia ela enquanto serve *gentiane* amarelo em dois copos pequenos e grossos. Para Amandine, xarope de cassis com água.

— Já volto. Vou só ali no jardim — promete Dominique.

— Por que não tomávamos aperitivos no convento?— pergunta

Amandine a Solange. — E por que os nossos uniformes não eram feitos de chiffon? Poderíamos fazer boas ações e rezar e cantar o cantochão vestidas em chiffon, e faríamos tudo isso tão bem quanto de sarja cinza, não acha, Solange?

— Talvez. É, poderíamos usar chiffon. Já imaginou como seria? Quem seria capaz de ser cruel em um vestido assim tão ondulante?

— Bem que a madre poderia ter experimentado.

— Ah, poderia. Se Paul estivesse aqui, talvez tivéssemos encontrado um bom vestido para ela. Isso, um vestido para Paul. Você em seu tule, eu em meu chiffon e ela... que tecido você escolheria para ela?

Dominique volta trazendo um ramo de salgueiro-gato, que ela está curvando em um círculo. Uma guirlanda. Segurando-a em uma das mãos, com a outra ela abre uma gaveta em uma mesinha, remexe lá dentro, pega um pedaço curto de fio. Enrola-o para juntar os dois lados do ramo. Corta o fio com os dentes. Oferece a guirlanda a Amandine.

— Vamos experimentar — diz ela.

Um pouco grande, a guirlanda lhe cai até o meio da testa, mas mesmo assim o júbilo transparece em seus olhos. Amandine corre para se observar no espelho, diz:

— Parece a coroa que Jesus usou na cruz.

Amandine começa a puxar as flores, que já se enlaçaram em seus cabelos.

— Não, não, não tire, por favor. É como a coroa que segurava o véu no casamento da Bela Adormecida, lembra? — diz Solange.

Dominique começou a cantar junto com o gramofone, e Amandine, esquecendo-se da guirlanda, vai sentar-se ao seu lado.

— *Mon père m'a donné un mari*. Meu pai me deu um marido, mas é você quem eu amo. Eu o amo, não me esqueça — canta a triste noiva do

Poitou. Dominique instiga Solange, e Amandine canta com ela:

— Eu o amo, não me esqueça.

Dominique vai até a mesa sobre a qual está o gramofone, ajoelha-se para vasculhar a caixa de discos que está guardada no armário sob ele.

— Ah, aqui está. Conhece este aqui?

Ela posiciona a agulha sobre um disco, senta-se sobre os calcanhares, fecha os olhos.

Uma mulher canta em alemão, e Solange e Amandine também fecham os olhos, e Dominique, quase sussurrando, canta junto com a voz grave e ressonante. Quando a música acaba, ela abre os olhos e repete o último verso:

— *Wie einst, Lili Marlene*.

— Por que você canta canções *boche*? — pergunta Amandine.

— O que diz a letra? — indaga Solange.

— Não é exatamente uma canção *boche*. Quer dizer, foi escrita por um alemão, durante a Grande Guerra. Mas a letra não é sobre patriotismo, política ou ideologia, não tem nada a ver com guerra, e sim com soldados. É uma música de soldados. A letra é sobre a solidão, sobre alguém que está separado de seu amor. O mesmo sentimento da música do Poitou. *Eu o amo, não me esqueça*. Alemães, franceses, ingleses, americanos, russos, a letra foi traduzida para muitas línguas. Eu ouvi uma versão espanhola uma vez. Na verdade, tornou-se uma espécie de tema entre... entre muitos de nós, *résistants*.

Ela revela esse segredo em um sussurro, ri.

— Cantamos esta música precisamente porque os *boche* a baniram, declararam-na sentimental e romântica e inconsistente com a causa da pátria-mãe. Mas os *boche* que estavam aqui tocavam-na todas as noites. Uma vez, enquanto eu estava lavando a louça na cozinha, um dos homens

entrou de surpresa e me pegou acompanhando a música em alemão. Quando eu o vi, parei, claro, envergonhada, mas ele fez um gesto para que eu continuasse, e ficou ali, me ouvindo cantar. Bem, eu cantei com todo o meu coração, como se fosse a única canção do mundo, e, quando acabou, ele veio até a pia, me pegou pelos braços e me beijou. Depois voltou para junto dos outros, sem me explicar por que tinha ido até cozinha. Penso que muitos de nós, que estamos vivendo durante este período, entendem que temos muitas coisas em comum. Sonhos, medos. Vamos, vou ensinar a vocês a letra em francês.

Todas de pernas cruzadas sobre o tapete azul e cor-de-rosa, sentindo uma brisa que entra pelas amplas janelas abertas e traz para dentro da sala um perfume de lilases molhados pela chuva, elas cantam e cantam, até que cantam melhor e melhor, e Dominique se levanta, aumenta o volume e diz:

— Agora estamos prontas para cantar com ela.

Ela volta e se instala novamente entre Solange e Amandine.

— Lá vamos nós.

As três são o coral francês de Dietrich, e cantam até verterem lágrimas, cada uma chorando por um motivo diferente. Em uma noite de abril cheirando a lilases, em meio a uma guerra em que 50 milhões de pessoas vão morrer por razões que mesmo agora já são obscuras, elas cantam "Lili Marlene".

~

Já passa de meia-noite, quase uma hora da manhã, quando Solange acorda. Ela dormiu no tapete em frente ao fogo agora desvanecendo, enquanto Dominique se instalou no sofá e Amandine, na *chaise longue*. Desejando

que sua *soirée* não acabasse nunca, elas comeram queijo e damascos e tomaram chá açucarado com o suco da fruta e contaram histórias até que a primeira, a segunda e a terceira dormiram. A última foi Solange. Ela se levanta do tapete, vai ajeitar a manta sobre Amandine. Atiça o fogo, coloca um pedaço de lenha sobre a brasa vermelha. Senta-se no chão ao lado de Amandine e acaricia sua testa, ainda com a guirlanda de salgueiro-gato, e passa os dedos pelos espessos cachos negros, que estão cheirando a fumaça de madeira.

— Querida, está me ouvindo? Acorde um instante.

Amandine senta-se de súbito, olha em volta.

— Está na hora de ir embora?

— Não, não, querida, pode ficar deitada. Eu só queria dizer que vou dar um pulinho ali no jardim, talvez vá até o rio se conseguir encontrar o caminho. Ou ao vilarejo. Não queria que você ficasse preocupada se acordasse e não me visse. Não estou nem um pouco cansada, e...

— Eu também quero ir, me espere.

— Não. De jeito nenhum. Acabei de alimentar o fogo, aqui dentro vai ficar agradável e quente em questão de momentos, e quero que você durma um pouco mais. Além disso, você tem que fazer companhia a Dominique.

— Ela ronca. Parecido com Philippe.

— Você também.

— Por que você não consegue dormir?

— É difícil de explicar. Estamos muito perto de casa agora.

— Mesmo? Podemos ir andando?

— Poderíamos, mas acho que Dominique está vendo se consegue outra opção para nós. Amanhã vemos isso.

— As coisas vão mudar quando chegarmos lá?

— Que coisas?

— Você vai continuar sendo a mesma?

— Claro. E você?

— Claro.

— A grande mudança é que poderemos ficar em um lugar para sempre. Nada mais de viajar. E haverá mais pessoas para amarmos. Mais pessoas para nos amar.

— Eu sei. Mas eu gosto quando somos só eu e você. Gosto da sensação de quando somos só nós duas.

— Nunca vamos perder isso.

— Nunca?

— Nunca.

— Nem quando eu for grande?

— Nem quando você for grande. Aliás... Seu aniversário. Daqui a seis dias você vai fazer 10 anos. Entrando para os números de dois dígitos. E sabe de uma coisa?

— O quê?

— É possível, e muito provável, que estejamos em casa até lá. E a vovó Janka, Magda, Blanchette e Chloe farão um bolo para você, e uma festinha de aniversário e...

— Vai ter açúcar para elas fazerem um bolo?

— Não sei, mas elas dão um jeito.

— Você vai me dar o pacote da senhora dos olhos de cervo?

— O quê? De onde veio essa ideia...?

— Eu sei que eu tenho que esperar até fazer 13 anos, mas...

— E é exatamente até os 13 anos que você *vai* esperar. Esse foi o pacto.

— Tudo bem. Foi divertido cantar com Dominique, não foi?

— Muito divertido. "Eu o amo, não me esqueça" — canta Solange, em

uma voz suave de um instrumento musical antigo.

— Eu o amo, não me esqueça — canta Amandine, imitando a vibração triste da noiva da canção.

Elas cantam juntas, até que uma cobre a boca da outra com a mão, para parar o riso.

— Aqui, coloquei um pouco mais de chá na sua xícara. Está com sede?

— Agora não.

— Então tente dormir, e quando você acordar, eu estarei bem aqui.

~

Solange abotoa a jaqueta, calça as botas, pega um xale que está pendurado perto da porta e mergulha na noite. Vaga perto dos lilases, esfrega o rosto contra eles, tira um ramo de um arbusto.

O que está acontecendo esta noite? Uma espécie de ganância, avidez. Depois de tantos dias medindo e organizando, aceitando a piedade, aceitando fel, em qualquer dose que fossem oferecidos, e agora hoje. Dominique disse: "O único animal que caçamos por aqui são lebres selvagens." Um outro mundo. A música, o estranho licor amarelo, um vestido de chiffon, a verdade de que estamos quase chegando. Quase em casa. De Languedoc a Borgonha. Dez meses. Dez momentos. Dez vidas. Eu o amo, não me esqueça.

— Eu o amo, não me esqueça — canta ela enquanto caminha, balançando o ramo de lilás, atravessando a floresta de pinheiros, descendo por uma estradinha de terra batida e chegando ao pavimento de pedra da praça da pequena cidade. A escuridão só é penetrada por uma luz oscilante que sai por uma fresta entre as portas da igreja. Em algum lugar, folhas batem levemente nos vidros de uma janela.

Estranho que a igreja ainda esteja com as luzes acesas. Vou deixar os

lilases lá dentro.

Solange sobe correndo os íngremes degraus de madeira da igreja e abre as portas. Antes que ela entenda aquilo que vê, ouve, ela sabe que tem que correr. Correr de volta para Amandine. Pegar a menininha em seus braços e correr e correr sem jamais olhar para trás.

— *Bonsoir, mademoiselle*. Que gentil de sua parte ter se voluntariado.

— Ora, ora, uma voluntária...

— Uma voluntária elegante. Não havia necessidade de se vestir para a ocasião, e veja, uma oferenda para nós, ah, vocês, francesas, são incomparáveis.

A risada deles é úmida, obscena. Três SS descem empertigados a nave central em direção a Solange. Dois deles a pegam pelos braços, o outro arranca seu xale, abre sua jaqueta, corre os dedos enluvados em couro preto por seus seios. Dá um tapinha sob o queixo dela.

— Um belo anjo veio nos salvar, hã?

Eles riem mais alto, e dedos revestidos de couro preto esmagam a carne do braço dela, arrastam-na para um lugar mais escuro. Uma capela interna, menor. Um deles bate em seu rosto com a coronha de uma pistola, joga-a no chão frio de pedra. Ela ainda segura os lilases. Passos de botas se afastam. Silêncio. Santos de mármore e suas trêmulas sombras sob os movimentos circulares de uma lanterna e o fogo amarelo de velas votivas. De onde está deitada, ela vê que os mesmos três SS que a receberam cercam agora um homem. Um deles acende um fósforo, mantém a chama azul junto aos olhos do homem, cujos braços estão imobilizados pelos outros dois SS. O primeiro aproxima ainda mais a chama, esfrega-a no olho do homem, no outro olho. Deixa a chama se demorar nos olhos do pobre coitado — as pálpebras são mantidas abertas por um quarto SS, que foi chamado para ajudar no fim do procedimento. A chama oscila e se

apaga com o sopro de ar que sai com o grito do homem.

A lanterna varre outro trecho do interior da igreja, e Solange vê dois menininhos que soluçam, gritando "Papai, papai", enquanto observam o que os SS fariam com o pobre homem. Escuridão e silêncio novamente. Mais uma vez o negrume. Até que a luz da lanterna surge de novo, e ela vê uma mulher de pé, trazida sabe-se lá de onde para a mesma posição em que o homem estava alguns momentos atrás. Um SS a segura pelo cabelo, outros dois pelos braços. O Homem do Fósforo pergunta alguma coisa a ela. Em uma voz muito suave ele pergunta novamente, e, quando ela cospe em sua cara, o Homem do Fósforo ri, grita algo e depois mais alto, e uma mulher uniformizada segurando uma criança corre até eles. A criança grita, tenta esticar os braços para a mãe, mas a mulher de uniforme a impede. O Homem do Fósforo segura a chama no alto, inclina o rosto sobre o da criança, toca seu nariz, murmura algo num tom de voz infantil, abaixa a chama, passa-a por cima da cabeça da criança, chamuscando a penugem clara do seu cabelo, depois encosta a chama em suas orelhas, suas bochechas. A mãe grita "Clovis". O Homem do Fósforo vira-se bruscamente. Faz outra pergunta. Engasgando, implorando por seu filho, ela repete: "Clovis." O Homem do Fósforo tira a criança das mãos da mulher de uniforme e a coloca nos braços da mãe. O SS assiste enquanto ambos, criança e mãe, acalmam-se. O Homem do Fósforo e os outros se dispersam, libertando a mãe. Quando ela vai em direção às portas da igreja, o Homem do Fósforo vira-se, mira, atira. Ele atira na mulher, que acabou de declarar o nome da unidade da resistência de seu marido. O líder. Foi no coração dela que o Homem do Fósforo mirou. Onde ela segurava a criança. De tão perto. Uma só bala.

Tarde, em uma noite de abril cheirando a lilases, durante a guerra em que 50 milhões de pessoas morreriam por razões que mesmo nesse

momento são obscuras, nessa noite em que elas cantaram "Lili Marlene" e "Eu o amo, não me esqueça", beberam *gentiane*, comeram queijo e damascos, dormiram perto do fogo, na noite do dia em que Dominique lhe disse: "A única coisa que caçamos aqui são lebres selvagens", na noite em que ela tinha certeza de estarem quase em casa, na mesma noite em que disse a Amandine que voltasse a dormir, que estaria lá quando ela acordasse, essa foi a noite em que Solange adentrou a guerra. Através de seus imprecisos limites secretos, e vendo-se em meio ao sangue derramado. Foi assim que aconteceu.

No crepúsculo, *l'heure bleu*, a hora azul imediatamente anterior ao momento em que a escuridão se impõe, um comboio de dezenove SS em carros, jipes e motocicletas cruzava uma estrada ao norte de Auxerre quando foi emboscado pela *Résistance*. *Je me défend*. Um coronel estava entre os três SS que foram mortos. Dois *résistants* foram capturados. Investigações preliminares revelaram que um dos dois residia nesse vilarejo. *Um modelo de cidade ocupada*. Represálias começarão na alvorada. Em Auxerre. E aqui. Trinta homens, mulheres e crianças francesas em cada um dos lugares. Normalmente o quociente é de dez para um. O número elevado dessa vez é em honra ao coronel. Os aldeões que estão sendo interrogados na igreja foram indicados por *collabòs*. Por seus vizinhos.

Levantando-se do chão, Solange vai até os dois garotinhos, ainda sentados no banco. Ela os abraça, sem dizer nada. De seus corpos trêmulos ela obtém tanto conforto quanto oferece. Um deles toca o corte em seu rosto. Beija-o. Ela pensa em Magdalen Aubrac. *Quando vejo meu marido ou Lily, nunca sei se será a última vez. Interrogação, tortura, execução*. Lá de fora da igreja, gritos, tiros, o baque ensurdecedor de botas sobre o calçamento de pedras. Depois, as botas ressoando como cascos ao subirem

os degraus de madeira.

Os SS escancaram as portas da igreja e, com as pontas de metralhadoras, tocam moradores locais para dentro. As portas são bloqueadas, os muros cercados, a vila isolada. O interrogatório prosseguirá a noite toda. Trinta pessoas serão escolhidas. O restante, muitas delas depois de apanharem até a beira da morte, será libertado.

Horas se passam, e ninguém veio até Solange, que permanece sentada com os dois menininhos. Quando as compridas janelas de vitral revelam uma luz amarelo-rosada, dois SS vêm buscar Solange. Um grupo de homens em casacos escuros e compridos está parado em frente à igreja; eles riem quando um dos SS levanta a bainha do vestido de chiffon. Segura-a cuidadosamente nas pontas dos dedos. Um pajem para uma noiva. Ela e mais vinte e nove são conduzidos para fora, degraus abaixo. Os trinta são dispostos rente ao comprimento de uma trincheira profunda, recém-cavada contra a fachada da igreja. Aldeões estão parados em frente as suas casas, aglomeram-se na praça coberta de grama. Aventais engomados sobre os vestidos, suéteres contra o frio do novo dia, as mulheres permanecem juntas, de mãos dadas. O açougueiro abotoa o jaleco, com um cigarro entre os dentes. O cura e o jovem jesuíta que era seu ajudante — também eles denunciados pelos *collabòs* — balançam em galhos de um ulmeiro. O dono do café, de pé em seu terraço, chora. Então ele se vira, inclina-se para executar alguma tarefa, sobre algum tipo de máquina, remexe em algo, um tipo de aparelho, é difícil de ver. Um gramofone sobre uma mesa coberta de linóleo vermelho. A agulha pula, arranha, e então Dietrich canta. O volume é muito alto, o som distorcido, sua voz reina sobre os gritos de ordem do marechal SS para seu pelotão de fuzilamento. Os aldeões começam a cantar, e também eles crescem em volume, suas vozes cada vez mais altas. Como cresceu o coral de Dietrich.

E é então que vemos Amandine.

Justo nesse momento, justo onde o pavimento da cidade começa, onde o caminho de terra acaba. Tendo acordado e não encontrado Solange, ela veio até a vila procurar por ela. Solange, alinhada entre os outros junto à trincheira, está de pé de frente para a praça. Ela vê Amandine, ela ouve Dietrich.

Os disparos, Amandine pensa que fazem parte de uma peça. Uma parada militar. Ela olha para os atores caindo. Vê Solange cair suavemente na trincheira, o vestido azul-gelo bufante envolvendo-a.

Amandine pensa: *Ah, veja como ela cai lindamente. Eu bem que disse que ela ficaria tão bonita quanto as bailarinas em* O lago dos cisnes, *e ali está ela, como um pássaro ferido. Vejam só, minha Solange.*

Então as armas param, e a acre fumaça branca se dissipa.

A peça acabou. Como atuam bem os habitantes da cidade, sem sequer se mexerem dentro daquele buraco. Como os pássaros recém-mortos que os caçadores deixavam na mesa da área de serviço do convento, os pássaros de penas marrons e verdes caídos quentes e macios, um ou dois ainda se contorcendo. Sim, é o fim da peça. Agora ela vai se levantar e me ver. E então virá correndo até mim.

Os aldeões ainda estão cantando. Cantam em francês, enquanto Dietrich canta em alemão. *Tous deux, Lili, Marlène. Wie einst, Lili Marlène.*

O disco termina, gira e gira, a agulha arranhando; os sinos no campanário batem às seis horas e o vento do norte passa rápido sobre o pavimento, ao mesmo tempo que o pelotão abaixa suas armas, vira em formação para deixar a praça. Outros jogam terra dentro da trincheira.

Agora Amandine está confusa. *Por que eles estão jogando terra sobre os atores? Solange morreu.*

Descalça e em sua saia de tule e com o suéter amarelo de Solange, a

guirlanda de salgueiro-gato ainda emaranhada em seus cachos, ela corre até a trincheira, bate em um soldado na altura da barriga.

— *Pourquoi, pourquoi?*

Outro soldado levanta a estranha criatura, rapidamente a arremessa, de modo que Amandine cai de costas, chutando, gritando. Uma mulher da aldeia em meio à multidão a que tudo assiste abre caminho para pegá-la, segura-a firmemente. Amandine se esconde no peito de nanquim azul da mulher enquanto ela a embala, sussurrando palavras de consolo. Amandine se afasta para olhá-la. Ela coloca suas pequenas mãos abertas sobre as grandes bochechas enrugadas da mulher e olha para dentro do abismo de horror que são seus olhos.

— *Madame, pourquoi?*

A mulher empurra de novo a cabeça de Amandine sobre o peito, abraça-a mais apertado, pergunta:

— Quem é você?

— Amandine, madame.

— E... e era sua mãe, era sua mãe...?

— Não, madame, não era minha mãe, minha Solange.

— E onde está sua mãe, meu pardalzinho?

— Eu não sei, madame.

PARTE V



Abril–julho de 1941

Cartas de Andzelika para Janusz

Capítulo 35

25 de abril de 1941
Cracóvia

Querido Janusz,
Deixo Cracóvia amanhã. Depois de dez meses esperando obter permissão dos atuais residentes do palácio dos Czartoryski para examinar as coisas de matka*, fui informada há dois dias de que eu seria recebida hoje de manhã. Embora proibida de entrar em qualquer parte do palácio, dois soldados me acompanharam o tempo todo. O estado das coisas por lá me perturbou: buracos de bala nos quadros, espelhos estilhaçados, cortinados arrancados dos trilhos, móveis empilhados nos cantos — com exceção do que eles usam para descansar durante as folgas. O cheiro. Dois dos baús de* matka *ainda estavam no quarto de vestir do terceiro andar e pareciam intocados. Sentei-me no velho banquinho de veludo de* matka*, onde eu me sentava para observá-la enquanto ela se arrumava para suas grandes* soirées*, e, com os dois soldados montando guarda na porta, vasculhei pilhas e caixas*

de papéis. Ela parece ter guardado cada anotação, cada carta, cada conta, cada registro. Havia duas caixas com desenhos meus, desde quando eu tinha 3 anos. Depois de várias horas, senti que era uma busca vã. Ainda assim, no entanto, prossegui, sondando, perseguindo, esquadrinhando. Mas não havia nada. Sobre o bebê, não havia absolutamente nada.
Bajka e eu iremos à Alemanha e à Suíça assim que Vadim conseguir combustível. Eu estava convencida a viajar sozinha de trem, mas tenho sido desencorajada, especialmente pelo coronel. Nada mais direi, para que os censores considerem esta carta inocente e permitam que chegue até você. Reze pela minha missão, assim como tenho rezado pela sua. Amo você.
Sua Andzelika.

21 de maio de 1941
Genebra, Suíça

Querido Janusz,
Muitas aventuras na estrada, para Bajka e para mim. Sem nossos passaportes suíços... Melhor omitir os detalhes. Fomos primeiro à Floresta Negra, em Friedrichsbad. Você deve se lembrar de que foi numa villa *ali que* matka *e eu ficamos por sete meses, e foi ali que o bebê nasceu. A clínica já não existe mais, e a criada que atendeu a porta alegou que jamais havia existido, que sempre havia sido propriedade privada de uma família da cidade de Colônia. A princípio pensei que me enganara, que o lugar em que ficamos devia ser outro, portanto passamos a perguntar a todos que encontrávamos ou que nos*

dessem atenção, mas a resposta era sempre a mesma. Tal clínica não existe nem jamais existiu, segundo a memória de todos ali. Depois de perdermos dias inteiros nisso, uma mulher que trabalhava no hotel em que estávamos hospedados e nos ouvira conversando aproximou-se, contou-nos que de fato houvera uma clínica na região. Quando ela descreveu a Vadim como encontrá-la, vimos que se tratava, é claro, do mesmo lugar de que eu me lembrara desde o início. A mulher do hotel disse-nos que a SS e a Gestapo usavam-no como ponto de encontro. O que ela não nos contou, mas sugeriu, com gestos e movimentos de olhos, foi que o local é usado como lugar para encontros amorosos.

Prosseguimos então para a Suíça, em busca da clínica para a qual matka *levou o bebê para ser operado. Em certo sentido, essa acabou sendo uma missão muito mais simples, já que os diretores da primeira clínica de nossa lista se incumbiram de fazer contato com todas as outras clínicas e hospitais particulares, e mesmo hospitais públicos, aos quais* matka *poderia tê-la levado. Chegaram a procurar uma lista de especialistas que poderiam ter sido consultados ou que poderiam ter examinado ou tratado do bebê. Depois de duas semanas, o diretor da clínica, que se responsabilizou pelas investigações, disse-me que, sob o nome de* matka *ou de qualquer outro dos possíveis nomes que ela poderia ter usado, não havia quaisquer registros. Encerrada a busca oficial, ele sentou-se comigo e afirmou duvidar de que o bebê houvesse sido levado para a Suíça. Afirmou que, para além do que podem revelar os registros, tanto privados quanto públicos, sempre há alguém que se lembre de um caso, especialmente quando se trata da morte de uma criança pequena. Quando lhe descrevi* matka*, ele me garantiu que alguém teria se lembrado dela e se manifestado àquela altura. Pedi-lhe que fizesse a gentileza de ainda fazer circular que estávamos à procura*

de alguma informação, mas, pelo jeito com que ele bateu em minha mão e assentiu com a cabeça, compreendi que ele concordava por mera condescendência. Compreendi que, se matka *tivesse trazido o bebê para a Suíça — mesmo se ela tivesse solicitado privacidade —, esse fato me teria sido revelado agora que ela morreu. E assim nos vimos defronte ao segundo muro de pedra. Tomaremos o rumo da França agora, e, espero, de Paris. Parece não haver motivos para voltar a Cracóvia.*

Talvez eu tenha em breve uma grande surpresa para você. Desta vez, uma que vai agradá-lo, e não torturá-lo. Tudo o que direi é que o coronel von Karajan está me ajudando.

Deus o proteja,

Sua Andzelika.

10 de junho de 1941
Cracóvia

Querido Janusz,
Uma reviravolta converteu-se em magnífica razão para retornar a Cracóvia. Escrevo para contar que você é pai. (Ah, querido, quando escrevo isto percebo meu faux pas *ao dizer, anteriormente, que o coronel von Karajan estava me ajudando. Bem, não era esse tipo de ajuda que ele estava me proporcionando.) Mas você é de fato pai. O que o coronel obteve (com inenarrável risco para si próprio) foi a salvação de um menino de 21 meses que havia sido... (aqui devo me conter, por óbvios motivos de pavor). Seu nome é Aleksy, e ele é louro e bonito como você. Mas essa é apenas a metade da notícia. Há também Eljasz, que completou 1 ano há apenas alguns dias. Ele é menos saudável do que*

Aleksy parece ser, muito magro, mas ainda assim traz algo de impetuoso, até cheio de coragem, nos olhos. Sejam saudáveis, magros ou impetuosos, eles são nossos filhos, foram salvos e agora são nossos. "Amigos" de von Karajan estão preparando documentos para eles. Assim que Vadim conseguir encontrar combustível suficiente (von Karajan também está providenciando isso) voltaremos a Paris. Pedi a ele (o coronel) que não se detivesse em apenas dois. Ele vai encontrar outros para nós, sei que vai. Esta é a melhor maneira que eu tenho de... Ah, como explicar esse sentimento? Creio que adotar essas crianças é a melhor maneira de me tornar mãe dela. Mãe da nossa menininha. Você compreende?

Bajka me ajuda demais a cuidar deles, mas devo dizer que já sou uma mãe ciumenta e possessiva. Seguro-os a ambos no colo ao mesmo tempo, pode imaginar uma coisa dessas? Aleksy se preocupa com Eljasz, enche-o de carinho, e nós três caímos no sono juntos. Amá-los me faz sentir mais próxima de você. E dela.

Por favor, escreva para me dizer que está feliz.

Com nosso amor,

Os seus Aleksy, Eljasz e Andzelika.

1º de julho de 1941
Paris

Querido Janusz,
Os meninos, eu e Bajka passamos bem. Quando eles dormem, nós costuramos fraldas com velhas toalhas de hotel ou lavamos as que estão sujas, ou então entramos na fila para os cartões de racionamento, ou

imploramos à cozinha do hotel por algum legume ou fruta, antes que se transformem em alguma abominação da guerra. Sempre temos ovos e leite, e até mesmo queijo, e os dois meninos parecem bem. Eljasz está andando e correndo, e Aleksy faz fervorosamente o papel de sua sombra. Tenho tentado, no entanto, ajudar Aleksy a compreender que não precisa se preocupar tanto com seu irmão. Mas personalidade é personalidade, e a de Aleksy, eu acho, é bem parecida com a sua.

O coronel escreve contando que há um menino de 9 anos que testemunhou e esteve bem perto de ser uma das vítimas de um "acontecimento" em Bydgoszcz recentemente. Não direi mais nada sobre isso, mas o coronel afirma que seus "amigos" estão tentando salvar esse menino. É claro que eu disse que ficaríamos com ele. Não sei seu nome. Parece que o coronel tem assuntos a resolver em Paris, de forma que acompanhará o menino, trazendo-o até mim. Três filhos, meu amor. Talvez uma filha em seguida.

Com todo o meu amor,
Sua Andzelika.

9 de julho de 1941
Paris

O nome dele é Sergiusz, o seu terceiro filho. Meu querido Janusz, faltam-me palavras para lhe dizer como ele é lindo. Certamente seu sofrimento se mostra, ele é tímido e sensível, raramente fala, somente quando nos dirigimos
a ele. Mas mesmo depois de apenas dois dias, percebo que ele ganha mais confiança no interior de nossa pequena tribo. Bajka também o

adora, e assim nos tornamos rivais no desejo de cuidar dele. Ele adora música e conta que estudou piano desde os 4 anos, até que... Seus pais foram mortos logo no início do conflito, e foi o irmão mais velho que cuidou dele, o mesmo irmão que ele viu ser fuzilado em Bydgoszcz. Sua vida desde aquele dia... Nada mais direi por ora.

Quando esta guerra acabará, meu amor?

Sua Andzelika.

PARTE VI



Maio de 1941

O mesmo vilarejo na Borgonha

Capítulo 36

— Posso olhar dentro de sua valise? Só para ver se você pegou tudo.

Dominique e Amandine estão na sala, na mesma sala onde cantaram e dançaram, comeram e dormiram na noite em que Solange morreu. O cômodo que continuaram a dividir por oito noites desde então. Amandine na *chaise longue*, Dominique no sofá; nenhuma delas dormiu nem sequer falou mais do que meias frases, nos três primeiros dias. Quando Dominique tentava tranquilizar Amandine, encorajá-la a falar, a menina abria os olhos, balançava a cabeça, às vezes sorria como que para consolar Dominique. Sempre, então, Amandine retornava a seus pensamentos. E Dominique passava horas sentada a seu lado, acariciava suas costas, seus braços. Tentava fazê-la se alimentar.

São os pensamentos de Amandine acerca de Claude, a menininha, a garota argelina de 5 anos que estava com madame Aubrac quando Amandine e Solange ficaram lá, é a propósito de seus pensamentos sobre Claude que Amandine fala pela primeira vez:

— Talvez eu devesse voltar para junto de madame Aubrac. Eu poderia

ajudar com Claude. Ela perdeu os pais e ia viver num orfanato. Se eu for ajudar, talvez ela não precise mais ir para lá.

— Isso já faz um tempo — diz Dominique —, e Claude já deve ter ido embora da casa de madame Aubrac. Mas acho maravilhoso que você... Pode me contar sobre o que mais está pensando?

— Não sei.

— Nenhuma palavra?

— Nenhuma palavra em voz alta.

— Não quer me dizer algumas das palavras que você diz só para si própria?

— *Sozinha*. *Medo*. *Maman*. Solange. Às vezes digo *boche*.

— É estranho, mas nos últimos dias tenho dito as mesmas palavras para mim mesma. As mesmas. E digo também Amandine.

— Acho que não somos tão diferentes.

— Nem um pouco. Por mais diferentes que *pareçamos*, a verdade é que não somos. Nenhum de nós é tão diferente assim um do outro.

— Nem mesmo os *boche*?

Dominique sorri, balança a cabeça, mas não fala nada.

— Acho que estou com fome — diz Amandine.

~

Entre as coisas de Solange, Dominique encontra o embrulho de papel marrom, amarrado com barbante branco. Junto, há um cartão branco com uma única palavra escrita: "Amandine". Dominique o revira nas mãos, pergunta-se o que será. Termina a tarefa de examinar as roupas de Solange, dobra-as organizadamente e coloca-as novamente na valise. Põe os documentos pessoais de Solange num envelope, sela-o, guarda-o

também dentro da valise. Pega o embrulho e o carrega até o andar de baixo, até a sala onde Amandine está sentada ao lado da lareira.

— Achei isso na valise. Talvez você mesma queira guardá-lo, para que saiba onde está.

Ela leva o pacote até Amandine, deixa-o sobre a mesa perto da *chaise longue*.

Amandine apanha-o, observa-o como se não o reconhecesse. Então:

— Só posso abrir isso quando eu completar 13 anos. Não sei o que é, mas é algo que deixaram para mim aos cuidados de Solange.

— Foi deixado para você? Um presente?

— Tipo isso.

— De quem?

— Uma senhora com olhos de cervo. Foi o que Solange disse.

— Olhos de cervo. Lindo. E você não faz ideia do que tem aí dentro?

— Não. Você acha que tem problema se eu abrir? Eu prometi, mas...

— Acho que não teria problema. Acho que você deveria abrir.

Amandine olha para o pacote, olha para Dominique, começa a desfazer o nó do barbante.

Dominique estende o braço para pegar o embrulho.

— Aqui, deixe-me ajudá-la.

— Eu consigo abrir. Eu mesma quero abrir.

Amandine puxa o barbante, primeiro um lado, depois o outro. Senta-se mais ereta, abre o macio papel marrom, revelando um pequeno envelope de veludo negro, com a parte de trás dura, suas três pontas fechadas com botões de veludo. Abre o botão, e, uma por uma, abre as abas. Sustentado pela parte dura do envelope há um pingente pendurado. Para ela, parece uma garrafinha feita de alguma pedra roxa. Ela nota que a garrafa tem uma rolha feita de pérola lilás. Ainda pendurada na tábua dura, ela vira a garrafa

de ponta-cabeça, sente seu peso na palma da mão.

— Oh — diz ela. E diz mais uma vez.

— Posso ver?

Sem perceber o pedido de Dominique, Amandine continua virando a garrafinha diversas vezes, olhando-a de todos os ângulos.

— Está preso em uma fita — diz ela, tirando a fita dos ganchinhos; é difícil de ver, já que a fita é feita do mesmo negro veludo do envelope.

— É um colar?

— Acho que sim.

Dominique se ajoelha ao lado da cadeira de Amandine, olha a peça que a menina ergue na mão deixando o pingente balançar pendurado na fita.

— Um colar maravilhoso. Muito antigo, acho. Esplêndido, na verdade. Quer que eu coloque em você? Levante o cabelo para eu poder dar um nó atrás... Isso. Espere, vou apertar um pouco mais, para que a pedra fique direito, espere, assim mesmo.

Dominique levanta-se, toma distância para ver melhor como ficou.

— Amandine, é maravilhoso. Quem era a senhora que deixou isso para você? A senhora dos...

— Solange disse que não sabia quem ela era. Uma senhora que veio visitar a avó dela um dia. Não era minha mãe. Solange disse que não era. Disse que era alguém que conhecia minha mãe. Pelo menos era o que ela achava.

— É um presente magnífico.

— Solange dizia que era um símbolo.

— Claro, um símbolo.

— Não entendo o significado. Mas gostei.

— Provavelmente Solange quis dizer que era um símbolo da afeição de sua mãe. De seu amor.

— Deve ser. Claude também tinha *símbolos*. Tinha cartas e fotografias esperando por ela no orfanato. Eu ouvi madame Aubrac dizendo isso a Solange.

— Um outro tipo de símbolo, mas...

— Sabe por que eu quero ir para casa? Um dos motivos? Quero dizer, para a casa de Solange.

— Por quê?

— Porque assim posso perguntar à avó dela sobre a senhora dos olhos de cervo.

— Sim, bem... Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Que você também tem olhos de cervo.

~

— Amandine, perguntaram-me sobre... meus amigos me perguntaram sobre sua escola. Sobre o convento. Contei a eles o que sabia. Claro que ainda não sabemos se seria possível você voltar a viver lá, quer dizer, ainda temos que fazer contato, uma vez que não sabemos se a escola se manteve em funcionamento. Mas me parece ser o melhor lugar para começar...

No jardim, sentada numa cadeira de metal, uma das faces colada à superfície de uma mesinha de pedra coberta com uma toalha de pano sobre a qual há uma xícara de chá e um prato de pão, Amandine nada diz.

Dominique tenta novamente:

— Madame Aubrac... quer dizer, se a escola do convento estiver... Bem, imaginamos que certamente ela... que madame iria...

Amandine levanta a cabeça da mesa, olha para Dominique.

— O convento não. Madame Aubrac não. Quero ir para casa.

Dominique está de pé à porta que leva da sala para o jardim; ela vai até Amandine, ajoelha-se na terra macia da primavera, sobre as recém-brotadas ervas rasteiras e a grama, tenta tirá-la da cadeira, pegá-la no colo. Amandine resiste. Dominique se levanta, põe-se a andar de um lado a outro perto da mesa.

— Você sabe que não pode ficar aqui. Eu mesma não posso ficar aqui. Eu devia ter ido embora...

— Você pode me levar para casa? O nome deles é Jouffroi. Em Avise. Uma fazenda perto de Avise. Solange me disse que estávamos tão perto que poderíamos ir a pé.

— Eu dei uma olhada nos papéis de Solange. Sei o nome da família dela, onde vivem, e temos tentado contatá-los, contar-lhes...

— Sobre Solange?

— Sim. E sobre você. Mas até agora não conseguimos...

— Se me mostrar onde é a estrada, posso ir andando...

— Sua bobinha, realmente acha que eu iria...? Eles podem ter ido embora. Você sabe que muitas pessoas abandonaram seus lares e...

— Solange disse que eles nunca iriam embora.

— Sei que foi o que ela disse, era nisso que ela acreditava. Mas a mãe dela, a família dela... eles podem não ter tido escolha.

— Por favor, Dominique, continue tentando. Jouffroi.

— Há outra possibilidade. Existe uma pessoa ligada a nós. Ele vive mais ao norte. Não mais perto da família de Solange do que nós aqui. Precisamente no noroeste. Mas ainda é norte. Esse homem vive no centro de uma vila. Uma casa grande, um jardim cercado por um muro de pedra. Ele tem propriedades nos arredores da vila. Pastoreia cabras e faz queijo.

— A mãe de Solange pastoreia cabras e faz queijo.

— Eu não sabia... lugar do qual estou falando fica no rio Oise. No Vale

do Oise. Já ouviu falar?

— É perto de Avise?

— Não sei quantos quilômetros, mas, como eu disse, é ao norte daqui. Perto de Paris. Você poderia ficar com esse homem e ele continuaria... ele continuaria tentando encontrá-los. A família. E então, com o tempo, talvez ele pudesse ajudá-la a... Ele é meu pai, Amandine. Catulle é o nome dele.

— E sua mãe?

— Minha mãe morreu quando eu era criança. Tenho dois irmãos.

— Dois irmãos? Como eles se chamam?

— Um é Pascal. O outro é Gilles, mas ambos são... foram levados pelos *boche* no início da ocupação. Trabalham na Alemanha agora.

— Você vai para casa, para ficar com seu pai? Podemos ir juntas?

— Não, não vou para casa. Ainda não. Algum dia eu vou, mas por enquanto tenho...

— Você é como Lily, não é?

— Lily?

— A Lily de madame Aubrac. Ela é uma espécie de soldado. Carrega uma arma. Eu vi uma vez.

— É, imagino que eu seja um pouco como Lily. E é por isso, também por isso, que não posso acompanhar você agora ao convento ou à madame Aubrac ou mesmo ao Vale do Oise. Você deve entender que não caberá a nós decidir, não cabe a você dizer para onde gostaria de ir. Outras pessoas sabem mais do que você e eu sabemos, portanto são eles quem decidem. Mas seja para onde você for, haverá amigos para ajudá-la.

— Como ele é? *Monsieur* Catulle?

— Ele é... ele é... não sei, é um fazendeiro, alto e forte. De fala suave. Pareço com ele, é o que todos dizem. Nossos olhos, âmbar. Às vezes, verdes. Ele vai ficar... vai ficar contente se você ficar lá com ele. Sei disso.

Talvez haja outras pessoas hospedadas. De vez em quando. Ele vai cuidar bem de você.

— Ele é velho? Não vai morrer enquanto eu estiver lá, vai?

— Não, não. E não, ele não é muito velho. Lutou na Grande Guerra.

— Houve uma guerra maior do que esta?

— É o que dizem. Ele tem mais de 50 anos; 53, acho. É bonito. Madame Isolde, que é nossa governanta mas que sempre foi como uma mãe para mim, é apaixonada por ele. E tem também uma polonesa, uma viúva que é a *grande dame* da cidade, bem, ela também é muito apaixonada por ele. Madame De Bazin. Kostancja de Bazin. Adoro dizer esse nome. Quando eu era pequena, sempre ia brincar com as filhas da empregada dela, que também era polonesa. Você conhecerá madame Isolde e madame De Bazin. Se for ficar com Catulle.

— O que é uma polonesa?

— Uma mulher que nasceu na Polônia. A Polônia é um país a leste daqui.

— Por que ela vive na França?

— Porque há muito tempo casou-se com um francês. E saiu de casa para ficar com ele. Acontece o tempo todo.

— Quer dizer que as pessoas não ficam no mesmo lugar sempre?

— Sim. É isso que quero dizer.

— Quanto tempo leva para chegar lá?

— Chegar aonde?

— Até *monsieur* Catulle.

— Depende. Veja, essa sua nova viagem, seja para onde for, será um pouco diferente daquelas que a trouxeram, você e Solange, aqui até mim. Assim que estiver tudo certo, assim que eu souber como vai ser, explicarei a você. Agora vai tomar seu chá, Amandine?

~

A primeira coisa que passou pela cabeça de Dominique após a execução foi pegar Amandine e ir embora dali. Talvez naquela mesma manhã. Sem plano, sem destino; seu instinto lhe dizia para desaparecer com a menina. Ela era boa nisso. Em desaparecer. Mas ela recebeu uma ordem, quase imediatamente, para que ficasse de prontidão com a criança. Deveriam esperar. Então, na noite anterior, as direções lhe foram comunicadas. Um membro de uma célula não conectada à de Dominique estaria esperando por Amandine em lugar e hora específicos no dia seguinte.

Essa pessoa levará Amandine a Catulle, ao pai de Dominique, enquanto a própria Dominique prosseguirá até Paris, para um trabalho que lhe foi designado. Nenhuma complicação foi prevista. Elas viajarão juntas a primeira parte do trajeto e então se separarão.

Dominique instruiu Amandine. O que dizer, o que não dizer, caso elas sejam paradas pelos *boche*. O único momento ruim do percurso será quando Dominique tiver que deixar Amandine caminhar sozinha por um curto trecho de campo aberto até o local onde encontrará seu próximo *convoyeur*.

— Mas por que você não pode ir comigo?

— Porque a pessoa que vem buscar você para levá-la a Catulle faz parte de uma operação diferente da minha. Outro grupo. É uma regra entre os grupos de nunca vermos uns aos outros. Em nome da segurança. Uma proteção para todos nós, para que, caso alguém seja interrogado pelos *boche*, estaremos dizendo a verdade quando dissermos que não conhecemos os outros. É difícil compreender, eu sei... Mal posso... é demais para uma criança de 10 anos...

— E por quanto tempo vou ficar sozinha?

— Quase o mesmo tempo que leva para ir daqui até a vila. Alguns minutos.

— Como vou saber que é a pessoa certa? E se tiver mais de uma? Quem eu vou estar procurando?

— Eu não conheço a pessoa. Não posso descrevê-la a você. Mas a pessoa dirá o seguinte: "Trouxe o seu queijo."

— Isso é meio estranho.

— Talvez. Mas é isso que ele, ou ela, dirá. Agora vamos aprontá-la.

— Eu *estou* pronta.

— Tem certeza de que vai usar esse suéter? Você nunca mais o tirou, senão para tomar banho, desde... esse tempo todo.

— Por favor, é o que eu quero vestir.

O suéter amarelo de Solange sobre uma calça de veludo marrom, seus sapatos de cano alto de amarrar, a valise cheia com o restante das roupas, o chapéu de palha de Philippe, as coisas de Solange, sua guirlanda de salgueiro-gato. A lata de azeite de nozes. Pendurada no pulso, a velha bolsinha de veludo azul, contendo apenas meia barra de chocolate alemão que Dominique lá guardou. Amandine usa o colar sob um lenço que Solange sempre colocava no cabelo. Duas vezes protegida, ela disse a si mesma. Mas contra o que, ela não sabe ao certo.

— Você se importaria de usar este chapéu?

Dominique tem nas mãos uma boina simples, de lã marrom.

— Aqui, deixe-me colocá-la para você. Vamos esconder todo o seu cabelo aqui dentro.

— Por quê?

— Para que você pareça menos, não sei, menos *estrangeira*.

— O que é *estrangeiro*?

— Algo ou alguém que é um pouco diferente. *Insolite*. Você é *insolite*.

Um grande elogio, sabe? Ser incomum. Assim, bem desse jeito, com apenas alguns cachos aparecendo. Quer se olhar no espelho?

— É para que eu pareça menos judia, não é?

— O quê?

— Eu ouvi Solange e madame Aubrac conversando. Madame Aubrac disse a Solange que era isso que eu parecia. Uma...

— Isso também passou pela minha cabeça, com seus olhos escuros e cabelo escuro, e é só isso, você deve entender que os *boche* são especialmente...

— Usarei o chapéu se você quiser. Se alguém perguntar se sou judia, direi que não sei. Porque eu *não* sei. Não faço ideia. Não sei nada sobre mim mesma ou sobre ninguém, e é por isso que fico dizendo essas palavras para mim: *medo*, *sozinha*. Essas palavras.

Dominique levanta o lenço do pescoço de Amandine, toca a ametista.

— Isto é prova de que você não está sozinha. Tente se lembrar disso. Tente se lembrar do que Solange contou a você. Promete?

— Prometo.

— E não seja boba com os *boche*. Caso lhe perguntem se você é judia, nem pense em responder *não sei*. Veja, seus documentos, já que neles não constam os nomes e os locais de nascimento e as datas de nascimento dos seus pais, bem, alguém que esteja verificando os seus documentos pode considerá-la *suspeita*.

— Sus...?

— *Suspeito* quer dizer que alguém pode não acreditar em você. Nesse caso, não acreditar no que dizem seus documentos. Um inspetor pode pensar que seus documentos são falsos. E a verdade é que são mesmo. Você não tinha documentos, de acordo com o que Solange me disse, e por isso o bispo mandou fazê-los para você. Algumas das pessoas que os

verificarem os aceitarão certamente. Outros talvez não. Aqueles que não aceitarem, sem dúvida perguntarão se você é judia. Sempre responda que não. *Não, senhor, não sou judia*. É isso que você deve dizer. Vezes e vezes seguidas, tantas vezes quanto lhe perguntarem. Promete isso?

— Sim.

— Certo. Vamos repassar tudo desde o começo. Qual é o seu nome completo?

— Amandine Gilberte Noiret de Crécy.

— E onde nasceu?

— Em Montpellier. Três de maio de 1931.

— O nome de sua mãe?

— Sou órfã, senhor. Não sei o nome de minha mãe.

— Seu pai?

— Também desconhecido.

— Ótimo. Agora vamos.

~

São apenas 11 horas da manhã, menos de meia hora depois de Dominique e Amandine chegarem a um estreito caminho de terra batida que corta um campo coberto de vegetação rasteira, e ali Dominique ajudou Amandine a sair do carro. A estrada sinuosa que parece subir é tudo que Amandine vê.

— Tem certeza de que é aqui mesmo?

— Tenho.

Dominique confere se todas as coisas de Amandine estão em ordem, seguras em diferentes partes de seu corpo, sejam amarradas ou penduradas, ou o que for.

— Agora, por favor, espere que eu entre no carro e vá embora. Conte

até cem. Devagar. Só então comece a percorrer este caminho. Lá no final você deve encontrar seu *convoyeur*. Continue andando até que uma pessoa apareça na sua frente e diga... Trouxe...

— Eu sei o que a pessoa vai dizer.

Dominique abraça forte Amandine e diz:

— Ainda vamos nos ver novamente, minha querida. Acredito que sim. E, enquanto isso, peço a você que sussurre uma coisa no ouvido de meu pai. Diga: "Sua menininha o ama." Pode fazer isso por mim?

— Vou dizer a ele. Vou...

— Agora vou embora de vez, senão posso esquecer meu dever e levá-la comigo... *Au revoir, Amandine*.

— *Au revoir, Dominique*.

~

— Trouxe o seu queijo.

— Como sabia que era eu?

— Bem, a verdade é que não foram muitas as jovens beldades que passaram por este caminho hoje, portanto eu...

— *Bonjour, monsieur*.

— *Bonjour, mademoiselle*. Por favor, me acompanhe. Por aqui, este caminho à esquerda. Subindo a colina. Está com fome? Eu realmente trouxe queijo para você, e pão e... Nosso caminho não deve ser longo...

~

— Chegamos. Deixe-me ajudá-la a reunir suas coisas. Ótimo. Vamos dar uma última conferida? Sua bolsa, sua valise.

— Vai me deixar aqui, *monsieur*?

— Não a estou deixando, apenas pedindo que espere. Devo ir agora. Em dez minutos, mais ou menos, você será apanhada... É razoavelmente confortável aqui, e você está bem protegida. Fora da vista de quem passa pela estrada, mas não longe.

— Ninguém me disse que eu ficaria sozinha de novo, depois de ter ido até onde você...

— Tenho que ir agora. Vai ficar tudo bem. Eu lhe garanto.

— Mas quem devo esperar?

— *Au revoir, mademoiselle*.

Amandine senta-se no chão, na área indicada por seu *convoyeur*. Mais uma vez, já depois de tantas vezes, ela consente. Deposita seus pertences à sua volta, posiciona a valise como travesseiro, deita-se, o rosto à sombra de um ulmeiro, as pernas ao sol. Respira profundamente, como Baptiste a ensinou a fazer tanto tempo atrás. Tenta aquietar as palavras dentro de si. Toca o colar, o lenço. Escuta algo. Os passos de alguém esmagando as pedras da estrada. Senta-se, reflete, espera — como todos devemos esperar — para ver quem aparecerá.

Amandine pensa: *Ele é alto. E tem um cabelo igual ao dela. Encaracolado como a crina de um cavalo de carrossel. Foi isso que Solange disse do cabelo de Dominique na noite em que nos arrumamos. Disse que Dominique tinha olhos da cor de chá numa fina xícara branca. Os dele também são assim*.

Sua voz em suave rouquidão, ele está dizendo:

— *Bonjour, p'tite 'zelle**. Sou Catulle.

Nota:

**Bonjour, p'tite 'zelle*: forma abreviada de *Bonjour, petite mademoiselle*.

PARTE VII



Maio de 1941–novembro de 1945

Vale do Oise

Capítulo 37

Portas batem, pessoas chamam umas às outras. O ar frio agita as pesadas cortinas de renda contra a vidraça, e ela afasta as cobertas de supetão, corre para erguer as cortinas. Para ver onde está. Latas de leite tinem em um carrinho de mão empurrado por um menino de guarda-pó azul e boina branca. Uma mulher em roupas masculinas esfarrapadas pergunta a *monsieur* Catulle, em uma voz estridente, se ele trocaria três queijos *banon* por uma lebre "ainda tremendo" e uma pequena jarra do sangue do animal. Ele diz que pode caçar sua própria lebre, ao que ela responde: "Certamente, mas não uma lebre como esta, ah, não, nunca caçaria uma tão bonita quanto esta..."

— Deixe-me dar uma olhada, madame. A lebre mais uma pequena trufa e lhe darei quatro *banon*.

Tudo isso enquanto ainda está escuro, pensa ela. O vento faz estremecer a vidraça coberta pela geada, e ela se pergunta se ainda é maio. Era maio ontem, quando me separei de Dominique e encontrei o homem do queijo e depois o outro homem. *Bonjour, p'tite 'zelle. Sou Catulle*. Ela olha para

fora, para a alta parede de pedra que circula o jardim, remendada como a do convento. Um canteiro de repolhos roxos, e um outro dos verdes e enrugados. Alface, alho-poró, ervilhas florescentes. Macieiras, cerejeiras, pés de damasco. A maior árvore é uma figueira. *Íris selvagens cresceram aqui e ali, ainda deve ser maio. Solange ainda deve estar morta. Dominique, onde ela está? Eu estou aqui, mas que lugar é este?*

Apesar de sua calça de veludo cotelê estar muito bem dobrada sobre uma cômoda, ela dormiu com o suéter amarelo. Os sapatos estão perto da cama. Ela se veste rapidamente, abre a porta que dá para um corredor escuro e uma escada de madeira íngreme, que ela desce sem qualquer lembrança de algum dia a ter subido. Outro corredor escuro e vozes baixas do outro lado de uma pequena porta verde. Ela bate.

— *Entrez, entrez. Bonjour, Amandine.*

Ele parece maior do que ontem. Uma camisa branca limpa, suspensórios azuis; a barba e o bigode, pequenos e cheios de pontas e com fios cacheados — *como pude deixar de notar a barba e o bigode ontem?* —, ainda reluzem do banho matinal. De uma grande tigela branca ele toma, às colheradas, algo que parece um pão arroxeado encharcado de algum líquido. Ele se levanta.

Ela vai até o homem, estende a mão para cumprimentá-lo formalmente. Ele retribui o cumprimento.

— *Bonjour, monsieur.*

— *Bonjour, bonjour, petite, et bienvenue*. Sente-se, sente-se, e esta aqui é Isolde. Madame Isolde, esta aqui é...

— *Bonjour, chérie.*

Com o cabelo preso no alto da cabeça na forma de um pequeno birote castanho tendendo para o grisalho, madame Isolde é alta e magra, as faces com grandes depressões, resultantes da guerra, os olhos castanhos límpidos

e com cílios grossos, os quais ela bate como se abanasse um leque, e dentes tão brancos que parecem azuis. Seu hálito exala o cheiro de sementes de anis, e Amandine sente a aspereza nas mãos dela quando a mulher segura seu rosto, fitando-a com um grande sorriso.

— Você estava dormindo tão profundamente ontem à noite quando *monsieur* a trouxe, que eu a coloquei na cama, acomodei-a o mais confortavelmente que pude e a deixei com seus sonhos. Com certeza está com fome.

— Não muita. Comi bastante queijo ontem...

— Pão, um pouco de pão, e o leite está esquentando. Ovos de hoje de manhã, com algumas gotas de bagaceira. Você precisa recuperar as forças, isso eu posso ver.

Ela quebra um grande ovo vermelho em uma xícara sem asa, bate-o furiosamente com um garfo, verte dentro da xícara um líquido de uma comprida garrafa verde, bate novamente. Oferecendo a mistura à Amandine, Isolde acena com a cabeça, instando-a a tomar.

— De um gole só. É a única maneira.

Amandine bebe, começa a engasgar, mas logo recupera a calma. Sorri, hesitante, para Catulle, que está rindo.

— Sua iniciação ao Vale de Oise, *ma petite*. Temos muito pouco, como você verá, mas algumas boas galinhas, isso temos. Um ovo fresco cru todos os dias compensa muito daquilo que nos falta. Bem, então...

Amandine está partindo um pedaço de pão em pequenos bocados, arranjando-os sobre a toalha de mesa branca e bordada. Quando Isolde lhe traz uma xícara de leite quente, ela a pega com as duas mãos. Dá um pequeno gole. Sorri para Catulle, dá mais um golinho.

— Amanhã prepararei seu café da manhã, algo que apreciará muito mais. Pão embebido em vinho tinto. É melhor com açúcar, mas...

Limpando as mãos no avental, Isolde senta-se à mesa. Os três estão silenciosos, cada um olhando e acenando com a cabeça para o outro, até que Catulle diz:

— Madame Isolde é nossa governanta, Amandine. Nosso comandante, melhor dizendo. Mas ela providenciará o que quer que seja que você...

— A primeira coisa a fazer é encontrar algumas roupas para ela. E sapatos.

— Sim, sim, claro. O mercado...

— O mercado não tem nada, vou levá-la comigo para casa hoje à tarde, e olharemos o que eu tenho em meus baús. Sempre há algo.

— É muito bondoso de sua parte — diz Amandine —, mas o que eu tenho é suficiente. Espero partir em breve e...

— Partir? — pergunta Catulle.

— Sim, *monsieur*. Dominique não lhe contou que estou indo para casa?

— Não falo com minha filha há mais de um ano, Amandine. Mas fui informado de que você tem alguns amigos no norte. Na direção da fronteira com a Bélgica.

— Avise. Perto de Reims. Chamam-se Jouffroi.

— Sim, bem, eu sabia, sei disso, mas veja, escute, por que não passa a manhã com madame Isolde enquanto eu trabalho? Depois do almoço falaremos sobre isso.

— Sobre a minha ida para casa?

— Sobre por que é melhor que fique aqui conosco. Por enquanto.

~

Madame Isolde esquenta a água em um caldeirão sobre um fogão a lenha em um barracão atrás da casa, onde há uma grande banheira de zinco.

Toalhas, uma escova como a que as irmãs do convento usavam para esfregar as escadas, Amandine conta-lhe, uma barra de sabão preto. Isolde começa a trabalhar nos membros delgados de Amandine. Lava seus cabelos, enxágua-os com a água que esfriou. *Óleo de amêndoa, cápsulas roxas que fazem uma espuma lilás. Solange ainda está morta.*

— *Pardon*, madame?

— Eu estava dizendo: "Pronto, acabamos." Até encontrarmos algo mais para você, encontrei isto em sua valise. Passei tudo. Vai servir por enquanto.

Amandine abotoa sua velha blusa quadriculada e por cima põe seu vestido de verão do mercado negro, com listras azul-escuras e brancas. Ambos ficam pequenos e curtos demais em seu corpo em crescimento. O efeito faz madame suspirar.

— Vou preparar as coisas para o almoço de *monsieur*, colocar aquela lebre de molho, varrer um pouco a casa e arrumar as camas. Em seguida sairemos. A fila estará menor perto das 10 horas, então não há pressa. Sente-se ao sol para secar o cabelo, sim? Que lindo cabelo, Amandine.

~

Catulle convidou Amandine para sentar-se ao seu lado no jardim. Colocou duas pesadas cadeiras de ferro sob as macieiras. Apesar de ainda ser dia, acendeu uma pequena lanterna, pendurou-a em um galho de árvore.

— Amandine, eu entendo seu desejo de ir até madame Jouffroi. Apesar de não conhecer toda a sua história, sei que, bem, sei o suficiente para entender por que gostaria de vê-la.

— Sabe sobre Solange?

— Sim. Sei que ela era sua guardiã, que ela e você estavam viajando

para o norte, para a casa dela. Sei que ela foi morta.

Catulle espera. Amandine, satisfeita que ele saiba isso, ao menos isso, espera que ele continue.

— Mas não é possível. Não agora. Não sou contra a imprudência de tentar, mas contra a futilidade de fazê-lo. Não é possível chegar lá. Teria sido impossível que você e Solange chegassem. O vilarejo deles fica naquilo que os *boche* designaram como "a zona proibida". É uma área que foi, bem, foi isolada do resto da França. Ninguém pode entrar, ninguém pode sair. Não sem uma autorização. Não sem permissão.

— Como eu consigo uma permissão?

— Não consegue. Não pode. Quero dizer permissão militar, autorização. E isso não diz respeito a você. Por favor, escute. Assim como eu acredito que Dominique e seus amigos fizeram, eu e meus amigos também fizemos tudo o que podíamos para contatar madame Jouffroi. Tentamos até mesmo entrar em contato com pessoas que poderiam conhecê-la, pessoas que vivem perto. Nada conseguimos com nossa busca, Amandine.

— O senhor quer dizer que ela morreu?

— Não. De modo algum. É provável que madame Jouffroi e sua mãe e suas filhas, é provável que elas tenham sido deslocadas pelos *boche*. Isso quer dizer que os *boche* podem ter ocupado sua casa, sua fazenda. Foi provavelmente o que aconteceu. Até que a guerra acabe, até que as pessoas comecem a voltar para suas casas, para seus vilarejos, não há muito a ser feito. Pode tentar ver esta como sua casa? Não por uma semana ou um mês. Talvez por muito tempo.

— Quanto tempo?

— Não sei. Como você já deve ter percebido nesta sua curta e inacreditável vida, nenhum de nós sabe muita coisa.

— Tenho a impressão de que estão todos mortos ou escondidos. Ou perdidos, ou esperando.

Catulle fica em silêncio. Olha para Amandine, desvia o olhar.

— Você acabou de cobrir praticamente todas as possibilidades. Mas eu não estou morto. E madame Isolde também não, nem todos os...

— Eu sei, mas vocês amanhã podem estar, e madame Isolde pode ir dar um passeio e nunca mais voltar porque os *boche* decidiram atirar nela, deixá-la cair numa vala e cobri-la com terra. E onde está Dominique, e onde estão os seus filhos? Onde está a mãe de Solange? Onde está minha mãe?

Isso foi o máximo que Amandine falou desde a morte de Solange. Talvez tenha sido o máximo que ela disse em toda a sua vida. O máximo que ela externou daquelas palavras que se conservam na intimidade. Philippe e Baptiste, Paul e as meninas do convento. Josette. Passam marchando por ela agora. Solange está ali. Hedy Lamarr, que personifica sua mãe, está ali. Ela olha para aquele homem sentado perto dela. Pergunta-se por que ele está chorando.

— Esta é a parte que eu menos conheço de sua vida, Amandine. Sei que você é órfã. Que...

— Nem eu sei muito mais do que isso, *monsieur*. É exatamente como dizem meus documentos: mãe, desconhecida; pai, desconhecido. Eu me preocupo muito com ela. Nem tanto com meu pai. Não sei por que nunca pensei nele, mas acho que pode ter sido por causa de Philippe. *Père* Philippe. Era um padre do convento. Eu achava que ele era meu pai. Quando eu era muito pequena. E então Philippe acabou meio que se transformando nele. Sabe, acabou virando meu pai. Eu também achava que a abadessa do convento fosse minha mãe, mas quando soube que ela não era, bem, com o tempo fiquei feliz. Feliz por ela não ser minha mãe.

O senhor me entende?

— Acho que sim. Porque afinal ela não era, não era...

— Como uma mãe. Solange era. Acho que tive duas mães. Uma está morta, e a outra está perdida. Sinto saudades da que está morta e me preocupo com a que está perdida.

— Preocupa-se com ela?

— Claro. O senhor não se preocuparia com a sua mãe se ela estivesse perdida? Não sei nem o nome dela. Como posso encontrá-la, por onde começar?

— Talvez seja ela quem deva encontrar você.

~

Feita de pedras cinzentas e arredondadas, a casa de Catulle é comprida e baixa. Torcendo-se numa sucessão interminável de ângulos e formando pátios como rios pavimentados de xisto, dos quais portas curvas de madeira — cada uma delas pintada com uma fruta ou legume adequado — abrem-se para sótãos, e despensas, e uma adega, esta seria uma típica casa na cidade em meados do século XVII de, quem sabe, um mercador próspero ou, nesse caso, um fazendeiro próspero que prefere a conveniência da vida em um vilarejo ao isolamento em sua propriedade. Quando seus filhos e sua filha moravam na casa, quando eles estavam crescendo — mesmo sem a mãe, mas aos cuidados de uma contínua procissão de tias e primas dedicadas e da sempre presente madame Isolde —, a casa vivia cheia de alegria. Sob os baixos tetos de vigas contra as paredes caiadas de branco a cada ano, lareiras em brasa em cada cômodo, as cortinas eram engomadas, a mobília de mogno da família lustrada, os ladrilhos perigosamente encerados. Uma grande quantidade de flores e

galhos floridos e frutas derramavam-se dos vasos e jarras e tigelas, e havia armários cheios de pratos de faiança, verdes e amarelos, e prata, e cristal e um pouquinho de renda antiga espalhava-se em qualquer lugar onde houvesse espaço; era assim, a casa de Catulle. E os cheiros do jantar e da fumaça da madeira, de alguma poção voluptuosa — um par de excelentes pica-paus, a coxa de um javali — fumegando em um banho de vinho nobre, perfumado com ramos de ervas silvestres, na grande caçarola de ferro negro de Isolde, no fundo do fogão. Foi assim durante o período de vinte e tantos anos entre as duas guerras. A cidade também.

Suficientemente perto de Paris mas não perto demais, o lugar prosperava graças ao que se transportava, à noite, para a cidade: o fruto da generosidade da fértil terra local, legumes, verduras e frutas, que eram vendidos a cada amanhecer em Les Halles. Ao menos a cidade prosperou graças a sua própria frugalidade. Havia cafés e *pâtisseries*, lojas de vinho, *épiceries*, padarias, açougues, pequenos restaurantes com grandes *guinguettes* elevadas sobre o rio onde, nas noites de verão, as pessoas dançavam à luz de lanternas cor-de-rosa e amarelas. Com diligência, era possível aproveitar tudo isso e ainda guardar algumas moedinhas na caixa de charutos de madeira deixada sempre na última gaveta do armário da cozinha. Mas agora, a vida com os *boche*, sob o comando dos *boche*, os habitantes se adaptaram. *Jours maigres* com certeza, mas não raro há dias bons. Outro tipo de *dias bons*. As casas, o parque, a escola, a *mairie* exibem apenas um leve estrago provocado pelos bombardeios iniciais dos *boche*. Diferentemente da Grande Guerra, dessa vez a França se salvava. Em certos aspectos, sim, se salvava.

Ao longo da rua principal da cidade, quase tudo parece o mesmo que antes. As confeitarias estão fechadas, claro, e o açougueiro distribui aquilo que os *boche* lhe dão. Assim como as é*piceries*. Apesar de nos bares as

máquinas de café estarem paradas e as únicas bebidas à venda serem vinho diluído, servido em pequenos copos de vidro grosso, e alguma aguardente caseira que os *boche* não quiseram, os velhos ainda jogam baralho nas mesas enceradas, ainda roubam e desafiam uns aos outros, ainda que sem se exaltarem muito ou sem tanto ânimo.

Os restaurantes sobrevivem de uma maneira interessante. Os habitantes locais trazem parte de suas rações para trocar com os cozinheiros por um prato de sopa, algum tipo de guisado ou ensopado. Um doce preparado com frutas que conseguiram estocar, um pedaço de favo de mel, algum pão de ontem, um ovo, um pouco de creme de leite. E, então, na manhã seguinte, as comidas que os habitantes trouxeram para trocar na noite anterior são usadas no menu de hoje, um conceito autossuficiente que floresce a partir da engenhosa culinária francesa e da verdade que ela afirma: um bom cozinheiro pode fazer uma boa ceia a partir de nada. E mesmo se um dos velhos pegar seu acordeão e tocar um pouco, ninguém dança sobre as *guinguettes* que se esticam sobre o rio. Ninguém exceto a moça cujo noivo foi morto com um tiro no primeiro dia da ocupação porque ele foi devagar demais para o gosto dos *boche* durante a formação de fileiras. Às vezes ela dança no terraço de um pequeno restaurante, os braços arqueados em torno de seu fantasma.

O efeito da ocupação na cidade é como o de um Vermeer deixado para ser destruído pelo sol e pela chuva e pelos golpes de uma pequena faca afiada. Ainda reconhecível, até mesmo ainda bom, certamente ainda precioso. Talvez ainda mais precioso para alguém que o tenha visto como era antes.

Catulle e um grupo de homens mais velhos da cidade lavram suas terras. A maior parcela do que ele colhe é requisitada, assim como acontece com seus vizinhos. E com grande parte da França. O que ele

consegue salvar para si ou guardar já ajuda. Há as rações. Há as florestas, o rio. Entre seus tesouros ele conta três cabras, algumas galinhas, um galo galante, uma gaiola de coelhos. Madame Isolde. Ele espera que seus filhos retornem, abre as portas de seus quartos todos os dias, mais de uma vez por dia, vai até as janelas, toca as camas deles. Camas onde *boche* dormiram e podem dormir outra vez, enquanto seus filhos e sua filha dormiram, dormem... onde? Ele pensa na menina. Esta Amandine. Sua pequena alma, já tão antiga. Nada além de uma mala desgastada e os sapatos de outra pessoa para chamar de seus, e que ainda se preocupa com a mãe.

~

Apesar de estar com Catulle e Isolde há dois meses, ela ainda aperta as mãos deles todas as manhãs, quando entra na cozinha. Ainda lhes agradece antes de se sentar à mesa e novamente ao levantar-se. Passou a gostar deles, de sua aparência e da maneira como falam, do que fazem, das cerimônias simples de suas vidas. Pensa que o que sente é algo parecido com a felicidade que sentia com Solange. Algo próximo a isso. Ela se pergunta se é algo terrível que horas se passem sem que pense em Solange. Ou será que na verdade ela nunca deixa de pensar nela? Estará Solange sempre por perto? Não, não perto, mas dentro dela. Sim. Dentro dela.

Depois que Catulle vai cuidar de seus afazeres pela manhã, Amandine e madame Isolde começam os delas. Isolde se surpreende com a vontade de trabalhar da menina e com a força de seu franzino corpo. Ela dá polimento nos móveis, esfrega o chão, levanta e carrega peso, e consegue antecipar o que deve ser feito em seguida. De tempos em tempos, tem uma ideia própria, especialmente sobre o almoço. *As alfaces precisam ser limpas*.

Posso fazer um pudim com as folhas amassadas? Eu precisaria de dois ovos e um pouco de leite. Sei que temos queijo. Temos noz-moscada?

Juntas, Amandine e Isolde ficam na fila para as rações, perambulam pelas lojas para ver o que pode haver ali, visitam o lugar atrás da igreja onde um grupo de senhoras das fazendas monta mesas para apresentar o que quer que elas tenham conseguido guardar naquele dia de seus jardins e hortas. Como se ela fosse seu próprio troféu de olhos escuros e cabelos cacheados, Isolde está orgulhosa de Amandine, de seus modos, sua bela maneira de falar, sua facilidade de lidar com adultos, com estranhos. Sua compostura.

Ela ajustou dois dos seus melhores vestidos — que vinha guardando para ocasiões especiais, ocasiões estas que nunca chegavam — para Amandine. Um rosa-bebê, que ela cortou ao modelo avental, com mangas curtas e franzidas, e com as sobras fez um cinto e um xale. O marrom, com botões brancos da gola até a bainha, foi o que Amandine achou mais bonito. Isolde encontrou algumas peças usadas no mercado, um avental cinza de linho e duas blusas brancas de algodão com golas de renda, um par de calças largas de lona, como as que os fazendeiros usam no campo, tamancos de madeira, nunca usados e ainda atados por um pedaço de corda, e sapatos oxford pretos, além de um par de botas para trabalhar no jardim e andar na floresta. De um pedaço de cambraia originalmente para cortinas ela fez algumas camisas bem compridas ao estilo túnica, passando fitas cor-de-rosa pelas casas dos botões; saias-calça com elásticos na cintura; e uma camisola. Isolde já está preocupada em encontrar um casaco de inverno para Amandine, e espalhou entre os vizinhos que está em busca de um.

As duas vão caminhando até a pequena ponte de metal onde senhores e meninos pescam. Isolde faz acordos com um ou dois deles para trocar um

pouco do que eles conseguirem com a pesca por queijo ou, às vezes, pelo jantar. Os velhos parecem preferir o convite para jantar, o que agrada tanto Isolde quanto Amandine, e as duas seguem pela estrada conversando sobre o que vão cozinhar à noite, como se planejassem um grande evento.

Depois de algum tempo, Amandine começa a notar que toda vez que uma certa mulher está em uma loja ou anda próxima a elas, mesmo do outro lado da rua, Isolde encolhe os ombros, finge examinar a vitrine de alguma loja, ou arrasta Amandine para dentro de um café e pede um copo d'água. Amandine observa também que, sempre que isso acontece, Isolde alisa seus cabelos, acaricia seu topete, pega algumas sementes de anis em seu bolso e as mastiga nervosamente. Seus cílios, que se agitam como um leque, mexem-se duas vezes mais rápido.

— Quem é aquela senhora?

— Qual delas?

— Aquela ali, conversando com o homem com o cachorro. A moça bonita.

— Bonita? Ela é uma vaca pálida amarrada com pérolas.

Apesar de rir, Amandine não vai ser dissuadida.

— Eu acho que sei quem ela é. Dominique me falou sobre ela. Ela vem de outro país, não é? E ela gosta de *monsieur* Catulle.

— Todos gostam de *monsieur* Catulle. E sim, ela vem de outro país. É a madame De Bazin.

— Por que ela deixa a senhora tão nervosa?

— Ela não faz nada disso. Eu apenas não gosto dela, então a evito.

— Ah.

— É só isso — diz madame Isolde, jogando sementes de anis dentro da boca e mastigando com os dentes da frente. Seus cílios se movem em um borrão.

~

Quando faltam cinco minutos para o meio-dia e Amandine escuta Catulle abrir o portão, ela vai andando — não corre — pelo pátio para cumprimentá-lo. Ele faz-lhe uma reverência, ela inclina a cabeça, e, lado a lado, os dois entram em casa para o almoço. Amandine elogia a comida de Isolde, toma "um dedinho" de vinho que Catulle lhe serve e, depois da refeição, quando Catulle vai descansar e ela e Isolde têm que arrumar a cozinha e a mesa, elas caminham os cem metros até a casinha de Isolde, que fica em cima de um café na rua Lepic. Uma cozinha bem pequena, com uma pia de pedra e um fogareiro de duas bocas; um quarto de dormir com uma estreita cama embutida, uma lareira e uma banheira de zinco bem no meio do cômodo, instalada sobre o piso de madeira; um banheiro pintado em tom verde-amarelado, que fica no fim do corredor e cuja única chave Isolde guarda consigo. As duas se deitam na cama. Às vezes elas dormem um pouco, mas geralmente apenas ficam ali, quietas, descansando. Quando falam, é sobre comida. Sobre o que vão preparar à noite, ou no dia seguinte, ou o que poderiam preparar se ao menos tivessem...

Isolde fala de frango cozido em creme servido sobre maçãs sautées e cebolas embebidas em Calvados. Apesar de estar há vinte e cinco anos na Île-de-France, ela — nascida e criada na Normandia, em Dieppe — está sempre espiritualmente faminta pela culinária de sua terra natal. Fala em crepes de trigo-sarraceno — finos e delicados — recheados com queijo camembert e presunto defumado em madeira de macieira, depois gratinados com boa manteiga branca da Normandia e mais camembert. Ela anseia por um ensopado de mariscos — recém-colhidos — cozidos no próprio suco salgado do mar com creme e folhas de louro e brotos de

tomilho selvagem secos esfregados com a ponta dos dedos.

— Mas eu gosto de cozinhar com peixes de rio, com qualquer um que os meninos e os velhos tragam para mim: carpa, lampreia, lúcio, de vez em quando um salmão que se perdeu do cardume. Limpo, salgo os peixes, coloco-os sobre ramos de louro e tomilho e cubro a mistura toda com um prato, e acrescento uma pedra em cima para fazer peso. Em alguns dias... Ah... Com molho de semente de mostarda triturada e creme de leite... E as ervilhas? Vamos fazer uma sopa amanhã. Amassamos as vagens com menta e, quando estiverem macias, passamos no *mouli* e acrescentamos ao purê aquelas tenras ervilhas inteiras, cozidas por dois ou três minutos em água salgada. Um pouco de manteiga, se as rações vierem cheias, um punhado de *lardons* bem crocantes e pão frito.

— Posso até sentir o gosto da menta. E dos *lardons* — diz Amandine, com uma voz sonhadora.

— Já passou da época dos aspargos silvestres, mas às vezes brotam alguns perto do rio. Uma omelete...

— Eu costumava fazer sopa de pedra quando dormíamos nos bosques. Uma batata e pão duro, ervas silvestres e, se tivéssemos, um ovo misturado. Era bom, madame.

— Em setembro, se você me arranjar alguns *chanterelles*, *morilles*, um punhado de *trompettes de mort*, junto com algumas *noisettes*, farei a mais saborosa...

Nenhuma das duas fala de sua vida antes de se conhecerem, mas Isolde pergunta:

— Talvez algum dia você queira me contar alguma coisa, sabe, alguma coisa sobre você. Ou sobre outras pessoas. Se isso acontecer, quero que saiba que...

— Eu sei.

~

À noite, depois do jantar, Catulle coloca um pouco de vinho na última colherada de sopa, leva a tigela rasa até os lábios e bebe direto dela, depois quebra algumas das nozes da cesta cheia que tem perto da lareira e aquece as sementes no fogo, em uma panela de cobre, para em seguida encher um copinho de bagaceira e virá-lo, pegar um pouco das ervas, e seja lá o que mais ele guarda na lata de tabaco perto das nozes, e socar a coisa dentro do cachimbo, depois acendê-lo, e tragar fundo para mantê-lo aceso; uma vez que as espirais de fumaça repugnante se transformam em uma linda nuvem branca, ele se levanta, agradece a Isolde e Amandine pelo jantar, pega seu suéter no cabide ao lado da porta do jardim. Secando um prato ou guardando a prataria, Amandine o observa. Do mesmo modo como ela gosta de ver a mesa posta para três quando vem tomar café de manhã, gosta de ver três suéteres no cabide. Gosta que o seu esteja pendurado no gancho mais baixo, entre os deles. O amarelo — aquele com pequenos botões de pérolas e laços de cetim, o que pertenceu a Solange e, antes disso, à mãe de Solange —, seu suéter amarelo entre o branco de Isolde e o cinza e marrom de tweed de Catulle.

Quando ele está vestindo seu suéter, esse é o momento em que ela quer perguntar se pode acompanhá-lo. Sabe que é para o rio que ele se dirige, para a ponte nos limites da cidade, aquela com as altas paredes de madeira, curvas como as corcovas de um camelo. Sabe que ele olhará para a água e fumará seu cachimbo e ficará ali até que a luz mude. De sua janela no alto da casa, ela sempre vai observá-lo lá na ponte. Em algumas noites, outros homens juntam-se a ele, e ela os vê acenando seus "boa noite", acendendo os cachimbos uns dos outros, caso tenham se apagado, apertando-se as mãos de vez em quando ou dando tapinhas nos ombros uns dos outros.

Mas, na maior parte do tempo, ele fica sozinho ali, e ela se pergunta sobre o que pensa quando se inclina por sobre a alta parede de madeira.

Uma noite, depois de ter ajudado Isolde a lavar a louça, Amandine tira seu suéter amarelo do gancho e o segue.

Ele a escuta antes de vê-la, escuta seus passos femininos sobre o chão de madeira da ponte, endireita-se, vira-se para ela sorrindo, como se a estivesse esperando, o que, claro, era verdade. Sem que nenhum dos dois precise falar, ambos contemplam o rio. Depois de algum tempo, Catulle diz:

— Eu gosto do som do rio batendo nas pedras, dirigindo-se para o mar. Gosto de me sentir pequeno sob as estrelas.

— O senhor se sente pequeno?

Ele guarda seu cachimbo apagado no bolso, levanta o queixo em direção aos céus.

— Pequeno no bom sentido, pequeno em relação à grandeza de tudo isto.

— Eu gosto de me inclinar para trás para poder ver melhor o céu. Eu me inclino mais e mais, até que minha cabeça gira como se eu estivesse rodeada pelo céu, como se estivesse dentro dele. É essa a sensação quando morremos?

— Pode ser que seja.

— Mas não tem certeza?

— Não tenho certeza.

— Por que o senhor vem aqui toda noite?

— Gosto de ficar aqui e refletir sobre o dia que passou. Penso em meus filhos e converso com eles, acho, pergunto a eles como estão passando. Depois me pergunto se acho que aproveitei bem o meu dia.

— O senhor aproveitou o dia de hoje?

— Se aproveitei o dia? Razoavelmente.

— Como sabe?

— Sabe quando você está com muito frio e então entra em casa e se senta perto do fogo? Se eu me sinto assim, então...

— E se não se sentir assim? E se só sentir o frio? Só o frio. Se não conseguir encontrar a casa com o fogo aceso?

— Penso no que posso fazer no dia seguinte para ter aquela sensação.

— Eu tentei fazer isso, mas às vezes não consigo pensar no que deve ser feito. No que pode diminuir o frio.

Catulle volta a acender seu cachimbo, demora um pouco para conseguir fazer o fogo pegar. Abaixa o braço esquerdo, que estava apoiado na mureta da ponte, e o deixa pender ao lado do corpo, com a palma da mão virada para fora. Vendo o que fez, Amandine olha para ele, olha para sua mão. Todo esse tempo Catulle mantém os olhos voltados para a frente, o cachimbo preso entre os dentes, a fumaça girando a seu redor. Quando Amandine coloca a mão sobre a dele, ele fecha os dedos sobre a mão dela, mantém-se imóvel. Fuma, olhos fixos à frente. Depois de algum tempo, Catulle sente a mão dela relaxar, abrir-se, sente seus dedinhos tentando entrelaçar-se aos dele. Eles conversam mais um pouco e então começam a caminhar de volta pela ponte, pela estrada, passando pelo café e pela padaria e pelos restaurantes com as *guinguettes* vazias se esticando por cima da água, por lojas e por outras casas. Vão caminhando até chegarem em casa.

Capítulo 38

— Ela está acenando para a senhora, madame Isolde. Não está vendo? Logo ali, ao lado da padaria.

— Quem?

Ela sabe muito bem quem é, mas novamente Isolde finge não ver sua rival. Ou fingiria, se madame Joubin não houvesse se aproximado justo neste momento, avisando-a da disponibilidade de um casaco de inverno. *Lã vermelha com gola de veludo verde, ficará bem charmoso para* mademoiselle *Amandine. Há também um chapéu, uma pequena boina escocesa em veludo verde com uma pena.*

Cabelo loiro desbotado penteado para cima, pele clara esticada sobre os largos ossos do rosto, olhos um tanto escuros que poderiam ser azuis à luz do sol, boca pequena cujo lábio superior parece pender — como um triângulo — de um único ponto para se juntar ao inferior, por sua vez cheio e protuberante, Kostancja de Bazin é mais sinuosa do que roliça. Vestido de seda negra, sapatos de salto bem alto revestidos de tecido. Nem uma pérola sequer sobre si, diamantes em formato de gota pendem das

orelhas da moça e um outro, preso por uma corrente quase invisível, afunda na cavidade da base de seu pescoço. Tendo na mão um maço de tulipas roxas, envoltas em uma folha de jornal formando um cone, ela vem postar-se tranquilamente atrás de Isolde, sorrindo para Amandine e esperando que madame Joubin termine sua história.

— Ah, madame, posso ver que vai muito bem, mas quem é essa preciosa criaturinha?

— Madame De Bazin, permita-me apresentar-lhe Amandine Noiret de Crécy.

— Bem que eu notei. Bela *e* aristocrática.

Amandine faz uma cortesia, como foi instruída. Diz:

— *Enchanté*, madame.

Também como lhe foi ensinado, olha diretamente nos olhos de madame De Bazin, responde a suas perguntas.

— Quantos anos tem, *mademoiselle* Amandine?

— Tenho 10 anos, madame.

— E você por um acaso toca algum instrumento?

— No convento, estudei piano.

— Maravilhoso, maravilhoso, e seus compositores preferidos?

— Não conheço muitos, madame, só Beethoven e Brahms. Pouco antes de deixar o convento eu tinha começado a praticar meu primeiro *étude* de Chopin. Opus 10, número 2. Minha mão direita é mais fraca do que a esquerda; meu professor disse que essa peça a fortaleceria, mas eu...

À menção de Chopin, Isolde revira os olhos, dobra o lábio inferior para dentro e muda o apoio de um pé para o outro.

— Amandine, temos que ir, ainda temos alguns afazeres a cumprir, e...

— Chopin. Frédéric Chopin é meu compatriota, sabe, e ele também viveu grande parte da vida na França, mas, como somos poloneses, não nos

importa onde vivamos, manteve-se fiel a seu sangue.

Ela se inclina na direção da face erguida de Amandine, fala mais baixinho:

— Tocarei os *Nocturnes* para você um dia desses, minha querida. Todos eles.

— Madame De Bazin, desejamos-lhe um bom dia, pois precisamos seguir nosso caminho. Amandine?

— *Au revoir, mademoiselle, au revoir, madame. À bientôt.*

— Não se eu puder evitar: *à bientôt, até a próxima*. Por que você tinha que dizer "Chopin"? Agora ela nunca mais vai deixá-la em paz.

— O que há de errado com Chopin?

— Nada, absolutamente nada, de acordo com ela. Obcecada. Obcecada por ele. Fala dele como se fosse seu amado irmão mais velho. Organiza aulas de apreciação musical para os moradores e sessões musicais em que as pessoas são convidadas a tocar piano, ou violino, ou violoncelo, mas a verdade é que é ela quem toca o programa inteiro, Chopin, Chopin, Chopin, e só quando a plateia está exausta ela chama os outros para participarem.

— Gostaria de ouvi-la tocar. Na verdade, eu gostaria de tocar de novo. Se desse tempo, quero dizer. Quando eu terminar de ajudar a senhora esta tarde, poderia encontrar a madame para praticar? Faz um ano que...

— Ah, me desculpe, Amandine. Não pensei em você, só em mim mesma. Claro que pode ir à madame De Bazin para praticar. Tenho certeza de que ela adoraria ensiná-la. Devemos falar com *monsieur*, é claro, mas...

~

Kostancja de Bazin, nascida e criada na Polônia, casou-se com um francês mais velho, um violinista um tanto celebrado em seu tempo, que morreu quando ela não tinha ainda 20 anos. Uma série de casos amorosos — mais frequentemente com seus professores de piano — a manteve em Paris até que, depois de visitar a vila em um domingo de manhã, logo em seguida ao fim da Grande Guerra, ela conheceu e se casou, semanas depois, com um fidalgo local. Ora, também ele faleceu, antes do primeiro aniversário de casamento dos dois. Essa história dos velozes e violentos fins de seus maridos fez madame De Bazin ganhar o título de *l'Empoisonneuse*, Hera Venenosa. Alguns pensavam que ela os matou com cogumelos, muitos outros acreditavam que os homens morreram felizes em seu *boudoir*. Assim, tendo herdado — desse segundo destemido — a maior casa da cidade, um *château*, na verdade, sua decoração valendo uma fortuna, suas terras vastas para os parâmetros locais, Kostancja de Bazin se estabeleceu na vida campestre com suas criadas, seus lavradores e seu piano. Ainda em seu luto ela pousou seus escuros olhos em Catulle la Fontaine. Depois de uma sedução em lento cozimento, que durou quase vinte anos, madame De Bazin — com ou sem guerra — iria agora aproveitar esta criança, esta Amandine, talvez não muito diferentemente do que Isolde vinha fazendo, como um meio de se unir a ele. Amandine, em sua sabedoria, entendia isso.

— Madame Isolde me contou que você conheceu madame De Bazin. Você quer estudar piano? Poderia ter me dito. Deve haver um instrumento para se comprar em algum lugar...

— Não, não, *monsieur* Catulle. Foi só por um momento, quer dizer, eu estava pensando, e eu preferiria... Veja, estava só sendo educada com madame De Bazin, e realmente não sinto falta alguma de praticar, na verdade estava bem cansada disso, e...

— Bem, até que eu possa começar a procurar um piano, posso combinar com madame De Bazin para que você pratique lá algumas horas por semana. Perguntarei o que seria mais conveniente para ela e...

— Não, por favor, não. Mudei de ideia. Gostaria mais de...

— Tudo bem, então. Deixaremos isso de lado por enquanto.

— Sim, *monsieur*. Deixaremos de lado...

~

Mas madame De Bazin não esquece nada *por enquanto*. Quando os convites para suas "tardes" são devolvidos com "infelizmente não poderemos..." sobre a assinatura de madame Isolde em nome de Amandine, ela encontra motivo para visitar *monsieur* Catulle, trazendo um grande pão de queijo polonês pincelado de ovo numa manhã de domingo, quando sabe que ele estará em casa.

— Minha Teckla fez dois desses, e já que eu não poderia, de modo algum... Espero que o senhor o aproveite, *monsieur* Catulle.

Ela se dirige à saída, mas se volta abruptamente e para muito perto de Catulle, que está ao lado da porta aberta; inclina a cabeça para o lado, os olhos quase escuros rindo sob o curto véu negro, diz:

— Ah, e enquanto estou aqui, por favor me conte a respeito de *mademoiselle* Amandine, uma criança tão bem criada. Está bem adaptada, acredito, à nossa pequena escola, embora, depois da instrução que teve no convento, seja difícil imaginar que lhe seja suficiente.

~

Mais pães de queijo surgem, e uma vez um repolho inteiro, com recheio de pão e ovos entre as folhas e amarrado com barbante e cozido em caldo

de galinha. Foi a empregada dela que trouxe, deixando também uma *zvarlotka* de maçã, e, em outro domingo, uma terrina oval azul de *uszka*, pequenos salgados feitos de massa amanteigada, recheados com cogumelos silvestres, que Catulle e Amandine — tendo Isolde alegado desinteresse naquelas coisinhas delicadas — devoram com um bule de chá forte como acompanhamento. Pode ter sido a *zvarlotka*, ou talvez a *uszka*, mas, com o tempo, Catulle foi devidamente amaciado, de forma que pergunta a Amandine:

— Tem certeza de que você não tem interesse em estudar com madame De Bazin? Ela parece sincera em seu desejo de conhecê-la melhor.

— Não. Bem, eu não me importaria se o senhor me acompanhasse a uma das sessões musicais a que ela convida. O senhor e madame Isolde juntos. Seria bom.

— Duvido que madame Isolde concordasse, mas perguntarei a ela. Direi que, quando o próximo convite for recebido, ela deverá aceitar, confirmar presença para três.

~

Apesar de estar quase bela nessa tarde de domingo e de caminhar de braços dados com Catulle durante aquele mais de um quilômetro pela estrada principal até o *château* de De Bazin, apesar de o próprio Catulle lhe dizer que ela está soberba em seu vestido de lã amarela cheirando a cânfora e em seu casaco, e de seu chapéu cloche de cetim branco fazer seus olhos parecerem avelãs maduras ao sol, apesar de tudo isso, Isolde mastiga suas sementes de anis e bate os cílios e repetidamente pergunta a ninguém em particular por que foi tola de concordar em vir. Amandine, com a desculpa de oferecer ajuda a madame De Bazin, foi à frente deles,

na esperança de que alguma centelha de romance os fulminasse pelo caminho.

— *Alors, mes amis*, revertendo a história de seu pai, que havia fugido da França para a Polônia durante o Terror, Frédéric Chopin deixou a Polônia durante a ocupação dos russos quando mal se fizera homem, em 1831, para poder estudar e se apresentar em Paris.

Madame De Bazin, os diamantes em forma de gota balançando em suas orelhas avermelhadas de tanta paixão, está de pé ao lado do piano em seu salão e fala de Chopin a sua plateia de crianças e adolescentes, acompanhados de suas mães enfeitadas para o domingo e exauridas pela guerra. Ignorando a inquietude do público, que mexe os pés sem parar e pigarreia e murmura, ela conta a eles que Chopin, com outros exilados em Paris, viveu a vida em um lamento si bemol menor, amargurado pelo domínio russo sobre sua terra adorada. Sofreram como só os poloneses são capazes, diz ela, batiam os pés e batiam palmas e sofriam no *robato* arrasador de corações das mazurkas. "Este era o gênio de Chopin", Kostancja de Bazin diz a eles, "remodelar a melodia de uma canção folclórica. Dar de presente a seus compatriotas seu passado."

Nesse momento a casa está distante de madame. Insensível a Chopin. Insensível até mesmo aos doces, que esperam em bandejas de prata ali bem perto, pilhas de castas quimeras verdes e cor-de-rosa. Crianças dormem recostadas no ombro da mãe, os poucos velhos que vieram para os doces também dormem. Em algum momento muito antes, Catulle se levantou, saiu discretamente para fumar seu cachimbo no jardim. Quando madame pede perdão e deixa o salão por um momento, uma mulher pergunta à outra:

— Se ela ama tanto a Polônia, por que está aqui? Por que não volta para casa?

Um dos velhos, recém-acordado, inclina-se para a frente para olhar mais abaixo para a fileira de cadeiras onde a mulher está sentada. Ele diz:

— Por que não tem mais casa. Acabou a Polônia. Trinchada inteira pelos russos e os austríacos e os *boche* na Grande Guerra e depois, quando os poloneses tinham acabado de começar a colocar as coisas de volta no lugar, Hitler...

— Bem, ela vive na França agora, e muito bem, devo dizer, e acho que tudo isso que ela fala sobre a Polônia é... Ora, que interesse tem para nós?

Amandine, sentada na fileira à frente da mulher, vira-se para olhar para ela. Amandine deseja dizer à mulher por que ela deve se importar com madame De Bazin, com a Polônia, com Chopin, e procura uma palavra específica mas não consegue se lembrar, portanto leva um dedo aos lábios para pedir silêncio. Quando madame volta a seu lugar, Amandine se vira para ela, apoia o queixo no pulso e põe-se a escutar.

No caminho para casa, Amandine pergunta a Isolde:

— Qual é a palavra que significa que você pode sentir o que outra pessoa está sentindo?

Isolde olha para ela, pensa por um momento.

— Quer dizer *empathie*?

— Isso. *Empathie*.

~

Tão encantada estava Amandine por Kostancja de Bazin naquele domingo que na terça-feira seguinte voltou lá, e todas as tardes de terça-feira desde então ela passou no *château*, com madame De Bazin. Com Chopin e o piano e o pão de queijo de madame Teckla.

~

Cada semana Amandine pratica por mais ou menos uma hora sob os gentis olhos atentos de madame, e com o tempo refina, talvez minimamente melhore, a técnica perdida. Madame oferece a ela livros de exercícios, partituras e grande estímulo verbal e, depois de pouco mais de um mês dessas terças-feiras juntas, madame também lhe fornece um piano.

Uma espineta, pintada de branco, baixa e de formato triangular, seu tom mais como o de um clavicórdio do que o de um verdadeiro piano, é entregue uma noite na casa de Catulle em uma carruagem levada por um cavalo, empurrada pelo caminho até a casa por três dos empregados de madame, e colocada em seu lugar no salão sob ordens de Catulle, enquanto Isolde fica ao lado, braços cruzados, e Amandine tenta conter a alegria.

Numa terça-feira, Kostancja de Bazin anuncia:

— Hoje vou dançar para vocês. Mostrarei a vocês a dança que aprendi quando criança. Não pensava em coisas assim fazia anos e anos, mas hoje, hoje...

Ao som da palavra *dança*, a visão de madame mexendo em um gramofone, Amandine pensa em Solange e Dominique e ouve a senhora alemã cantando a música dos soldados. Ela quer pedir à madame se elas podem deixar isso para um outro dia, mas madame já se posicionou, a música começou. Enquanto madame se mexe, balançando-se ternamente, as dores de Amandine se dissolvem, ou será que estão mudando de forma? Ela acompanha a música com um zunir de garganta, sem mover os lábios, suavemente. Alguns momentos se passam e, da cadeira onde está sentada, Amandine começa a mexer os pés, os braços. Levanta-se, começa a dançar. Como se conhecesse a dança, como se a reconhecesse de memória. Será possível? Como é possível? Certamente não é possível. E ainda assim ela dança. O que ela escuta na música? Será que a sente como algo que lhe

pertence? Esta música? Esta dança? Olhos meio fechados agora, Amandine dança — mãos na cintura, palmas para cima — *despreocupada* e *ligeira*, como sua mãe dançou na noite em que se apaixonou por Janusz. Se alguém que viu Andzelika dançar naquela hora pudesse ver Amandine dançar agora, saberia. Tal mãe, tal filha. Esse alguém saberia.

O vidro treme num padrão discernível para Kostancja de Bazin enquanto ela assiste Amandine maravilhada. Cada um em seu lado do chão de mármore escuro, elas dançam.

Quando a música acaba, Amandine abre os olhos, vai até madame, sorri para ela, faz uma reverência, agradece. Madame roça as lágrimas quase secas nas bochechas de Amandine, faz uma reverência em resposta.

— *Dobrze zroblony, piekna dziewczyna*. Muito bem, linda menina.

— Essa é a sua língua? Polonês?

— Sim.

— Soa bem. Gostei desse monte de Zs. A senhora fica diferente quando fala polonês. Escutei quando falou com madame Teckla. Fica ainda mais bonita. Também gosto de como fala normalmente. Sabe, em francês. Gosto dos sons que a senhora faz. A música também a faz chorar?

— Sim, deve ser a música.

De uma pesada garrafa de cristal, Kostancja de Bazin serve um líquido transparente num copo de prata. Senta-se no sofá, indica com a mão o lugar a seu lado, acena para Amandine.

— Você nunca me contou sobre você. Sobre sua família.

Amandine olha para as mãos, dobra-as, abre-as novamente.

— Não sei nada sobre minha família. Solange Jouffroi era minha guardiã, e ela foi...

— Sim, eu, *monsieur* Catulle me contou. Nunca mencionei isso com você por uma questão de gentileza...

— Um dia acho que poderemos falar sobre Solange. Gostaria de falar com madame Isolde e *monsieur* Catulle sobre ela, e com a senhora, talvez. Mas por enquanto...

— E seus pais?

— Desconhecidos. Nem eu os conheço, nem ninguém que já esteve perto de mim. *Monsieur* Catulle diz que minha mãe deve me encontrar, pois eu não tenho como encontrá-la. Quando ele me disse isso, de algum modo me senti melhor. Desde que era pequena venho imaginando como começaria a procurar por ela e nunca pensei que talvez fosse ela quem...

— Qual o seu nome? Certamente o seu nome...

— Meu nome me foi dado pelo bispo, quando estávamos no convento. Solange me batizou de Amandine, e depois o bispo Fabrice me deu o nome de sua mãe, Gilberte. E seu próprio nome de família, Noiret de Crécy. Nunca tentei dizer a ninguém sobre o que me lembro, do começo, quero dizer. Sabe, memórias. Solange sempre esteve lá, e como ela sabia tudo que eu fazia e já que eu nunca conheci mais ninguém muito bem, não estou acostumada a falar sobre essas coisas.

— Compreendo.

— *Monsieur* Catulle e madame Isolde são meus primeiros amigos. Bem, os primeiros que ainda não morreram. Dominique também era minha amiga, mas eu só a conheci por alguns dias. Ah, e a senhora também, madame. Sinto muito que não possa lhe contar mais a meu respeito, mas não sei...

— É em lugares não familiares que encontramos a nós mesmos, Amandine.

~

Kostancja de Bazin, ainda sentada no sofá, ainda dando goles no *slivovitz* no copo de prata, pensa: *Se ela não é de algum modo polonesa, então eu tampouco sou. O formato de suas mãos, a delicadeza de seu toque sobre o teclado, o modo como segura um livro, arruma as flores, como segura o garfo. Mesmo em suas roupas desgastadas, ela traz em si a elegância. Sim, sim, claro, a escola conventual, o ensino das boas maneiras... ainda assim, há algo mais naquela criança. Como ela se movia ao som daquela música. O tom de sua voz ainda infantil, como de um bebê. Não é tão raro esse fenômeno de memória de raça, todavia. Tolstói disse que era disso que se tratava quando Natasha dançava. Instinto, direito de nascença. O talhe dos olhos de alguém. Por que não pode ser verdade para Amandine? Tudo que me vem à cabeça agora é* zal. *Mesmo que eu desejasse, como poderia explicar esse conceito a ela? A condição de uma alma polonesa. Arrependimento, luto, tristeza, melancolia. Aqueles fios de culpa. Tudo ali dentro dela. Ela se pergunta se é por sua culpa que Solange foi morta. Ela luta com isso. Provavelmente pensa que de alguma maneira foi ela, ela mesma, quem fez com que seus pais a abandonassem. Só Deus sabe que outros pesos carrega.* Zal. *E ainda assim ela o reprime, ergue firme a cabeça, trabalha, estuda e sorri. E se ela for polonesa? O que o fato de eu saber ou de ela saber, o que isso mudaria? Mais uma órfã, nascida nobre e abandonada. Não é incomum. A vergonha de alguém. Que coisa excepcional ela é. Em breve estarei convencida de que fui destinada a criá-la, destinada a cuidar dela. Será que sua dança de hoje, será que ela esbarrou em meu próprio* zal*? Deus nos ajude, acho que é verdade. Quando for mais velha, Catulle não poderá de modo algum continuar... Quando, se Dominique voltar, ela ajudaria, mas... E aquela tola da Isolde nunca lhe daria o que eu posso dar. A resposta é que eu e Catulle deveríamos nos casar. Ele está louco por ela. Ele está só e eu estou só. Ela está só.*

~

Com a ideia de que ela e *monsieur* Catulle devem casar-se por causa de Amandine, Kostancja de Bazin dispensa as bagatelas de domingo e procura criar intimidade de forma mais direta. Convidando-o para caminhar em seu jardim, ela fala de suas impressões sobre a criança, de seu talento, que merece cuidados, de seu "jeito de ser", que exige sensibilidade.

— O que você diria se eu lhe dissesse que meu maior desejo é devotar-me a essa criança? Pois não tenho outros compromissos, digamos, e posso fazer aquilo que você não pode. Assim como, por outras razões, sua governanta não pode. Entregue-a aos meus cuidados, *monsieur*.

— Não. Os *boche* já levaram três de meus filhos, e não deixarei que você fuja com minha quarta. É assim que passei a pensar nela. Como minha filha.

— É exatamente porque sei que vem pensando nela como sua que eu peço isso.

— O que quer dizer?

— Você viria com ela, é claro. Ou, melhor dizendo, eu iria até ambos.

— O que está dizendo? Que a senhora desistiria desse seu pequeno feudo para reinar sobre o meu, que é muito mais modesto? É esse seu plano, madame?

— Não reinar sobre ele, mas agraciá-lo. Você deve admitir que é o que falta nele, *monsieur*. Minha presença serviria de complemento.

Catulle toca a face dela, mal a toca, num primeiro momento, testando-a, imaginando se toda a feminilidade dela pudesse ferir-se sob o toque de suas mãos de lavrador.

— Está mesmo disposta a desistir de tudo isso para...

— Acho, *monsieur*, que venho me preparando para isso por toda a

minha vida.

~

Como se *monsieur* Catulle tivesse concordado com sua proposta, Kostancja de Bazin começa a arrumar suas coisas. Ela e seus criados começam a empacotar, separar bens e objetos que cruzarão os 2 quilômetros de estrada até a casa de *monsieur* Catulle daqueles que podem ficar guardados nos quartos de hóspedes do *château*. Ela encomenda de Paris acessórios e vestimentas destinadas a complementar o guarda-roupa de Amandine. Planeja pequenos chás e almoços, sempre com Amandine a seu lado. Sua obra-prima, no entanto, será um jantar — o mais formidável que sua imaginação e seus fornecedores permitirem — para doze habitantes da cidade. Uma modesta gala durante a qual, acredita madame De Bazin, *monsieur* Catulle anunciará que ele e ela, com a bênção de sua adorada Amandine, estão noivos e deverão se casar. Apesar de não ter sido muito precisa ao explicar seu plano para *monsieur*, nem ele muito preciso ao aceitar, ela confia no entendimento de Catulle, na sua sensibilidade moral. Embora seja verdade que ele os possui em abundância, ele recusa seu lugar na cabeceira da mesa, senta entre seus vizinhos e, quando se levanta, é só para brindar à generosidade de madame. Kostancja de Bazin faz uma saudação com a cabeça, dispensa os elogios com um gesto de mão, levanta os olhos em formato de safiras longas e ovais para seus convidados e sorri para toda a mesa. Tendo perdido a oportunidade, talvez a batalha, é em *zal* que ela pensa ao se levantar para acompanhar seus convidados até o jardim.

Capítulo 39

— O que quer dizer isso, que os americanos declararam guerra?

— Quer dizer que estamos menos sozinhos com os *boche*. Quer dizer que agora as coisas não serão mais tão fáceis para os *boche*. Eles serão menos presunçosos. Sim, menos presunçosos. E não me pergunte o que *presunçoso* quer dizer. Não agora. Tenho... tenho coisas a fazer...

Catulle abaixa-se para beijar o alto da cabeça de Amandine, veste o casaco, o cachecol, a boina.

— Fique aqui esta noite, por favor. Está muito frio e...

— Vou ficar. Você não comeu as suas nozes, então vou quebrá-las para você, colocá-las na panela. Tudo bem?

— Tudo bem.

No último mês Catulle tem se ausentado frequentemente. Por alguns dias, às vezes mais tempo. Sai sem avisar, volta do mesmo modo abrupto. Quando Amandine pergunta a Isolde aonde ele vai, o que faz, ela responde: *Ele está fazendo o que precisa fazer*. E quando Amandine pergunta *E o que é que ele precisa fazer?*, Isolde não responde, diz apenas: *a*

guerra.

O que Isolde não diz a Amandine é que Dominique foi presa em Paris. Na *Prison de la Santé*. Que seu julgamento está marcado para o início de janeiro e que Catulle vem se encontrando — diretamente ou por intermédio de outros — com aqueles que têm o poder de exercer influência sobre seu caso e que talvez estejam dispostos a isso. Subornos, bom senso, Catulle está tentando de tudo. Ela foi acusada de participar na escrita, impressão e distribuição de panfletos da *Résistance*, de que é realmente culpada. Sua sentença provavelmente serão trabalhos forçados na Alemanha até que, depois de passar fome e trabalhar até quase morrer, será recompensada com uma execução rápida.

Hoje, apenas alguns dias depois do espetáculo japonês no Pacífico, Catulle recebeu notícias, através do grupo de Dominique, de que o julgamento foi adiado, que ela está sendo enviada diretamente para um campo de trabalho na Alemanha. Que ela e outros oito de *La Santé*, assim como da C*herche-Midi*, serão enviados para o campo de trabalho na Alemanha chamado Krefeld. Eles viajarão primeiro de trem e depois de caminhão. E depois seguirão a pé. Em média, trinta por cento dos prisioneiros morrem de fome e frio durante a última parte da viagem.

Apesar de seu próprio trabalho subversivo estar encoberto por camada sobre camada de disfarce, Catulle não é completamente livre de uma má reputação entre os *boche*, daí o perigo, para ele e para Dominique, que sua presença na capital representaria. Ele considerou tais riscos, e os descartou. Catulle irá a Paris esta noite a fim de pedir permissão para vê-la. Agora, os *subornos* e o *bom senso*, ele os usará para conseguir a fuga de sua filha.

O que acontecerá, no entanto, assim que chegar a Paris, é que ele será detido. Descobrirá que foi traído, marcado para os *boche* por membros de seu próprio grupo, aqueles que usaram a história, a verdadeira história da

situação de Dominique, para atraí-lo. Ajudado então por agentes duplos, outro grupo da *Résistance* interveio, e serão eles que levarão Catulle quando sair do trem na Gare du Nord, eles o salvarão da traição e o colocarão na próxima etapa de sua vida, o levarão para longe — a ponta de uma pistola segurada dentro de um saco de papel contra sua coluna —, fugindo dentro da barriga escura da estação, saindo por alguma porta camuflada para dentro de uma caminhonete que o espera na noite de 10 de dezembro de 1941. O *único caminho para sair da resistência é a morte*.

Mais tarde, quando ele consegue absorver esses acontecimentos e, em algum lugar, sua importância, é em Amandine que ele pensa.

Mas eu não estou morto. E madame Isolde também não...

Eu sei, mas amanhã vocês podem estar, e madame Isolde pode ir dar um passeio e nunca mais voltar porque os boche *decidiram atirar nela, deixá-la cair numa vala e cobri-la com terra. E onde está Dominique, onde estão os seus filhos? Onde está a mãe de Solange? Onde está a minha?*

~

— Pode ser que ele não volte por muito tempo.

Amandine não olha para Isolde enquanto ela fala, mas, com a cabeça apoiada na palma da mão, remexe nos pedacinhos do pão do seu café da manhã sobre a toalha de mesa bordada. Mais de três semanas se passaram desde que Catulle foi embora, e apenas hoje de manhã Isolde recebeu a visita de uma mulher querendo comprar queijo ostensivamente, a qual a informou de que a ausência de *monsieur* seria longa, que ele estava razoavelmente bem, que ela e *mademoiselle* não deveriam esperar mais notícias, que ela deveria fechar a casa e levar Amandine para viver em seu apartamento. Trocaram-se algumas palavras acerca de assuntos de natureza

prática. Agora Isolde olha para Amandine, o rosto pálido da criança pintado de cor-de-rosa por um raio do sol de janeiro, e, embora quisesse abraçá-la, diz:

— Não adianta ficar amuada. É isso que a guerra causa. E temos sorte por não acontecer coisa pior. Você sabe disso, talvez melhor do que eu.

Nenhuma reação. Os pedaços de pão são reordenados sobre a mesa.

— O que devemos fazer é o seguinte. Enquanto você estiver na escola, vou começar a cobrir os móveis, guardar os utensílios, esse tipo de coisa. Os trabalhadores do campo não têm nada a fazer com esse tempo, então posso pedir a ajuda deles. Decidiremos juntas, você e eu, se precisamos ou queremos levar alguma coisa daqui para minha casa. Alguns objetos de valor eu vou guardar em outro lugar. Então faremos nossas malas e nos instalaremos na rua Lepic.

— Por que temos que ir embora?

— Economia. A quantidade de madeira que pode nos manter aquecidas em minha casa é muito menor do que a necessária para apenas evitar que congelemos aqui. Segurança. Se os *boche* voltarem, quiserem se instalar novamente na cidade, esta casa será tão atraente para eles quanto foi no verão de 1940. Se estivermos aqui eles nos mandarão embora, ou pior, seremos requisitadas a trabalhar na casa. Obrigadas a seguir suas ordens. Já o meu pequeno apartamento não despertará interesse em nenhum *boche*. Mas não importa se você ou eu entendemos ou concordamos com tudo isso: é o que ele quer que façamos.

Um a um, Amandine coloca os pedacinhos de pão dentro da xícara de leite agora já frio, amassa-os, gruda-os. Começa a comer a papa com a colher.

— E o jardim?

— Só sobraram seis repolhos, e podemos passar aqui para pegar um

sempre que precisarmos. Vamos lavar as janelas uma vez por mês, tirar a poeira e faxinar o que e quando quisermos, dependendo da necessidade. Durante a primavera trabalharemos no jardim e na horta, como sempre fazemos. Não estamos abandonando a casa, mas simplesmente indo viver em outro lugar por enquanto.

— Por que não me diz logo que ele nunca mais vai voltar?

— Porque não seria verdade. Não acha que também sinto falta dele? Todos temos saudades de alguém, Amandine. Todos nós, sem exceção. Tome seu café, faça suas tarefas e vá para a escola.

Amandine olha para Isolde, talvez em choque, talvez ferida por sua brusquidão.

Isolde diz:

— Quando olho para você, penso se madame De Bazin, com seu esnobismo cheio de babados, não a iludiu. Festas e vestidos e o piano tocando não podem fazer a guerra desaparecer.

— Nunca pensei que pudessem. Eu estava...

— Por falar nisso, vou dar um jeito de instalar a sua espineta na minha pequena sala, onde o sol vai aquecê-lo todas as manhãs. Vou envolvê-lo em colchas para fazer o transporte sem danificá-lo. Ao menos o frio não vai causar estragos ao seu instrumento.

Amandine se levanta, vai até Isolde, que está segurando as costas da cadeira de Catulle.

— Não olhe para mim com esses olhos ou...

Isolde senta-se na cadeira de Catulle, puxa Amandine para o colo, acalenta-a.

~

Amandine e Isolde passam o inverno de 1941-42 com o espírito tranquilo e cheio de harmonia.

Enquanto Amandine está na escola, Isolde trabalha ou em seu pequeno apartamento ou na casa de *monsieur* Catulle. Ordenha as cabras, faz o leite. Alimenta as galinhas e o galo, recolhe os ovos, dá comida aos coelhos. Sacrifica um deles de vez em quando para trocar com alguém ou cozinhar. Espera na fila para pegar as rações das duas, cozinha e costura e, em um balde de zinco enrolado em um pano vermelho e branco, carrega sopa ou uma omelete ou uma torta de repolho para o almoço de Amandine. Quase toda noite Isolde fica em frente a seu fogareiro de duas bocas para preparar para a menina suas *galettes* da Normandia, conforto de sua infância. A tradicional farinha de trigo-sarraceno, há muito desaparecida, ela a prepara com qualquer farinha ou fécula que encontra ou desencava. Esfregando uma grossa fatia de banha — a mesma fatia preciosa que ela guarda por semanas e semanas — em toda a frigideira quente, despeja a massa de um pequeno jarro azul. Finas como renda, crocantes, ela as enrola com um pouco de seu próprio queijo de cabra ou um purê de legumes. Às vezes elas as comem com uma pitada de sal e tomam um copo de vinho e, sempre e sem dizê-lo uma a outra, desejam que os outros estivessem ali com elas.

Todos os dias, ao voltar para casa, Amandine tira do gancho que fica ao lado da porta de Isolde a comprida e achatada chave de ferro preta da casa de Catulle e percorre os 100 metros até lá. Anda pela casa, tenta encontrar o cheiro da fumaça do cachimbo dele, sobe até os quartos e vagueia pelos cômodos, passando a mão sobre as camas, olhando pelas janelas, praticando o ritual diário que ele praticava, e imagina como a casa ficará quando todos voltarem. Às vezes descobre sua espineta, tira suas luvas de proteção, deixando as luvas pretas sem dedos que usa por baixo, toca

algumas escalas e um trecho de algum *étude*, depois fecha novamente a tampa, coloca todas as cobertas de volta no lugar, tranca a porta e a puxa firmemente. No seu caminho de volta para a rua Lepic, para sobre a ponte com as altas paredes de madeira que se curvam como as corcovas de um camelo. Parando no mesmo ponto onde costumava ficar com Catulle, ela olha para a água e para o céu e reflete sobre o dia que passou.

À noite, Isolde e Amandine se sentam perto da fornalha, onde Amandine estuda ou lê em voz alta e Isolde — preparando-se para quando eles voltarem — tricota com a lã que desfiou de suéteres que ela mesma tricotou anos atrás para Dominique e seus irmãos. Falam de *monsieur* como se ele estivesse na sala ao lado.

Amandine visita madame De Bazin quase toda terça-feira. Elas conversam e tomam chá, muitas vezes até deixando o piano fechado sob o xale de seda rubi que o protege. Com seus olhos menos brilhantes, com suas formas menos curvas, madame conta a Amandine que vai frequentemente a Paris. As razões, ela deixa por dizer. Pois há pessoas em volta, talvez convidados — fantasmagóricos e vistos de relance —, passando pelos salões. Amandine entende que Kostancja de Bazin também aceitou um trabalho silencioso em nome da França.

Certo dia, há um grande pacote, uma caixa embrulhada em papel branco, sobre a mesa, em frente ao sofá onde Amandine e Kostancja de Bazin gostam de sentar-se.

— Abra-o, *ma petite*, é algo que fiz para você de algo que fiz para minha... Bem, é uma longa história, mas abra.

— O que é? É tão pesado e...

— Ah, não precisa tanto cuidado, rasgue o papel, assim, puxe de uma vez, ah, mal posso esperar para saber se você vai...

— Oh. O que...? É tão bonito... É realmente para...

— Claro que é para você. Venha, vamos experimentá-lo. Enfie os braços, assim. Venha olhar no espelho do saguão.

Kostancja de Bazin fez um *kontusz* para Amandine, uma pequena réplica dos casacos repletos de cores que os nobres poloneses antigamente usavam como emblemas de solidariedade por seus camponeses. É como o *kontusz* que o avô materno de Amandine — Antoni Czartoryski — usava. O conde Antoni Czartoryski, que, cerca de vinte e cinco anos atrás, no chalé de caça de sua propriedade perto de Cracóvia, assassinou a baronesa, sua amante, irmã do jovem pai de Amandine, Piotr Droutskoy, e então se matou. Madame De Bazin fez o *kontusz* de Amandine a partir de uma colcha de família ornamentada com o bordado de uma cena folclórica do campo, retratando a região de Mazur, na Polônia, perto de Varsóvia, o lugar onde a mãe de madame De Bazin nasceu. Verde e vermelho sobre uma base negra, a veste vai até os joelhos de Amandine, suas mangas abertas terminam nos cotovelos.

Amandine dá voltas e voltas em frente ao espelho, corre pelos saguões e sai para a varanda, deixando que o vento transforme o casaco em uma vela, rindo, rodando, saltando até que ela vê que madame também saiu, está sinalizando que ela deve parar. Amandine corre até madame De Bazin, cai em seus braços.

— Eu sabia que você ia adorar, que ficaria perfeito — diz madame a ela.

— Ah, eu adorei mesmo, e ficou perfeito, mas só vou usá-lo quando *monsieur* voltar, e *então*...

— Sabe, você nem precisa usá-lo. Só queria lhe dar. Talvez um dia eu lhe conte a história do...

— A história do casaco?

Kostancja de Bazin olha para Amandine, alisa os cachos de sua testa

para trás, olha bem no fundo de seus olhos. Pensa: *Há uma beleza tão pura em sua solidão. Logo ela vai começar a segurá-la firme junto a si, a entender que o seu tipo de solidão não é causado pela perda nem pode ser aliviado pela descoberta. Está ali, o* zal, *sempre ali. Ainda mais quando ela sorri.*

— Bem, sim, a do casaco, mas também uma outra história, ou talvez seja mais uma coleção de pensamentos do que uma história o que eu gostaria de lhe contar. Algum dia.

Capítulo 40

E esses alguns dias se passaram. E semanas, e meses. O equivalente a três anos e mais, ainda que os boche nunca tenham voltado, nem *monsieur* Catulle, e tampouco Kostancja de Bazin contou para Amandine sua história ou seus pensamentos.

Isolde e Amandine viviam de uma maneira muito parecida com a que viveram no primeiro inverno depois da partida de Catulle, e a cada primavera e verão voltavam para abrir a casa de *monsieur*, plantar a horta, ajudar os velhos que trabalhavam nos campos, esfregar e faxinar a casa e lavar as roupas de cama e mesa e as cortinas, deixando-as secando ao sol. Nunca deixaram de falar de *monsieur* como se ele estivesse na sala ao lado ou logo ali no campo, vindo pela estrada, um anjo alto e forte passeando pelo crepúsculo.

Amandine ia à ponte todas as noites, cruzava os braços, sussurrava para Solange o quanto a amava. De volta à rua Lepic, estudava e lia, ajudava Isolde na cozinha. Depois do jantar, depois dos banhos na velha banheira de zinco, depois das preces, depois de tudo, elas se deitavam de mãos

dadas na pequena cama embutida e diziam uma à outra que estavam vivendo a vida que deveriam viver, e ambas sabiam que era verdade.

E naquele dia de maio de 1945, quando os habitantes saíram gritando pela rua, e velhos dançaram e jovens mulheres choraram e riram, jogando a cabeça para trás, para depois voltarem a chorar, no dia em que a guerra acabou, Isolde e Amandine começaram a se preocupar com *monsieur*, com Dominique e Pascal e Gilles de uma outra maneira. Pois veja, enquanto a guerra estava lá, era possível dizer para si mesmo que tudo mudaria quando acabasse, mas agora que a guerra havia acabado, o que elas diriam a si mesmas?

Trens chegavam de Paris e de outras partes do país com mais frequência, e homens que eram meninos cinco anos atrás desciam para se jogar nos braços de mulheres que antes eram meninas. E festejaram com aquilo que conseguiam juntar de seus corações despedaçados.

Amandine e Isolde arrumaram a casa, plantaram a horta, lavaram as cortinas, passaram os lençóis. Esperaram. Mas foi nesse dia de maio em que a guerra acabou que elas pararam de falar sobre *monsieur*. Pararam de vez.

~

É uma manhã de terça-feira, em setembro de 1945, quando Amandine abre a porta para o escuro corredor da cozinha e o encontra sentado em sua cadeira à mesa, posta com a toalha branca bordada, quebrando o pão dentro de uma tigela de vinho. Seu rosto comprido e fino, seu bigode e barba tão brancos quanto castanhos, ele olha para ela, aperta os olhos como se aquela visão fosse radiante demais.

— *Bonjour, monsieur*.

— *Bonjour, Amandine*.

Ele se levanta para apertar a mão que ela lhe oferece, então toca seu rosto. Um pouco como os homens que desceram dos trens, Catulle vê à sua frente uma jovem mulher no lugar da menininha que ele deixou para trás. Amandine tem 14 anos. Em um vestido cor-de-rosa sobre pernas vivas e desajeitadas, ela é uma flor com um longo caule. Seu cabelo, que ela nunca cortou em todos esses anos, puxado firmemente para trás da cabeça agora, a espessa trança negra pendurada até a cintura, a altura, os largos ossos das maçãs do rosto expostos e os olhos negro- azulados, onde terá ele visto esses olhos? Parecem olhos de cervo.

Isolde colocou água para esquentar a fim de preparar o banho dele, colocou a sopa na fornalha para o almoço, e Amandine vai para a escola, e, como os outros na cidade, como os outros em toda a Europa, os três começam a curar a penúria e a resgatar o que cada um deve fazer por si mesmo.

~

Embora Isolde o tenha interpelado imediatamente assim que ele entrou pela porta naquela primeira manhã enquanto ela punha a mesa e apesar de ele ter-lhe respondido, pura e simplesmente — *não, nenhuma palavra* —, isso foi tudo o que Catulle disse sobre seus filhos. E então, em novembro, o telegrama — críptico, glorioso: Dominique vai chegar a Paris, vinda da Inglaterra, em quatro dias.

NÃO ESPERAR TREM. ENCONTRAREI
CAMINHO CASA. ESPEREM POR MIM..

— Inglaterra. Como ela conseguiu...

Descascando cenouras e mastigando sementes de anis sentada na bancada de trabalho, Isolde afasta a cortina de chita que a separa da cozinha. Ela engole em seco e diz:

— Vamos todos para Paris, precisamos estar lá...

Catulle olha para ela.

— Sim, claro que iremos, mas ela não diz...

— Vamos ao encontro de todos os trens vindos do norte na sexta-feira, vamos esperar todos os trens, até o último...

— E se ela vier para cá enquanto estivermos lá esperando por ela?

— Então vá você. Leve Amandine e vá para Paris e eu ficarei aqui...

— Sim, talvez assim...

Amandine olhava para um, depois para o outro, ouvindo silenciosamente.

— Que tal irmos a Paris buscar Dominique na sexta-feira?— indaga Catulle a ela, em um tom que ele poderia usar para perguntar quem vai buscar os ovos amanhã de manhã.

Ecoando sua reserva, ela responde:

— Sim, *monsieur*. Vamos a Paris buscar Dominique na sexta-feira.

~

Nessa mesma noite, quando eles caminham até a ponte, Amandine está quieta; já Catulle, livre de sua reticência, transborda nostalgia, testa o som dos sonhos.

— Ah, minha querida menina, sua irmã mais velha está vindo para casa. Minha linda filha, ela está bem e está voltando para junto de nós e...

Catulle então olha para ela, vê o desapontamento em sua alegria.

— O que foi, minha menina? Vamos, me conte.

— Acho que, bem, não posso deixar de pensar em madame Jouffroi. Sabe. Sua *linda filha*. Solange não vai voltar para casa. Eu quero ir até madame Jouffroi. Quero...

— Vamos esperar...

— Não é que eu queira ir sozinha. Ao menos não tanto quanto eu queria alguns anos atrás. Mas só porque eu estou, sabe, estou *melhor* agora, me *sinto* melhor, isso não quer dizer que eu não sinta falta de Solange. Ah, *monsieur*, por que não estão as duas voltando para casa, por que não estão todos voltando para casa, por que...

— Por favor, perdoe minha... Eu não tinha pensado em...

— Não, não é só porque Solange não pode voltar para a casa de sua mãe que eu devo voltar. Não entende? Eu posso contar a ela sobre Solange, sobre nossa vida no convento, sobre nossa viagem. Posso contar para ela minhas lembranças. Solange não pode contar nada, mas eu posso. Às vezes penso que a morte de Solange foi minha culpa. Se ela não tivesse ido para o convento para tomar conta de mim, se tivesse ficado em casa, se...

— Eu já tinha notado como você está se tornando esplêndida, mas não havia notado sua presunção.

— O quê?

— Acha mesmo que é tão poderosa? Poderosa a ponto de ter causado a morte de Solange?

— Não é isso, é que...

— Sente-se culpada, não é?

— Uma espécie de culpa.

— Você não é culpada pela morte de Solange, tanto quanto não é culpada por seus pais...

— Eu costumava pensar que isso devia ter sido minha culpa. E que foi

por minha culpa que Philippe morreu, e que era por minha culpa que a abadessa era cruel e as meninas do convento também. Quando eu era pequena, pensava assim, mas isso é...

— É praticamente a mesma coisa. Não confunda este seu sentimento com algo menor. Agora olhe para mim, me responda. Deixe-me mostrar algo do meu próprio medo. Você quer encontrar madame Jouffroi porque quer ir viver com ela?

— Não. Eu quero encontrá-la pela razão que já expliquei ao senhor. Preciso encontrá-la por Solange. Mas há uma outra razão. Talvez ela ou *grand-mère* Janka me contem alguma coisa. Sobre quem ela era, a senhora que deixou meu colar com elas. Acho que nunca o mostrei ao senhor, mas ele é tudo que eu tenho que possa ter vindo de minha mãe, minha família. É tudo o que tenho.

— Há muito tempo prometi que quando a guerra acabasse eu a ajudaria a encontrar madame Jouffroi, e assim farei. Enquanto isso, por favor, acredite em mim, quando digo que nossas vidas são feitas de alguma espécie de busca épica. Muitas vezes procuramos uma coisa ou uma pessoa ou sentimos uma ansiedade, sem nome, e o que acontece enquanto estamos buscando, enquanto ansiamos, é que perdemos a vida que já temos. Nem a beleza nem a dor em sua vida podem depender de você encontrar sua mãe, Amandine. Repito aquilo que disse há tantos anos...

— *Talvez seja ela quem deva encontrar você*. Eu me lembro.

— Eu realmente espero que você encontre madame Jouffroi, para que possa dizer as coisas que quer dizer a ela, passar algum tempo com ela como deseja. Mas eu, madame Isolde e eu, e Dominique, e algum dia, se Deus quiser, Pascal e Gilles, nós gostaríamos...

— Que eu ficasse com vocês.

— Sim. Gostaríamos disso.

— O senhor já decidiu com qual delas vai casar?

— Com qual delas o quê?

— Já não é tempo de escolher?

— Ah, madame Isolde e madame De Bazin. Acredito que já estejamos velhos demais. Eu decidi esperar você crescer. Isto é, se Pascal ou Gilles não ganharem de mim. Eles vão ficar encantados com você.

PARTE VIII



Novembro de 1945

Em um trem para Paris

Capítulo 41

Ainda que a guerra tenha acabado há quase sete meses, a diferença entre os vagões de primeira, segunda e terceira classes ainda é bastante indistinta. Passageiros pegam os lugares e compartimentos que encontram. Amandine e Catulle sentam-se em um vagão não identificado, que escolhem por ser o menos lotado. Mesmo que tenham tomado um bom café da manhã e que sua viagem seja de menos de duas horas — incluindo as paradas e os inevitáveis atrasos —, Isolde, no mesmo balde de zinco que leva para Amandine na escola, embrulhou um *goûter* para eles. Agora estão sentados, desembrulhando o lanche.

Falta talvez meia hora para que cheguem a Paris quando um homem e uma mulher com quatro crianças são acompanhados pelo vagão onde Amandine e Catulle estão sentados, um cobrador guiando o caminho. Duas pessoas — provavelmente criados — carregam a bagagem e os casacos, seguindo-os logo atrás.

— Aonde eles estão indo?

— Imagino que para uma área mais privada do trem.

— Ela é bonita, não acha? Aquela mulher.

— Não reparei nela.

— E o que acha daquela mulher do outro lado do corredor? Terceira fileira à frente, à esquerda.

— Só consigo ver seu coque, que é bastante bonito, mas...

— O senhor acha madame De Bazin bonita?

— Ela tem certo tipo de beleza, eu diria. Sim, eu a acho bonita.

— E madame Isolde?

— Um outro tipo de beleza, mas não deixa de ser beleza.

— Embora eu goste muito de madame De Bazin, se o senhor me perguntasse com quem eu penso que deveria se casar, eu escolheria madame Isolde.

— Por que eu deveria me casar, seja com quem for? Quero apenas que as crianças voltem para casa, quero poder ajudá-los quando retomarem suas vidas. Quero que você, eu e madame Isolde vivamos como costumávamos viver e que...

— Mas se o senhor a ama...

— Eu nunca disse que a amava. Mas suponho que seja verdade.

— Bem, então...?

— Vamos esperar que os meninos voltem para casa. E Dominique, você sabe que ela estará mudada. Acho que até mesmo mais mudada do que eu.

Eles ficam em silêncio, até que Amandine diz:

— Sabe por que eu gosto de trens, *monsieur*?

— Já viajou tanto de trem em sua vida?

— Quando eu era pequena, Solange costumava me levar até a estação em Montpellier para que eu pudesse ver os trens chegando e partindo, eu adorava, mais que o balé. Lembro que quando embarcamos no trem lá mesmo, no começo da viagem para Avise, eu quis que a viagem nunca

acabasse. Agora gosto de trens por outros motivos.

— Como o que, por exemplo?

— Entrar em um túnel escuro, sair de volta para a luz. Os milharais passando...

— Os milharais passando tão rápido quanto a vida? É isso? Eu sei que estou velho...

Amandine olha para ele, sacode a cabeça e sorri, vira-se para olhar pela janela. Ainda sem olhar para ele, ela pergunta:

— Onde o senhor esteve todo esse tempo que passou fora de casa? Algum dia vai me contar sobre isso?

— Não sei se consigo. Agora não sou capaz, com certeza não. — Catulle quer mudar de assunto: — Seu colar, deixe-me olhá-lo de perto. Sim, é lindo.

Ele se estende para tocar o pingente, corre o dedo pela pedra.

— É antigo, parece ser muito antigo. Foi este que Solange guardou para você?

— Sim. A única outra vez que o usei foi quando vim até o senhor.

— E esta manta, como disse que chamava?

— Um *kontuzs*. Madame De Bazin pronuncia a palavra de uma outra maneira, mas é algo assim.

Catulle a observa. Sob o casaco de tantas cores, Amandine usa uma saia e um suéter pretos, meias grossas negras e botas até o tornozelo, luvas pretas sem dedos. Isolde amarrou sua trança com uma fita de veludo preta, assim como a que usa ao redor do pescoço.

— Temo que sua *mise* seja elegante demais para um dia que será passado na Gare du Nord, mas...

— O casaco e o colar são para dar sorte.

Um longo, penetrante apito toca conforme eles se aproximam da

estação.

— Chegamos. Deixe-me embrulhar o resto do pão. Fique perto de mim para que não sejamos separados.

~

Enquanto o trem diminui a marcha, Amandine se levanta para, da janela do assento vazio do outro lado do corredor, vê-lo entrar na estação. Nota um homem alto em um uniforme de chofer que caminha ao lado do trem que está parando. O homem para repentinamente, alinhado com uma das últimas portas, enquanto o trem treme nos trilhos. O cobrador levanta-se para abrir aquela porta, pula para o chão, abaixa os degraus de metal, cumprimenta o chofer. O homem, a mulher e as crianças que Amandine viu passarem mais cedo sendo escoltadas até seu vagão esperam na porta para descer. O homem, segurando as mãos de dois meninos, é o primeiro da fila, enquanto um menino mais velho, que parece ter em torno de 12, 13 anos, espera atrás dele. Carregando um bebezinho nos braços, a mulher é a terceira na fila da família. O chofer se aproxima dos degraus, faz uma reverência moderada, oferece a mão.

— Boa noite, meu senhor. E meus jovens senhores.

— Ah, boa noite, Vadim. Obrigado, obrigado... Agora vocês dois, por favor, fiquem aqui com seu irmão, enquanto eu ajudo a mamãe...

Uma vez no chão e tendo desembarcado seus filhos, o homem se volta para dar a mão para a mulher.

— Cuidado com o degrau, querida. Pronto, chegamos.

A mulher está parada no alto dos degraus de metal, move o pulso direito para a frente e para trás, ajustando a posição do cordão da bolsa de cetim negro. Usando uma curta jaqueta de raposa prateada, cujas mangas

parecem curtas demais sobre seus compridos braços brancos — como se a jaqueta fosse para uma mulher menor —, ela olha para a criança que dorme e que ela segura no vão de seu outro braço, beija-a. Então levanta a cabeça, para por um segundo. Seu sorriso é largo e doce e dirigido para alguém além do chofer e dos outros que esperam por ela no chão. Como se tivesse esquecido o que fazer em seguida, ela, olhando para a plataforma, hesita. Olha para eles, estende a mão para o chofer que espera.

— Vadim, boa noite.

O chofer tira o chapéu. Sua reverência é profunda e lenta. Ele se levanta para pegar sua mão, inclina-se para passar os lábios um centímetro acima da pele, então guia a mulher escada de metal abaixo.

— Bem-vinda ao lar, princesa Andzelika.

Epílogo

Quando Amandine e Catulle cruzam a porta do trem pela qual desceu a mulher que segura o bebê adormecido, Amandine olha para ela, sorri. Segurando a mão de Catulle, ela fica para trás para poder olhar a mulher mais demoradamente. Solta a mão de Catulle e se vira, tão perto que quase a encara, e sorri novamente, e a mulher sorri para ela. Amandine então acelera o passo para alcançar Catulle, e, ao atravessar um raio de sol da manhã, a pedra de seu colar se incendeia com a luz. Os olhos da mulher são atraídos para a pequena peça que balança no pescoço de Amandine quando a menina passa correndo por ela.

Agradecimentos

Pelo conforto de sua mão durante mais de uma década de minhas perambulações por entre os cardumes desta minha vida de escritora, agradeço a minha agente, a esplêndida e linda Rosalie Siegel.

Por seu brilho calmo e permanente, suas maneiras graciosas, sinto-me humildemente grata por ter Jillian Quint como minha editora.

Pelo apoio, Erich Brandon Knox.

~

per Fernando Filiberto-Maria,
sempre di più l'amore mio.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Amandine

Skoob da autora
http://www.skoob.com.br/autor/5278-marlena-de-blasi

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/50216.Marlena_De_Blasi

Sobre a autora
https://www.allenandunwin.com/default.aspx?page=311&author=391